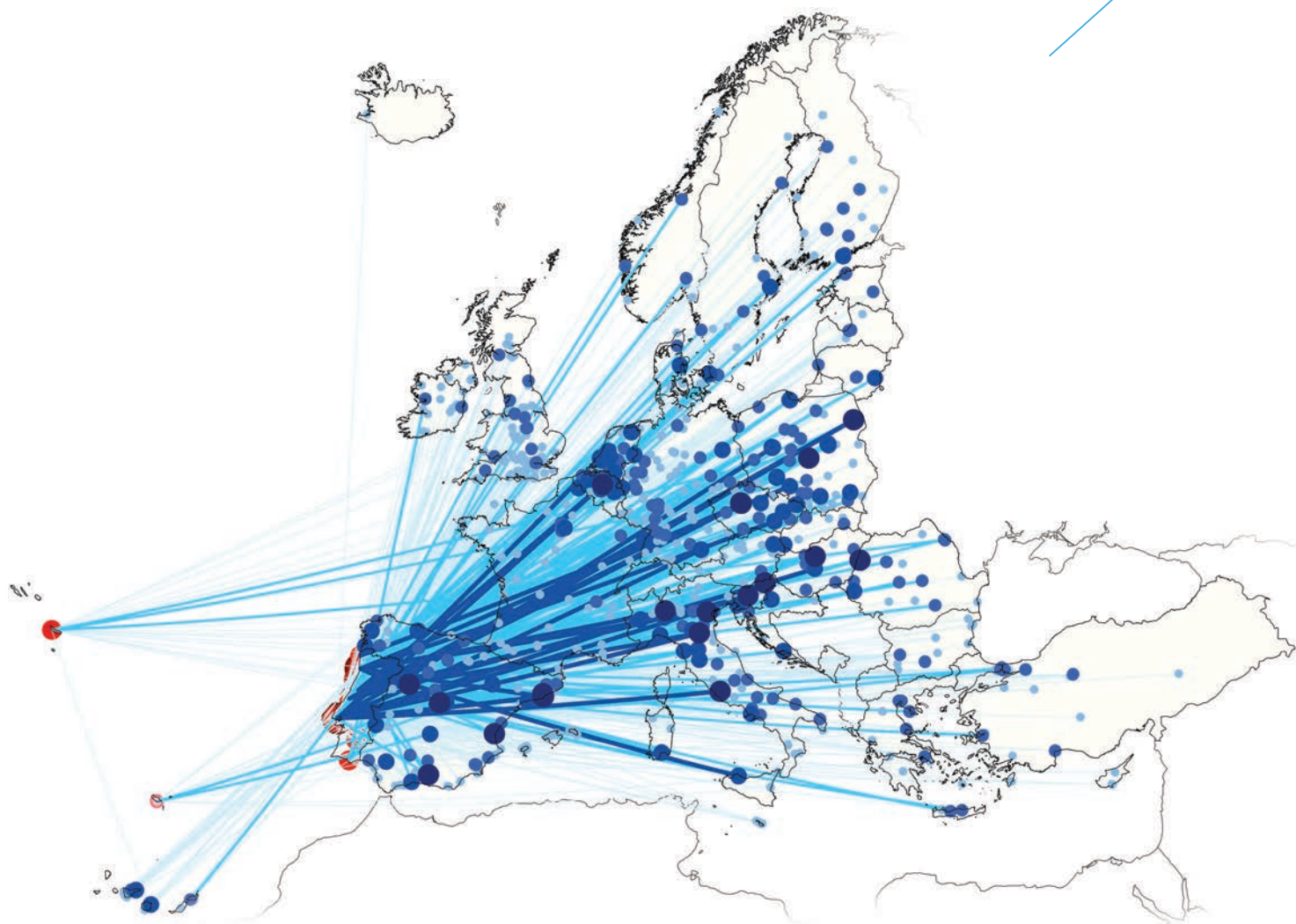


# A internacionalização do Ensino Superior português no âmbito do Erasmus

2014-2016

MÁRIO VALE  
HERCULANO CACHINHO  
PAULO MORGADO



### **Mário Vale**

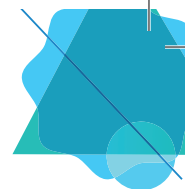
é doutorado em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa e Professor Catedrático do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Atualmente é Diretor do Centro de Estudos Geográficos. Foi Visiting Scholar no Departamento de Geografia da University of California Los Angeles (UCLA) com o apoio da Fulbright em 2013. É um especialista em Geografia Económica e tem privilegiado o estudo da inovação, instituições e desenvolvimento regional. Tem trabalhos publicados sobre estes temas em diversas revistas internacionais e nacionais. Participou e coordenou diversos planos, estudos e exercícios de avaliação de políticas territoriais. Foi Presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos (2004-2008) e Vice-Presidente da Regional Studies Association (2008-2011), sendo atualmente membro da direção da Regional Studies Association Europe.

### **Herculano Cachinho**

é Professor Associado no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e Investigador do Grupo ZOE - Dinâmicas e Políticas Urbanas e Regionais, do Centro de Estudos Geográficos (CEG), Universidade de Lisboa. Tem repartido a sua investigação entre a geografia do comércio e do consumo em contexto urbano, a educação geográfica e as metodologias ativas de ensino-aprendizagem, no quadro das quais tem numerosas publicações. Tem integrado várias redes e projetos internacionais, entre as quais se destacam no quadro deste estudo, as redes INLT (International Network for Learning and Teaching) e Herodot (International Network for Geography in Higher Education) no âmbito das quais coordenou o estudo em Portugal sobre o Processo de Bolonha dedicado à avaliação das competências genéricas e específicas preconizadas pelo diploma, e os trabalhos de consultadoria para o Ministério da Educação ligados às reformas curriculares e às metas de aprendizagem.

### **Paulo Morgado**

é licenciado em Geografia e Planeamento Regional, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), Mestre em Sistemas de Informação Geográfica, pelo Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade Técnica de Lisboa e Doutor em Geografia-Planeamento Regional e Urbano pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa. Foi investigador visitante no Centre of Advanced Spatial Analysis (CASA) da University College of London (UCL), em 2006. Actualmente é Professor Auxiliar do IGOT. É também Investigador do Centro de Estudos Geográficos (CEG) e membro do grupo de investigação “Modelação, Ordenamento e Planeamento Territorial” (MOPT). As suas áreas de investigação circunscrevem-se no domínio da Geografia aplicada, e da Geografia Teórica e Quantitativa com destaque para o estudo das redes complexas e teoria dos grafos, redes neuronais artificiais, autómatos celulares e sistemas multi-agentes. Mais recentemente tem-se debruçado sobre as temáticas das Smart Cities e Big Data.

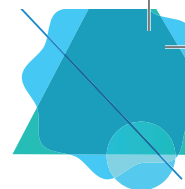


# Índice

Erasmus, por uma cultura de tolerância e multiculturalismo	9
O Erasmus e a internacionalização do ensino superior português	12
Sumário executivo	14
Principais recomendações	15
Objetivos e organização do estudo	16
Integração do espaço europeu e o Erasmus	17
Formação do espaço europeu do ensino superior	18
O Erasmus: retrospectiva e prospetiva	19
Mobilidade internacional dos estudantes: enquadramento teórico	24
Internacionalização do sistema de educação	25
Europeização do ensino superior: formação e desenvolvimento de redes	29
As geografias e as redes de mobilidade do Erasmus: um quadro de análise	32
Metodologia	35
Estratégia metodológica	35
Organização da informação, mapeamento e análise dos fluxos de mobilidade	36
Inquérito aos estudantes, docentes e outro pessoal e responsáveis de IES	37
Discussão preliminar dos resultados	41
Financiamento do Erasmus em Portugal	41
Financiamento por grandes áreas no ensino superior	42
Financiamento da mobilidade no ensino superior	43
Mobilidade e redes Erasmus de IES portuguesas na Europa	48
Mobilidade Erasmus em Portugal	49
Mobilidade Erasmus por áreas de estudo/ensino	57
IES e mobilidade internacional	67
Relações entre as IES nacionais e europeias	74
Análise de redes Erasmus	79
Importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento de redes	84
As representações dos estudantes e recém-graduados	85
As representações dos docentes e do pessoal técnico e administrativo das IES	109
As representações dos dirigentes das IES	109
A importância da mobilidade Erasmus ao nível da sociedade europeia e das IES	116
Benefícios e problemas do Erasmus	120
Conclusões e recomendações	123
Referências bibliográficas	127

# Índice de figuras

- Figura 1** - Mobilidade de Estudantes e Pessoal Docente e não Docente 2007-13 22
- Figura 2** - Mobilidade de Estudantes e Docentes por área de estudo/ensino, 2007-13 22
- Figura 3** - Estudantes estrangeiros matriculados em IES em Portugal 2008/09-2015/16 32
- Figura 4** - Quadro de análise das geografias e redes de mobilidade do Erasmus 33
- Figura 5** - Esquema metodológico do estudo 35
- Figura 6** - Pessoal docente e não docente das IES em mobilidade, 2014-2016 39
- Figura 7** - Financiamento do Erasmus, 2007-2016 42
- Figura 8** - Financiamento Erasmus por ação-chave em Portugal, 2014-16 43
- Figura 9** - Financiamento de estudantes, pessoal docente e não docente, 2014 e 2015 44
- Figura 10** - Financiamento de estudantes SMS por área de estudo, 2014 e 2015 44
- Figura 11** - Financiamento de estudantes SMT por áreas de estágio, 2014 e 2015 45
- Figura 12** - Financiamento de pessoal docente STA por área de ensino, 2014 e 2015 45
- Figura 13** - Distribuição dos estudantes do Ensino Superior e do financiamento Erasmus por área de ensino, 2014 e 2015 46
- Figura 14** - Financiamento de estudantes SMS e SMT pelos principais beneficiários, 2014 e 2015 (milhares de euros) 47
- Figura 15** - Financiamento de pessoal docente e não docente STA e STT nas IES que mais financiamento receberam em 2014 e 2015 (milhares de euros) 47
- Figura 16** - Rede de mobilidade de estudantes de IES estrangeiras em Portugal, 2015 52
- Figura 17** - Rede de mobilidade de estudantes portugueses para IES estrangeiras, 2015 52
- Figura 18** - Rede de mobilidade do pessoal docente e não docente de IES estrangeiras para Portugal, 2015 53
- Figura 19** - Rede de mobilidade do pessoal docente e não docente para IES estrangeiras, 2015 53
- Figura 20** - Instituições de acolhimento comuns e não comuns nas redes de mobilidade de estudantes (SMS) e de docentes (STA), 2015 54
- Figura 21** - Mobilidade de estudantes SMS por área de estudo, 2014 e 2015 57
- Figura 22** - Mobilidade de estudantes para SMT por área de estágio, 2014 e 2015 57
- Figura 23** - Mobilidade de estudantes SMS por área e por ciclo de estudo, 2014 e 2015 58
- Figura 24** - Percentagem de estudantes em mobilidade face ao total de alunos, por área de estudo, 2014 e 2015 58
- Figura 25** - Mobilidade dos docentes por área de estudo, 2014 e 2015 59
- Figura 26** - Mobilidade dos estudantes de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção para IES estrangeiras, 2015 63
- Figura 27** - Mobilidade dos estudantes de Ciências Empresariais, Administração e Direito, para IES estrangeiras, 2015 63
- Figura 28** - Mobilidade de estudantes de Saúde e Proteção Social para IES estrangeiras, 2015 64
- Figura 29** - Mobilidade de estudantes de Serviços para IES estrangeiras, 2015 64
- Figura 30** - Mobilidade de estudantes de Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias para IES estrangeiras, 2015 65
- Figura 31** - Mobilidade de estudantes de Ciências Naturais, Matemática e Estatística para IES estrangeiras, 2015 65
- Figura 32** - Mobilidade de estudantes de Artes e Humanidades para IES estrangeiras, 2015 66



- Figura 33** - Mobilidade de estudantes de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação para IES estrangeiras, 2015 **66**
- Figura 34** - Estudantes Erasmus das 20 principais IES, 2014 e 2015 **68**
- Figura 35** - Peso relativo de estudantes Erasmus por IES, 2014 **69**
- Figura 36** - Peso relativo de estudantes Erasmus por IES, 2015 **69**
- Figura 37** - Percentagem de estudantes Erasmus (SMS) face ao total de estudantes por IES, 2014 e 2015 **70**
- Figura 38** - Percentagem de estudantes Erasmus (SMT) face ao total de estudantes por IES, 2014 e 2015 **70**
- Figura 39** - Percentagem de pessoal docente em mobilidade (STA) nas top 20 IES, 2014 e 2015 **71**
- Figura 40** - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus da Universidade da Beira Interior, 2014 e 2015 **77**
- Figura 41** - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus do Instituto Politécnico de Bragança, 2014 e 2015 **78**
- Figura 42** - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus da Universidade de Lisboa, 2014 e 2015 **78**
- Figura 43** - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Ciências Empresariais, Administração e Direito, 2014 e 2015 **80**
- Figura 44** - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, 2014 e 2015 **80**
- Figura 45** - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Saúde e Proteção Social, 2014 e 2015 **81**
- Figura 46** - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, 2014 e 2015 **82**
- Figura 47** - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Artes e Humanidades, 2014 e 2015 **83**
- Figura 48** - Estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos por IES de origem **86**
- Figura 49** - Estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos por país da instituição de acolhimento **87**
- Figura 50** - Motivos da experiência no estrangeiro anterior à mobilidade Erasmus **88**
- Figura 51** - Áreas geográficas da experiência no estrangeiro anterior à mobilidade Erasmus **88**
- Figura 52** - Fatores que influenciaram a escolha da instituição e país para a mobilidade Erasmus **89**
- Figura 53** - Fatores que influenciaram a escolha da instituição para a mobilidade Erasmus dos estudantes e recém-graduados que não efetuaram a mobilidade na instituição da sua preferência **89**
- Figura 54** - Contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados inquiridos com pessoas de nacionalidade do país de acolhimento **90**
- Figura 55** - Percentagem de contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados com pessoas de nacionalidades diferentes da do país de acolhimento **90**
- Figura 56** - Tipo de contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados com pessoas de nacionalidades diferentes da do país de acolhimento **91**
- Figura 57** - Importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento pessoal e profissional e no estabelecimento de redes **91**
- Figura 58** - Importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento da identidade europeia **92**
- Figura 59** - Importância da mobilidade Erasmus ao nível da formação e desenvolvimento pessoal **93**
- Figura 60** - Importância da mobilidade Erasmus ao nível da empregabilidade **94**
- Figura 61** - Motivos das experiências no estrangeiro superiores a um mês, pós-mobilidade Erasmus **95**
- Figura 62** - Áreas geográficas das experiências no estrangeiro superiores a um mês, pós-mobilidade Erasmus **95**



- **Figura 63** - Categorias profissionais dos docentes em mobilidade, 2014-2016 **97**
- Figura 64** - Ciclo de estudos onde os docentes ministraram aulas na IES de acolhimento **97**
- Figura 65** - Áreas disciplinares de pertença dos docentes em mobilidade, 2014-2016 **98**
- Figura 66** - Áreas de trabalho do pessoal não docente das IES em mobilidade, 2014-2016 **98**
- Figura 67** - Motivos da experiência no estrangeiro superior a um mês dos docentes e outro pessoal das IES, antes da mobilidade Erasmus **99**
- Figura 68** - Motivações dos docentes e outro pessoal das IES para a mobilidade Erasmus **100**
- Figura 69** - Importância da mobilidade Erasmus para a internacionalização das IES e para a carreira dos docentes e outro pessoal das instituições **102**
- Figura 70** - Importância da mobilidade Erasmus na progressão da carreira dos docentes e outro pessoal das IES **102**
- Figura 71** - Fontes de financiamento utilizadas pelas IES nas atividades de internacionalização, segundo a opinião dos inquiridos **103**
- Figura 72** - Importância da mobilidade Erasmus na formação oferecida pelas IES **104**
- Figura 73** - Importância da mobilidade Erasmus na internacionalização e desenvolvimento das IES **106**
- Figura 74** - Importância da mobilidade Erasmus na formação de redes institucionais, académicas e profissionais **107**
- Figura 75** - Objetivos da manutenção dos contactos estabelecidos durante a mobilidade pelos docentes e outro pessoal das IES **109**
- Figura 76** - Distribuição espacial das IES inquiridas por categoria e natureza jurídica **110**
- Figura 77** - Importância das fontes de financiamento na internacionalização das IES inquiridas **112**
- Figura 78** - Importância dos programas de mobilidade no desenvolvimento de redes em que participam as IES inquiridas **112**
- Figura 79** - Tipos de ações Erasmus em que as IES inquiridas participam **114**
- Figura 80** - Tipos de mobilidade por áreas científicas nas IES inquiridas **115**
- Figura 81** - Responsáveis pela pesquisa dos locais e das instituições da rede de mobilidade **115**
- Figura 82** - Importância da mobilidade Erasmus para os coordenadores das IES **117**
- Figura 83** - Influência da mobilidade Erasmus ao nível das IES **118**
- Figura 84** - Importância da mobilidade Erasmus para as IES ao nível da internacionalização da formação e da participação em redes **119**
- Figura 85** - Grau de satisfação da IES com o Erasmus **120**
- Figura 86** - Principais benefícios do Erasmus **122**
- Figura 87** - Principais problemas do Erasmus **122**



# Índice de quadros

- Quadro 1** - População e dimensão da amostra por tipo de mobilidade, 2014-16 **37**
- Quadro 2** - Características das IES entrevistadas **40**
- Quadro 3** - Financiamento do Programa Erasmus+ por setor, 2014-2017 **42**
- Quadro 4** - Financiamento por tipo de mobilidade Erasmus, 2014-15 **43**
- Quadro 5** - Instituições de origem e de destino da mobilidade Erasmus *outgoing*, 2014 e 2015 **49**
- Quadro 6** - Estudantes Erasmus *outgoing* e *incoming* em Portugal, 2014-15 **50**
- Quadro 7** - Docentes e outro pessoal *outgoing* e *incoming* apoiados pelo Erasmus em Portugal, 2014-15 **50**
- Quadro 8** - Principais países da mobilidade de estudantes Erasmus *incoming* e *outgoing* em Portugal, 2014-15 **51**
- Quadro 9** - Mobilidade Erasmus de estudantes e pessoal docente e não docente por género e tipo de mobilidade, 2014-15 **55**
- Quadro 10** - Mobilidade Erasmus de estudantes e pessoal docente por ciclo de estudo/ensino, 2014-15 **56**
- Quadro 11** - Estudantes Erasmus *outgoing* por IES nacional e área de estudo, 2014-2015 **60**
- Quadro 12** - Estudantes Erasmus *outgoing* por IES estrangeiras e área de estudo, 2014-2015 **61**
- Quadro 13** - Estudantes Erasmus das principais IES estrangeiras em IES nacionais por área de estudo, 2014-15 **62**
- Quadro 14** - Mobilidade de estudantes por tipo de IES 2014-2015 **67**
- Quadro 15** - Mobilidade de pessoal docente e não docente por tipo de IES, 2014-2015 **68**
- Quadro 16** - Principais áreas de estudo no Erasmus por IES nacional, 2014-15 **72**
- Quadro 17** - Principais áreas de estudo de estudantes Erasmus em percentagem dos estudantes inscritos por IES, 2014-15 **73**
- Quadro 18** - Estudantes Erasmus (SMS) por posição nas IES Europeias do *Academic Ranking of World Universities* - *Shanghai Ranking Consultancy*, 2014 e 2015 **74**
- Quadro 19** - Estudantes Erasmus (SMS) para IES Europeias do *Academic Ranking of World Universities* - *Shanghai Ranking Consultancy* por áreas de estudo, 2014 e 2015 **74**
- Quadro 20** - Estudantes Erasmus (SMS) *outgoing* em IES europeias do *Academic Ranking of World Universities* - *Shanghai Ranking Consultancy* por áreas de estudo, 2014 e 2015 **76**
- Quadro 21** - Percentagem de estudantes Erasmus por distâncias às Top 20 IES, 2014 e 2015 **77**
- Quadro 22** - Perfil dos estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos **87**
- Quadro 23** - Preferência dos estudantes e recém-graduados pela instituição e país de mobilidade **88**
- Quadro 24** - Relações regulares estabelecidas pelos participantes durante a mobilidade **90**
- Quadro 25** - Perfil dos docentes e outro pessoal das IES inquiridos **96**
- Quadro 26** - Experiência no estrangeiro superior a um mês, antes da mobilidade Erasmus **99**
- Quadro 27** - Contactos pós-mobilidade dos docentes e outro pessoal das IES: número, natureza e frequência com que ocorrem **108**
- Quadro 28** - Perfil das IES Inquiridas **110**
- Quadro 29** - Programas utilizados pelas IES inquiridas na internacionalização **111**
- Quadro 30** - IES inquiridas por escalões do número de acordos de mobilidade **113**

# Acrónimos

**ANE+EF** - Agência Erasmus+ Educação e Formação

**BDG** - Base de Dados Geográfica

**CE** - Comissão Europeia

**CRUP** - Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

**DGEAC** - Direção-Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia

**DGEEC** - Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

**EMJMD** - Erasmus Mundus Joint Master Degrees

**ECTS** - Sistema Europeu de Transferência de Créditos (European Credit Transfer System)

**FSE** - Fundo Social Europeu

**IES** - Instituições de Ensino Superior

**ISCED** - International Standard Classification of Education

**PALV** - Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (LLP - Lifelong Learning Programme)

**PIB** - Produto Interno Bruto

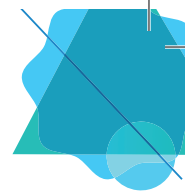
**SMS** - Mobilidade de estudantes do Ensino Superior para estudos (Student Mobility for Studies)

**SMT** - Mobilidade de estudantes e recém-graduados do Ensino Superior para estágios (Student Mobility for Traineeships)

**STA** - Mobilidade de docentes do Ensino Superior para ensino (Staff Mobility for Teaching)

**STT** - Mobilidade de pessoal do Ensino Superior para formação (Staff Mobility for Training)

**UE** - União Europeia



# Erasmus, por uma cultura de tolerância e multiculturalismo

No dia 16 de outubro de 1572, o humanista, historiador e diplomata português, Damião de Góis, foi condenado a “cárcere perpétuo” pelos crimes de heresia e apostasia pelo Tribunal do Santo Ofício. Como outros, que a história ecoa sem se esgotar no passado, de Góis foi condenado pela expressão aberta e livre dos seus pensamentos. Tinha 70 anos e passara os últimos 18 meses nas masmorras da Inquisição, em Lisboa. Damião de Góis (1502-1574) foi o português mais conhecido nos meios humanistas da Europa do Renascimento. As suas funções diplomáticas levam-no, ‘em mobilidade’, a viajar por todo o Norte do Continente (Polónia, Lituânia, Dinamarca, Inglaterra, França, Alemanha) onde conheceu Lutero e Melanchton e fez amizade com Erasmo.

Justa homenagem a Erasmo de Roterdão, elegendo-o como referência e inspiração, na denominação do que constitui, não apenas um dos programas mais bem-sucedidos da construção europeia e do que ela tem representado como caminho de cooperação e de paz, em particular desde o pós-II Guerra Mundial, mas como instrumento de europeização e da sua persistente renovação.

A continuidade, aprofundamento e amplitude do programa Erasmus têm tido um impacto que transcende o reforço da cooperação entre instituições de ensino superior e a mobilidade de estudantes, refletindo-se na construção de redes europeias e transnacionais de cooperação académica, cultural, científica e empresarial à escala europeia e mundial.

Há pouco mais de 30 anos, em 1987, ano em que foi lançado, foram 3244 os estudantes que usufruíram da mobilidade no âmbito do programa Erasmus; em 2013, o número ascendeu aos 300 mil; até à data, já mais de 9 milhões de pessoas beneficiaram do Programa Erasmus, dos quais mais de 4 milhões ao nível de todos os ciclos de ensino superior.

Portugal foi um dos países que adotou o programa desde a sua criação e faz hoje parte dos 10 países a atrair mais participantes. De 25 estudantes que em 1987 participaram no Erasmus, passamos para praticamente 6000, considerando apenas aqueles que foram prosseguir os seus estudos. Por junto, mais de 110 mil estudantes portugueses participaram no Erasmus. O número é expressivo, embora ainda bastante aquém do que seria desejável alcançar em termos de percentagem do conjunto dos estudantes portugueses.

O percurso e os efeitos do programa Erasmus acompanharam o movimento significativo de internacionalização da ciência e do ensino superior portugueses, conjugando, estimulando e potenciando tendências e dinâmicas. Na realidade, o ensino

superior e o sistema de ciência e tecnologia têm conhecido um processo de internacionalização sem precedentes, alcançando um reconhecimento expresso a diversos níveis. A aproximação à Europa e a integração europeia, desde 1986, abriram caminho para o crescimento e afirmação do sistema de ciência e de ensino superior, prosseguindo uma estratégia de internacionalização em diversos planos institucionais. Salientem-se, entre outras, as seguintes referências:

intensificação da mobilidade de estudantes e investigadores estrangeiros, registando um aumento de 119% do número de estudantes estrangeiros nos últimos 8 anos;

reforço do capital humano, com crescimento da ordem dos 74% de doutorados entre 2000 e 2010;

expansão e reconhecimento da produção e atividade científica, aumentando 35 vezes nos últimos 25 anos a produção científica portuguesa;

translação de conhecimento no contexto de redes internacionais de referência (ex. Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologias, European Space Agency, Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire);

consolidação das instituições de ensino superior nos principais rankings internacionais, com nota para 7 cursos de instituições portuguesas no top50 do ranking de Xangai, em 2018.

Entretanto o Programa Erasmus evoluiu, interagindo com novas conjunturas e novos contextos, ampliando o escopo da sua ação e áreas de intervenção, acompanhando a percepção do seu visível impacto nos diversos domínios, confirmando, com justa aspiração, a sua capacidade de gerar sucessivas oportunidades. Em janeiro de 2014, rebatizado Erasmus+, acrescentou e somou num só programa, educação, formação, juventude e desporto, integrando, entre outros, os programas Jean Monnet e Erasmus Mundus.

O Programa Erasmus+ passou assim a abranger todos os sectores da aprendizagem ao longo da vida, contemplando o ensino escolar, o ensino superior, a formação profissional, a educação de adultos, as atividades para jovens, a formação no âmbito do desporto amador e o voluntariado. As oportunidades de mobilidade com o propósito da aprendizagem, estágio ou formação, contemplam doravante num só programa todos os cidadãos, instituições académicas e de investigação e empresas.

Ampliou-se assim o arco de reflexão e o espaço de influência e interação, bem como o impacto alcançado na relação entre as instituições de ensino superior e o programa Erasmus. Importa mapeá-lo, conhecê-lo, compreendê-lo em todas as suas dimensões.

Em 2017 o Programa Erasmus cumpriu 30 anos. Foi tempo de comemorar esse grande programa de mobilidade e programa-chave da Comissão Europeia, celebrando o cumprimento e a prossecução dos seus pressupostos, salientando os propósitos de melhorar a qualidade e reforçar a dimensão europeia do ensino superior, favorecer e aumentar a mobilidade dos estudantes e do corpo docente, reforçar a cooperação entre instituições de ensino superior, garantir a transparência e o reconhecimento das qualificações adquiridas no ensino superior e a formação profissional na Europa.

Foi também oportunidade e tempo para aprofundar o conhecimento sobre o programa, a sua ação e impacto, no plano geral e europeu, e no contexto português em particular.

Nesse contexto, através da Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, promoveu-se o estudo do impacto do programa Erasmus no processo de crescente internacionalização das instituições de ensino superior portuguesas. Será este, com certeza, um dos principais resultados das dinâmicas comemorativas do 30º aniversário do programa Erasmus realizadas no nosso país, pelo que proporciona como informação e reflexão a nível geral e para cada instituição de ensino superior. Em boa hora a equipa de investigadores e autores do estudo, Professores Doutores Mário Vale (Coordenador), Herculano Cachinho e Paulo Morgado, realizaram o estudo A internacionalização do Ensino Superior português no âmbito do Erasmus 2014-2016, doravante uma referência essencial pelos dados reunidos, as análises realizadas e as recomendações propostas.

O trabalho realizado e a sua contribuição crescem em conveniência e relevância à luz da conjuntura. Refira-se, genericamente, os desafios e as oportunidades, as crescentes exigências e responsabilidades que, em cenários de incerteza e mudança, se colocam às entidades que compõem o ecossistema Erasmus (em particular as instituições de ensino superior): as dinâmicas de formação e aprendizagem (vd. por exemplo os objetivos da Estratégia Europa 2020 em matéria de educação), a vocação universal e imperativamente inclusiva da formação (prossequindo propósitos de democratização, inclusão e igualdade); do acesso e partilha do conhecimento e da ciência em compromisso com a sociedade (cumprindo os propósitos e princípios da Ciência Aberta), o papel da formação e do conhecimento para enfrentar os desafios que se colocam à sociedade e ao planeta (assumindo a ciência como compromisso social, perante a sustentabilidade e o

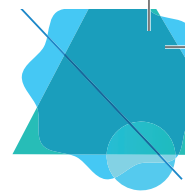
desenvolvimento), entre tantos outros aspetos, e, no que ao programa Erasmus respeita, o atual momento de reflexão, discussão e preparação do seu futuro confrontado com essas exigências e expectativas.

Importará, quanto ao essencial, superar um conjunto de desafios vitais no plano das qualificações, da investigação e desenvolvimento e da cooperação, observados do ponto de vista nacional e internacional e assumidos ao nível das pessoas - através da democratização e da inclusão, valorizando competências, consagrando uma identidade europeia em termos de cidadania académica e científica - e das instituições - comprometidas com os propósitos da coesão social e territorial, a cooperação internacional e a responsabilidade social científica, assumindo o paradigma da Ciência Aberta, representando um novo compromisso com a sociedade na produção, acesso, partilha e uso da ciência e do conhecimento em geral, e a sua contribuição para o desenvolvimento sustentável e a construção de uma sociedade mais justa e com mais bem-estar.

A continuidade renovada do programa Erasmus significa, em consciência, assim o entendo, a proclamação persistente de uma cultura livre, progressista e inclusiva, comprometida com valores humanistas e universalistas, que nos devem inspirar e orientar, especialmente na formação das gerações mais jovens. Uma cultura, em suma, de tolerância e multiculturalismo.

**Fernanda Rollo**

Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia  
e Ensino Superior  
26/11/2015-17/10/2018



# O Erasmus e a internacionalização do Ensino Superior Português

No momento em que se definem as linhas mestras do programa comunitário que sucederá ao Programa Erasmus+ 2014-2020, consideramos oportuno investigar qual tem sido o papel da mobilidade Erasmus na internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) portuguesas e no desenvolvimento de redes de ensino e formação no espaço europeu.

Estamos agora nos últimos dois anos do Erasmus+, um programa que conta com 14,7 mil milhões de euros a nível comunitário e que está prestes a alcançar o seu principal objetivo: proporcionar a mais de 4 milhões de europeus a oportunidade de desenvolverem e adquirirem novas competências, graças a estudos, formações, estágios e outras experiências profissionais, ou voluntariado na Europa e noutras regiões do mundo.

O Programa Erasmus+ tem sido muito bem-sucedido, devendo-se a sua reputação em grande parte à sua ação mais antiga, já com 31 anos – o Erasmus, que, para além da mobilidade de estudantes do Ensino Superior, também apoia a mobilidade de pessoal docente e não docente e parcerias estratégicas entre IES e outras instituições europeias.

No caso português, o Erasmus apoiou, desde 1987, a mobilidade de mais de 117.000 estudantes e mais de 15.000 membros do pessoal docente e não docente do Ensino Superior. Entre 2014 e 2020, serão investidos mais de 150 milhões de euros na internacionalização do Ensino Superior através do Erasmus.

No último relatório do Eurobarómetro, os programas de intercâmbio de estudantes como o Erasmus vêm em 3º lugar na lista dos resultados mais positivos da União Europeia para os portugueses. No entanto, o Erasmus aparece em último lugar quando os inquiridos são questionados sobre qual a iniciativa da União Europeia de que já beneficiaram diretamente – o que mostra que há ainda muito a fazer para mais portugueses beneficiarem do Erasmus.

Este estudo chegou a algumas conclusões importantes e faz recomendações específicas para a melhoria da utilização do investimento Erasmus. Também aponta fragilidades do programa, como o baixo montante das bolsas; e do próprio estudo, que se baseia na análise de apenas dois anos do Erasmus em Portugal e, por isso, não permite responder a todas as perguntas formuladas. Uma das recomendações do estudo é, assim, que se prossigam os estudos sobre a internacionalização do Ensino Superior,

com especial destaque para a análise da qualidade dos acordos de cooperação entre IES e a participação do sector empresarial em estágios.

Em 2016, Portugal era o 8º país com mais participantes (estudantes e pessoal docente e não docente) no Erasmus. O estudo conclui que as experiências de mobilidade proporcionam aos participantes a aquisição de conhecimentos e competências que elevam significativamente a sua empregabilidade no quadro internacional. Mais de 90% do orçamento destina-se a subsidiar a mobilidade dos estudantes, mas apenas cerca de 2.6% dos estudantes do Ensino Superior beneficiam da mobilidade Erasmus.

Por sua vez, o baixo valor das bolsas requer comparticipação significativa pessoal, familiar e institucional nos custos da mobilidade, o que, apesar do apoio nacional<sup>1</sup>, discrimina negativamente os estudantes de menores rendimentos.

Por isso, é essencial haver um reforço do financiamento do apoio à mobilidade, não só ao nível comunitário, mas também ao nível institucional e nacional, a par de outras medidas que favoreçam um uso mais estratégico e inclusivo dos fundos disponíveis até 2027. Entre outras medidas, espera-se que a criação do Cartão do Estudante Europeu, um elemento importante para facilitar a identificação e promover os processos de mobilidade, aumente a mobilidade internacional, garanta a proteção e fiabilidade dos dados sobre os estudantes e permita melhorar os serviços de apoio aos estudantes.

Em termos institucionais, mais de uma centena de IES portuguesas participam no programa. O estudo conclui que a mobilidade proporciona visibilidade e projeção às IES portuguesas, e a oportunidade de estabelecer redes com instituições congéneres, de importância capital no desenvolvimento de projetos de investigação e programas de ensino e formação – redes especialmente importantes quando, já em 2019, o Programa vai lançar um convite para o desenvolvimento de Universidades Europeias.

Através do desenvolvimento de Universidades Europeias, o Programa quer apostar em parcerias de excelência que promovam inovação educacional e cooperação interdisciplinar na Europa; que sejam socialmente inclusivas e geograficamente mais equilibradas, entre instituições de diferentes ramos e natureza diversificada; e que adotem um modelo de cooperação inovador, incluindo

1. Soeiro S2016. O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas. Lisboa: Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação.

a partilha de recursos, serviços, informações e até mesmo infraestruturas.

O estudo poderá ser útil para ajudar as IES a refletir e rever estratégias de internacionalização, e estimular a participação em redes de ensino, formação e investigação, com o apoio do Erasmus e de outras fontes de financiamento.

O estudo propõe, entre outras sugestões, que as IES adotem como meta da mobilidade enviar pelo menos 2/3 dos estudantes em mobilidade para IES de topo, de acordo com os rankings internacionais; que promovam um maior equilíbrio nos fluxos de estudantes e pessoal *outgoing* v. *incoming*, que atualmente são mais pesados para Portugal - em 2017, Portugal recebeu mais de 13.000 estudantes Erasmus, enquanto que enviou cerca de 10.000 para IES europeias e de outras regiões do mundo; que assegurem a qualidade das parcerias e das redes de instituições com as quais celebram acordos de cooperação, especialmente em áreas e em países de interesse estratégico para Portugal; e que promovam mais estágios em empresas e maior participação dos docentes e outro pessoal na mobilidade.

Portugal tem apoiado a internacionalização do Ensino Superior, através de investigação e do desenvolvimento de estratégias e de políticas nesta área<sup>2, 3, 4, 5, 6, 7</sup>. O estudo conclui que o Erasmus é a principal fonte de financiamento da internacionalização do Ensino Superior português e sugere que a alteração do modelo de financiamento europeu do programa, aproximando-o dos critérios utilizados pela política de coesão europeia, em que os países com menor nível socioeconómico beneficiam de uma maior dotação relativa de Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, deveria ser considerada.

O Programa Erasmus+ explorará opções para desenvolver e financiar em maior escala os projetos mais bem-sucedidos, que tenham o potencial de desencadear reformas estruturais a nível nacional, nomeadamente com o apoio dos Fundos Europeus Estruturais e de Investimento.

Cerca de três quartos dos inquiridos neste estudo considerou que o Erasmus desempenha um papel de suma importância no fortalecimento da identidade com o espaço europeu, no desenvolvimento pessoal, na motivação para residir e trabalhar além-fronteiras e no interesse em seguir uma carreira com uma componente internacional.

Tendo como prioridade mais educação e mais inclusão social, a próxima geração do Programa Erasmus poderá vir a ser um ponto de viragem no panorama Europeu.

Pretende-se que o programa para 2021-2027 torne a mobilidade individual mais acessível, inclusiva e participada, reforçando a sua dimensão internacional e focada na mobilidade capaz de gerar competências para a Europa atual e futura, tanto para estudantes como para os docentes e outro pessoal de educação e formação.

**Joana Mira Godinho**

Diretora

Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação

2. MADR/MEC Grupo de Trabalho 2014. Uma estratégia para a internacionalização do Ensino Superior Português. Fundamentação e Recomendações. <https://www.portugal.gov.pt/media/1545745/201450926%20mec%20Internacionalizacao%20Ensino%20Superior.pdf>

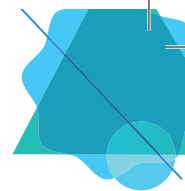
3. Guerreiro C 2015. A internacionalização do Ensino Superior português: as razões, as estratégias e os desafios. Instituto Politécnico do Porto (Tese de Mestrado). <http://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/8164>

4. OCDE 2007. Reviews of National Policies for Education: Tertiary Education in Portugal. <http://www.oecd.org/portugal/reviewsofnationalpoliciesforeducationtertiaryeducationinportugal.htm>

5. OCDE 2018 Draft Review of the Tertiary Education, Research and Innovation System in Portugal. <https://www.santamariasauade.pt/sgc/Assets/Plugins/CKEditor/kcfinder/Uploads/files/Review%20of%20TERI%20in%20Portugal%206%20February%20DRAFT.pdf>

6. MCTES 2018. Higher Education, Research and Innovation in Portugal - Perspectives for 2030. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=17e0f09d-db49-4755-a2d4-4dd0bccfd50c>

7. MCTES 2018. Modernização do ensino superior, adaptando-o à realidade que emerge na Europa e em Portugal. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=modernizacao-do-ensino-superior-adaptando-o-a-realidade-que-emerge-na-europa-e-em-portugal>



# Sumário Executivo

Este estudo analisa o papel da mobilidade Erasmus na internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) portuguesas e na criação de redes e parcerias de ensino e formação no espaço europeu. O estudo teve como objetivo principal responder às seguintes questões-chave:

- Qual a importância da mobilidade Erasmus na internacionalização das IES portuguesas?
- Que papel a mobilidade Erasmus desempenha na criação e desenvolvimento de redes de ensino/aprendizagem e formação?
- Qual a sustentabilidade das redes Erasmus?
- Que benefícios os participantes e as IES retiram da mobilidade Erasmus?
- Que fragilidades a mobilidade Erasmus apresenta na perspetiva dos participantes e das IES?

A avaliação da mobilidade Erasmus apoiou-se na análise e discussão dos seguintes elementos:

- Os fluxos de mobilidade *outgoing* e *incoming* de estudantes, recém-graduados, docentes e pessoal técnico administrativo do Ensino Superior, nos anos de 2014 e 2015.
- As redes de IES portuguesas envolvidas nos diferentes tipos de mobilidade no período em análise.
- As representações dos participantes na mobilidade *outgoing* entre 2014 e 2016 e dos dirigentes das IES sobre os efeitos da mobilidade.

O Erasmus foi criado em 1987 com o duplo objetivo de contribuir para a construção de uma identidade europeia e de internacionalizar o sistema de Ensino Superior. O programa esteve na base do lançamento do Processo de Bolonha, que introduziu graus de estudo comparáveis e compatíveis, e foi decisivo para o estabelecimento do *European Credit Transfer System* (ECTS) de forma a integrar nos planos de estudo a formação e creditação obtida em mobilidade internacional.

O Erasmus atribui financiamento a IES para os estudantes, docentes e pessoal não docente realizarem mobilidade numa instituição de outro Estado-Membro. Na presente configuração também financia a realização de estágios para estudantes do Ensino Superior e recém-graduados.

Nos últimos 30 anos, o balanço do Erasmus é francamente positivo - no total, mais de 4,4 milhões de estudantes do Ensino Superior efetuaram mobilidade. Em Portugal, o Erasmus apoiou, desde 1987, a mobilidade de mais de 100.000 estudantes e mais de 15.000 membros do pessoal docente e não docente do Ensino Superior (Agência Nacional, 2017).

A internacionalização do Ensino Superior constitui uma prioridade estratégica e de elevado valor acrescentado para as IES. É reconhecido o papel do Erasmus na internacionalização, incluindo projetos multilaterais para o desenvolvimento curricular, modernização do Ensino Superior, campi virtuais e redes académicas e não-académicas de mobilidade.

Entre 2014 e 2018, o Erasmus financiou mais de 100 milhões de euros em Portugal em mobilidade de estudantes e pessoal docente e não docente, e em parcerias estratégicas de IES portuguesas com outras IES europeias. No período do estudo contou com cerca de 52 milhões de euros. A mobilidade dos estudantes capta uma parte muito substancial do orçamento (cerca de 91% em 2014 e 2015), dos quais um pouco mais de dois terços se destinam à mobilidade para estudos (SMS).

Em 2016, Portugal era o 8º país com mais participantes (estudantes e pessoal docente e não docente) no Erasmus. Mais de 100 IES portuguesas participam no programa, com elevada representatividade das IES públicas. Os estudantes das IES portuguesas em mobilidade de ensino (SMS) distribuem-se por cerca de 850 instituições congéneres, tendo lugar cerca de um terço das mobilidades em 150 das 191 IES europeias do top 500 do *Academic Ranking of World Universities*.

Aproximadamente 2% dos estudantes do Ensino Superior usufrui do Erasmus, 70% dos quais realiza mobilidade para estudos no 1º ciclo (licenciatura) e cerca de 30% no 2º ciclo (mestrado). No entanto, a mobilidade para estágio é significativa no 2º ciclo (cerca de 45% do total). A mobilidade de docentes em 3º ciclo (doutoramento) é muito relevante (15% do total), indiciando uma relação entre ensino e investigação tipicamente associada ao 3º ciclo.

Na mobilidade de estágio (SMT) destacam-se as áreas da Saúde e Proteção Social (cerca de 40% do total de estudantes neste tipo de mobilidade), enquanto na mobilidade de estudo (SMS) sobressaem as áreas de Ciências Empresariais, Administração e Direito e as de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção (em conjunto, representam 45% do total de estudantes neste tipo de mobilidade).

O panorama da mobilidade geral altera-se significativamente quando o número de estudantes em mobilidade é comparado com o número de estudantes inscritos nos cursos destas áreas de estudo, destacando-se uma maior importância proporcional do Erasmus em áreas com menor expressão na distribuição de estudantes no

Ensino Superior português, tais como os Serviços, Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias, e TIC.

As universidades públicas são mais relevantes na mobilidade de estudos (SMS); nos politécnicos, há uma preferência relativa pela realização de estágio (SMT), o que confirma uma valorização da formação mais articulada com o mercado de trabalho nestas instituições. Cerca de 80% dos estudantes em mobilidade provêm de apenas 20% de IES, com a Universidade de Lisboa, a Universidade do Porto, a Universidade de Coimbra e a Universidade Nova de Lisboa a afirmarem-se como responsáveis por 50% dos estudantes em mobilidade.

Os institutos superiores politécnicos são, em geral, mais ativos na mobilidade de pessoal docente e não docente, o que deixa perceber que a internacionalização dos docentes das universidades é feita sobretudo através de financiamento de projetos dos seus centros de investigação e menos a partir do Erasmus.

O fluxo de saída de estudantes de IES nacionais equivale a 70% do número de estudantes de IES europeias que estudam em Portugal no âmbito do Erasmus. O fluxo de membros do pessoal docente e não docente apresenta ainda um rácio **outgoing/incoming** mais desequilibrado, ligeiramente superior a 50%.

Apesar de se tratar de uma rede de IES estrangeiras bastante dispersa por toda a Europa, a geografia de proximidade tem um peso significativo na opção de destino, uma vez que as IES espanholas e italianas são as que mais participantes portugueses recebem. Só a Polónia, terceiro destino mais popular entre os participantes Erasmus portugueses, foge a esta lógica. No conjunto, Espanha, Itália e Polónia representam mais de 48% do total da mobilidade *outgoing* e *incoming*.

Numa análise comparada de *outgoing* e *incoming* é possível verificar a existência de uma abordagem mais estratégica à mobilidade Erasmus nas áreas de estudo das Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; e da Ciências Empresariais, Administração e Direito, cujas redes são mais estruturadas e densas, sendo polarizadas pelas IES nacionais de maior dimensão.

As redes das IES nacionais localizadas em áreas menos desenvolvidas apresentam tendencialmente um padrão marcado pela maior importância relativa das IES espanholas e do leste europeu.

O Erasmus confere visibilidade e oportunidades de integração em redes de ensino e investigação de âmbito internacional às IES portuguesas. Aos participantes, as experiências de mobilidade proporcionam a aquisição de conhecimentos e competências que

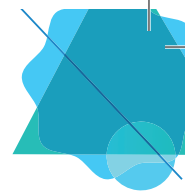
elevam, significativamente, a sua empregabilidade no quadro internacional.

Para 65% das IES, o Erasmus constitui a principal fonte de financiamento das atividades de internacionalização, com destaque particular para as relacionadas com a mobilidade dos estudantes e o estabelecimento associado de redes de investigação e formação.

Para as IES, a mobilidade fomenta a cooperação estratégica, a participação em consórcios e projetos de investigação internacionais e a criação de programas de formação avançada interinstitucionais e multilaterais. Manifesta-se de forma efetiva na formação oferecida pelas IES ao nível da inovação curricular, dos programas de estudos, dos métodos de ensino praticados, na difusão de boas práticas e na aprendizagem por benchmarking.

Para os estudantes, docentes e o pessoal técnico e administrativo, a mobilidade permite desenvolver redes de contactos pessoais e profissionais consideradas duradouras, com efeitos positivos na entrada no mercado de trabalho e/ou progressão da carreira profissional. Cerca de três quartos dos inquiridos considera que o Erasmus desempenha um papel de suma importância no fortalecimento da identidade com o espaço europeu, no desenvolvimento pessoal e na motivação para residir e trabalhar além-fronteiras, e o interesse em seguir uma carreira com uma componente internacional.

Apesar da imagem de sucesso de que goza junto da comunidade educativa e dos dirigentes das IES, o programa padece de algumas fragilidades, destacando-se o baixo valor das bolsas e a sua procura elevada em algumas áreas de estudo, que constituem os principais fatores inibidores a participação dos estudantes com menores recursos económicos na mobilidade Erasmus.



# Principais Recomendações

Este estudo faz recomendações no sentido de fortalecer as potencialidades do Programa de Erasmus na perspetiva dos participantes na mobilidade e das IES portuguesas nos seguintes domínios:

- **Mobilidade Erasmus e internacionalização das IES nacionais**

As IES deveriam refletir profundamente sobre a forma como o Programa pode servir melhor as suas estratégias de internacionalização, nomeadamente no que respeita à qualidade das parceiras e das redes de instituições com as quais devem, de forma desejável, celebrar os protocolos de colaboração.

- **Mobilidade Erasmus e criação de redes institucionais, académicas e profissionais**

A promoção e facilitação da participação de pelo menos dois terços dos estudantes em mobilidade Erasmus nas melhores IES europeias deveria constituir uma meta a alcançar a médio prazo. É importante que as redes institucionais, académicas e profissionais envolvam mais IES europeias prestigiadas e reconhecidas em rankings internacionais. Também é de considerar a promoção de mobilidade *incoming* e *outgoing* de e para as IES de países tidos como estratégicos.

- **Mobilidade Erasmus para estudos versus estágios**

É fundamental que se identifiquem os fatores inibidores do desenvolvimento deste tipo de mobilidade no quadro do Erasmus e se desenvolvam estratégias e ações que fomentem a participação de mais estudantes *incoming* e *outgoing* em estágios em empresas.

- **Erasmus e a mobilidade de docentes e pessoal técnico e administrativo das IES**

É de primordial importância promover e facilitar a mobilidade dos estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo nas IES europeias. As diferenças significativas que se observam na mobilidade efetuada no quadro do Erasmus, entre o pessoal docente e não docente das Universidades e dos Institutos Politécnicos, deveriam ser objeto de análise.

- **Financiamento da mobilidade desenvolvida pelas IES**

Tendo em consideração a importância que o Erasmus representa no financiamento das atividades de internacionalização da esmagadora maioria das IES e, em particular, na promoção da mobilidade dos estudantes, o reforço do financiamento deveria permitir alargar o número e o valor das bolsas, de forma a incrementar os fluxos da mobilidade *outgoing* e *incoming*, bem como, através de uma discriminação positiva, subsidiar os estudantes com menos recursos económicos e as instituições integradas em regiões desfavorecidas do ponto de vista socioeconómico. O reforço do financiamento deveria privilegiar a mobilidade de estudantes e recém-graduados para a realização de estágios e a mobilidade de pessoal docente e não docente.



# Objetivos e Organização do estudo

O estudo “Erasmus: A Internacionalização do Ensino Superior Português 2014-16” analisou a inserção das IES portuguesas nas redes europeias de Ensino Superior, procurando avaliar em que medida o Ensino Superior e o país beneficiaram dos recursos do Erasmus para desenvolver e participar em redes europeias de ensino e formação e, deste modo, contribuir para os objetivos de desenvolvimento de Portugal e da União Europeia.

O estudo visou dotar as IES, os decisores políticos, a Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação (ANE+EF) e demais partes interessadas de informação, análise e recomendações que permitam promover uma gestão estratégica do Programa Erasmus+ no âmbito do Ensino Superior, nomeadamente nas seguintes dimensões:

- Redes de mobilidade e parcerias das IES portuguesas no âmbito do Erasmus no período 2014-16;
- Áreas de estudo e principais atividades enquadradas pelas redes de mobilidade Erasmus, áreas prioritárias cobertas por outras redes de Ensino Superior fora do âmbito do programa; e
- Sustentabilidade das redes do Ensino Superior para além dos projetos financiados no âmbito do Erasmus.

O estudo discute o contributo do Erasmus na melhoria e internacionalização das IES nas vertentes do ensino e na formação, centrando-se nas seguintes questões:

- Qual a importância da mobilidade Erasmus na internacionalização das IES portuguesas?
- Que papel a mobilidade Erasmus desempenha na criação e desenvolvimento de redes de ensino/aprendizagem e formação?
- Qual a natureza das redes potenciadas pela mobilidade Erasmus?
- Qual a sustentabilidade das redes Erasmus?
- Que benefícios os participantes e as IES retiram da mobilidade Erasmus?
- Que fragilidades a mobilidade Erasmus apresenta na perspetiva dos participantes e das IES?

São questões que importa discutir, sendo certo que mais estudos serão necessários para aprofundar o conhecimento sobre uma matéria tão decisiva para o desenvolvimento da integração europeia.

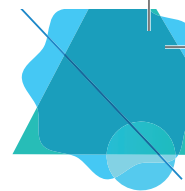
Estes objetivos centrais operacionalizam-se através do estudo, análise e recomendações sobre:

- Tipos de mobilidade: estudantes para estudos (SMS), estudantes e recém-graduados para estágios (SMT), docentes (STA) e de pessoal para formação (STT);
- Áreas de cooperação europeia e com os países parceiros, mobilidades e parcerias, mobilidade de estudos e estágios;
- Atores e instituições parceiras;
- Modelos e mecanismos de mobilidade e cooperação;
- Geografias da mobilidade e parcerias estratégicas Erasmus;
- Redes definidas no espaço dos fluxos.

As secções seguintes incluem:

- (i) os principais marcos da integração europeia na perspetiva da formação do espaço europeu de Ensino Superior, destacando-se o contributo do Erasmus;
- (ii) discussão da problemática da mobilidade internacional dos estudantes e pessoal docente e não docente e estabelecimento de um modelo teórico de análise centrado nas questões enunciadas para a análise do Erasmus;
- (iii) metodologia do estudo, incluindo a justificação da estratégia metodológica seguida e das opções técnicas utilizadas no mapeamento e análise do Erasmus;
- (iv) enquadramento financeiro do Erasmus+ e do Erasmus;
- (v) resultados do Erasmus em Portugal e a geografia e redes de mobilidade Erasmus em 2014-15;
- (vi) discussão dos principais resultados do inquérito realizado aos estudantes e ao pessoal docente e não docente e das entrevistas a responsáveis pela gestão da mobilidade de um conjunto de IES portuguesas; e
- (vii) conclusão do estudo.

O estudo desenvolveu um Atlas da Mobilidade Erasmus 2014-15 e um visualizador (dashboard) que sistematiza a informação da base de dados e apresenta uma extensa coleção de cartogramas dos fluxos das modalidades apoiadas pelo Erasmus.



# Integração do Espaço Europeu e o Erasmus

**A história contemporânea da Europa caracteriza-se pelo processo de integração de estados-nação, com reflexos no ensino superior como resultado da criação de programas específicos como o Erasmus.**

- O Erasmus foi criado em 1987 com o duplo objetivo de contribuir para a construção de uma identidade europeia e de internacionalizar o sistema de Ensino Superior.
- O programa esteve na base do lançamento do Processo de Bolonha, que introduziu graus de estudo comparáveis e compatíveis, e foi decisivo para o estabelecimento do *European Credit Transfer System* (ECTS) de forma a integrar nos planos de estudo a formação e creditação obtida em mobilidade internacional.
- O Erasmus atribui financiamento para os estudantes, docentes e pessoal não docente realizarem mobilidade numa instituição de outro Estado-Membro. Na presente configuração também financia a realização de estágios para estudantes do Ensino Superior e recém-graduados.
- Nos últimos 30 anos, o balanço do Erasmus é francamente positivo - no total, mais de 4,4 milhões de estudantes do Ensino Superior efetuaram mobilidade.
- Em Portugal, o Erasmus apoiou, desde 1987, a mobilidade de mais de 100.000 estudantes e mais de 15.000 membros do pessoal docente e não docente do Ensino Superior.
- Portugal recebeu sempre mais estudantes e pessoal de IES em mobilidade Erasmus do que enviou para instituições congéneres europeias.



## Formação do espaço europeu do ensino superior

A história contemporânea da Europa caracteriza-se pelo processo de integração de Estados-nação. Quando em 1951 um número reduzido de países da Europa Ocidental (Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo) decide avançar com a integração das indústrias do carvão e do aço, dando origem à Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), iniciou-se um processo de sucessivas fases de aprofundamento da integração europeia e de alargamento dos países envolvidos.

Em 1957, estes estados fundadores assinaram o tratado de Roma e fundaram a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atómica (CEEa). Passados dez anos, formou-se uma única Comissão e um único Conselho de Ministros e um Parlamento Europeu, constituindo o princípio da futura União Europeia. Nos anos setenta, ocorre o primeiro alargamento com a adesão da Irlanda, Dinamarca e Reino Unido em 1973, e nos anos oitenta da Grécia (1981), Portugal e Espanha (1986). São estes doze países que vão construir o Mercado Único europeu, assente nas premissas da livre troca de bens e Serviços, circulação de capital e de pessoas. As enormes disparidades de desenvolvimento levam à criação de fundos estruturais para apoiar os processos de modernização das regiões e países com problemas estruturais da sua economia, carências de infraestruturas e reduzida qualificação dos recursos humanos.

É neste contexto que é criado o Erasmus em 1987, com uma fundamentação essencialmente de cariz político e económico. O Programa visava contribuir para a construção de uma identidade europeia e para internacionalizar o sistema de Ensino Superior (Beerkens e Vossensteyn, 2011). O programa esteve na base do lançamento do Processo de Bolonha, que introduziu graus de estudo comparáveis e compatíveis, e foi decisivo para o estabelecimento do Sistema Europeu de Transferência de Créditos (European Credit Transfer System - ECTS), de forma a integrar nos planos de estudo a formação e creditação obtida em mobilidade internacional.

O Erasmus é uma adição lógica aos programas de Investigação & Desenvolvimento (I&D) entretanto lançados pela Comissão Europeia para promover o progresso tecnológico e a inovação dos países europeus e acompanhar os EUA e o Japão. A colaboração entre as IES permitiu aproximar as universidades do Norte e do Sul da Europa, estas consideradas por vezes de menor qualidade pelas suas congéneres dos países mais desenvolvidos.

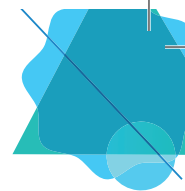
Em 1993, foi assinado o Tratado de Maastricht, abrindo caminho para a união monetária europeia, que culminaria com a criação do Euro em 2002, sob coordenação do Banco Central Europeu, e consagrando o direito de livre circulação das pessoas por via da criação da cidadania europeia. No plano da educação, o tratado atribuiu, pela primeira vez, à então Comunidade Europeia um papel mais interventivo nesta matéria. Assim, já com a integração da Áustria, Finlândia e Suécia em 1995, a Comunidade Europeia desenvolve uma nova estratégia, que culmina com a integração do Erasmus num programa de Ensino Superior mais amplo: o Programa Sócrates (1994-99). Por comparação com o Erasmus, o Sócrates expande a sua intervenção do Ensino Superior (Erasmus) ao Ensino Escolar (pré-escolar, básico e secundário), Ensino e Formação Profissional e Educação de Adultos. É dada particular atenção à mobilidade do pessoal docente, um processo que abriu caminho para a convergência de processos de ensino e aprendizagem indispensáveis para a criação de um futuro espaço europeu.

Em 1999, firmou-se a Declaração de Bolonha, criando-se as bases para um futuro Espaço Europeu de Ensino Superior, obrigando a mudanças e reformas dos sistemas nacionais (sistema de créditos transferíveis - ECTS, três ciclos de estudo, suplemento ao diploma...). Estas mudanças tinham como objetivo central a promoção da empregabilidade dos cidadãos europeus e da competitividade internacional do sistema de Ensino Superior na União Europeia (UE).

Em 2000, foi aprovada a Estratégia de Lisboa pelo Conselho Europeu, com o objetivo explícito de estabelecer na UE a "economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo", reforçando a melhoria do emprego e a coesão social. Com esta agenda pretendia-se aumentar o investimento em redes e na economia do conhecimento e inovação. Porém, os mecanismos de implementação não funcionaram na sua plenitude. É neste quadro que foi renovado o Programa Sócrates II (2000-2006).

Em 2004, regista-se o maior alargamento da UE com a adesão de 10 novos Estados da Europa de Leste (à exceção de Chipre e Malta). Em finais de 2007, foi assinado o Tratado de Lisboa, introduzindo a aprovação de decisões por maioria qualificada, atendendo à maior dificuldade de aprovação por unanimidade devido ao elevado número de membros da UE. Finalmente, em 2007, aderem a Bulgária e a Roménia. A partir de 2007, o Erasmus passa a integrar o Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV 2007-2013), que incorpora novas atividades, como a mobilidade de estudantes para a realização de estágios.<sup>8</sup>

8. Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação (2017). Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida - A implementação do PALV em Portugal 2007-2013. Lisboa: ANEF+.



Já com a integração da Croácia, a UE de 28 Estados-membros aprovou a Estratégia Europa 2020, apostando no crescimento inteligente, inclusivo e sustentável. Uma vez mais, os objetivos são muito ambiciosos e não parecem estar reunidas as condições para a sua plena implementação, até porque o período foi marcado por graves problemas financeiros de países do Sul da Europa, ainda não completamente ultrapassados. Estes problemas têm justificado, não sem alguma controvérsia, uma preocupação com o equilíbrio orçamental dos Estados-membro, especialmente da Eurozona.

É no quadro da Estratégia Europa 2020 que o PALV dá lugar ao Programa Erasmus+, visando fomentar sinergias entre os diferentes domínios da educação, da formação e da juventude, removendo barreiras artificiais entre os vários tipos de ações e projetos, promovendo novas ideias, atraindo novos intervenientes do mundo do trabalho e da sociedade civil, e estimulando novas formas de cooperação.

Atualmente estão em curso negociações que conduzirão à saída efetiva do Reino Unido da UE, o Brexit. Os cinco cenários para o futuro da UE pós-Brexit apontam para percursos possíveis da UE e das suas políticas comuns, embora neste momento as consequências do Brexit sejam imprevisíveis para o futuro da própria União.

## O Erasmus: retrospectiva e prospetiva

### Das origens à atualidade

O Erasmus foi criado em 1987 pela Direção-Geral da Educação e Cultura (DGEAC) da Comissão Europeia (CE) com o objetivo principal de apoiar o intercâmbio de estudantes do Ensino Superior no espaço europeu. A criação de um Sistema de Transferência de Créditos de Curso da UE foi decisiva para o crescimento da mobilidade de estudantes entre as IES europeias. Com efeito, a mobilidade apoiada pelo programa facultou aos estudantes a educação e competências necessárias para o desenvolvimento pessoal e realização profissional. O programa também tem contribuído para a construção da identidade europeia através de um reforço do sentimento de pertença a uma comunidade.

Os estudantes europeus do Ensino Superior tendem a mover-se por períodos relativamente curtos, geralmente de um semestre a um ano. Uma parte substancial da mobilidade destes estudantes é apoiada pelo Erasmus, que atribui financiamento para passarem parte do seu programa de licenciatura, mestrado ou doutoramento, numa instituição de outro Estado-Membro. Inclui-se também a possibilidade de realização de um estágio apoiado pelo Erasmus para estudantes do Ensino Superior e recém-graduados. O

Erasmus apoia igualmente a mobilidade de curta duração de pessoal docente e não docente do Ensino Superior.

A introdução de estágios no estrangeiro apoiados pelo Erasmus, em 2007, beneficiou muitos jovens, que pela primeira vez desenvolveram uma atividade de cariz profissional noutro país europeu, representando cerca de 22% do total de estudantes em mobilidade em 2013-14. Os docentes e pessoal não docente do Ensino Superior também têm contribuído para o sucesso do Erasmus, através de experiências de ensino e aprendizagem, práticas culturais e dinâmicas do mercado de trabalho.

Em 2014, surgiu o Erasmus+, herdeiro de mais de 25 anos de programas europeus nos domínios da educação, da formação e da juventude e desporto, abrangendo tanto uma dimensão intraeuropeia como uma dimensão de cooperação internacional.

Os objetivos do Erasmus+ são os seguintes<sup>9</sup>:

- Promover o desenvolvimento de uma Europa do conhecimento, a todos os níveis da educação e formação;
- Contribuir para a internacionalização e a excelência do ensino e formação na União Europeia, incentivando a criatividade, a inovação e o espírito empreendedor, e promovendo a igualdade, a coesão social e a cidadania ativa;
- Contribuir para alcançar os objetivos de crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da Estratégia Europa 2020, através do desenvolvimento do ensino pré-escolar, diminuição do abandono escolar, melhoria da formação profissional, aumento do número de licenciados na Europa, e aumento da empregabilidade de jovens e adultos.

O Erasmus+ apoia as atividades de educação, formação, juventude e desporto em todos os setores da aprendizagem ao longo da vida, incluindo o Ensino Escolar, Ensino e Formação Profissional, Ensino Superior, e Educação de Adultos, atividades para jovens e formação no âmbito do desporto amador. A dotação financeira indicativa do Programa é de 14,7 mil milhões de euros para o período 2014-20.

9. <https://erasmusmais.pt/erasmus-ef/objectivos#programa>

## As grandes áreas de educação e formação do Erasmus +

O Erasmus+ oferece oportunidades a jovens e adultos nas áreas de:

- Ensino Escolar para professores e outro pessoal de escolas básicas e secundárias;
- Ensino e Formação Profissional para estudantes, aprendizes, estagiários, formadores e outro pessoal, escolas e empresas;
- Ensino Superior para estudantes, professores e outro pessoal, instituições e empresas;
- Educação de Adultos para formadores, instituições e empresas;
- Integração em redes europeias para discentes, docentes e outro pessoal e para instituições académicas e formação.

Para além da mobilidade, o Erasmus apoia projetos de cooperação e o estabelecimento de relações mais fortes com o mercado de trabalho através de estágios em empresas e outras organizações no estrangeiro, valorizando experiências de aprendizagem não-formais, mas essenciais para a preparação e integração futura no mercado de trabalho.

Um dos principais objetivos do Erasmus+ consiste na promoção da igualdade e da inclusão através da facilitação do acesso aos participantes oriundos de grupos desfavorecidos e com menos oportunidades em comparação com os seus pares (deficiência, dificuldades educativas, problemas económicos, diferenças culturais, problemas de saúde, discriminação e perifericidade geográfica), sempre que essas desvantagens limitam ou impedem a participação em atividades transnacionais.

O Erasmus+ apoia os instrumentos da UE em matéria de transparência e reconhecimento de competências e qualificações. Um propósito comum destes instrumentos é o de assegurar que as competências e as qualificações possam ser mais facilmente reconhecidas e compreendidas, dentro e fora das fronteiras nacionais, em todos os subsistemas de educação e de formação, assim como no mercado de trabalho, independentemente de estas terem sido adquiridas no ensino e formação formais ou noutras experiências de aprendizagem: por exemplo, experiência de trabalho, voluntariado ou aprendizagem online.

O Erasmus+ está estruturado da seguinte forma:

### Ação-chave 1 – mobilidade individual

- Mobilidade de estudantes, docentes e outro pessoal;
- Mestrados Conjuntos Erasmus Mundus;
- Empréstimos para Mestrados Erasmus+.

### Ação-chave 2 – cooperação para a inovação e o intercâmbio de boas práticas

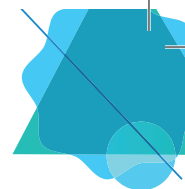
- Parcerias Estratégicas transnacionais;
- Alianças do Conhecimento entre IES e empresas;
- Alianças de Competências Setoriais;
- Projetos de Reforço de Capacidades;
- Plataformas de apoio a Tecnologias de Informação e Comunicação, como o portal eTwinning, a Plataforma Eletrónica para a Educação de Adultos na Europa (EPALE) e o Portal Europeu da Juventude.

### Ação-chave 3 – apoio à reforma de políticas

- A promoção do conhecimento nos domínios da educação, da formação e da juventude tendo em vista a definição e o follow-up de políticas bem fundamentadas;
- Iniciativas para estimular a inovação nas políticas, para promover o desenvolvimento de políticas entre as partes interessadas e para permitir que as autoridades públicas testem a eficácia de políticas inovadoras por meio de ensaios de campo baseados em metodologias de avaliação sólidas;
- O apoio a instrumentos políticos europeus para facilitar a transparência e o reconhecimento de competências e qualificações, assim como a transferência de créditos, para promover a garantia da qualidade e para apoiar a validação da aprendizagem não-formal e informal, a gestão de competências e a orientação.
- A cooperação com organizações internacionais dotadas de perícia e capacidades analíticas altamente reconhecidas (como a OCDE e o Conselho da Europa), com vista a reforçar o impacto e o valor acrescentado das políticas nos domínios da educação, da formação e da juventude;
- O diálogo com as partes interessadas e a promoção das políticas e do Programa envolvendo autoridades públicas, dos prestadores de Serviços e das partes interessadas nos domínios da educação, da formação e da juventude para aumentar a sensibilização para a Agenda Política Europeia.

### Atividades Jean Monnet

- Módulos Académicos, Cátedras e Centros de Excelência com o propósito de aprofundar o ensino de disciplinas de integração europeia no âmbito do currículo oficial das IES, e de conduzir, acompanhar e supervisionar a investigação de conteúdos relativos à UE também para outros níveis educativos, como a formação de professores e o ensino obrigatório;
- Debate político com o mundo académico;
- Apoio a associações, tendo em vista organizar e realizar as atividades estatutárias das associações que trabalhem no domínio dos estudos e dos temas da UE, e publicitar factos da UE entre um público mais alargado, a fim de promover uma cidadania europeia mais ativa.



## Desporto

- Parcerias de cooperação, destinadas a promover a integridade do desporto, a apoiar abordagens inovadoras para a aplicação dos princípios da UE sobre a boa governação no desporto, as estratégias da UE no domínio da inclusão social e da igualdade de oportunidades, com o objetivo de fomentar a participação no desporto e na atividade física e promover a aplicação das diretrizes da UE em matéria de carreiras duplas dos atletas;
- Eventos desportivos europeus sem fins lucrativos;
- Reforço da base factual para a elaboração de políticas;
- Diálogo com as partes interessadas competentes a nível europeu, concretizado principalmente no Fórum Anual Europeu do Desporto e no apoio a eventos desportivos sob a égide da Presidência, organizados pelos Estados-Membros da UE que exercem a Presidência.

## Mobilidade apoiada pelo Erasmus: factos e números

Nos últimos 30 anos, o balanço do Erasmus é francamente positivo - no total, mais de 4,4 milhões de estudantes do Ensino Superior efetuaram mobilidade. No primeiro ano do programa participaram cerca de 3.200 estudantes de 11 países europeus (Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido). A evolução tem sido assinalável, tendo ganho um novo fôlego em finais dos anos noventa no âmbito do Processo de Bolonha. Com efeito, a evolução constante da mobilidade apoiada pelo programa permitiu atingir, em 2013-14, um número impactante de 272.000 estudantes e 57.000 membros do pessoal docente e não docente em mobilidade em mais de 3.600 IES da União Europeia, Islândia, Macedónia, Noruega, Suíça, Turquia <sup>10</sup>. Informação de 2014-15 ilustra mais uma vez um aumento do número de estudantes em mobilidade (mais de 290.000) para estudos e estágio.

Em Portugal, o Erasmus apoiou, desde 1987, a mobilidade de mais de 100.000 estudantes e mais de 15.000 membros do pessoal docente e não docente do Ensino Superior (ANE+EF, 2017). Portugal recebeu sempre mais estudantes e pessoal de IES em mobilidade Erasmus do que enviou para IES de países parceiros. Com efeito, o acolhimento em Portugal é particularmente significativo, especialmente a partir do ano 2009/10, quando o número de estudantes de IES europeias em mobilidade no espaço nacional suplantou em mais de 1/3 o número de estudantes de IES portuguesas em mobilidade no estrangeiro no âmbito do Erasmus.

No âmbito do PALV, entre 2007 e 2013, foram aprovadas 876 candidaturas ao Erasmus, das quais 65% de mobilidade. Participaram anualmente 80 IES nacionais, que enquadraram a mobilidade para estudos e/ou estágios de

cerca de 2% de estudantes do Ensino Superior no período de vigência do PALV.

O Erasmus é essencialmente, mas não exclusivamente, um programa conhecido pelas mobilidades dos estudantes e do pessoal docente e não docente. No âmbito da mobilidade, consórcios e visitas preparatórias, o Erasmus apoiou, entre 2007-13, a mobilidade de cerca de 49.000 estudantes, docentes e outro pessoal do Ensino Superior, com grande relevo nas modalidades de estudo, estágio, docentes e pessoal em formação. Os projetos de mobilidade e consórcios Erasmus para a mobilidade custaram cerca de 75 milhões de euros, dos quais mais de 3 milhões destinaram-se a gestão dos projetos.

Os Programas Intensivos contribuíram para a internacionalização das IES nacionais, através da promoção de formação de parcerias entre IES europeias para o desenvolvimento de atividades inovadoras. Em Portugal, o PALV promoveu 97 projetos, envolvendo cerca de 3 mil estudantes (1/4 de IES nacionais) e mais de mil docentes (ANE+EF, 2017).

No período de implementação do PALV, cerca de 70% das IES nacionais obtiveram a Carta Universitária Erasmus: 90% eram IES públicas e 63% privadas. As IES de maior dimensão, em ambos os setores, aderiram ao programa, atestando a relevância do Erasmus nas estratégias de internacionalização do Ensino Superior em Portugal.

Entre 2008 e 2013, o número de consórcios apoiados pelo Erasmus aumentou de 2 para 15 em Portugal, envolvendo mais de 300 parceiros (IES, administração local, empresas, instituições sem fins lucrativo, etc.), de forma a promover a mobilidade para estágios de estudantes e recém-graduados e proporcionar uma experiência real com o mundo do trabalho em contexto internacional (ANE+EF, 2017).

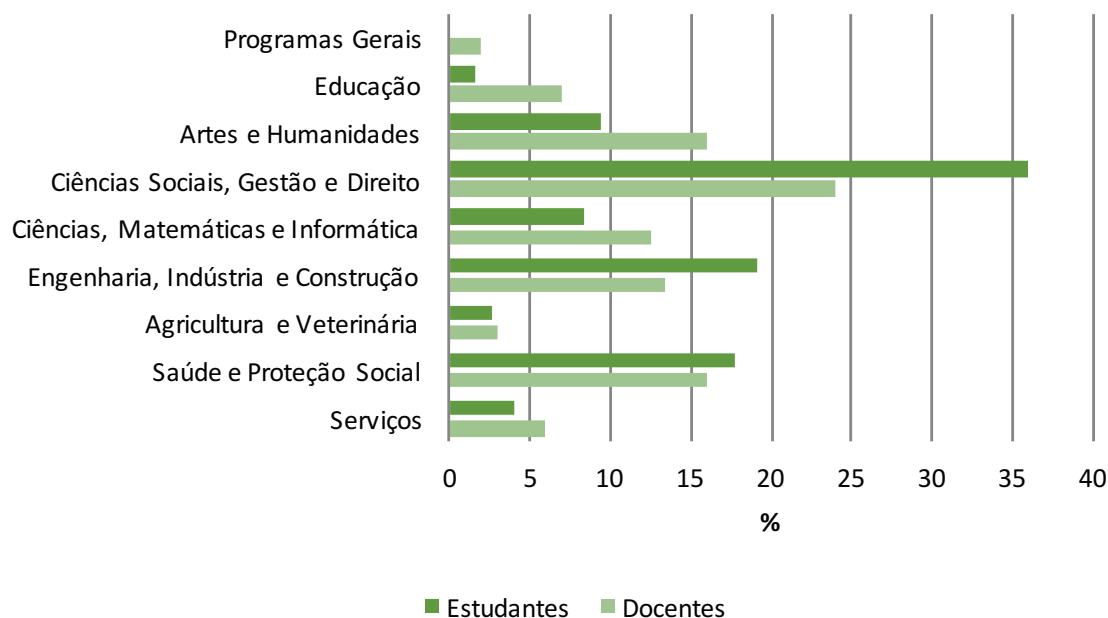
No âmbito do PALV, mais de 41 mil estudantes realizaram mobilidade apoiada pelo Erasmus, a grande maioria na modalidade de estudos (SMS), embora a mobilidade para estágios tenha crescido especialmente durante o período de maior intensidade da crise económica e financeira em Portugal. A mobilidade de estudantes é maioritariamente realizada durante o 1º ciclo (licenciatura), embora tenha diminuído de 82% para 69% entre 2007 e 2013, a favor da mobilidade realizada durante o 2º ciclo (mestrado). É praticamente insignificante a mobilidade dos estudantes de doutoramento, o que decorre da inserção de muitos destes estudantes em centros de investigação apoiados por outros instrumentos financeiros de apoio à internacionalização. A participação de pessoal docente e não docente foi crescendo ao longo do período, exceto em 2011, acentuando o esforço de internacionalização das IES portuguesas.

10. Erasmus. Facts, Figures and Trends, European Commission, 2015.

Figura 1 - Mobilidade de Estudantes e Pessoal Docente e não Docente 2007-13

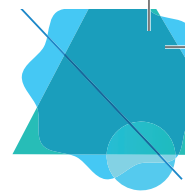


Figura 2 - Mobilidade de Estudantes e Docentes por área de estudo/ensino, 2007-13



Há um predomínio das Ciências Sociais, Gestão e Direito em Portugal, quer na mobilidade dos estudantes quer na dos docentes, embora mais atenuada neste grupo, durante o PALV. Entre os estudantes, são igualmente importantes as áreas da Engenharia, Indústria Transformadora e Construção e a Saúde e Proteção Social. No caso dos docentes, esta última área de ensino é a segunda com maior represen-

tação, surgindo em seguida as Artes e Humanidades. Esta ligeira divergência pode resultar de diferenças de mobilidade entre os ciclos de estudo e de acordos interinstitucionais das IES (ANE+EF, 2017). No essencial, estes resultados relacionam-se diretamente com a distribuição do universo de estudantes do Ensino Superior por áreas de estudo e ensino em Portugal.



A geografia da mobilidade promovida pelo Erasmus ilustra a preponderância de Espanha e de Itália em todas as modalidades (estudo – 38%, estágios – 51% e docentes em missões de ensino – 41%). A proximidade geográfica e cultural, bem como a boa qualidade das IES e ainda das amenidades destes países, justificam a atração de estudantes e docentes das IES portuguesas.

De resto, Espanha é o principal país de destino de estudantes e pessoal de IES no âmbito do Erasmus. A Polónia ocupa uma posição de destaque na mobilidade de estudantes na modalidade SMS e é igualmente importante para a mobilidade dos docentes, embora França ocupe o 3º lugar neste tipo de mobilidade. Destaque-se a atração exercida pelas instituições do Reino Unido para os estudantes em estágio (SMT), logo seguida pela França, onde há menos barreiras linguísticas e são mercados de trabalho muito atrativos, especialmente o britânico para os estudantes e recém-graduados da área da Saúde e Proteção Social. A Alemanha ocupa a 6ª posição no destino em todas as mobilidades, não fazendo assim jus à relevância da qualidade das IES e do tecido empresarial. Este afastamento pode resultar das barreiras culturais e sobretudo linguísticas, aspeto que parece ter sido ultrapassado na Polónia e na República Checa devido à adoção da língua inglesa no ensino a estudantes estrangeiros.

Múltiplos estudos internacionais e nacionais confirmam a relevância da realização de um período de estudo ou formação numa organização estrangeira para a empregabilidade. Com efeito, os estudantes que realizam mobilidade têm o dobro da probabilidade de encontrar um emprego um ano após a graduação comparado com os que não realizaram mobilidade, facto que certamente reforça a atratividade e sucesso do programa <sup>11</sup>.

Em Portugal, os aspetos mais valorizados pelos estudantes que realizaram mobilidade em 2007-2013 são, de uma forma geral, a experiência pessoal, social e cultural (ANE+EF, 2017). Destacaram igualmente a maior predisposição para trabalhar noutro país europeu. Em geral, ficaram muito satisfeitos com a mobilidade realizada, o que faz do Erasmus um dos principais programas europeus e simultaneamente um dos que tem maior visibilidade entre os cidadãos europeus.

---

11. From Erasmus to Erasmus+: a story of 30 years, European Commission, 2017.



# Mobilidade Internacional dos Estudantes: enquadramento teórico

**A mobilidade dos estudantes e do pessoal docente e não docente está alinhada com objetivos de desenvolvimento económico, inovação e tecnologia, num quadro de aprofundamento da integração política europeia, destacando-se os seguintes aspetos:**

- Os países, instituições e indivíduos com maior sucesso na produção de conhecimento têm vantagens na economia global do conhecimento. As IES são centrais para as agendas de inovação e competitividade.
- O incremento da mobilidade dos estudantes relaciona-se com a internacionalização dos sistemas económicos e políticos, bem como se associa aos imaginários sociais de cada pessoa e pode contribuir para a formação da identidade.
- A relação entre uma experiência de estudo no estrangeiro e a obtenção de vantagens de integração no mercado de trabalho decorre da maior valorização dada pelos empregadores a experiências internacionais, nomeadamente no âmbito do Erasmus.
- A internacionalização do Ensino Superior passou de uma abordagem reativa a uma abordagem estratégica pró-ativa; de uma atividade com valor acrescentado a uma prioridade estratégica.
- É reconhecido o papel do Erasmus na internacionalização e no aumento da participação das IES em redes e projetos internacionais de ensino e formação, investigação e mesmo no plano institucional.
- O Erasmus tem suportado inúmeras ações de internacionalização das IES, incluindo projetos multilaterais para o desenvolvimento curricular, modernização do Ensino Superior, campi virtuais e redes académicas e não-académicas.
- Nem todas as IES conseguem integrar redes formadas por instituições de elevada reputação e assim beneficiar da troca de experiências benéfica para a melhoria do ensino. É relevante promover a dimensão colaborativa interinstitucional para a melhoria da qualidade global do sistema de Ensino Superior europeu.
- O Ensino Superior fez grandes progressos no processo de internacionalização, quer na vertente da produção e disseminação de conhecimento quer no estabelecimento de redes de cooperação com outras congéneres internacionais, sem esquecer o aumento sem precedentes na mobilidade de docentes e investigadores e de estudantes (com apoio significativo do Erasmus).



## Internacionalização do sistema de educação

A mobilidade estudantil na Europa está alinhada com objetivos de desenvolvimento económico e imperativos de ordem política, respetivamente o aprofundamento da economia do conhecimento na Europa e a formação de uma identidade europeia (King e Ruiz-Gelices, 2003).

### A Europa, globalização e sociedade do conhecimento

A evolução tecnológica nos transportes e nas comunicações tem suportado o crescimento sem precedentes de fluxos financeiros e de bens, pessoas e informação à escala global. Pela sua escala e significado económico, social e político, os fluxos transfronteiriços representam algo profundamente novo para as sociedades contemporâneas. A globalização do sistema financeiro, a magnitude geográfica das redes de produção, a formação de mercados globais e a ascensão das empresas transnacionais são alguns dos elementos mais significativos das transformações do sistema económico mundial (Sassen, 2001; Scott, 2001; Taylor, 2007).

O conhecimento é um fator decisivo para o progresso tecnológico e inovação (Foray, 2000). No início dos anos 1970, Bell (1973) anunciava o advento da sociedade do conhecimento pautado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Foray (2000) propõe o termo economia do conhecimento para esta nova fase simplesmente porque é progressivamente mais importante a proporção de empregos em sectores intensivos em conhecimento e estas atividades são um fator determinante para a competitividade. Estes desenvolvimentos refletem-se no aumento de empregos na produção, processamento e transferência de conhecimento e de informação.

O conhecimento é indispensável para a competitividade das empresas e dos territórios nas economias mais avançadas. É impossível dissociar a emergência da economia do conhecimento do processo de globalização (Vale, 2009: 11). Assiste-se ao aumento da intensidade dos fluxos de bens, informação, capital e pessoas, em resultado da evolução tecnológica das redes de transporte e de comunicação (internet). Esta aceleração expõe as empresas e os territórios a um novo modelo de competitividade global. A mobilização sistemática e contínua de conhecimento é essencial para a inovação e competitividade na economia global. A aposta em políticas de ciência e tecnologia têm contribuído para um aumento do stock de conhecimento e para o reforço dos processos de aprendizagem.

Desde os anos oitenta que diversas políticas convergem na resposta às necessidades de transformação da Europa em múltiplas vertentes decorrentes da globalização. As estratégias e políticas da UE tornam-se ainda mais expli-

citadas com a aprovação da Estratégia de Lisboa em 2000, com o objetivo de transformar a economia da União Europeia “na economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo, antes de 2010, capaz de um crescimento económico duradouro acompanhado por uma melhoria quantitativa e qualitativa do emprego e uma maior coesão social”. Entre outras dimensões, as políticas dos Estados-membro e da Comissão Europeia deveriam responder às necessidades da sociedade de informação e apostar na investigação e desenvolvimento (I&D), acelerando reformas estruturais de estímulo à competitividade e inovação na Europa.

Apesar da dificuldade de concretização dos objetivos da Estratégia de Lisboa (European Commission, 2010), a dimensão do conhecimento e da inovação é um dos três pilares da estratégia Europa 2020. Com efeito, a Europa visa criar um “crescimento inteligente” que pressupõe apostas em matéria de educação, investigação e inovação e da sociedade digital, de forma a criar emprego e garantir um crescimento económico que permita sustentar o modelo social europeu num quadro de forte competitividade da economia global.

Esta aposta dos países da UE tem implicações visíveis no sistema de ciência e tecnologia europeu, com reorientações estratégicas de programas de investigação e aposta renovada na mobilidade de académicos e estudantes no espaço europeu. Os países, instituições e indivíduos com maior sucesso na produção de conhecimento estão mais bem situados para prosperar na economia global do conhecimento. As IES são centrais para agendas de inovação e competitividade, como resultado da produção e transferência de conhecimento tecnológico, formação, atração e emprego de profissionais altamente qualificados cujas atividades geram benefícios sociais e económicos.

### A mobilidade internacional dos estudantes: empregabilidade, estatuto social, identidade e espaço

Estas transformações globais têm obviamente uma expressão geográfica diferenciada, embora a maior facilidade e rapidez e o menor custo relativo das comunicações e transportes tenham vindo a aumentar a capacidade e predisposição para a mobilidade das pessoas. Com efeito, o incremento da mobilidade relaciona-se com a internacionalização dos sistemas económicos e políticos, assim como se vincula aos imaginários sociais de cada pessoa, (in)formados pela sua consciência subjetiva das oportunidades globais (Rizvi, 2009), decorrente da difusão da cultura global através dos media, cinema, jogos e Internet. A mobilidade pode contribuir para a formação da identidade, especialmente entre os mais jovens, mesmo que seja por um período relativamente curto ou decorra num quadro de maior proximidade geográfica.

Os estudantes constituem um grupo específico entre as pessoas que realizam algum tipo de mobilidade internacional. Com efeito, não são emigrantes que procuram melhores condições de vida noutro país ou escapam de repressão política nos seus países de origem e também não se confundem com os que são obrigados a deslocar-se em resultado de catástrofes naturais ou de conflitos armados. Por outro lado, não se deslocam no mundo de forma fácil como os cidadãos com dupla nacionalidade ou aqueles que têm carreiras internacionais no mundo empresarial ou desempenham funções políticas ou técnicas em organizações internacionais. De facto, não são ainda bem conhecidas as mobilidades dos estudantes internacionais, apesar de alguns esforços recentes, com destaque para o trabalho *Student mobilities, migration and the internationalization of higher education*, de Brooks e Waters (2011).

Na publicação referida, as autoras elaboram uma proposta de quadro conceptual assente em quatro dimensões analíticas, que apresentamos em seguida:

- i. Empregabilidade e a relação entre o estudo no estrangeiro e vantagens no mercado de trabalho;
- ii. O papel da mobilidade estudantil na reprodução da vantagem social no âmbito familiar;
- iii. A construção de identidades “cosmopolitas”;
- iv. A dimensão geográfica dos processos de educação.

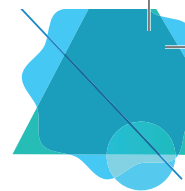
Os recém-graduados enfrentam uma competição intensa no acesso ao mercado de trabalho para profissões qualificadas, em virtude do seu congestionamento, que se reflete numa transição cada vez mais prolongada entre a universidade e o mundo do trabalho. Em resposta a estas dificuldades, um número crescente de estudantes tem vindo a adotar estratégias de diferenciação na formação, que passam por uma avaliação mais criteriosa do estatuto e da qualidade da universidade, pelo envolvimento em atividades extracurriculares e pelo prosseguimento de estudos de pós-graduação. O estudo no estrangeiro constitui também uma estratégia pertinente para potenciar a empregabilidade ao nível individual, especialmente para aqueles que pretendem seguir uma carreira internacional, o que se compreende atendendo às oportunidades crescentes no mercado de trabalho global e europeu. Acresce ainda que o estudo no estrangeiro propicia a aquisição de competências e experiências de vida que extravasam a formação académica e que são muito valorizadas pelos empregadores (e também pelos próprios diplomados) (Waters, 2007). Na secção seguinte desenvolve-se esta temática de grande relevância para o espaço europeu. A mobilidade estudantil ganha uma nova centralidade nas estratégias de reprodução da vantagem social no âmbito familiar. A acumulação de capital cultural por via do envolvimento das famílias na educação dos descendentes é sobejamente conhecida (Bourdieu, 1979). Na verdade, as famílias urbanas mais afluente projetam o seu estatuto e suas aspirações na educação dos filhos, procurando

apetrechá-los com os recursos sociais e educacionais considerados necessários para uma vida futura adequada a um determinado estatuto social (Brooks & Waters, 2011). É neste quadro que a realização de um período de estudos no estrangeiro pode ser entendida, entre outras, como uma estratégia que as famílias adotam para reforçar o capital cultural dos descendentes.

A globalização também pode ser entendida como uma ideologia que encobre várias expressões de poder e interesses políticos específicos. Rizvi e Lingard (2010) argumentam que a formação de grandes blocos políticos coloca desafios aos Estados-nação e estimula a formação de novas formas de cidadania associadas a uma nova ordem pós-nacional. Os autores sustentam também que a globalização configura igualmente um “imaginário social” que expressa o sentido de identidade individual relacionada com o mundo à sua volta. Este imaginário está associado à circulação global de novas ideias cujas noções as mais das vezes se manifestam normativamente nas práticas e nas políticas.

Segundo Brooks e Waters (2011), num contexto de globalização, a construção de identidades “cosmopolitas” alude à abertura aos povos, lugares e experiências de diferentes culturas, em que as preocupações e experiências quotidianas locais incluem assuntos de índole global. A mobilidade estudantil internacional pode facilitar as aprendizagens sobre outras culturas e facilitar o entendimento da “diferença” e do “outro”. A imersão numa cultura diferente, ainda que num período limitado no tempo, melhora a consciência cultural dos estudantes e contribui para o desenvolvimento de uma perspetiva europeia e internacional. A longo prazo, esta aprendizagem e experiência poderão minimizar riscos de isolacionismo, protecionismo e xenofobia (CEC, 2009). Podem elencar-se, no entanto, algumas advertências à associação de um período de estudos no estrangeiro e à formação de uma identidade “cosmopolita”. Desde logo, os estudantes internacionais podem ter dificuldade de integração nas culturas dos países de acolhimento, confinando-se a experiência à comunidade internacional de estudantes, em que a comunicação é marcada pela utilização da língua inglesa mesmo nos países não-anglófonos. Seguindo a argumentação de Mitchell (2003), mais importante nas estratégias de mobilidade internacional dos estudantes que a formação de novas identidades fundadas em ideais de “unidade na diversidade” são as motivações com a empregabilidade numa economia global.

Tal como tem vindo a ser sublinhado pelos geógrafos, os processos de educação relacionam-se com o contexto espacial. Na verdade, os fatores estruturais de sucesso da aprendizagem estão diretamente vinculados às comunidades locais. Num quadro de um mundo globalizado, Brooks e Waters (2011) interrogam-se em que medida os espaços transnacionais podem desempenhar um



papel relevante nos processos de educação. A educação, estrutura social e mobilidade espacial estão intimamente relacionadas e é neste quadro que se podem entender as tendências recentes da mobilidade internacional estudantil.

## Empregabilidade e a relação entre o estudo no estrangeiro e vantagens no mercado de trabalho na Europa

Essencialmente esta dimensão ocupa-se da questão do efeito da mobilidade internacional dos estudantes na empregabilidade, aspeto central na avaliação do sucesso de um programa que visa deliberadamente a formação e sustentabilidade de redes de Ensino Superior na Europa. A verificação da associação entre mobilidade internacional e empregabilidade é um resultado positivo que contribui para a atração de estudantes e assim estimula efetivamente o desenvolvimento de redes entre as IES.

A relação entre uma experiência de estudo no estrangeiro e maiores vantagens no mercado de trabalho poderá estabelecer-se, fundamentalmente, devido a dois mecanismos:

- uma maior valorização dada pelos empregadores a experiências de estudo no estrangeiro, nomeadamente no âmbito dos Programas Erasmus (Van Mol, 2016);
- uma maior inclinação dos recém-licenciados com experiência de formação no estrangeiro para procurar emprego fora do seu país de origem, alargando-se e potenciando-se desta forma as oportunidades de integração no mercado de trabalho.

Em relação ao primeiro mecanismo, apesar de em alguns contextos se observar uma valorização positiva atribuída pelos empregadores a experiências de estudo no estrangeiro, constituindo estas um fator de vantagem no mercado de trabalho (Brooks & Waters, 2011: 11), alguns autores têm realçado que esta valorização não é universal, generalizável a vários contextos, nem linear (Brooks & Waters, 2011: 12; Van Mol, 2016).

A perspetiva política da União Europeia sobre a mobilidade estudantil enfatiza um conjunto de competências que são adquiridas individualmente através desta experiência e que se consideram uma vantagem no mercado de trabalho: independência, resiliência, autonomia, competências linguísticas e interculturais, capacidade de comunicação, decisão, análise e resolução de problemas, trabalho em equipa, desenvolvimento de um interesse pela mobilidade profissional (Brooks & Waters, 2011: 73; Van Mol, 2016: 58). No entanto, não é claro que estas competências sejam valorizadas pelos empregadores europeus no momento da contratação. Apesar de um estudo sobre o impacto do Erasmus concluir que a taxa de desemprego dos estudantes móveis ser inferior à dos estudantes não móveis cinco anos

após a formatura, é um facto que o mesmo estudo salienta que os empregadores nem sempre reconhecem ou dão relevo à formação numa IES no estrangeiro (Brandenburg et al., 2014)

No estudo desenvolvido por Van Mol (2016: 52), o autor destaca precisamente a pouca importância que tem sido atribuída à visão dos empregadores, desconhecendo-se em larga medida a sua visão relativamente às experiências internacionais. Neste estudo, o autor recorre aos dados do Flash Eurobarometer “Employers’ perception of graduate employability” para aprofundar esta dimensão até então negligenciada e conclui que:

- os empregadores valorizam experiências internacionais no que diz respeito às competências linguísticas e à capacidade de decisão, quando estas se encontram entre os requisitos para a contratação, mas a mesma valorização não ocorre com as restantes competências mencionadas. Ou seja, nos casos em que o empregador procura recrutar alguém com outros atributos a experiência internacional não constitui à partida um fator de vantagem;
- boas experiências com o recrutamento de recursos humanos com experiência de formação internacional aumentam a probabilidade de contratar outros, com a mesma experiência, no futuro;
- apenas uma minoria dos empregadores europeus classifica a experiência de estudo internacional como importante (visão também transmitida em trabalhos realizados junto de estudantes internacionais, v. por exemplo Fonseca et al. (2016), onde esta questão também é abordada, ainda que de forma exploratória e ainda inconclusiva relativamente aos estudantes internacionais brasileiros. No entanto, existem variações importantes entre os diversos países europeus e os empregadores nos países do Sul da Europa encontram-se entre os que mais valorizam as experiências de formação internacionais;
- o valor atribuído aos estágios no estrangeiro é superior (com alguma variação geográfica) ao que é atribuído ao estudo no estrangeiro (Van Mol 2016: 58). O autor destaca ainda algumas limitações decorrentes do nível agregado de recolha dos dados, designadamente no que diz respeito aos tipos e duração da experiência internacional, justificando-se um aprofundamento desta perspetiva no caso português.

Relativamente à segunda questão, da ligação entre uma experiência de formação no estrangeiro e uma maior inclinação para a prossecução de oportunidades de trabalho numa perspetiva europeia, esta relação inscreve-se diretamente no projeto de construção europeia. Existe o argumento de que a mobilidade estudantil que a União Europeia tem promovido pretende também criar um novo tipo

de 'elite', móvel no espaço europeu e um ator privilegiado do processo de integração (Brooks & Waters 2011: 73).

Em geral, nos estudos das migrações existe o argumento de que quem já migrou terá mais probabilidade de migrar novamente (Mulder & Van Ham 2005: 175) e, nesse sentido, é razoável pensar-se que quem já teve uma experiência migratória como estudante (mesmo que esta seja de curto prazo), terá maior probabilidade de voltar a migrar, nomeadamente para tirar partido das ofertas de trabalho disponíveis noutros países europeus. Até ao momento, a evidência existente parece indicar que quem tem experiência de estudo no estrangeiro também tem maior probabilidade de trabalhar noutro país após a conclusão da licenciatura (Brooks & Waters 2011: 93). Parey e Waldinger (2011) indicam por exemplo que uma experiência de estudo internacional pode aumentar cerca de 15 pontos percentuais a probabilidade de vir a trabalhar no estrangeiro. Os autores destacam também a importância de se analisar a relação entre a experiência de estudo, nomeadamente o país e a Instituição de Ensino Superior em que esta ocorreu, e a mobilidade laboral futura, uma vez que a probabilidade de regresso ao local de estudo é alta.

No entanto, também neste domínio poderão ocorrer diferenças entre países, justificando-se também um aprofundamento da análise para Portugal. Questões a explorar seriam: que percentagem de licenciados com experiências internacionais (Programas Erasmus, por exemplo) trabalha atualmente fora (e em que países e profissões) comparativamente com estudantes sem esta experiência? Entre os trabalhadores qualificados portugueses no estrangeiro, existem diferentes trajetórias e vivências entre quem teve uma experiência Erasmus e quem não teve?

Na mesma linha de pensamento, poder-se-ia examinar-se a capacidade de Portugal para captar anteriores estudantes Erasmus para o seu mercado de trabalho. Principalmente tendo em atenção que uma das prioridades de política migratória é a captação de talento (Programa Estratégico para as Migrações 2015-2020).

### **Mobilidade de pessoal docente e não docente do ensino superior**

A bibliografia sobre a mobilidade de pessoal do Ensino Superior é escassa e foca essencialmente a mobilidade dos doutorados. A mobilidade sempre foi uma característica importante da academia. A mobilidade dos profissionais altamente qualificados está a aumentar, sendo apoiada implícita ou explicitamente em muitos países por políticas de migração de docentes e investigadores. As universidades desempenham um papel ativo na captação destes profissionais indispensáveis na economia do conhecimento.

Musselin (2004) estudou a mobilidade académica intraeuropeia e concluiu que os sistemas académicos e os mercados de tra-

balho nacionais, devido às suas especificidades historicamente enraizadas, inibiam a mobilidade académica de longo prazo na Europa, muito dependente, deste modo, do contexto e circunstâncias várias.

A mobilidade de académicos e cientistas tende a ser auto-organizada e motivada pelo acréscimo de prestígio e credibilidade. É um processo de networking e de ampliação do espaço social, estimulado por um desejo de socialização profissional, e neste sentido, difere da mobilidade de outros grupos profissionais (gestores, técnicos qualificados, etc.) (Bauder, 2015). O mesmo autor refere que outros estudos destacam a natureza temporária da mobilidade dos académicos. A importância das licenças sabáticas na academia, bem como a mobilidade apoiada por bolsas de curta duração, apoia a permanência no estrangeiro.

A mobilidade internacional é particularmente valorizada pelos pós-doc, devido à forte competição por uma posição estável no mercado de trabalho e à necessidade de bem assim melhorar o CV. Verifica-se um decréscimo da mobilidade dos académicos com o aumento da idade e de antiguidade na carreira, em resultado de maior estabilidade profissional.

Bauder (2015) refere que, ao contrário de outros segmentos do mercado de trabalho, as restrições de mobilidade específicas de género resultam na sub-representação de pessoal académico do género feminino na mobilidade internacional. Dados relativos ao Erasmus ilustram este facto na vertente da mobilidade do pessoal docente (44,1% do sexo feminino), não se verificando no caso do pessoal não docente (65,6%) em 2013-14.<sup>12</sup>

No caso europeu, a mobilidade de pós-doc tem uma expressão significativa, colaborando nas atividades de investigação de universidades e de empresas. Usufruem de direitos de residência nos países para onde se mudaram e muitas vezes regressam ao país de origem ou mesmo não o fazendo conservam redes de investigação internacionais, com frequência beneficiando as instituições do país de origem. Esta rede de expat constitui um fator de qualificação das redes de Ensino Superior e de investigação em países de desenvolvimento intermédio e menos desenvolvidos, pois geram fluxos de conhecimento que são ancorados nas regiões de origem (Vale & Carvalho, 2013).

No quadro do Erasmus, a mobilidade do pessoal docente e não docente enquadra-se frequentemente nas orientações estratégicas de internacionalização das unidades do sistema de Ensino Superior. Em geral, estas valorizam a mobilidade do seu pessoal, em especial do corpo docente, devido à possibilidade de introduzir melhorias e inovações curriculares que possam beneficiar os estudantes não-móveis. Outras vantagens decorrem da possibilidade de criar e desenvolver redes de cooperação para a oferta de formação avançada ou mesmo potenciar a integração dos docentes em várias iniciativas de investigação (projetos,

12. Erasmus. Facts, Figures and Trends, European Commission, 2015.



publicações, organização de eventos...). Num inquérito realizado num estudo sobre a mobilidade de docentes e outro pessoal no Erasmus por Enders e Teichler (2005), os docentes referem a importância moderada da mobilidade nas vertentes do contacto com outros métodos de ensino, do estabelecimento de contactos para desenvolvimento de investigação e de melhoria da carreira profissional. Não há, no referido estudo, indicações de um grande impacto da mobilidade do pessoal docente, no entanto é visto positivamente como um dos elementos que mais contribuem para um reforço da dimensão europeia e internacional no sistema de Ensino Superior.

Kruss et al. (2015) afirmam mesmo que o papel dos atores e as suas interações em redes são tão importantes como a estratégia da instituição de Ensino Superior. Networking é uma atividade essencial no meio académico, considerando-se uma forma essencial de comunicação e promoção do trabalho académico. É de facto uma necessidade que se amplifica através da utilização de redes sociais e de plataformas específicas para partilha de conhecimento. Muitos académicos consideram que a integração em redes, pessoais, institucionais, físicas ou digitais, é vital para a sua progressão na carreira, especialmente para os professores e investigadores no início de carreira.

### **Europeização do Ensino Superior: formação e desenvolvimento de redes**

Desde os anos oitenta que os programas de cooperação e mobilidade contribuem para a internacionalização do sistema de Ensino Superior na Europa. A Comissão Europeia tem desempenhando ativamente uma atividade de harmonização do sistema de Ensino Superior na Europa, com sucessivas iniciativas de política, tais como a Declaração de Sorbonne (1998), Declaração de Bolonha (1999) e a Estratégia de Lisboa (2000), a ponto de Keeling (2006) afirmar que o Ensino Superior se está a constituir como uma área de política europeia.

Apesar de se tratar de uma competência dos Estados-membros, a educação superior tem sido uma área de atuação da Comissão, desde logo através da criação e desenvolvimento do Erasmus, que intensificou a sua intervenção particularmente nas áreas de transferência de créditos e de formação de redes de IES. O primeiro programa de trabalho no domínio da educação e formação tinha como objetivos melhorar a qualidade e eficiência, facilitar o acesso e abrir os sistemas de educação nacionais ao mundo. A influência da Comissão alargou-se com o processo de Bolonha e com os objetivos de política associados à economia do conhecimento estabelecidos pela Estratégia de Lisboa, que vieram reorientar a política de investigação científica europeia. A regulamentação europeia, as organizações da UE e o desenvolvimento de uma sociedade transnacional são,

no seu conjunto, manifestações da Europeização do Ensino Superior (Beerkens, 2008).

O expressivo aumento da mobilidade de estudantes e de docentes entre IES europeias e a cooperação académica em conjugação com a criação de outros instrumentos de política, tais como os programas-quadro, a agência European Research Council (ERC) e o European Institute of Technology (EIT) consolidaram o papel das instituições europeias na paisagem do Ensino Superior na Europa. Não desprezível neste processo, terá sido ainda o conjunto de esforços no sentido do reconhecimento de qualificações (ECTS- European Credit Transfer and Accumulation System) ou direitos de residência dos estudantes, ou mesmo as leis gerais de trabalho contra a discriminação, que permitiram financiar e admitir estudantes internacionais europeus nas IES (Beerkens e Vossensteyn, 2011).

A internacionalização do Ensino Superior passou de uma questão reativa para uma questão estratégica pró-ativa, de uma atividade com valor acrescentado para uma prioridade estratégica, tendo visto o seu foco, abrangência e conteúdo mudar substancialmente ao longo dos últimos 25 anos (De Wit, 2010: 5). Podem resumir-se as principais mudanças da seguinte forma (Altbach et al. 2009):

- o sistema de ensino europeu acentuou a competitividade e diversificou as formas de internacionalização, que passaram a constituir um critério de avaliação de qualidade das IES;
- a ascensão do inglês como língua dominante da comunicação científica é inédita (só comparável ao latim na Idade Média, mas a uma escala muito menor);
- as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) criaram um meio universal e instantâneo de comunicação científica simplificada;
- a concentração da propriedade de editores, bases de dados e outros recursos importantes nas mãos de universidades mais fortes e de algumas empresas multinacionais aumentou.

De acordo com Beerkens e Vossensteyn (2011), o impacto do Erasmus no estabelecimento e desenvolvimento de redes entre IES é muito relevante. Com efeito, as redes suportadas pelo Erasmus beneficiaram as IES envolvidas: é reconhecido o papel do Erasmus na internacionalização e no aumento da participação das IES em redes e projetos internacionais (ensino, investigação e mesmo no plano institucional).

O impacto do Erasmus nas universidades europeias não pode ser visto isoladamente, mas no contexto de uma tendência mais geral de internacionalização, especialmente no que diz respeito à organização e gestão nas IES. O Erasmus tem apoiado inúmeras ações de

internacionalização das IES, incluindo projetos multilaterais para o desenvolvimento curricular, modernização do Ensino Superior, campi virtuais e redes académicas e não-académicas. Apesar das universidades apresentarem distintos níveis de internacionalização, o fortalecimento de redes internacionais e o reforço da cooperação interinstitucional são considerados benéficos virtualmente por todas as IES. Beerkens e Vossensteyn (2011) consideram que a internacionalização afeta não apenas a estrutura organizacional. Com efeito, a internacionalização do currículo, diplomas duais ou em conjunto e colaboração em redes de investigação afetam as principais atividades das universidades.

No âmbito do Erasmus, as universidades têm ajustado as suas estruturas e políticas para acomodar estudantes móveis e pessoal docente tendo como objetivo, para além do desenvolvimento curricular, o estabelecimento e reforço de parcerias e redes com outras instituições congêneres.

O papel do Erasmus na área de mobilidade, redes e cooperação tem sido decisivo para as IES europeias. Num estudo recente, 42% dos coordenadores nacionais do Erasmus reconhece o papel do programa nas redes internacionais, bem como no aumento da participação em projetos internacionais (34%) (Beerkens e Vossensteyn, 2011). Esta opinião é ainda reforçada pelos responsáveis institucionais: 67% dos representantes das instituições enormes progressos no aumento da participação em redes e projetos internacionais no ensino e na investigação.

Naturalmente, outros programas apoiam o desenvolvimento de redes no Ensino Superior, atuando em conjugação com o Erasmus, mormente os programas-quadro de investigação. A potenciação dos efeitos dos instrumentos disponíveis para a formação e expansão das redes requer estratégias de investimento e de cooperação alinhadas com o perfil de investigação das IES, de forma a desenvolver redes de investigação conjuntas alicerçadas em infraestruturas e equipamentos de investigação de elevada qualidade e em trajetórias de carreira académica atrativas.

Há, no entanto, o risco das IES mais dinâmicas se distanciarem das restantes, devido a desigual dotação e qualidade dos recursos e infraestruturas, o que poderá conduzir a uma estratificação académica entre as IES na Europa, certamente com reflexos negativos para o desenvolvimento das regiões menos desenvolvidas da UE. A geografia do Ensino Superior e investigação está a mudar, passando da prioridade baseada das fronteiras nacionais para uma assente no agrupamento de talentos, favorecendo as regiões mais dinâmicas (Beerkens e Vossensteyn, 2011).

Na União Europeia, a materialização destas tendências globais não obliterou, por enquanto, a lógica tradicional de cooperação no sistema de Ensino Superior, muito em particular devido à participação das IES em programas como o

Erasmus, sendo excessivo advogar que se passou de uma lógica cooperativa para outra competitiva. Não obstante, verificam-se importantes diferenças entre universidades na Europa (De Wit, 2010), como maior enfoque da primeira lógica na Europa do Sul e da segunda no norte da Europa.

Para além da diferenciação dos contextos territoriais, também a diferenciação entre modelos de organização, áreas científicas e ciclos de estudo se traduz em níveis de internacionalização variáveis e em distintos níveis de qualidade. Por outras palavras, a internacionalização manifesta-se em formas e processos de intensidade variável e com diferentes significados, parecendo prematuro o anúncio de um sistema de ensino europeu estandardizado. Contudo, em razão do processo de harmonização e da aceitação generalizada de critérios semelhantes de avaliação do sistema de ensino europeu (internacionalização, publicações, projetos com financiamento competitivo, empregabilidade, sistema de créditos, avaliação de qualidade...) é razoável admitir que está em curso a europeização do sistema do Ensino Superior. À medida que as universidades se tornam mais transnacionais, maior a necessidade de mecanismos de governança internacionais. A compatibilidade dos sistemas de Ensino Superior, a transparência da qualidade do ensino e a comparação de qualificações tornam-se indispensáveis para a mobilidade de estudantes e pessoal docente e não docente entre as IES na Europa. Estas necessidades desencadearam diversas respostas, tais como a reforma de Bolonha relativa aos graus académicos, o sistema de créditos ECTS, o Quadro Europeu de Qualificações e a institucionalização de sistemas de avaliação de qualidade do Ensino Superior, promovido pela European Association for Quality Assurance in Higher Education (Beerkens e Vossensteyn, 2011). Estas transformações retratam o que designamos por europeização do sistema de Ensino Superior.

As redes de IES podem funcionar como "clubes", fechados a outras IES que não integram o grupo. Há um balanço que qualquer IES tende a fazer aquando da decisão de integrar uma rede: vantagens da colaboração e competitividade intrínseca da universidade. Algumas IES têm dificuldade em integrar redes formadas por instituições de elevada reputação e assim beneficiar da troca de experiências benéfica para a melhoria do ensino. Evidentemente que o Erasmus é um programa aberto, estimulando as IES a colaborar com universidades diferenciadas do ponto de vista da qualidade, mas importa promover a dimensão colaborativa interinstitucional para a melhoria da qualidade global do sistema de Ensino Superior europeu.

### **Internacionalização do ensino superior português**

O relatório sobre o sistema de Ensino Superior elaborado pela OCDE em 2006 e publicado em 2007 destaca a internacionalização como um processo essencial para a melhoria do ensino e da investigação em Portugal. A



internacionalização das IES na vertente do ensino encontra-se relacionada com a difusão da língua portuguesa no mundo, especialmente em África (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe), Brasil e Timor-Leste. Vinha ganhando expressão a presença de estudantes europeus como resultado da integração de Portugal na EU.

A internacionalização do sistema de Ensino Superior português assenta numa combinação de opções estratégicas. Segundo o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), as principais dimensões da internacionalização compreendem a mobilidade de estudantes, docentes e pessoal não docente, a atração de estudantes estrangeiros, o recrutamento de docentes e investigadores com graus obtidos em IES estrangeiras, a criação de programas/cursos conferentes de graus em associação, a colaboração em projetos científicos internacionais e, por fim, a colaboração em publicações científicas.

Para além do envolvimento das IES nos diversos programas europeus e internacionais, entre os quais se destaca o Erasmus, a política de promoção de internacionalização das IES nacionais tem vindo a ganhar um novo folego, especialmente com a criação do estatuto do estudante internacional em 2014 e com a recente definição de orientações para “a articulação da política de internacionalização do Ensino Superior e da Ciência e Tecnologia com as demais políticas públicas de internacionalização” (RCM n.º 78/2016). No preâmbulo da RCM n.º 78/2016, reconhece-se que o Ensino Superior e o sistema de Ciência e Tecnologia conheceram, nos últimos anos, um grande avanço no processo de internacionalização, quer na vertente da produção e disseminação de conhecimento, quer no estabelecimento de redes de cooperação com outras congéneres internacionais, sem esquecer o aumento sem precedentes na mobilidade de estudantes e docentes e investigadores.

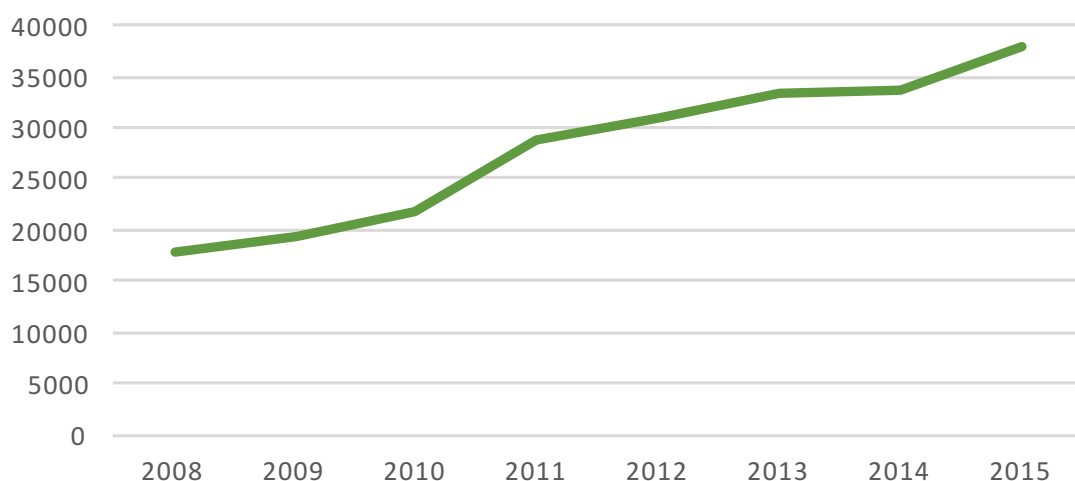
A RCM n.º 78/2016 visa, entre outros, atrair estudantes estrangeiros, melhorando a divulgação dos cursos, facilitando a obtenção de vistos para estudantes internacionais e concedendo bolsas e estágios, bem como promover a rede nacional de infraestrutura científica especialmente nos países da lusofonia, apostar na diplomacia científica, e incrementar a participação portuguesa em grandes infraestruturas e redes internacionais (OECD, 2017).

Apesar de resultados modestos, o Estatuto do Estudante Internacional, promulgado em 2014, permitiu atrair, desde que se encontra em vigor, 1.695 estudantes para o 1º ciclo, maioritariamente dos continentes africano e americano. Este estatuto estabelece um acesso especial ao Ensino Superior e introduz flexibilidade na definição do valor da propina, em linha com o custo real da formação, dado que estes estudantes não são elegíveis para o financiamento público das IES.

No entanto, considerando todos os estudantes estrangeiros a estudar em Portugal, incluindo a mobilidade, estudantes europeus, estudantes que nasceram em Portugal ou já se encontravam a residir no país quando ingressam numa IES nacional, bem como os estudantes de mestrado ou doutoramento que não se candidatam num concurso nacional, o número sobe para 37.905 no último ano letivo, registando uma tendência de crescimento desde 2008/09.

Num trabalho recente sobre a internacionalização do Ensino Superior, confirma-se o aumento do fluxo da mobilidade de estudantes em Portugal (ligeiramente superior a 11.500 estudantes), a frequência de estudantes estrangeiros com vista a obtenção de grau (4% do total de estudantes em 2013/14), bem como se atesta a presença equivalente de docentes estrangeiros do Ensino Superior (3,4% do total de docentes em 2013/14) (Guerreiro, 2015).

Figura 3 - Estudantes estrangeiros matriculados em IES em Portugal 2008/09-2015/16



Fonte: DGEEC

Na vertente da produção científica internacional, o sistema de ciência e tecnologia, com uma grande preponderância das IES, registou resultados assinaláveis na última década. A informação da DGEEC confirma uma subida extraordinária da produção científica (Web of Science - Science Citation Index<sup>13</sup>), posicionando-se Portugal na 11ª posição medida através do número de publicações por milhão de habitantes em 2015 (DGEEC, 2017), substancialmente à frente da sua posição, em termos relativos, medida pelo PIB per capita. O crescimento da produção científica indexada em Portugal naquela base de dados foi, entre 2005-2015, o 5º mais alto na UE, com uma taxa de crescimento médio anual de 10% no período.

Como corolário, as IES portuguesas têm melhorado a sua posição em diversos rankings internacionais. A Universidade de Lisboa, após a fusão entre a Universidade Clássica de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa, atingiu a posição 160ª no Academic Ranking of World University (ARWU)<sup>14</sup>, representando uma progressão de 82 lugares em apenas três anos. No quadro da UE, ocupa agora a 53ª posição e a 2ª no espaço ibero-americano, só ultrapassada, neste quadro de referência, pela Universidade de São Paulo. Integram este ranking igualmente as universidades do Porto (323ª posição), Minho (463ª posição), Aveiro (467ª posição) e Coimbra (477ª posição), assinalando-se a estreia das universidades do Minho e de Aveiro no ARWU.

São quatro as universidades portuguesas que integram o QS World University Ranking, figurando entre a posição 300-400, as universidades do Porto (323ª), Lisboa (330ª), Nova (366ª), e a Universidade de Coimbra na posição 451-460ª. Destaca-se a tendência de melhoria da posição da Universidade de Lisboa e o facto da UNL ocupar um lugar entre as melhores 50 universidades com menos de 50 anos.

Algumas áreas disciplinares das IES portuguesas têm merecido destaque em diversos rankings promovidos por diversas organizações, tais como Arquitetura e Engenharia Civil da Universidade do Porto ou Geografia na Universidade de Lisboa (no top 100 do ranking QS), os MBA da Universidade Católica / Universidade Nova de Lisboa e da Universidade do Porto ou, no ranking de Shanghai, as áreas disciplinares de matemática (101-150), física (150-200) e informática e computadores (150-200) da Universidade de Lisboa.

Apesar das mudanças muito positivas no sistema de Ensino Superior em Portugal, interrompidas pelos anos da crise económica e intervenção da «troika», permanecem obstáculos à mobilidade de docentes e à captação de professores e estudantes internacionais. O recente relatório elaborado pela OECD (2018), aponta para a necessidade da realização de diversas reformas com o objetivo de tornar o sistema de Ensino Superior português mais competitivo e internacional.

### As geografias e as redes de mobilidade do Erasmus: um quadro de análise

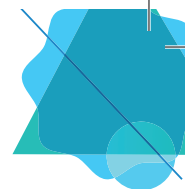
Partindo da problemática discutida anteriormente sobre a mobilidade internacional dos estudantes, informada por alguns estudos de avaliação de impactos sobre o Erasmus (Bracht et al., 2006; Brandenburg et al., 2014), este estudo adota um quadro de análise esquematizado na Figura 4.

Num contexto do advento da sociedade do conhecimento, a análise das geografias e redes de mobilidade do Erasmus deve levar em consideração, num primeiro plano, as decisões políticas relativamente à internacionalização das IES, as estratégias das IES que concretizam a sua internacionalização e as perspetivas dos agentes da mobilidade (estudantes, docentes e outro pessoal). Assume-se que as redes apoiadas pelo Erasmus decorrem das políticas nacionais de internacionalização do Ensino

13. Reflete a realidade das vulgarmente chamadas ciências "duras".  
14. shanghairanking.com



Num segundo plano, importa analisar as perceções e os efeitos concretos do Erasmus ao nível do mercado de trabalho e da identidade europeia. Com efeito, a estratégia de investigação visa avaliar os impactos do Erasmus para a formação e consciencialização de uma identidade europeia e para a integração do mercado de trabalho europeu. Tal como referimos, estas são duas temáticas de extrema relevância para a União Europeia. No primeiro caso, a análise remete para a averiguação do conhecimento dos estudantes do Ensino Superior relativo à UE e para o conhecimento dos assuntos europeus. A mobilidade estudantil internacional contribui para um melhor entendimento de outras culturas e formação de redes pessoais, pelo que a imersão numa cultura diferente pode melhorar a consciência cultural dos estudantes. Importa ainda descortinar em que medida a mobilidade contribui para o conhecimento da história e da cultura do país de acolhimento e o sentimento de pertença a um espaço mais vasto pós-nacional europeu. No segundo caso, o foco de análise incide nas perspetivas de carreira internacional e nas trajetórias futuras de mobilidade internacional. Com efeito, deve reter-se a situação profissional dos que efetuaram mobilidade para estudos e estágios e examinar a influência do período de formação num país estrangeiro nas estratégias e práticas de inserção no mercado de trabalho e participação em redes profissionais, designadamente no estrangeiro. No caso dos estudantes ainda em formação relevam as perspetivas futuras de trabalho e mobilidade no espaço europeu, enquanto na mobilidade do pessoal prevalece a oportunidade de valorização profissional.



# Metodologia

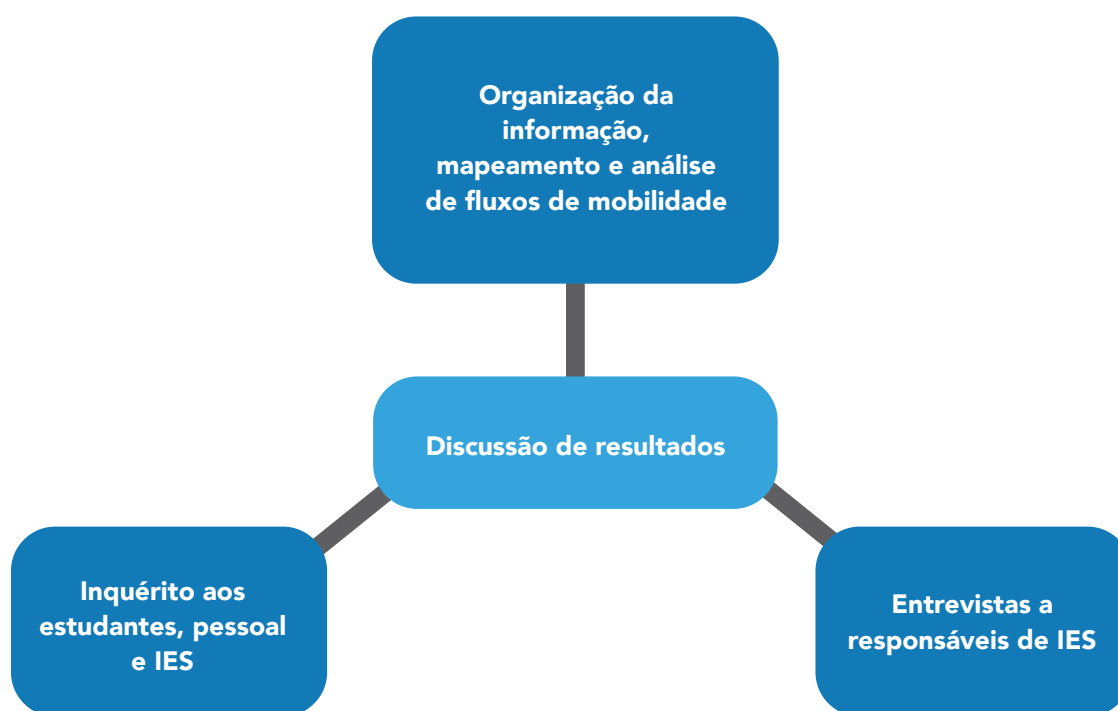
A estratégia metodológica adotada neste estudo conjugou métodos quantitativos e qualitativos, como se segue:

- Organização da informação, mapeamento e análise de fluxos de mobilidade Erasmus 2014-2015 (fontes indiretas).
- Inquérito aos estudantes, pessoal docente e não docente e responsáveis pelas IES envolvidas na mobilidade no período em análise.
- Entrevistas a responsáveis das IES.

## Estratégia metodológica

A estratégia metodológica adotada na análise dos fluxos e das redes de Ensino Superior apoiadas pelo Erasmus assentou na análise documental sobre a matéria em análise e na combinação de métodos quantitativos e qualitativos, visando responder aos objetivos e questões enunciadas na introdução. A Figura 5 sistematiza as opções metodológicas que se seguiram neste estudo.

Figura 5 – Esquema metodológico do estudo



A organização da informação das mobilidades Erasmus e o mapeamento dos fluxos de estudantes e pessoal docente e não docente do Ensino Superior são tarefas fundamentais para a obtenção de um retrato rigoroso das dinâmicas de redes no período em estudo. O inquérito aos estudantes, docentes e outro pessoal, assim como a responsáveis das instituições de ensino, incidiu num conjunto de questões relativas à relevância da mobilidade em múltiplas vertentes, tais como qualificação, valorização e formação de redes académicas e de investigação; valorização profissional, mercado de trabalho e formação de redes profissionais; e identidade europeia e formação de redes pessoais.

As entrevistas a responsáveis das IES focaram essencialmente as questões da internacionalização e o desenvolvimento de redes e o papel que nelas desempenha o Erasmus. A realização de entrevistas teve por objetivo a obtenção de informação complementar sobre as estratégias de internacionalização, bem como a discussão de alguns resultados relevantes para o estudo decorrentes da análise e mapeamento de fluxos e redes e do apuramento do inquérito. Finalmente, os resultados preliminares foram discutidos com a AN e com diversos atores do Ensino Superior em seminários em Lisboa e no Porto.



## Organização da informação, mapeamento e análise dos fluxos de mobilidade

### Base de dados geográfica

A informação principal utilizada neste estudo é proveniente do Erasmus, tendo sido fornecida pela Agência Nacional, organizando-se em duas grandes categorias: mobilidades *incoming* (acolhimento da mobilidade internacional em Portugal) e mobilidades *outgoing* (mobilidade na Europa com origem em instituições portuguesas). A análise da mobilidade *outgoing* é mais detalhada.

Para ambos os casos, a informação contempla diversas modalidades de mobilidade do Ensino Superior: mobilidades de estudantes para estudo (SMS); de estudantes para estágio (SMT); de pessoal docente para ensino (STA); e de outro pessoal para formação (STT).

Consideraram-se as dimensões de género, o ciclo de estudos, a área de estudo, a IES e o país de origem e as instituições de acolhimento.

A análise da mobilidade reporta-se ao período 2014-16, mas como alguma informação ainda não estava consolidada para o último ano, privilegiou-se a análise da mobilidade do biénio 2014-15.

Desenvolveu-se a Base de Dados Geográfica (BDG), o que implicou a geo-referenciação e geo-codificação da informação. Adotou-se o ArcGIS 10.4.1.<sup>15</sup> especificamente o módulo para gestão de dados espaciais ArcCatalog. Os procedimentos fundamentais para a estruturação e normalização da BDG foram os seguintes:

- i. Verificação da identificação de todas instituições (morada e código);
- ii. Adoção e/ou criação de campos de identificação única e não nula de cada uma das características (estudantes, docentes e outro pessoal) e a devida e correta correspondência com os atributos de cada uma (PIC, género, NUT II de origem, tipo de mobilidade, etc....).
- iii. Estabelecimento de relações entre tabelas/ características, por meio de campo chave-primária, de modo a garantir a possibilidade de se proceder a operações tabulares e espaciais cruzadas;

- iv. Criação de um sistema de metadados, ou seja, de informação acerca da informação adquirida e armazenada na BDG, incluindo a informação que se criou por meio de operações de análise estatística, tabular e espacial.

### Visualizador da base de dados geográfica

A análise das dinâmicas das redes institucionais e individuais estabelecidas pelo Ensino Superior no âmbito do Erasmus envolve um elevado número de registos e alguma complexidade. Para a compreensão desta dinâmica desenvolveu-se uma aplicação web que permite visualizar e explorar através de gráficos e de mapas interativos as redes estabelecidas entre IES e os fluxos individuais de mobilidade em computadores e dispositivos móveis (tablets e smartphones).

A arquitetura funcional do visualizador inclui a exploração dinâmica das redes estabelecidas entre as IES e os fluxos individuais de mobilidade para os anos 2014 e 2015, permitindo escolher o tipo de representação, a variável e a unidade de medida. Os resultados podem ser filtrados pelas seguintes categorias: ano, país, instituição, áreas de estudo, tipo de mobilidade.

O visualizador permite ainda a partilha de gráficos ou mapas através das redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn, Google+).

### Análise e mapeamento dos dados

O processo de armazenamento, organização e estruturação da BDG é ajustado ao tipo de análise tabular e espacial que se pretende fazer. A base de dados foi desenhada para se poderem inquirir as tabelas e obter um conjunto de respostas, quer estatísticas, quer visuais, às seguintes questões:

- i. Envolvimento das IES e unidades orgânicas no Erasmus (estudantes, docentes e pessoal que realizaram mobilidade);
- ii. Identificação do número de participantes por NUTS II da IES;
- iii. Identificação do número de participantes, género, tipo de mobilidade, ciclo de estudos e área de estudo e duração da mobilidade;
- iv. Identificação do número de participantes por país de destino.

A BDG permite gerar informação estatística descritiva e de base cartográfica ilustrativa da mobilidade apoiada pelo Erasmus. Esta informação é essencial para caracterizar, em múltiplas vertentes, as dinâmicas e atores da mobilidade. Foi elaborado a partir desta informação um relatório denominado Atlas da Mobilidade Erasmus 2014-15.

15. <http://www.esri.com/arcgis/about-arcgis>. Acedido em 13 de fevereiro de 2017.

16. Conceitos de super-chave, chave-candidata, chave-primária, chave-estrangeira.



Na perspetiva da análise de redes sociais (social network analysis), a informação foi analisada com recurso à aplicação informática da UCINET (Borgatti et al., 2002). Esta técnica permite obter a configuração da rede de mobilidade envolvendo as IES nacionais e as suas congéneres europeias, considerando ainda as diferentes áreas de educação, permitindo identificar a proximidade relacional das IES e os diferentes padrões de cooperação por áreas de estudo.

Usou-se a classificação ISCED 2013 para as áreas de estudo: Educação; Artes e Humanidades; Ciências Sociais, Jornalismo e Informação; Ciências Empresariais, Administração e Direito; Ciências Naturais, Matemática e Estatística; Tecnologias de Informação e Comunicação; Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias; Saúde e Proteção Social; e Serviços.

### Inquérito aos estudantes, docentes e outro pessoal e responsáveis de IES

Para além da informação constante na base de dados disponibilizada pela Agência Nacional, recolheu-se informação adicional imprescindível para a compreensão do impacto da mobilidade Erasmus dos estudantes, dos docentes e do pessoal para formação, no período que medeia entre 2014 e 2015.

A recolha desta informação, representativa da população em análise, envolveu a definição de procedimentos e a criação e validação de instrumentos de observação, adequados aos objetivos do estudo. Foi administrado um in-

quérito online a uma amostra aleatória representativa dos estudantes, docentes e outro pessoal em mobilidade entre 2014 e 2016, e foram inquiridos online os responsáveis pelo Erasmus nas IES. Solicitou-se resposta a todas as IES envolvidas em mobilidade internacional Erasmus no período em análise.

Como principais estratégias de mitigação dos riscos e de potenciação do número de respostas adotou-se o seguinte protocolo:

- Pedido de divulgação do estudo à Agência Nacional e à Erasmus Student Network Portugal;
- Envio de um segundo e-mail uma semana após o primeiro pedido, reforçando o pedido de colaboração na resposta ao inquérito;
- Envio de um terceiro e-mail uma semana após o segundo pedido de colaboração.

Quadro 1 - população e dimensão da amostra por tipo de mobilidade, 2014-16

Tipo de Mobilidade	População-Estatística*	Respostas	Taxa de Resposta
Estudantes em mobilidade-estudos (SMS) e mobilidade-estágio	7.782	1.376	13%
Docentes em mobilidade (STA)	1.674	243	15%
Pessoal em mobilidade (STT)	662	128	16%
IES envolvidas no Erasmus	84	45	61%

\* Os valores dizem respeito aos indivíduos que fizeram mobilidade Erasmus em 2014-16 e se manifestaram disponíveis para responder a inquéritos/participar em estudos pertinentes para o Erasmus.

Estudos realizados por outras equipas à mobilidade dos estudantes e docentes obtiveram taxas de resposta mais elevadas (na ordem dos 25%) (King e Ruiz-Gelices, 2003). No caso dos inquéritos às IES, a taxa de resposta do estudo é superior à observada no Estudo Valera (45%).

### **Caracterização da amostra**

A avaliação dos impactos da mobilidade apoia-se nas opiniões dos vários intervenientes, recolhidas por instrumentos de observação desenvolvidos para o efeito, e aplicados a uma amostra representativa da população envolvida na mobilidade no período de 2014-2016: estudantes e recém-graduados; docentes e pessoal técnico e administrativo das IES; e dirigentes das IES ou afetos aos gabinetes de relações internacionais e/ou Erasmus que no referido período participaram no programa de mobilidade, enviando e recebendo estudantes, docentes e outro pessoal.

Neste contexto, desenvolveram-se três questionários dirigidos aos grupos mencionados, publicados online nos meses de junho e julho. A informação recolhida através dos questionários foi posteriormente complementada com entrevistas presenciais a dirigentes das IES, selecionadas em função da natureza das instituições, incluindo a dimensão, as áreas científicas e os tipos de mobilidade do programa em que participam.

O inquérito por questionário tinha os seguintes objetivos:

- Avaliar a importância da mobilidade para a formação de redes académicas, profissionais e pessoais;
- Identificar os perfis, em termos de idade e género dos estudantes, docentes e pessoal;
- Identificar os fatores motivacionais dos indivíduos em mobilidade e os seus níveis de satisfação com as experiências vividas;
- Analisar os efeitos da mobilidade na formação dos estudantes, nomeadamente, no desenvolvimento de competências instrumentais, interpessoais e sistémicas preconizadas pelos programas de formação no quadro do processo de Bolonha;
- Avaliar os impactos do Erasmus ao nível do emprego e da empregabilidade através das representações dos atores envolvidos nas diferentes ações do programa e em particular nas perspetivas de mobilidade no quadro do espaço europeu;
- Avaliar a importância do conhecimento e interesse nos assuntos europeus e consciencialização da identidade europeia;
- Avaliar o impacto da mobilidade dos estudantes e do pessoal em formação na internacionalização das IES.

### **Estudantes e recém-graduados**

Foram inquiridos 1.376 indivíduos (1.311 estudantes e 65 recém-graduados), que representam 12,6% da população desta categoria que participou na mobilidade Erasmus entre 2014 e 2016. Estes indivíduos são provenientes de 62 instituições, representativas do universo das IES portuguesas, relativamente à dimensão, às áreas científicas de formação e à natureza jurídica (sector público e privado). A representatividade da amostra recolhida estende-se também ao nível dos países das instituições de acolhimento no estrangeiro, reproduzindo de perto, em termos relativos, a distribuição geográfica da mobilidade da população em estudo.

### **Docentes e pessoal técnico e administrativo**

Foram inquiridos 371 indivíduos, 243 afetos à categoria docente (65%) e 128 à categoria de outro pessoal das IES (35%). A amostra representa 15,9% da população inserida nestas categorias que participou na mobilidade Erasmus no período 2014 - 2016. Do ponto de vista da natureza da mobilidade, 45% dos participantes estiveram envolvidos em missões de ensino e 55% em missões para formação. À semelhança dos estudantes e recém-graduados, a população inquirida provém de 62 instituições representativas do universo das IES portuguesas em termos de dimensão, áreas científicas de formação, natureza jurídica (sector público e privado) e distribuição geográfica no território nacional (Figura 6). A representatividade da amostra regista-se também ao nível dos países das instituições de acolhimento dos docentes e do outro pessoal das IES; uma distribuição que reproduz em grandes linhas a geografia da mobilidade da população em estudo no período temporal em análise.

### **Diretores e/ou coordenadores das IES**

O inquérito foi dirigido às 74 IES que entre 2014 e 2016 participaram no Erasmus, e obteve-se resposta em tempo útil de 45 IES (61%). A amostra obtida, embora representativa da população estatística, caracteriza-se por uma sub-representação das instituições que concentram os maiores contingentes da mobilidade. Neste contexto, de forma a corrigir o enviesamento da amostra foram efetuadas entrevistas presenciais aos dirigentes de seis instituições deste grupo.

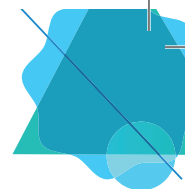
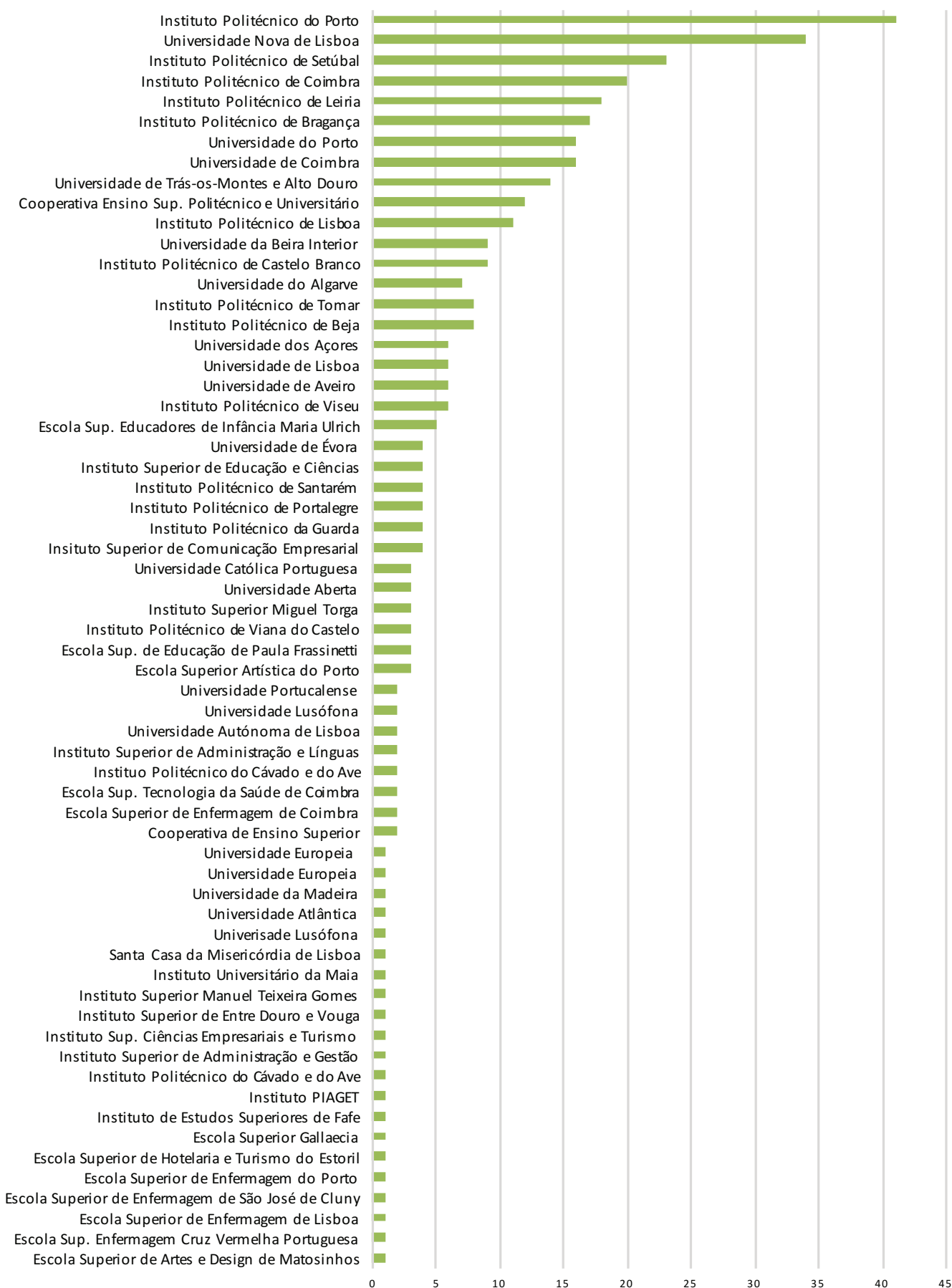


Figura 6 - Pessoal docente e não docente das IES em mobilidade, 2014-2016



## Protocolo das entrevistas

Realizaram-se entrevistas aos responsáveis de IES envolvidas no Erasmus (Quadro 2) no período em análise, de acordo com os seguintes critérios:

- Região (NUTS II)
- Estatuto jurídico (público/privado)
- Tipo de instituição (Universidade/Politécnico)
- Intensidade do apoio Erasmus (elevado/outro)
- Nível de execução financeira (%)

Quadro 2 - Características das IES entrevistadas

Região	IES	Estatuto	Tipo Ensino	Principais	Execução financeira 2014-15 %
Norte	UTAD	Público	Univ.	Não	91
Norte	U. Porto	Público	Univ.	Sim	100
Norte	IP Porto	Público	Polit.	Não	98
Centro	U. Coimbra	Público	Univ.	Sim	100
Centro	Escola de Enfermagem de Coimbra	Público	Polit.	Não	100
Lisboa	U. Lisboa	Público	Univ.	Sim	100
Lisboa	U. Nova Lisboa	Público	Univ.	Sim	94
Lisboa	U. Católica Portuguesa	Privado	Univ.	Sim	98
Lisboa	COFAC/ U. Lusófona	Privado	Univ.	Não	51
Algarve	U. Algarve	Público	Univ.	Não	89

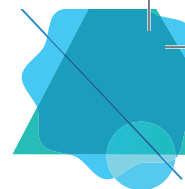
As entrevistas tiveram como objetivo aprofundar o conhecimento sobre as redes do Ensino Superior e o contributo do Erasmus para a sua sustentabilidade e desenvolvimento, incluindo o seguinte:

### Estratégia de Internacionalização das IES

- Em que se baseia a estratégia? Quais são as suas âncoras de desenvolvimento?
- Que lugar ocupa o Erasmus na internacionalização da IES?
- Participação da IES em Redes de âmbito internacional
- Quais as redes em que está envolvida e as instituições que fazem parte das mesmas?
- Qual o papel do Erasmus no desenvolvimento de redes de ensino e formação?
- Que fontes de financiamento (programas europeus, extraeuropeus, nacionais, ...) são mobilizadas no desenvolvimento de atividades internacionais e, em particular, na participação em redes de ensino e formação?
- Que importância assume o Erasmus ao nível do financiamento destas atividades?
- Que impactos tem tido na IES a participação em

redes, ao nível do ensino e da formação, investigação e internacionalização?

- Avaliação do Erasmus
- Que pontos fortes e fracos e que oportunidades e obstáculos vê no Erasmus?
- Recursos do Erasmus:
- Usa todos os recursos do Erasmus? Se não, qual a razão para a sua não utilização?
- A este respeito sabemos que, ao nível dos estudantes, apenas 2% efetuam mobilidade ao abrigo do Erasmus e que, ao nível dos docentes, este valor se situa na ordem dos 15%.
- Programas de mobilidade
- Indique o grau de importância dos diversos programas de mobilidade (lista pré-definida) no desenvolvimento de redes em que a sua IES participa.



Segundo Creswell (2012), o processo da entrevista deve atender a um conjunto de princípios que foram seguidos neste estudo:

- Identificação dos entrevistados
- Definição do tipo de entrevista
- Registo adequado das respostas
- Utilização de um protocolo de entrevista
- Teste-piloto das perguntas e procedimentos
- Definição do local da entrevista (presencial ou por via Skype)
- Obtenção do consentimento do entrevistado para responder às questões
- Assegurar o cumprimento do guião da entrevista

### **Discussão preliminar dos resultados**

A equipa apresentou os resultados preliminares em diversas sessões promovidas pela AN, em que participaram diversos atores: estudantes, docentes, pessoal administrativo em formação, diretores das IES, entidades empregadoras e organizações de mobilidade de estudantes. As sessões contribuíram para o aprofundamento da análise dos resultados e para a elaboração de recomendações de política para o desenvolvimento de redes no Ensino Superior português com o apoio do Erasmus. As recomendações resultam da triangulação da análise de documentos de política na temática, da informação descritiva da base de dados, da análise de redes sociais e geográficas, dos resultados obtidos através de inquéritos e das entrevistas em profundidade, bem como da interação entre a equipa, a Agência Nacional e os participantes nas sessões de apresentação de resultados preliminares do estudo.

## **Financiamento do Erasmus em Portugal**

**O financiamento do Erasmus em Portugal, no período 2014-16, teve as seguintes características principais:**

- Entre 2014 e 2016, atingiu um montante de cerca de 52 milhões de euros para apoiar a mobilidade de estudantes e pessoal docente e não docente.
- A mobilidade dos estudantes capta uma parte muito substancial do orçamento (cerca de 91% em 2014 e 2015), dos quais um pouco mais de dois terços se destina à mobilidade para estudos (SMS).
- As Engenharias, Indústrias Transformadoras e Construção, as Ciências Empresariais, Administração e Direito e as Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, por esta ordem, são as principais áreas financiadas pelo Erasmus na mobilidade para ensino, representando cerca de 60% do orçamento total.
- A área da Saúde e Proteção Social é destacadamente a principal área apoiada pelo programa na mobilidade para estágio.
- A repartição do financiamento por IES evidencia uma concentração de mais de 80% da despesa total da mobilidade dos estudantes (estudo e estágio) nas 20 maiores IES beneficiárias.

O Ensino Superior tem sido o principal beneficiário deste financiamento através do Erasmus. De 2008 a 2017, o Ensino Superior recebeu em Portugal quase 159 milhões de euros, representando cerca de metade do montante total do Programa neste período, o que permitiu financiar mais de 87 mil mobilidades.

O Programa Erasmus+ afeta os fundos disponíveis pelos países membros com base na população, distância entre capitais do País e de outros países, custo de vida no País de origem (quanto mais baixo o custo de vida, mais alta a subvenção) e o desempenho do programa nacional. Atualmente, o Programa financia atividades de educação, formação, juventude e desporto. Na área da educação e formação, financia o Ensino Escolar, o Ensino e Formação

Profissional, o Ensino Superior e a Educação de Adultos.

Entre 2007 e 2013, o financiamento do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV) em Portugal passou de cerca de 18.5 milhões de euros no primeiro ano do programa, para cerca de 27 milhões de euros nos últimos dois anos de execução, a uma média de aumento do financiamento de 7% ao ano. O Erasmus (Ensino Superior) absorveu cerca de metade do financiamento, seguindo-se o Leonardo da Vinci (Ensino e Formação Profissional) e o Comenius (Ensino Escolar), que utilizaram, respetivamente, 26% e 18% do montante global disponível. Entre 2014 e 2017, o Programa Erasmus+ atribuiu mais de 110 milhões de euros a mobilidades e mais de 46 milhões de euros a parcerias estratégicas de educação e formação.

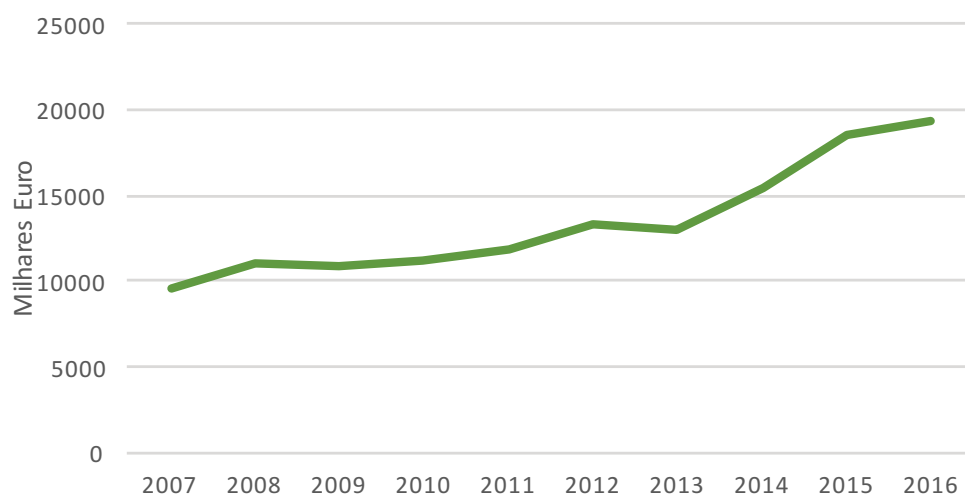
Quadro 3 - Financiamento do Programa Erasmus+ por setor, 2014-2017

	Ensino Escolar	Ensino e Formação Profissional	Ensino Superior	Educação Adultos	Total	Crescimento Anual	
<b>2014</b>	5 295 017,00	9 213 756,00	15 352 894,00	1 333 650,00	31 195 317,00	n/a	53%
<b>2015</b>	7 022 102,00	9 244 431,00	18 574 325,00	1 285 354,00	36 126 212,00	16%	
<b>2016</b>	7 881 807,00	9 477 801,10	19 323 098,00	1 564 259,65	38 246 965,75	6%	
<b>2017</b>	12 147 649,80	10 739 020,40	22 682 345,75	2 250 564,00	47 819 579,95	25%	
<b>2018</b>	5 583 266,00*	11 857 091,00	26 083 058,00	2 691 487,00	46 214 902,00	-3%	
<b>Total</b>	37 929 841,80*	50 532 099,50	102 015 720,75	9 125 314,65	199 602 976,70		

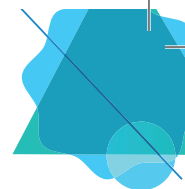
### Financiamento por grandes áreas no ensino superior

Desde a sua criação, o financiamento do Erasmus tem aumentado anualmente em Portugal, atingindo em 2016 um valor de 19,3 milhões de euros, a preços correntes, aproximadamente o dobro do valor registado no primeiro ano de execução do PALV.

Figura 7 - Financiamento do Erasmus, 2007-2016

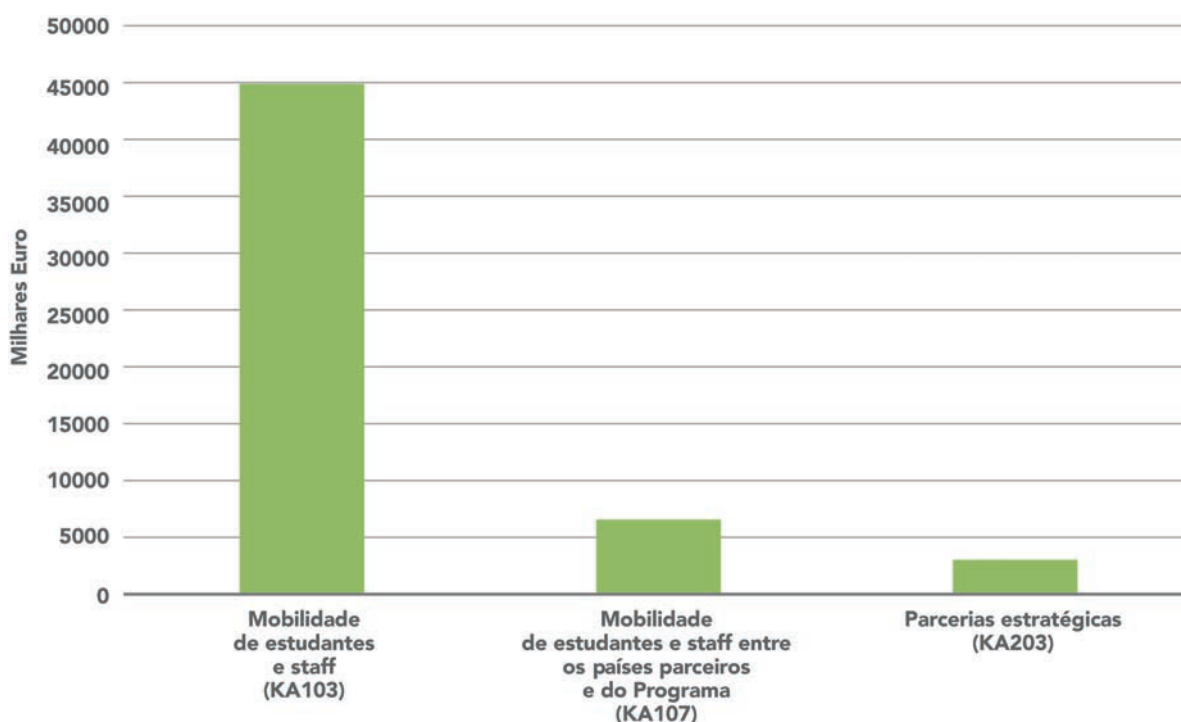


Fonte: ANE+EF



Entre 2014 e 2016, o financiamento Erasmus permitiu concretizar mais de 300 projetos destinados à mobilidade de estudantes e de pessoal docente e não docente (82% do montante financiado) e a parcerias estratégicas (restantes 18%) no sector do Ensino Superior (Figura 8). No cômputo geral, o Erasmus atingiu um montante de cerca de 52 milhões de euros para apoiar a mobilidade de estudantes e pessoal docente e não docente.

Figura 8 - Financiamento Erasmus por ação-chave em Portugal, 2014-16



Fonte: ANE+EF

### Financiamento da mobilidade no ensino superior

O financiamento do Ensino Superior no âmbito do Erasmus distribui-se de forma diferenciada segundo a modalidade da mobilidade. A mobilidade dos estudantes capta uma parte muito substancial do orçamento (cerca de 91% em 2014 e 2015), dos quais um pouco mais de dois terços se destinam à mobilidade para estudos (Quadro 4). O restante financiamento destina-se à mobilidade do pessoal, em que também mais de dois terços se destinam a financiar os docentes e o restante a mobilidade do pessoal não docente.

Quadro 4 - Financiamento por tipo de mobilidade Erasmus, 2014-15

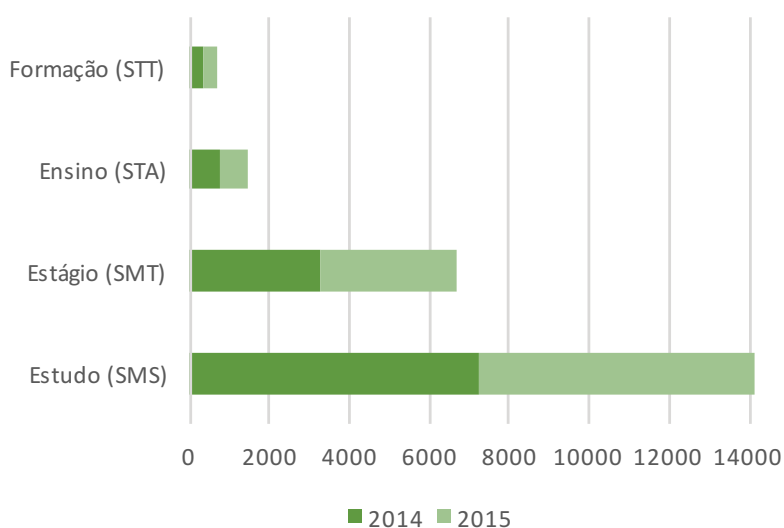
Tipo Mobilidade		Milhares de Euros (€)		% do Financiamento		% do Financiamento	
		2014	2015	2014	2015	2014	2015
Estudantes	Estudo (SMS)	7222,5	6897,08	68,9	66,2		
	Estágio (SMT)	3265	3524,91	31,1	33,8		
	Total	10487,5	10421,99	100	100	90,7	89,78
Pessoal	Ensino (STA)	743	768,38	69,4	64,8		
	Formação (STT)	327,1	417,96	30,6	35,2		
	Total	1070,1	1186,33	100	100	9,3	10,22
Total		11557,6	11608,32			100	100

Fonte: ANE+EF

A repartição do financiamento da mobilidade dos estudantes por área de estudo revela uma diferença significativa entre a modalidade SMS (estudos) e SMT (estágios). No caso dos estudos, a Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; as Ciências Empresariais, Administração e Direito; e as Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, por esta ordem, são as principais áreas financiadas pelo Erasmus, representando cerca de 60% do orçamento total, enquanto no caso dos estágios, a área da Saúde e Proteção Social é a principal área apoiada pelo

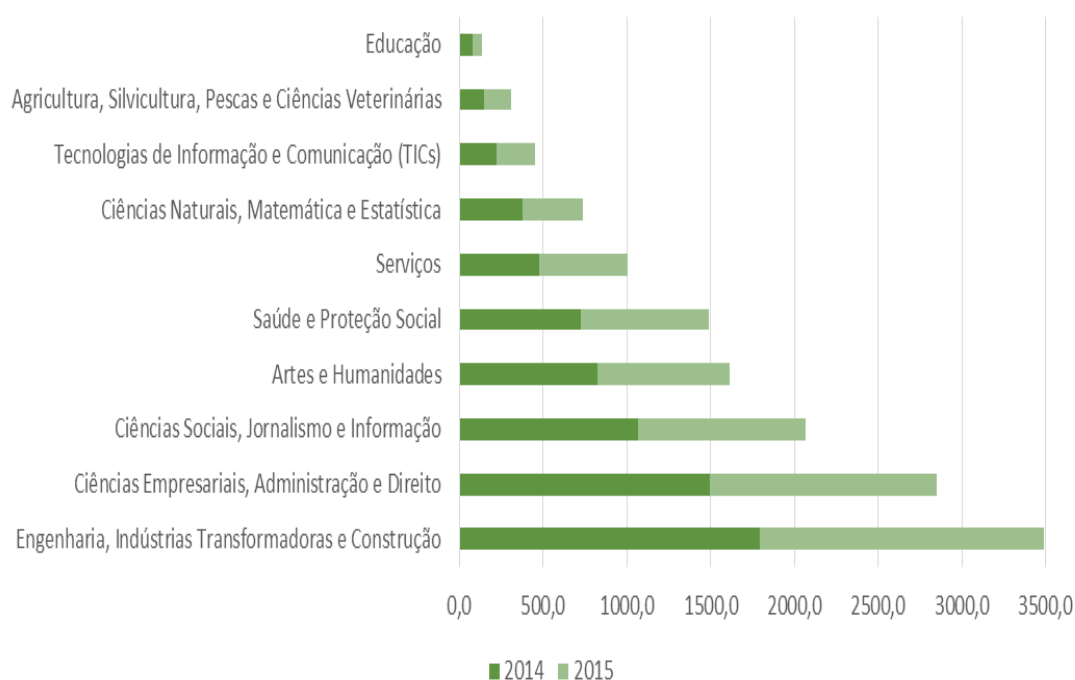
programa (34%), seguindo-se a alguma distância as áreas de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; Ciências Naturais, Matemática e Estatística; e Serviços (Figuras 10 e 11). No caso da mobilidade dos docentes, as áreas principais são, para além da Saúde e Proteção Social; e da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; as Artes e Humanidades.

Figura 9 - Financiamento de estudantes, pessoal docente e não docente, 2014 e 2015 (milhares de euros)



Fonte: ANE+EF

Figura 10 - Financiamento de estudantes SMS por área de estudo, 2014 e 2015



Fonte: ANE+EF

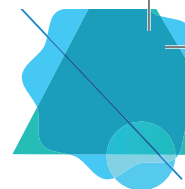
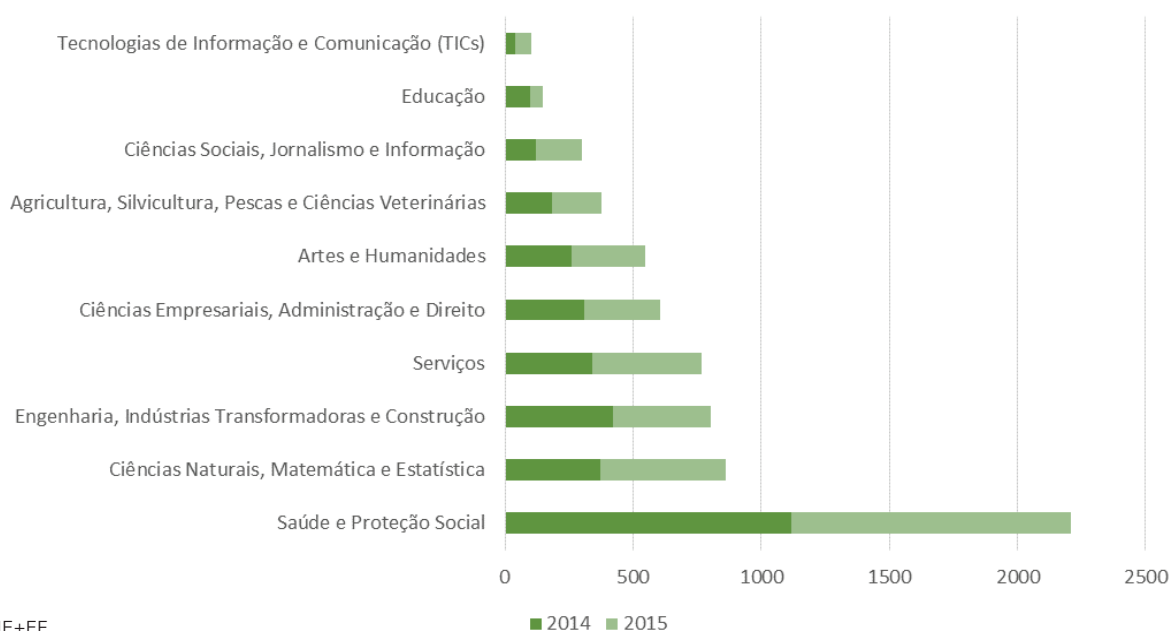
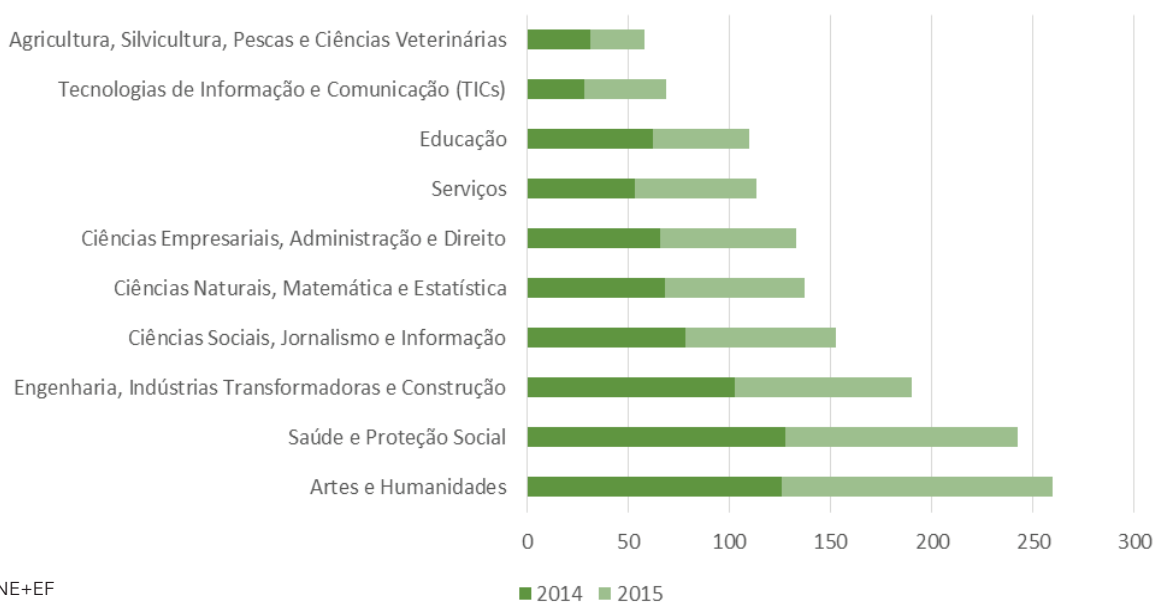


Figura11 - Financiamento de estudantes SMT por áreas de estágio, 2014 e 2015  
(milhares de euros)



Fonte: ANE+EF

Figura12 - Financiamento de pessoal docente STA por área de ensino, 2014 e 2015  
(milhares de euros)

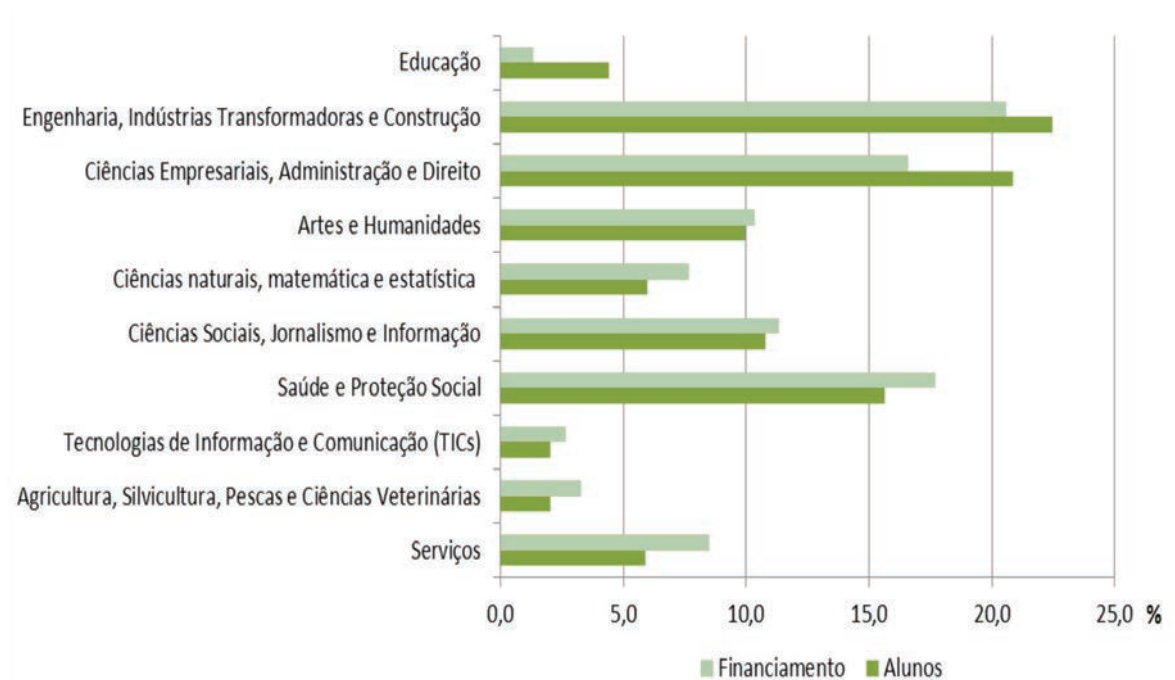


Fonte: ANE+EF

A distribuição da despesa na mobilidade não reflete de forma linear a importância das áreas de formação superior em Portugal. Com efeito, na mobilidade para estudos, as áreas da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, e Ciências Empresariais, Administração e Direito são as que executam a maior fatia do orçamento Erasmus. Porém, esse valor é inferior ao esperado em relação ao número total de estudantes inscritos em cursos destas áreas (Figura 13). Na mesma situação encontra-se a área da Educação.

Todas as outras áreas registam uma dotação financeira do Erasmus relativamente mais elevada face à sua dimensão, medida através do número total de estudantes inscritos em 2014-15, destacando-se nas áreas com menor expressão os Serviços e a Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias, e, nas com maior número de estudantes, a Saúde e Proteção Social e as Ciências Naturais, Matemática e Estatística.

Figura13 - Distribuição dos estudantes do Ensino Superior e do financiamento Erasmus por área de ensino, 2014 e 2015



Fonte: DGEEC, ANE+EF

A repartição do financiamento por Instituições do Ensino Superior evidencia uma concentração de 85% da despesa total da mobilidade dos estudantes (estudos e estágios) nas 22 principais instituições (20 do Continente e 2 das Regiões Autónomas) (Figura 14). As Universidades de Lisboa e do Porto concentram mais de um quarto do total, seguindo-se, em igualdade de importância, as Universidades Nova e de Coimbra. Os Institutos Politécnicos de Bragança, Lisboa, Porto, Coimbra e Leiria executam valores anuais na ordem dos 2,5 a 3% do total do orçamento para esta modalidade de mobilidade. Denota-se uma sobre representação das Universidades dos Açores e da Madeira face aos estudantes envolvidos na mobilidade, em virtude de o apoio financeiro ser mais expressivo para os estudantes das regiões ultraperiféricas da Europa. A única Universidade privada neste ranking é a Universidade Católica Portuguesa, com um valor médio anual de 3,8% do total do financiamento para a mobilidade dos estudantes 2014-15.

A distribuição do financiamento da mobilidade de pessoal docente e técnico-administrativo apresenta um quadro bastante diferenciado da mobilidade de estudantes (Figura 15). Algumas IES não privilegiam esta forma de internacionalização, como parece ser

o caso da Universidade de Lisboa, enquanto outras deliberadamente apoiam a mobilidade do pessoal no Erasmus, destacando-se a Universidade de Coimbra ou os Institutos Politécnicos do Porto, Coimbra e Lisboa. A Universidade do Porto mantém, em termos relativos, um nível de apoio a esta modalidade de mobilidade equivalente à dos estudantes.

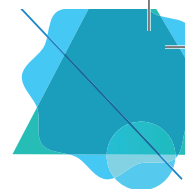


Figura 14 - Financiamento de estudantes SMS e SMT pelos principais beneficiários, 2014 e 2015 (milhares de euros)

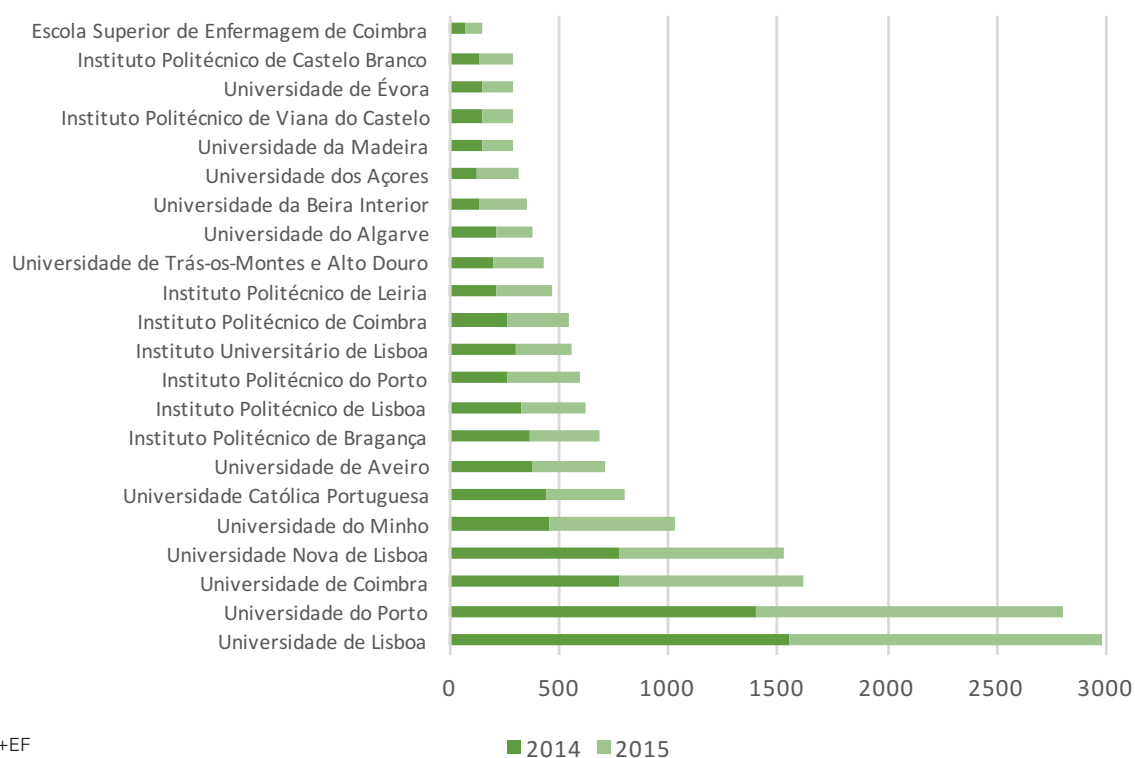
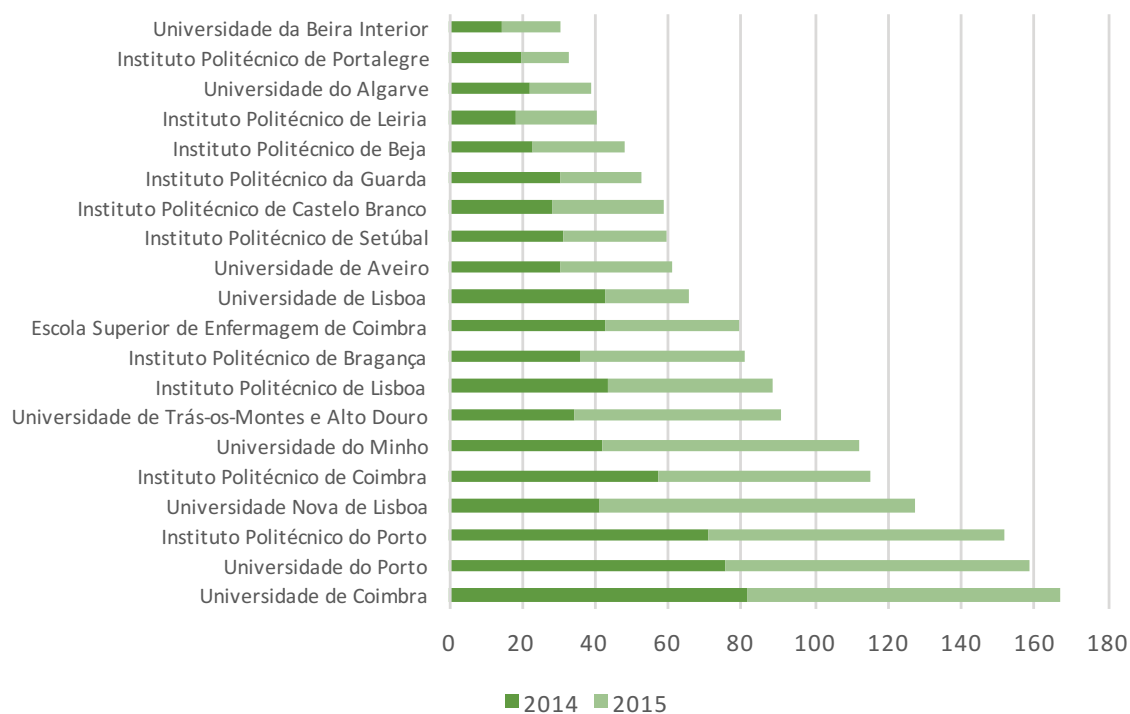


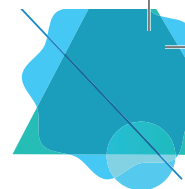
Figura 15 - Financiamento de pessoal docente e não docente STA e STT nas IES que mais financiamento receberam em 2014 e 2015 (milhares de euros)



# Mobilidade e redes Erasmus de IES portuguesas na Europa

## A análise da mobilidade Erasmus de estudantes, docentes e não docentes das IES portuguesas permite chegar às seguintes conclusões:

- Em 2016, Portugal era o 8º país com mais participantes (estudantes e pessoal docente e não docente) no Erasmus.
- Mais de 100 IES portuguesas participam no programa, com elevada representatividade das IES públicas.
- Os estudantes das IES portuguesas em mobilidade de ensino (SMS) distribuem-se por cerca de 850 instituições congéneres.
- Cerca de um terço da mobilidade Erasmus tem lugar em 150 das 191 IES europeias do top 500 do Academic Ranking of World Universities.
- Aproximadamente 70% dos estudantes Erasmus está em mobilidade para estudos no 1º ciclo (licenciatura) e cerca de 30% no 2º ciclo (mestrado).
- A mobilidade para estágio é significativa no 2º ciclo (cerca de 45% do total).
- A mobilidade de docentes em 3º ciclo (doutoramento) é muito relevante (15% do total), indiciando uma relação entre ensino e investigação tipicamente associada ao 3º ciclo.
- Na mobilidade de estágio (SMT) destacam-se as áreas da Saúde e Proteção Social (cerca de 40% do total de estudantes neste tipo de mobilidade), enquanto na mobilidade de estudo (SMS) sobressaem as áreas de Ciências Empresariais, Administração e Direito, de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção (em conjunto representam 45% do total de estudantes neste tipo de mobilidade).
- O panorama da mobilidade geral altera-se significativamente quando o número de estudantes em mobilidade se compara com o número de estudantes inscritos nos cursos destas áreas de estudo, destacando-se a maior importância de áreas com menor expressão na distribuição de estudantes no Ensino Superior, tais como os Serviços, Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias, e ainda as TIC.
- As universidades públicas são mais relevantes na mobilidade de estudos (SMS); nos politécnicos há uma preferência relativa pela realização de estágio (SMT), o que confirma uma valorização da formação mais articulada com o mercado de trabalho nestas instituições.
- Cerca de 80% dos estudantes em mobilidade provêm de apenas 20% de IES, com as Universidades de Lisboa, do Porto, de Coimbra e Nova de Lisboa a afirmarem-se como responsáveis por 50% dos estudantes em mobilidade.
- Os Institutos Superiores Politécnicos são, em geral, mais ativos na mobilidade de docentes e não docentes, o que deixa perceber que a internacionalização dos docentes das Universidades é feita sobretudo através de financiamento de projetos dos seus centros de investigação e menos a partir do Erasmus.
- O fluxo de saída de estudantes de IES nacionais equivale a 70% do número de estudantes de IES europeias que estudam em Portugal no âmbito do Erasmus.
- O fluxo de membros do pessoal docente e não docente apresenta ainda um rácio *outgoing/incoming* mais desequilibrado (ligeiramente superior a 50%).
- Nas questões do género, tanto para estudantes, como para docentes e não docentes, são as mulheres quem mais participa na mobilidade Erasmus.
- Apesar de se tratar duma rede de IES estrangeiras bastante dispersa por toda a Europa, a geografia de proximidade tem um peso significativo na opção de destino, uma vez que as IES espanholas e italianas são as que mais participantes portugueses recebem. Só a Polónia, terceiro destino mais popular entre os participantes Erasmus portugueses, foge a esta lógica. No conjunto, Espanha, Itália e Polónia representam mais de 48% do total da mobilidade *outgoing* e *incoming*.
- Numa análise comparada de *outgoing* e *incoming*, é possível verificar a existência de uma abordagem mais estratégica à mobilidade Erasmus nas áreas de estudo das Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, e da Ciências Empresariais, Administração e Direito, cujas redes são mais estruturadas e densas, sendo polarizadas pelas IES nacionais de maior dimensão.
- As redes das IES localizadas em áreas menos desenvolvidas apresentam tendencialmente um padrão marcado pela maior importância relativa das IES espanholas e do leste europeu.
- Há um nível médio-alto de desalinhamento entre as redes de *incoming* e *outgoing* apoiadas pelo Erasmus.



## Mobilidade Erasmus em Portugal

As geografias do Erasmus em Portugal partem duma leitura das mobilidades de todos os intervenientes (estudantes, docentes e pessoal não docente), mas focam-se sobretudo na análise das relações de mobilidade e configuração de redes entre as IES nacionais e europeias.

Desde a criação do Erasmus, em 1987, que o número de participantes, quer sejam estudantes, quer sejam pessoal docente ou não docente, tem vindo a aumentar para cada um dos períodos de mobilidade. O aumento do número de participantes é também acompanhado pelo aumento do número de IES pertencentes aos países europeus e de fora da Europa. Desde a introdução da mobilidade para estágio, o número de organizações envolvidas no Erasmus aumentou consideravelmente por inclusão de empresas e outras organizações no programa. Podemos assim afirmar que existe uma curva ascendente no Erasmus, que se traduz num maior número de estudantes, docentes e não docentes em mobilidade; IES e organizações de acolhimento para estágio; e países envolvidos.

Entre 2014 e 2016, cerca de 100 instituições portuguesas integravam o programa, com elevada representatividade entre IES públicas, quer sejam Universidades quer sejam Institutos Politécnicos, o que atesta o grau de sucesso que o Erasmus tem conquistado. Os estudantes e pessoal docente e não docente portugueses realizam mobilidade Erasmus em cerca de 1.700 organizações europeias. Os estudantes das IES portuguesas em mobilidade de ensino (SMS) distribuem-se por cerca de 850 instituições

congéneres, valor ligeiramente inferior a metade do total das IES europeias envolvidas no Erasmus (Quadro 5). São 20 as IES europeias que receberam mais de 50 estudantes de IES nacionais em 2015.

Se considerarmos as IES que integram o *Academic Ranking of World Universities*, conhecido como o *Ranking de Shanghai*, é possível verificar que as IES portuguesas estabeleceram relações de mobilidade com 150 das 191 IES europeias que integram o top 500, um resultado que qualifica as redes apoiadas pelo Erasmus. Realizaram mobilidade cerca de 2.000 estudantes (SMS) neste universo de IES em 2015, correspondendo a cerca de um terço da mobilidade total.

No caso dos estágios (SMT), o número de instituições de acolhimento sofreu igualmente um acréscimo, registando-se mais de 1.100 instituições participantes em 2015, incluindo empresas e outras organizações (Quadro 5). No total, os estudantes das IES nacionais são acolhidos em mais de 1.700 instituições de ensino e estágio na Europa. Em relação ao pessoal docente, o número de IES estrangeiras de acolhimento é aproximadamente metade do verificado para os estudantes (451, no caso da mobilidade ensino); no caso do pessoal não docente esse valor é substancialmente inferior (274 instituições em 2015).

Quadro 5 - Instituições de origem e de destino da mobilidade Erasmus outgoing, 2014 e 2015

Tipo Mobilidade		IES Nacionais		% do Financiamento	
		2014	2015	2014	2015
Estudantes	Estudantes (SMT + SMS)	73	74	1672	1737
	Estágio (SMT)	58	62	1070	1134
	Estudos (SMS)	69	66	831	849
Pessoal	Pessoal (STA+STT)	73	64	587	586
	Ensino/docentes (STA)	64	57	456	451
	Formação (STT)	65	54	263	274

Fonte: ANE+EF

Além destas modalidades da mobilidade, também as ações centralizadas de mobilidade, como os Erasmus Mundus Joint Master Degrees (EMJMD), têm um alcance estratégico para a internacionalização das IES nacionais. Entre 2014 e 2015, 15 IES portuguesas envolveram-se em 25 Mestrados Conjuntos, em estreita colaboração com 101 IES estrangeiras. As IES nacionais coordenam 5 destes projetos (dois EMJMD coordenados pelo Instituto Universitário de Lisboa e um cada, respetivamente, pelas universidades de Évora, Algarve e Lusófona). Todas as áreas de estudo têm subvenções aprovadas, todavia destacam-se as áreas de Ciências Naturais, Matemática e Estatística (7 candidaturas aprovadas); Ciências Sociais, Jornalismo e Informação; Ciências Empresariais, Administração e Direito; e Saúde e Proteção Social (4 cada). As IES de Espanha, França e Itália encontram-se em maior número na formação de EMJMD com as congéneres nacionais, destacando-se as IES brasileiras entre os países extraeuropeus.

Destacam-se ainda 12 consórcios (KA108), acreditados pela Agência Nacional nos anos de 2014 (9), 2015 (1) e 2016 (2).

### A mobilidade Erasmus em Portugal (*incoming e outgoing*)

Portugal acolhe estudantes de todos os países europeus no âmbito do Erasmus, quer na modalidade de estudos

quer de estágio. Segundo a Agência Nacional e a Comissão Europeia<sup>17</sup>, Portugal figura regularmente entre os dez principais países de acolhimento na Europa.

Apesar das estatísticas mostrarem que o número de participantes, sobretudo estudantes, teve um crescimento continuado desde a criação do Erasmus (Portugal teve um crescimento entre 26% e 50%)<sup>18</sup>, o rácio *incoming/outgoing* regista um desequilíbrio significativo a favor das entradas em Portugal: o número de estudantes de IES Portuguesas que saiu para IES estrangeiras foi sempre inferior ao número de estudantes de IES estrangeiras que vieram para IES nacionais (relação *outgoing/incoming* corresponde a 70%) (Quadro 6). O crescimento da entrada de estudantes em Portugal atesta a qualidade e capacidade de atração das IES nacionais, a que se devem acrescer outras variáveis tais como a existência de um custo de vida acessível para a maioria dos países parceiros, bons níveis de segurança, qualidade da atividade cultural e de lazer e, ainda, um clima apelativo.

O fluxo de membros de pessoal docente e não docente apoiados pelo Erasmus apresenta ainda um maior desequilíbrio, relação *incoming/outgoing* ligeiramente superior a 50%, em resultado essencialmente de uma aposta mais conservadora das instituições portuguesas no apoio à mobilidade do pessoal na Europa (Quadro 7).

Quadro 6 - Estudantes Erasmus outgoing e incoming em Portugal, 2014-15

	Nº estudantes		
	2014	2015	2014+15
<b>Outgoing</b>	8052	8615	16667
<b>Incoming</b>	11497	12606	24103

Fonte: ANE+EF

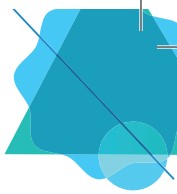
Quadro 7 - Docentes e outro pessoal outgoing e incoming apoiados pelo Erasmus em Portugal, 2014-15

	Pessoal docente e não docente		
	2014	2015	2014+15
<b>Outgoing</b>	1515	1533	3048
<b>Incoming</b>	2799	13074	5873

Fonte: ANE+EF

17. Erasmus+ Programme Annual report 2015. In [http://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about\\_en#tab-1-5](http://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_en#tab-1-5)

18. Erasmus: Facts, Figures & Trends. In [http://ec.europa.eu/dgs/education\\_culture/repository/education/library/statistics/ay-12-13/facts-figures\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/repository/education/library/statistics/ay-12-13/facts-figures_en.pdf)



Os fluxos espaciais de mobilidade de entrada e de saída são semelhantes, destacando-se a Espanha como o principal país emissor e recetor de estudantes apoiados pelo Erasmus no período em análise, com um peso de 21,3% e 22,4%, respetivamente (Quadro 8 e Figuras 16 e 17). A Itália e a Polónia destacam-se enquanto países de destino de estudantes de IES portuguesas (ambos na ordem dos 12%), acolhendo também Portugal um número significativo de

estudantes destes países (14,3% e 12,3%, respetivamente). No caso italiano, a proximidade geográfica e cultural justifica estes resultados, enquanto a relação com a Polónia fica a dever-se provavelmente à oferta de boas condições de acolhimento e ao ensino em língua inglesa, ultrapassando assim os obstáculos do idioma. No conjunto, Espanha, Itália e Polónia representam cerca de 47 a 48% do total dos estudantes em mobilidade outgoing e incoming de Portugal.

Quadro 8 - Principais países da mobilidade de estudantes Erasmus incoming e outgoing em Portugal, 2014-15

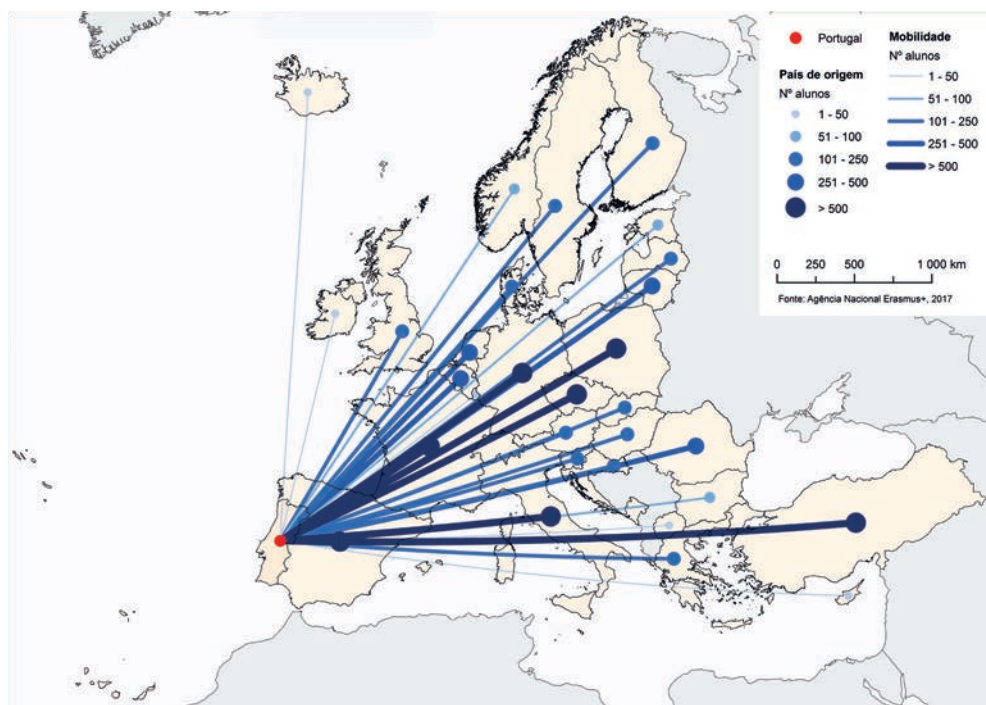
Incoming				Outgoing		
% estudantes			País	% estudantes		
2014	2015	2014+15		2014	2015	2014+15
21,9	20,8	21,3	Espanha	23,2	21,7	22,4
14,2	14,4	14,3	Itália	12,3	12,3	12,3
12,0	12,6	12,3	Polónia	11,7	12,6	12,2
4,0	4,2	4,1	R. Checa	5,6	6,2	5,9
7,9	7,8	7,8	Alemanha	5,6	5,7	5,7
5,6	5,6	5,6	França	5,3	5,4	5,3
1,3	1,7	1,5	Reino Unido	4,9	4,5	4,7
5,5	5,2	5,3	Turquia	1,8	1,7	1,7
11497	12606	24103	Total Geral	8052	8615	16667

Fonte: ANE+EF

Num patamar imediatamente inferior, a Alemanha e a França destacam-se enquanto países de emissão e receção de estudantes (valores na ordem dos 6-8%). Também neste escalão intermédio de importância nos fluxos de mobilidade se detetam diferenças entre a mobilidade *outgoing* e *incoming*. No primeiro caso, a República Checa (5,9%) e o Reino Unido (4,7%) atraem mais estudantes, em termos relativos, do que os que enviam; no segundo caso, releva-se a Turquia como país emissor de estudantes para o sistema de Ensino Superior português (cerca de 5% do total dos estudantes Erasmus em Portugal). O fluxo relativamente reduzido de estudantes de IES portuguesas para as suas congéneres britânicas, com elevada qualidade e reputação internacional, deve-se à maior dificuldade de estabelecimento de acordos internacionais entre as instituições de ambos os países, situação já observada no período 2007-2013 (ANE+EF, 2017).

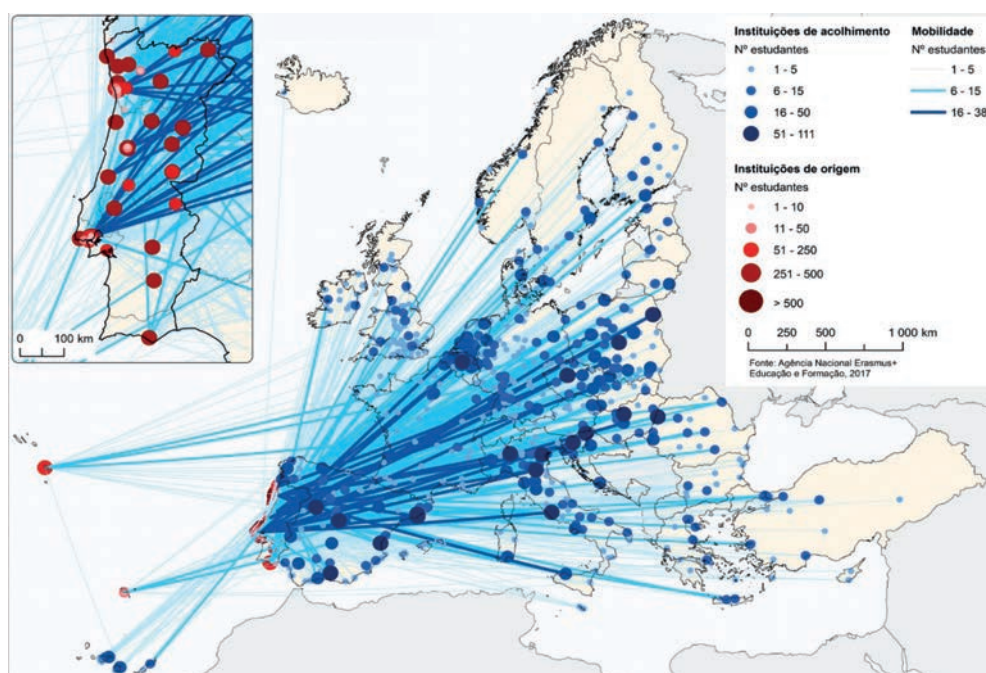
Os valores são semelhantes para a mobilidade do pessoal, mas com duas especificidades: na modalidade de *incoming*, Itália envia apenas cerca de 5% do total de pessoal que Portugal recebe no período em análise (mas recebe cerca de 10% do pessoal de IES portuguesas); na modalidade de *outgoing*, a Polónia não é tão atrativa pois acolhe apenas cerca de 7% do pessoal de IES portuguesas (mas têm origem neste país cerca de 16% do pessoal que Portugal acolhe no período em análise). Aliás, Portugal é um país muito atrativo para pessoal docente e não docente de países do Leste da Europa, designadamente a Polónia (cerca de 16% do pessoal *incoming* em Portugal), República Checa e Roménia, bem como para a Turquia (todos com aproximadamente 5% do total) (Figuras 18 e 19).

Figura 16 - Rede de mobilidade de estudantes de IES estrangeiras em Portugal, 2015



Fonte: ANE+EF

Figura 17 - Rede de mobilidade de estudantes portugueses para IES estrangeiras, 2015



Fonte: ANE+EF

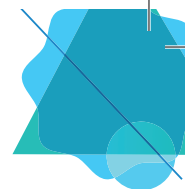
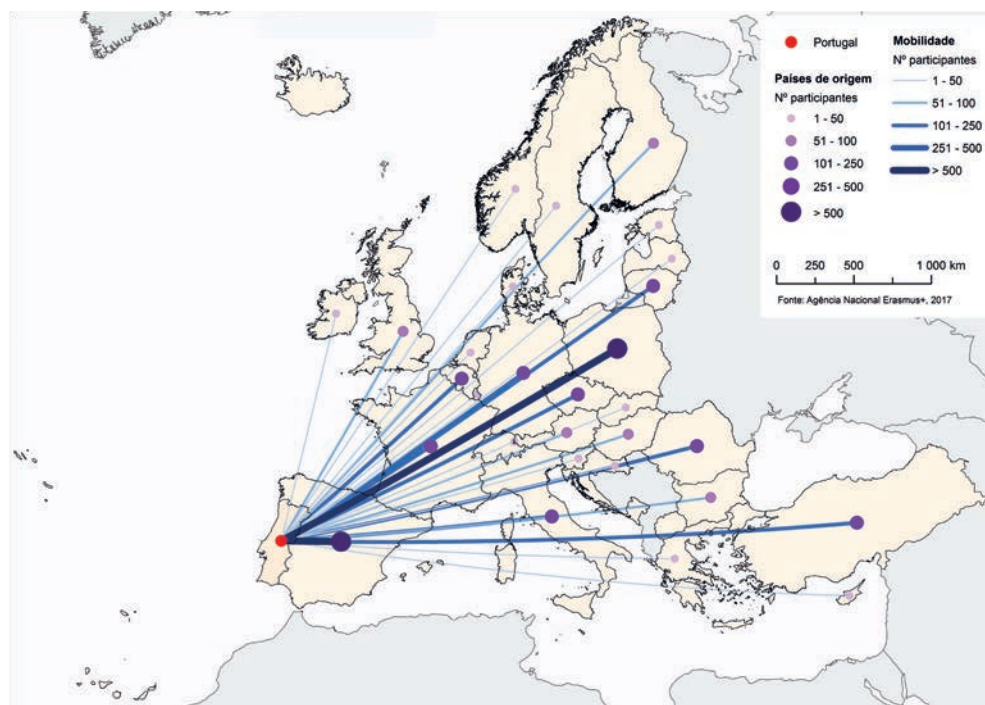
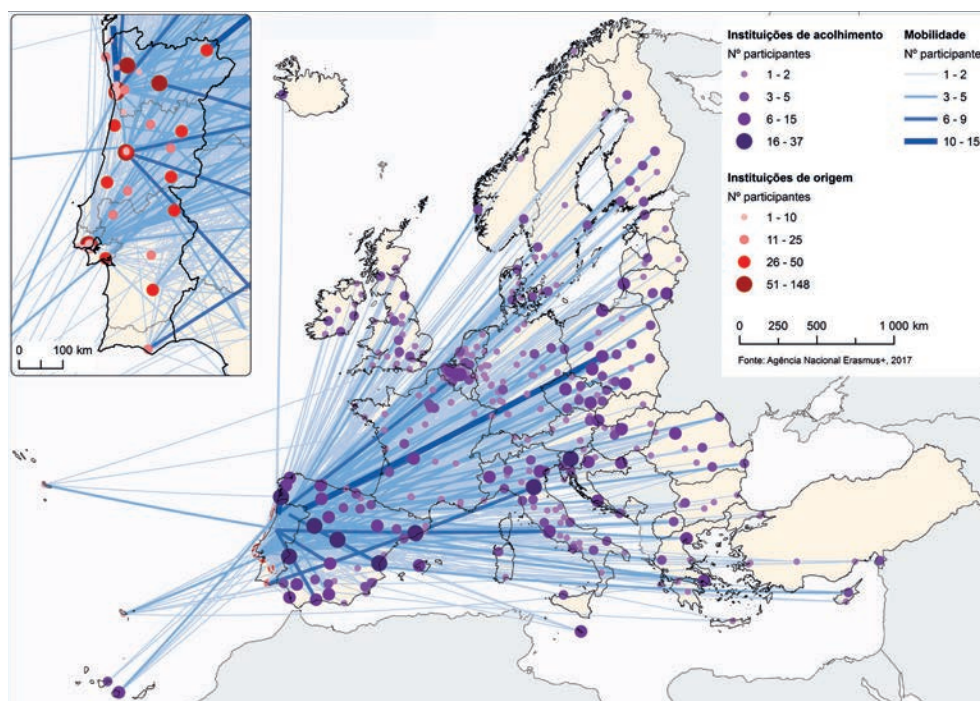


Figura 18 - Rede de mobilidade do pessoal docente e não docente de IES estrangeiras para Portugal, 2015



Fonte: ANE+EF

Figura 19 - Rede de mobilidade do pessoal docente e não docente para IES estrangeiras, 2015

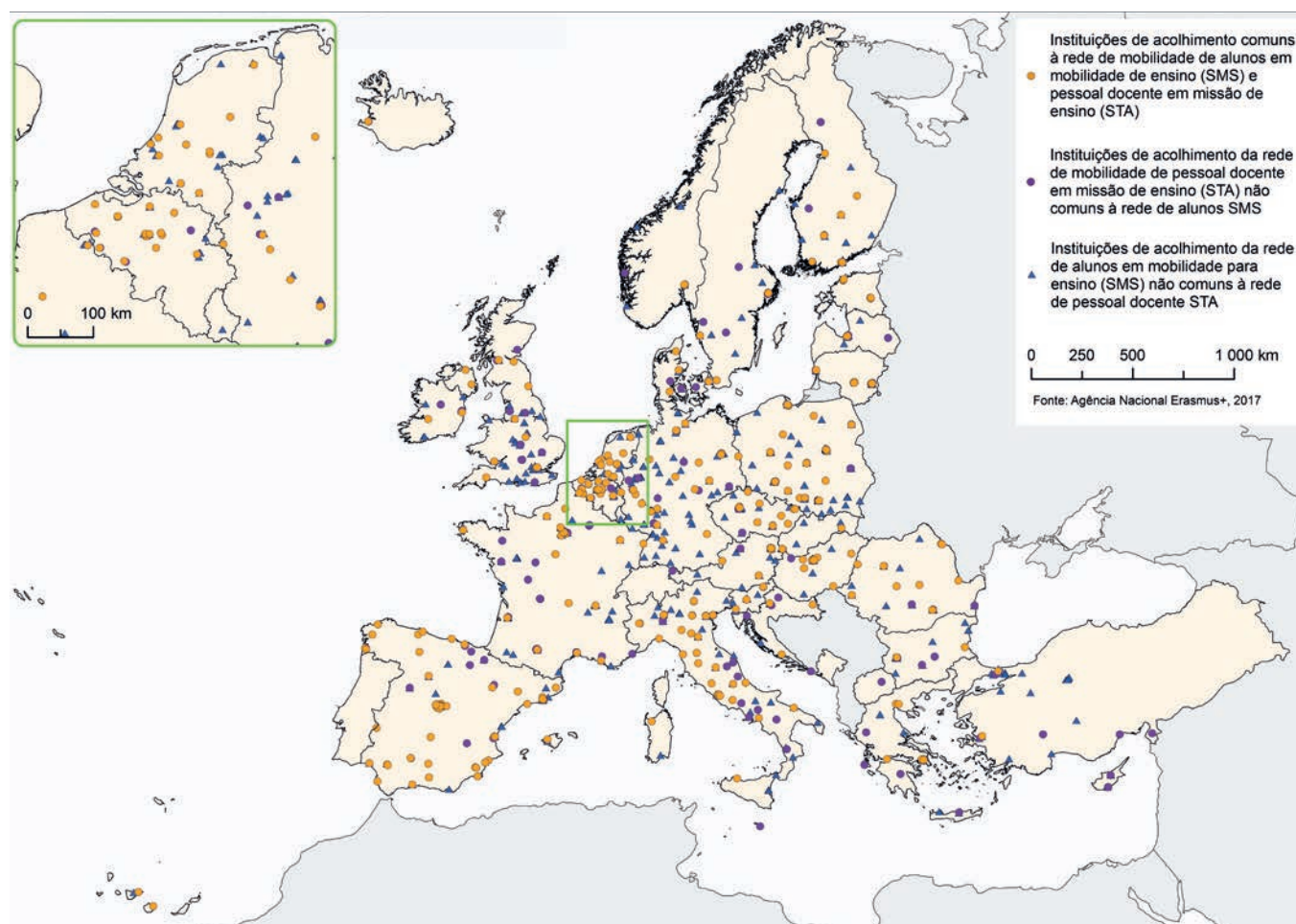


Fonte: ANE+EF

A Figura 20 mostra o elevado número de IES europeias comuns na mobilidade de estudantes e de docentes das IES portuguesas. As IES que são diferentes, por serem em menor número, têm geografias mais localizadas e facilmente identificadas, como seja o caso da Alemanha, do Reino Unido e da Turquia. Todavia, trata-se de desigualdades de natureza distinta. Na Alemanha, o número de IES coincidentes entre estudantes e pessoal e o número de IES diferentes é praticamente igual. Já no caso do Reino Unido

e da Turquia, as diferenças entre as IES de acolhimento de estudantes (SMS) e de pessoal (STA) suplantam em número as IES comuns. Constatam-se que existem estratégias articuladas estudantes/docentes, por parte de algumas IES, relativamente às IES de alguns países (e.g. Bélgica destacadamente, mas também Espanha e Itália) e outras expressam uma ausência de uma estratégia explícita e articulada entre a mobilidade de estudantes e docentes.

Figura 20 - Instituições de acolhimento comuns e não comuns nas redes de mobilidade de estudantes (SMS) e de docentes (STA), 2015



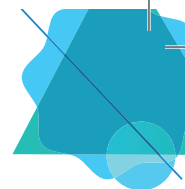
Fonte: ANE+EF

Da análise aos dados sobre a mobilidade de estudantes no período 2014-2015, verifica-se que a maioria dos estudantes portugueses continua a optar pela modalidade de estudo - SMS (72% - valor praticamente idêntico para ambos os anos em análise (Quadro 9). Uma leitura muito semelhante é aquela que os números nos dão para o caso da mobilidade do pessoal docente e não docente. A maioria do pessoal desloca-se ao abrigo do Erasmus na modalidade de STA (ensino) (aproximadamente 70%) para 2014 e 2015.

Igualmente interessante é uma análise comparativa por género. De acordo com os dados da DGEEC/PORDATA<sup>19</sup>, de um total de 356.399 estudantes inscritos no Ensino

Superior em 2016, 190.282 são mulheres, ou seja 53% do total dos estudantes. Da leitura do Quadro 9 é ainda possível verificar que, tanto em regime SMS (estudos) como em regime SMT (estágios), as mulheres são a maioria. O desequilíbrio mulheres/homens é particularmente evidente em SMT (estágios), com as mulheres a representarem 68,3% em 2014 e 68,8% em 2015 do total de estudantes em regime SMT. A balança do género torna-se um pouco menos desequilibrada quando olhamos para os números dos estudantes em SMS (estudos), com diferenças de 3% a favor das mulheres, para ambos os anos em análise.

19. Acedido em 22 de Abril de 2017 <http://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>



Quadro 9 - Mobilidade Erasmus de estudantes e pessoal docente e não docente por género e tipo de mobilidade, 2014-

Mobilidade / Género		Nº de Participantes				% de Participantes			
		2014		2015		2014		2015	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Estudantes	Estágio (SMT)	1541	714	1663	753	68,3	31,7	68,8	31,2
	Estudos (SMS)	3040	2757	3255	2944	52,4	47,6	52,5	47,5
Pessoal	Ensino/ docentes (STA)	597	471	577	481	55,9	44,1	54,5	45,5
	Formação (STT)	310	137	330	144	69,4	30,6	69,6	30,4

Fonte: ANE+EF

Quanto ao pessoal, o retrato é muito semelhante. Quase 70% do pessoal em mobilidade, em regime de STT (formação), são mulheres, quer em 2014 quer em 2015. Esta relação é ligeiramente menos desequilibrada quando se trata de docentes em regime STA (docentes em ações de ensino), com valores diferenciados de aproximadamente 10 pontos percentuais a favor das mulheres.

O Quadro 10 cruza o tipo de mobilidade com o ciclo de estudos /ensino dos estudantes e docentes. Relativamente aos estudantes, quer seja na modalidade de estágio (SMT) ou de estudo (SMS), são sempre mais de 50% os estudantes do 1º ciclo. Não obstante, o número de estudantes que opta por usufruir do Erasmus no 2º ciclo para a realização de estágios (SMT) é relevante e mostra tendência a aumentar. Em 2014, de um total de 2.255 estudantes que optaram pelo regime SMT (estágios), 43,6% fê-lo no 2º ciclo de estudos <sup>20</sup>. Este número, em 2015, passou para

47,1% face a um total de 2.416 estudantes. Ao analisarmos os alunos que beneficiaram do Erasmus em regime de SMS (estudos), os números mostram um peso ainda maior do 1º ciclo de estudos (68,4%, em 2014 e 2015 face a um total de 5.797 estudantes e 6.199 estudantes, respetivamente). O 2º ciclo de estudos mostra, no regime de mobilidade SMS (estudos), um peso relativo inferior (31%) ao verificado em regime de SMT (estágios). Nos cursos Técnicos Superiores Profissionais, quer em regime SMT (estágios), quer em regime SMS (estudos), verificam-se valores residuais. Os alunos de 3º ciclo, apesar de mostrarem pouca participação no Erasmus, apresentam um comportamento diferenciado. Se é verdade que os números de estudantes do 3º. ciclo para 2014 e 2015, em mobilidade SMS (estudos) são inexpressivos, quando se trata de realizar estágios (SMT), verifica-se já alguma adesão com valores na ordem dos 1,5%.

20. Atlas da Mobilidade Erasmus 2014-15.

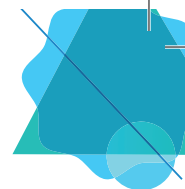
Quadro 10 - Mobilidade Erasmus de estudantes e pessoal docente por ciclo de estudo/ensino, 2014-15

Mobilidade (%)		Ciclo de Estudos	2014	2015
Estudantes	Estágio (SMT)	Técnico Superior Profissional - TeSP (EQF-5)	0,6	0,9
		Primeiro ciclo/ Licenciatura ou nível equivalente (EQF-6)	53,8	50,3
		Segundo ciclo/ Mestrado ou nível equivalente (EQF-7)	43,6	47,1
		Terceiro ciclo/ Doutoramento ou nível equivalente (EQF-8)	1,6	1,5
		Não classificado (EQF-9)	0,0	0,2
		N.R.		
		<b>Total</b>	<b>2255</b>	<b>2416</b>
	Estudos (SMS)	Técnico Superior Profissional - TeSP (EQF-5)	0,2	0,2
		Primeiro ciclo/ Licenciatura ou nível equivalente (EQF-6)	68,4	68,4
		Segundo ciclo/ Mestrado ou nível equivalente (EQF-7)	31,1	31,3
		Terceiro ciclo/ Doutoramento ou nível equivalente (EQF-8)	0,2	0,1
		Não classificado (EQF-9)	0,1	0,1
		N.R.		
		<b>Total</b>	<b>5797</b>	<b>6199</b>
Pessoal	Ensino/ docentes (STA)	Técnico Superior Profissional - TeSP (EQF-5)	0,5	1,6
		Primeiro ciclo/ Licenciatura ou nível equivalente (EQF-6)	53,8	50,7
		Segundo ciclo/ Mestrado ou nível equivalente (EQF-7)	25,8	32,6
		Terceiro ciclo/ Doutoramento ou nível equivalente (EQF-8)	15,7	14,9
		Não classificado (EQF-9)	4,1	0,2
		<b>Total</b>	<b>1068</b>	<b>1059</b>

Fonte: ANE+EF

Relativamente ao pessoal docente, tendo por comparação a distribuição dos estudantes pelos ciclos de estudos, verifica-se que as mobilidades no âmbito do 1º ciclo de estudos são as mais importantes. Mais precisamente, representam 53,8% e 50,7% para 2014 e 2015 respetivamente, do total de docentes. O decréscimo relativo de docentes em 2015 foi compensado por uma ligeira subida do número relativo de docentes que opta pela mobilidade no 2º ciclo de estudos, que passou de 25,8% em 2014 para 32,6% em 2015, um comportamento semelhante ao dos estudantes em regime SMT (estágio). O que é substancialmente diferente é o maior número de docentes, que usufrui do Erasmus no 3º ciclo de estudos. Se, no caso dos estudantes, o número

relativo não era superior a 2%, no caso dos docentes o valor situa-se nos 15% do total de docentes em mobilidade. Este resultado pode explicar-se pela relação mais intensa entre investigação e docência no 3º ciclo, podendo indiciar que os docentes aproveitam a mobilidade Erasmus para aprofundar relações de investigação que envolvem quer docentes quer estudantes de doutoramento de IES europeias. Aliás, diversos programas de doutoramento proporcionam aos seus estudantes seminários com professores visitantes, alguns com apoio do Erasmus.



## Mobilidade Erasmus por áreas de estudo/ensino

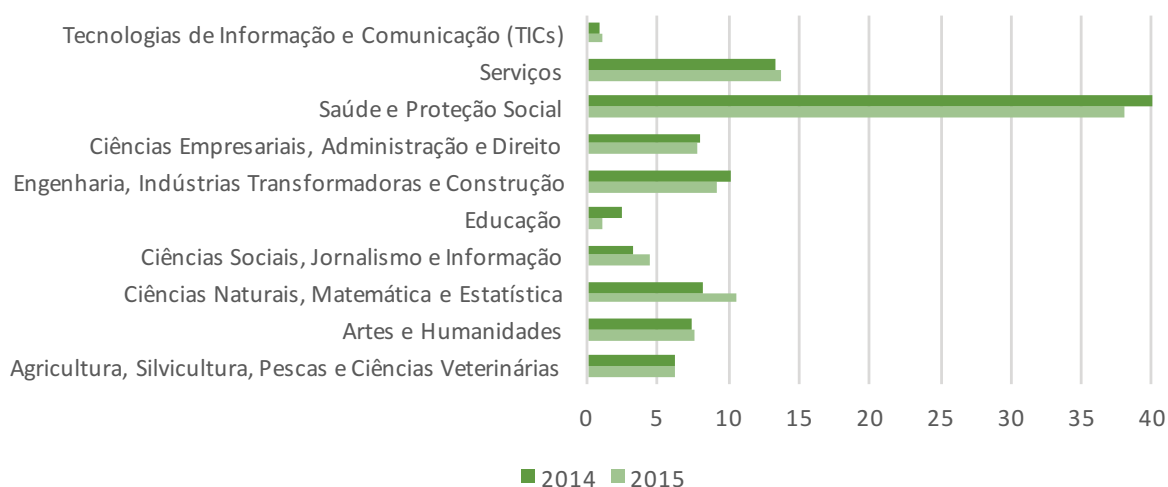
A mobilidade Erasmus apresenta diferenças significativas por área de estudo/ensino. Considerando a distribuição dos estudantes em mobilidade de estudo (SMS) e estágio (SMT), destacam-se as áreas da Saúde e Proteção Social, que domina na mobilidade SMT, com uma representação de 40%, enquanto na mobilidade SMS (estudos) são as áreas de Ciências Empresariais, Administração e Direito, assim como Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção que, em conjunto, representam 45% do total de estudantes portugueses participantes neste regime de mobilidade (Figuras 21 e 22).

Figura 21 - Mobilidade de estudantes SMS por área de estudo, 2014 e 2015



Fonte: ANE+EF

Figura 22 - Mobilidade de estudantes para SMT por área de estágio, 2014 e 2015



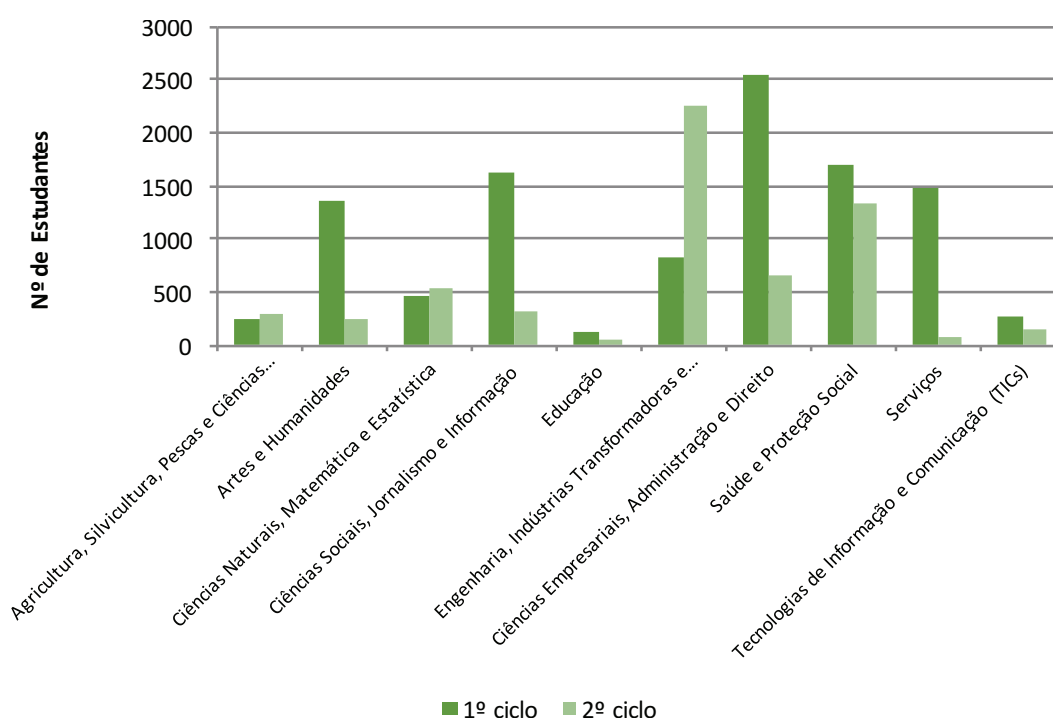
Fonte: ANE+EF

Verifica-se uma diferença significativa na mobilidade por área e por ciclo de estudo. Na Figura 23, observa-se que a mobilidade decorre, em geral, durante o 1º ciclo de estudos. Todavia é possível apontar a notável exceção da área de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção. Também com ligeiro predomínio da mobilidade no 2º ciclo se identificam as Ciências Naturais, Matemática e Estatística

ca e Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias. Esta diferenciação é prova duma aposta estratégica de internacionalização por parte das IES durante a especialização da formação, em muitos casos no âmbito da frequência de mestrado integrado.



Figura 23 - Mobilidade de estudantes SMS por área e por ciclo de estudo, 2014 e 2015

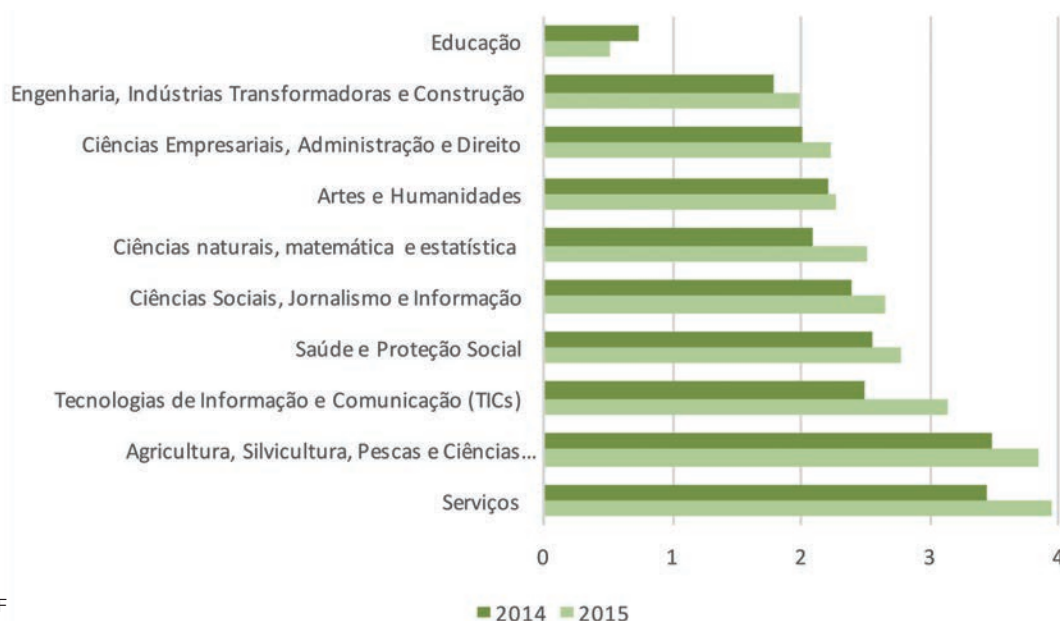


Fonte: ANE+EF

O panorama da mobilidade geral altera-se significativamente quando se compara o número de estudantes em mobilidade com o número de estudantes inscritos nos cursos destas áreas de estudo, nas IES portuguesas. Com efeito, destaca-se a maior preponderância para a mobilidade de estudantes de áreas com menor expressão na distribuição de estudantes no Ensino Superior, tais como: Serviços; Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias; e TIC (Figura 24). Como o universo de estudantes é relativamente reduzido, um pequeno aumento do número de estudantes em mobilidade tem, em termos relativos, uma expressão estatística importante, que leva a que estas áreas de

estudo surjam destacadas. Em todo o caso, áreas com maior expressão, como as Ciências Sociais, Jornalismo e Informação; Ciências Naturais, Matemática e Estatística; e Artes e Humanidades, apresentam um nível de mobilidade de estudantes Erasmus maior do que as áreas da Ciências Empresariais, Administração e Direito; e da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção. O mesmo não se verifica na área da Saúde e Proteção Social que, mesmo numa análise ponderada pelos estudantes inscritos, regista um bom nível de mobilidade de estudantes, o que significa que esta área de estudo não só regista muitos estudantes inscritos, como muitos deles usufruem de mobilidade.

Figura 24 - Percentagem de estudantes em mobilidade face ao total de alunos, por área de estudo, 2014 e 2015



Fonte: ANE+EF

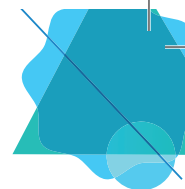
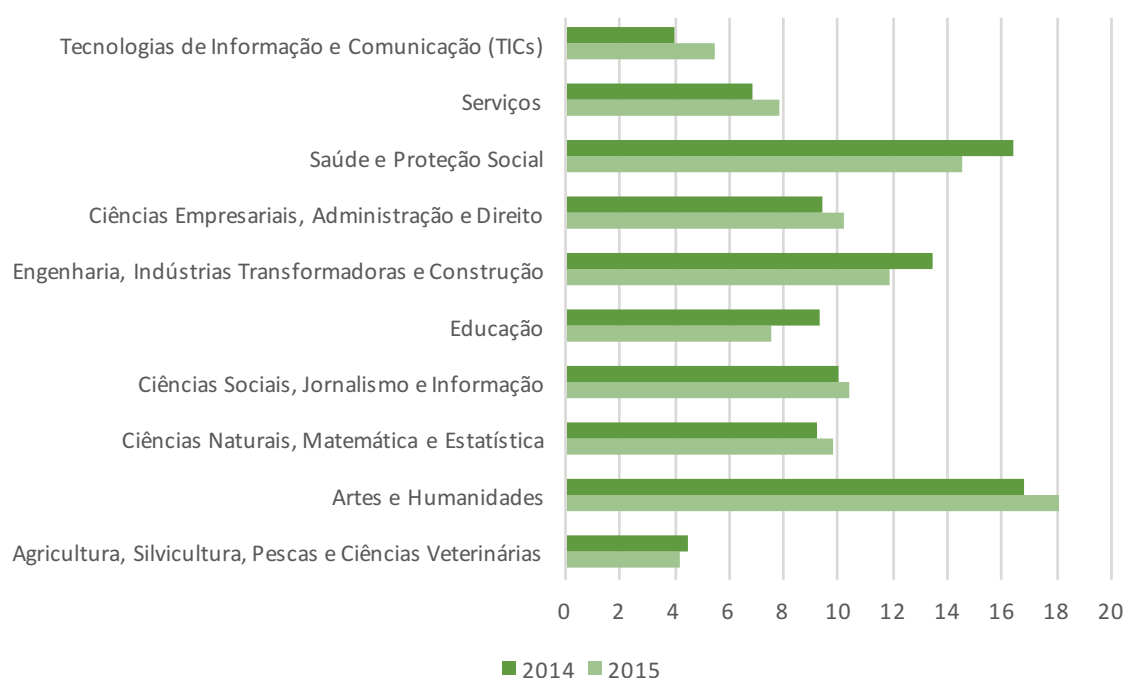


Figura 25 - Mobilidade dos docentes por área de estudo, 2014 e 2015



Fonte: ANE+EF

Relativamente ao pessoal docente em STA, as áreas de ensino que mais usufruem do Erasmus são as mesmas que se haviam destacado para os estudantes, quer em regime de estágio - SMT (Saúde e Proteção Social), quer em regime de estudo - SMS (Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção; Ciências Empresariais, Administração e Direito) (Figura 25). O que é, todavia, distinto, e merece destaque, é o número relativo de docentes da área de Artes e Humanidades, com valores médios na ordem dos 18% do total da mobilidade de docentes em Portugal, valor muito superior ao da mobilidade dos estudantes nesta área. Não menos importante é perceber de que IES nacionais são provenientes os estudantes em mobilidade Erasmus (SMT e SMS), por área de estudo. Os Quadros 11 e 12 permitem identificar as áreas de estudo que mais se destacam por IES nacionais e estrangeiras.

Da leitura do Quadro 11, verifica-se que os estudantes da área de Educação que realizam mobilidade Erasmus são provenientes sobretudo das Universidades de Lisboa e do Porto e do Instituto Politécnico de Lisboa, uma vez que as outras IES têm sempre um peso muito inferior ou mesmo inexistente. São também estas IES que mais se destacam na área de Artes e Humanidades. Os estudantes Erasmus de Ciências Empresariais, Administração e Direito são uma aposta da Universidade Católica Portuguesa, Universidade Nova de Lisboa e IUL-ISCTE. No caso das Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, são dominantes as Universidades Nova de Lisboa, do Porto e de Coimbra. Destacam-se as Universidades de Lisboa, do Porto e do Minho na área da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção. Os estudantes da área de estudo de Saúde e Proteção Social

são predominantes nas três principais IES nacionais. Na área de Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias, assume protagonismo o Instituto Politécnico de Coimbra e a UTAD, a par da Universidade de Lisboa.

As principais IES europeias que acolhem estudantes portugueses localizam-se principalmente na Europa do Sul e Europa de Leste e acolhem naturalmente um maior número de estudantes nas áreas de estudo já identificadas (Quadro 12). Descortina-se, no entanto, uma diferença interessante nas áreas de estudo das IES da Europa de Leste e do Sul; enquanto as primeiras acolhem ainda um número significativo de estudantes para cursos da área das Tecnologias de Informação e Comunicação e Serviços, as segundas privilegiam, além das áreas de estudo dominantes, os cursos de Ciências Sociais e Jornalismo.

Acerca das geografias dos estudantes, docentes e não docentes, por áreas de estudo - ou seja para onde vão os estudantes, docentes e não docentes portugueses em mobilidade Erasmus, verifica-se que em alguns casos é notória a tendência para o acolhimento de determinadas áreas de estudo, enquanto que noutros casos o acolhimento parece ser mais indiscriminado, i.e. com mais áreas de estudo representadas. Por exemplo, se é verdade que os destinos preferenciais permanecem inalterados independentemente da área de estudo, ou seja Espanha, Polónia e Itália, também é evidente que consoante a área de estudo estes mesmos países vêm a sua capacidade atrativa reforçada nalguns casos.

Por exemplo, no caso da Polónia parece haver um especial poder de atração pelos estudantes portugueses da área de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção (Figura 26), mas também Ciências Empresariais, Administração e Direito (Figura 27). Ainda relativamente à Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, há que reconhecer capacidade atrativa das IES do Norte de Itália e do Benelux.

Todavia, onde a Itália e sobretudo as IES do Norte de Itália tem maior capacidade atrativa, bem como as IES espanholas, é para com os estudantes da área de Saúde e Proteção Social (Figura 28). Já no que reporta aos estudantes da área de estudo de Serviços, a República Checa tem claramente um efeito atrativo superior a IES de outras geografias (Figura 29).

Quadro 11 - Estudantes Erasmus *outgoing* por IES nacional e área de estudo, 2014-2015

	Educação	Artes e Humanidades	Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	Ciências Empresariais, Administração e Direito	Ciências naturais, matemática e estatística	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias	Saúde e Proteção Social	Serviços
Universidade de Lisboa	31	230	222	227	134	16	818	83	290	35
Universidade do Porto	21	142	258	73	140	54	567	29	385	47
Universidade de Coimbra	15	50	239	152	63	12	190		377	148
Universidade Nova de Lisboa		66	340	349	124	39	163		157	
Universidade Católica Portuguesa		15	174	451	20		14		37	1
Universidade do Minho	4	48	110	85	54	41	292		24	
Instituto Politécnico de Bragança		61	9	137	17	52	116	24	51	45
Instituto Politécnico de Lisboa	30	113	52	74		4	43		152	
Universidade de Aveiro	1	95	30	85	102	2	114		21	15
Instituto Politécnico de Coimbra	11	22	6	43	12	1	64	92	104	59
Instituto Politécnico do Porto	7	69	2	99	3	7	93		120	22
Instituto Universitário de Lisboa		15	91	310		41	25		3	
Instituto Politécnico de Leiria	3	52	17	124	4	9	17		56	25
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	1	15	32	14	26	21	66	57	30	36
Universidade da Beira Interior		30	28	8	10	20	117		23	18
Instituto Politécnico de Viana do Castelo	8	17	2	37	11	7	17	12	21	62
Universidade do Algarve	1	6	18	31	75	2	4		12	25
Universidade de Évora	1	23	32	41	20	1	32	17	17	8
Instituto Politécnico de Castelo Branco	5	39		9	1	11	13	5	55	1
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra									172	
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>1108</b>	<b>1662</b>	<b>2349</b>	<b>816</b>	<b>340</b>	<b>2765</b>	<b>319</b>	<b>2107</b>	<b>547</b>

	Primeiro
	Segundo
	Terceiro

Fonte: ANE-EF, 2017

Existem ainda outros destinos, que apesar de menos populares entre as preferências dos estudantes das IES nacionais, não deixam de ter um especial poder atrativo em áreas muito específicas e que por isso indiciam uma estratégia das IES nacionais em procurar redes com

IES estrangeiras, cujas áreas de estudo têm reconhecimento científico: Polónia, Roménia e Estónia na área de estudo Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias (Figura 30).

Quadro 12 - Estudantes Erasmus *outgoing* por IES estrangeiras e área de estudo, 2014-2015

Estudantes em mobilidade de estudos (SMS) por principais áreas de estudo ativas no Programa Erasmus+, por Instituição de Ensino Superior (IES) europeias que acolheram mais de quarenta estudantes em 2014 e 2015														
Nº sequencial	PIC	Instituição de Ensino Superior	País	Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias	Artes e Humanidades	Ciências naturais, matemática e estatística	Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	Educação	Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	Ciências Empresariais, Administração e Direito	Saúde e Proteção Social	Serviços	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	Total
1	999889193	POLITECHNIKA BIALOSTOCKA	Polónia	0	7	0	0	0	77	76	1	17	21	199
2	999923240	UNIVERZA V LJUBLJANI	Eslovénia	5	21	3	21	3	43	42	22	5	3	168
3	999879881	POLITECNICO DI MILANO	Itália	0	41	10	0	0	102	0	6	0	7	166
4	999874546	UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID	Espanha	3	23	10	65	2	5	23	25	1	2	159
5	99993953	ALMA MATER STUDIORUM - UNIVERSITA DI BOLOGNA	Itália	5	15	7	41	2	36	17	21	11	1	156
6	999923434	UNIVERZITA KARLOVA V PRAZE	República Checa	0	16	20	31	5	1	4	41	12	0	130
7	999986387	UNIVERSITAT DE BARCELONA	Espanha	0	14	15	26	2	5	18	41	2	0	123
8	999882015	UNIVERSIDAD DE GRANADA	Espanha	0	12	3	27	7	6	23	20	14	8	120
9	999987745	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI ROMA LA SAPIENZA	Itália	1	13	4	22	0	39	11	19	0	6	115
10	999976202	UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA	Espanha	0	3	5	0	0	91	3	2	0	5	109
11	999895789	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI FIRENZE	Itália	0	1	17	27	1	24	9	20	0	6	105
12	999858444	UNIVERSITATEA DIN ORADEA	Roménia	20	0	1	21	0	11	8	7	23	12	103
13	999863488	UNIWERSYTET LODZKI	Polónia	0	8	0	21	0	8	51	6	3	5	102
14	999904228	BUDAPESTI MUSZAKI ES GAZDASAGTUDOMANYI EGYETEM	Hungria	0	0	1	2	0	65	21	0	0	10	99
15	999986484	UNIVERSITAT AUTONOMA DE BARCELONA	Espanha	2	13	8	28	3	1	18	18	8	0	99
16	999846610	UNIVERSIDAD DE SALAMANCA	Espanha	0	20	5	36	6	3	13	10	0	0	93
17	99995602	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI PADOVA	Itália	5	2	10	23	0	25	18	6	0	0	89
18	999953019	UNIVERSITAT DE VALENCIA	Espanha	0	4	3	16	4	1	7	45	8	1	89
19	999991334	KATHOLIEKE UNIVERSITEIT LEUVEN	Bélgica	1	3	5	11	0	37	23	4	4	0	88
20	999903646	UNIVERZA V MARIBORU	Eslovénia	0	1	1	16	2	21	30	3	2	9	85
21	999977366	TECHNISCHE UNIVERSITEIT DELFT	Países Baixos	0	2	5	0	0	69	0	1	0	6	83
22	999572294	AKADEMIA SZTUK PIĘKNYCH W WARSZAWIE	Polónia	0	12	2	39	0	0	27	0	0	0	80
23	999912570	ČESKÁ ZEMĚDELSKÁ UNIVERZITA V PRAZE	República Checa	10	0	1	7	0	5	49	0	0	5	77
24	999861936	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI TORINO	Itália	8	2	1	30	0	0	12	24	0	0	77
25	999880657	Masarykova univerzita	República Checa	0	2	7	25	0	3	5	10	21	2	75
26	949647752	VYSOKÉ UCENÍ TECHNICKÉ V BRNE	República Checa	0	1	1	1	0	50	7	0	0	13	73
27	999848744	ČESKÉ VYSOKÉ UCENÍ TECHNICKÉ V PRAZE	República Checa	0	3	9	2	0	55	1	0	0	0	70
28	999933231	SVEUČILIŠTE U ZAGREBU	Croácia	0	8	0	15	0	9	24	5	0	6	67
29	999862712	UNIVERSITA DI PISA	Itália	5	7	3	16	0	17	7	3	1	3	62
30	990351668	UNIWERSYTET EKONOMICZNY WE WROCŁAWIU	Polónia	0	0	0	0	0	0	52	0	7	3	62
31	999879202	POLITECHNIKA OPOLSKA	Polónia	4	0	9	0	0	11	35	0	1	2	62
32	999899572	UNIVERSIDAD CARLOS III DE MADRID	Espanha	0	6	0	34	0	6	13	0	1	2	62
33	999980664	UNIVERSITE CATHOLIQUE DE LOUVAIN	Bélgica	0	1	0	13	0	17	28	2	0	0	61
34	99995796	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI MILANO	Itália	1	1	10	5	0	6	5	27	1	5	61
35	999868144	VYSOKÁ ŠKOLA BANKA - TECHNICKÁ UNIVERZITA OSTRAVA	República Checa	0	0	10	0	0	26	15	0	0	7	58
36	999659691	POLITECHNIKA POZNANSKA	Polónia	0	0	0	0	0	35	0	0	0	21	56
37	999893752	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI PAVIA	Itália	0	0	7	16	0	3	0	27	0	0	53
38	999635150	UNIVERSITATEA DE VEST DIN TIMISOARA	Roménia	0	5	0	10	0	3	23	0	12	0	53
39	999898311	UNIVERSIDAD DE MALAGA	Espanha	0	5	4	12	0	7	17	2	5	0	52
40	991256096	AALTO-KORKEAKOULUSATIO	Finlândia	0	3	3	3	0	20	11	3	0	8	51
41	949622338	Wyzsza Szkoła Hotelarstwa i Gastronomii	Polónia	0	0	0	0	0	0	34	0	17	0	51
42	999844573	AKADEMIA GORNICZO-HUTNICZA IM. STANISŁAWA STASZICA W KRAKOWIE	Polónia	0	0	1	7	0	19	11	0	0	13	51
43	999857086	BUDAPESTI CORVINUS EGYETEM	Hungria	0	0	0	24	0	4	22	0	0	0	50
44	999838850	UNIVERSITA COMMERCIALE LUIGI BOCCONI	Itália	0	0	0	9	0	0	41	0	0	0	50
45	999976687	UNIVERSITA DEGLI STUDI DI GENOVA	Itália	0	3	2	0	1	12	6	26	0	0	50
46	999989782	RIJKSUNIVERSITEIT GRONINGEN	Países Baixos	0	1	8	14	0	6	13	7	1	0	50
47	999884052	POLITECHNIKA WARSZAWSKA	Polónia	0	0	2	2	0	45	1	0	0	0	50
48	998733341	VYSOKÁ ŠKOLA EKONOMICKÁ V PRAZE	República Checa	0	0	0	12	0	0	37	0	0	0	49
49	949636112	AKADEMIA WYCHOWANIA FIZYCZNEGO JOZEFA PIŁSUDSKIEGO W WARSZAWIE	Polónia	0	0	0	0	0	0	0	2	47	0	49
50	998695705	SZKOŁA GŁÓWNA HANDLOWA W WARSZAWIE	Polónia	0	0	0	17	0	0	31	0	1	0	49
51	999886671	POLITECHNIKA ŁÓDZKA	Polónia	0	3	3	0	0	42	0	0	0	1	49
52	999986096	UNIVERSITEIT GENT	Bélgica	2	2	5	11	1	20	4	0	0	3	48
53	999977463	TECHNISCHE UNIVERSITÄT MÜNCHEN	Alemanha	0	0	0	0	0	41	1	1	0	4	47
54	999845931	POLITECHNIKA WROCŁAWSKA	Polónia	0	1	6	0	0	29	0	0	0	11	47
55	932972288	UNIVERSITEIT MAASTRICHT	Países Baixos	0	0	0	22	0	0	24	0	0	0	46
56	999453663	UNIVERZITA PARDUBICE	República Checa	0	0	1	18	0	5	11	8	0	1	44
57	999923531	UNIVERSITA' DEGLI STUDI DI MILANO-BICOCCA	Itália	0	0	3	21	0	1	8	9	0	0	42
58	999861354	UNIVERSIDAD AUTONOMA DE MADRID	Espanha	0	3	1	17	2	0	9	1	8	0	41
59	999977754	POLITECNICO DI TORINO	Itália	0	3	0	0	0	36	0	0	0	1	40
60	999588784	POLITECHNIKA GDAŃSKA	Polónia	0	0	1	0	0	24	15	0	0	0	40
61	999841566	UNIVERZITA KOMENSKÉHO V BRATISLAVE	Eslováquia	0	1	0	13	0	2	16	1	7	0	40
62	999898214	UNIVERSIDAD DE ZARAGOZA	Espanha	1	0	0	13	0	10	15	0	1	0	40

Amostra representa 40% dos alunos em mobilidade SMS no somatório dos anos de 2014 e 2015

	Primeiro
	Segundo
	Terceiro

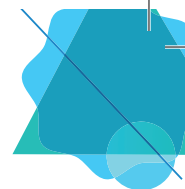
Fonte: ANE-EF, 2017

Quadro 13 - Estudantes Erasmus das principais IES estrangeiras em IES nacionais por área de estudo, 2014-15

	Educação	Artes e Humanidades	Ciências Sociais e Jornalismo	Gestão, Administração e Direito	Ciências Naturais, Matemática e Estatística	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	Engenharias, Produção e Construção	Agricultura, Floresta, Pesca e Veterinária	Medicina, Saúde e Bem-estar	Serviços
Universidad de Extremadura	50	8	15	87	16	9	61	23	12	22
Universidad de Granada	48	12	19	59	25	1	38		62	3
Universitat de Valencia	30	17	71	20	24		6		66	6
Univerza V Ljubljani	12	26	49	42	11	7	27	7	29	9
Universita Degli Studi Di Roma La Sapienza		27	40	41	8	3	62		22	
Universita Degli Studi di Padova		35	44	31	17		42	11	13	4
Alma Mater Studiorum - Universita di Bologna	6	47	27	20	13		33	16	21	1
Universidad de Burgos	14	20	8	20		7	84	3	15	10
Universidad de Sevilla	35	14	17	9	15	5	23	6	43	10
Universidade da Coruna	21	28	18	13	12	2	39		8	33
Universidad del Pais Vasco/ Euskal Herriko Unibertsitatea	13	18	51	23	13		36	2	2	3
Universidad de Valladolid	16	6	23	32	4		24	8	44	1
Politecnico di Milano		35		11	3	1	107			
Politechnika Lodzka		3		22	23	23	81			4
Universita Degli Studi di Torino	5	27	43	17	2			6	41	4
Universidad de Murcia	14	11	23	26	21		1	1	18	7
Universidad de Vigo	9	17	5	39	17	4	9	3	8	11
Universidad Complutense de Madrid	5	6	47	17	9			2	25	3
Universita Degli Studi di Milano		26	18	15	5	1	5	15	27	1
Uniwersytet Warszawski	5	36	33	23	15					
Universidad de Leon	6	6	3	20	4	2	26	29	12	3
Universidad de Jaen	23	1	13	22	7	7	9		20	7
Universidad de Malaga	4	16	13	42	13		16		5	
Uniwersytet Lodzki	4	8	33	52	5	4				3
Universidad de Las Palmas de Gran Canaria	15	20	3	12	8		21		16	13
Universidad de Zaragoza	6	9	13	27	2		29		20	
Sveuciliste U Zagrebu	7	22	7	28	8	8	17	4	3	
Masarykova Univerzita	6	26	25	7	13	12			8	6
Katholieke Universiteit Leuven	3	6	17	20	4	1	46	1	1	1
Universita degli Studi di Napoli Federico II		5	6	16	13	1	34	10	15	
Politechnika Bialostocka		8		17	19	7	40	1		6
Politechnika Poznanska				11	9	8	61			5
Universitatea Constantin Brancoveanu din Pitesti			8	75						5
Yildiz Technical University		5	14	9	27	3	27			
Szkola Glowna Handlowa W Warszawie			35	49						
Universita degli Studi di Sassari		3	28	8	6		33	5	1	
Universite Catholique de Louvain			16	51			12		5	
Universitat Politecnica de Catalunya					9	1	71	1	1	
Universidad Autonoma de Madrid	7	6	29	20	9		5		6	
Universita di Pisa		14	14	32	2		10	5	3	
Universitaet zu Koeln	8	14	9	35	1				13	
Universiteit Gent	3	13	11	8	10		11	2	22	
Ceska Zemedelska Univerzita V Praze			13	48	12	3		2		
Universita degli Studi di Pavia		10	23	6	7		15		17	
Universita' degli Studi di Milano-bicocca	11		19	27	7	4			6	3
Universita degli Studi di Palermo	4	12		2	11		16		31	
Univerzita Tomase Bati ve Zline	9	4		35	1	5	17			5
Groupe Kedge Business School				74						
Univerzita Komenskeho V Bratislave	3	8	10	41	6				5	1
Universidad de Salamanca		12	5	5			16		35	
Politechnika Gdanska			1	48	6		17			
Politechnika Rzeszowska Im Ignacego Lukasiewicza Prz			1	32	13		26			
Universitat de Barcelona	3	8	16	12	12		2		19	
Univerzita Karlova	2	14	8	2	5				21	5
Univerzita Karlova V Praze	2	12	8	3	10			2	14	3
Vilniaus Gedimino Technikos Universitetas Viesoji Istaiga		1	1	12		8	19			
Vilniaus Gedimino Technikos Universitetas		4	3	10	4	6	11			

	Primeiro
	Segundo
	Terceiro

Fonte: ANE-EF, 2017



As áreas de estudo das Ciências Naturais, Matemática e Estatística têm uma preferência pelos países do Benelux, mas também pelo eixo Norte de Itália, República Checa e Polónia (Figura 31). A geografia dos fluxos da área de Artes e Humanidades apresenta semelhanças com a das Ciências (Figura 32). A distribuição espacial dos estudantes da área de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação define-se pela sobre representação de IES do arco Mediterrâneo e uma forte presença de IES da Europa de Leste (Figura 33).

Em síntese, é possível afirmar que existem diferentes geografias das áreas de estudo, o que faz com que tenhamos uma estratégia de internacionalização bastante difusa e polinucleada das IES nacionais. Por isso, interessa conhecer o grau de atração e a origem dos estudantes Erasmus por áreas de estudo das IES nacionais.

O Quadro 13 permite dar uma resposta clara, ainda que parcial, a esta questão, na medida em que apenas são consideradas as 55 IES estrangeiras que mais estudantes enviam para Portugal. No caso de algumas áreas de estudo, é pos-

sível verificar alguma coincidência geográfica na mobilidade dos estudantes *incoming* e *outgoing*. Contudo, não se pode dizer que seja uma estratégia generalizada, uma vez que existem várias áreas de estudo em que não se reconhece essa articulação institucional entre IES nacionais e IES estrangeiras, ou seja as IES portuguesas nem sempre recebem estudantes das IES estrangeiras que acolhem os estudantes nacionais.

Espanha, com 16 instituições entre as principais IES que mantêm acordos de mobilidade com congéneres portuguesas, é o país que mais estudantes (2.634, num total de 6.598) envia para Portugal, o que denota o poder da geografia de proximidade, embora não possamos descartar o facto de Espanha ser o principal país de destino de estudantes Erasmus, bem como algumas instituições espanholas terem uma considerável reputação internacional. Em segundo lugar, com mais IES e também com mais estudantes a virem em mobilidade para Portugal, surge a Itália com 1.494 estudantes e em terceiro lugar a Polónia, com menos de 1 milhar de estudantes.

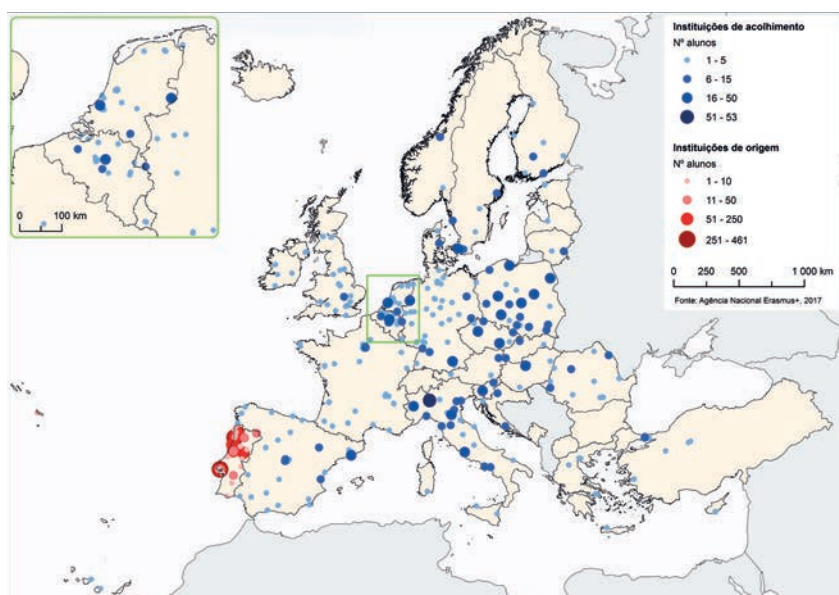


Figura 26 - Mobilidade dos estudantes de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

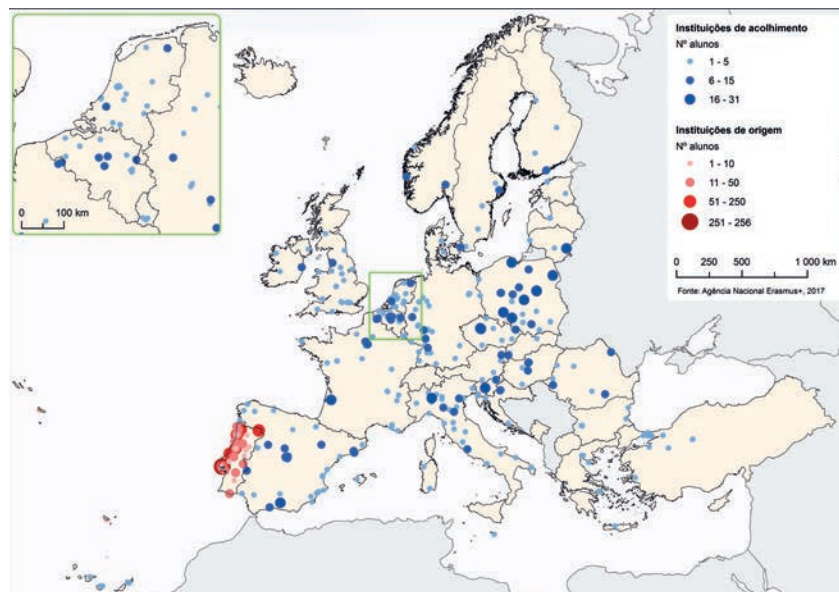


Figura 27 - Mobilidade dos estudantes de Ciências Empresariais, Administração e Direito, para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

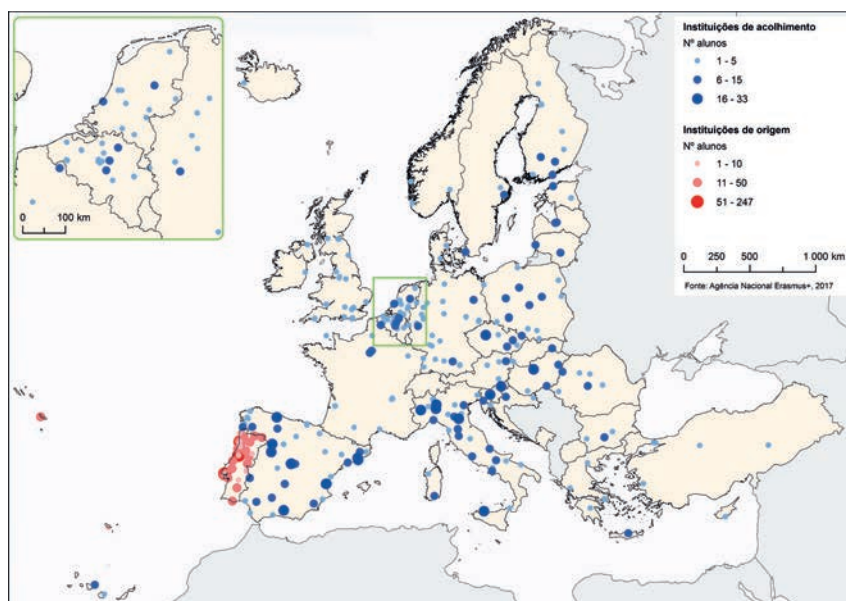


Figura 28 - Mobilidade de estudantes de Saúde e Proteção Social para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF

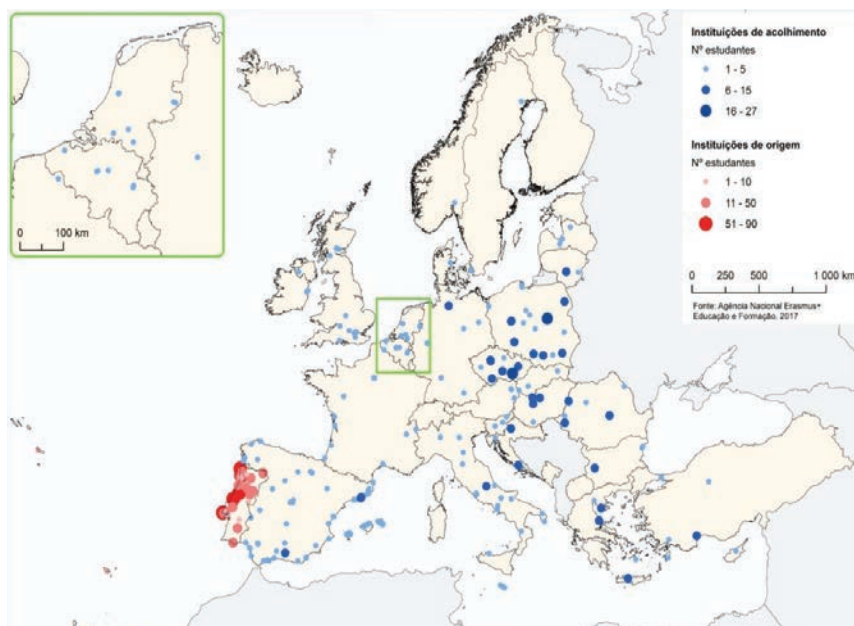


Figura 29 - Mobilidade de estudantes de Serviços para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF

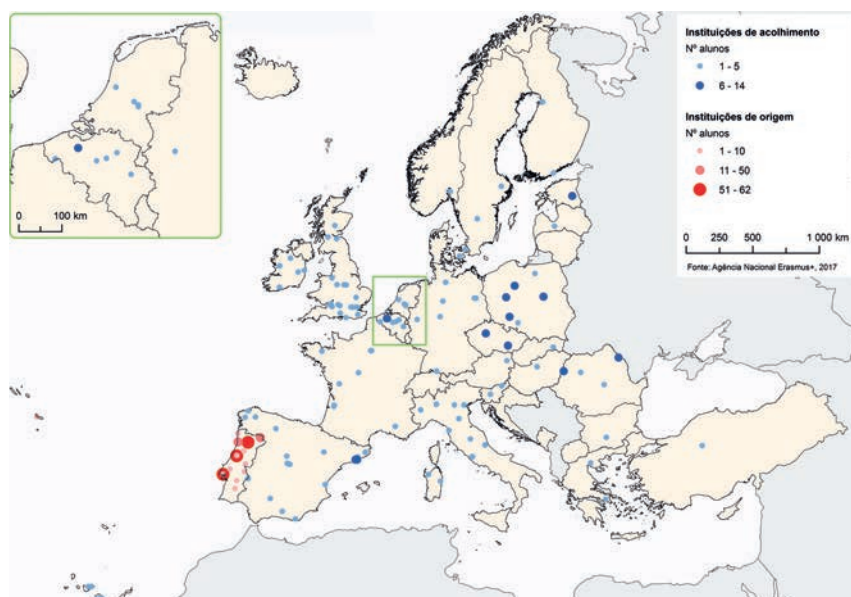
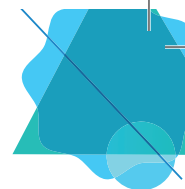


Figura 30 - Mobilidade de estudantes de Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF

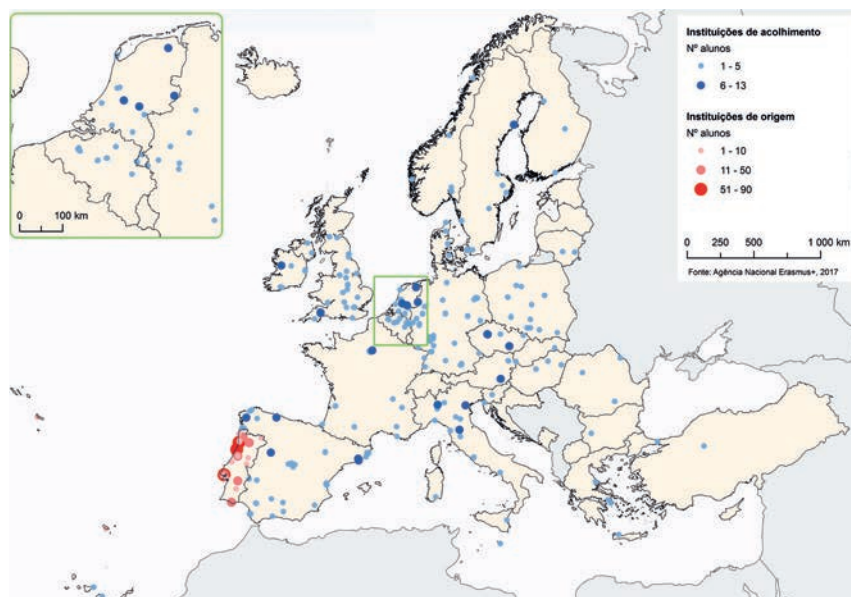


Figura 31 - Mobilidade de estudantes de Ciências Naturais, Matemática e Estatística para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF



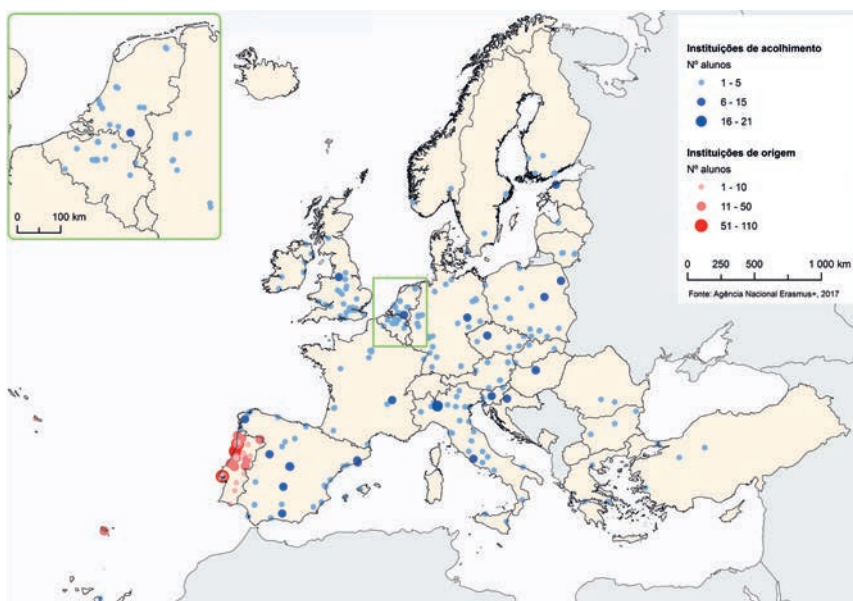


Figura 32 - Mobilidade de estudantes de Artes e Humanidades para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF

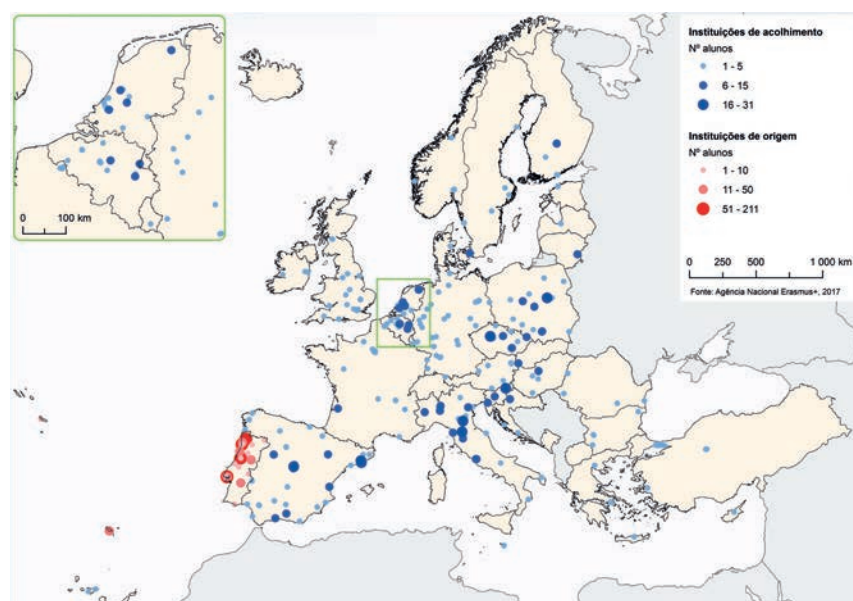
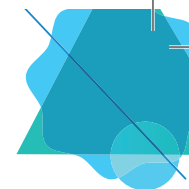


Figura 33 - Mobilidade de estudantes de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação para IES estrangeiras, 2015

Fonte: ANE+EF

Fonte: ANE+EF



## IES e mobilidade internacional

Existe uma diferenciação no que respeita às modalidades de participação (estudantes em regime SMS e SMT; docentes e pessoal não docente) por IES no Erasmus. Em 2014, a larga maioria dos estudantes em mobilidade (mais de 85%) provém de IES públicas, quer seja em regime de mobilidade SMS (estudos), quer seja em regime de

mobilidade SMT (estágios). Em 2015, este número ainda sofre um incremento, acabando por representar cerca de 90%. Esta diferença é mais acentuada no caso do regime de mobilidade SMT (estágio), onde existem 88% dos estudantes provenientes de IES públicas (Quadro 14).

Quadro 14 - Mobilidade de estudantes por tipo de IES 2014-2015

Instituições de Ensino Superior	Nº de Estudantes						% de Estudantes					
	2014			2015			2014			2015		
	Estágio (SMT)	Estudo (SMS)	Total	Estágio (SMT)	Estudo (SMS)	Total	Estágio (SMT)	Estudo (SMS)	Total	Estágio (SMT)	Estudo (SMS)	Total
Públicas	1991	4874	6865	2189	5322	7511	88,3	84,1	85,3	90,6	85,9	87,2
Privadas	264	923	1187	227	877	1104	11,7	15,9	14,7	9,4	14,1	12,8
Total	2255	5797	8052	2416	6199	8615	100	100	100	100	100	100
Politécnicos	1054	1376	2430	1109	1456	2565	46,7	23,7	30,2	45,9	23,5	29,8
Universidades	931	3584	4515	975	3883	4858	41,3	61,8	56,1	40,4	62,6	56,4
IES com Ensino Politécnico e Universitário	270	837	1107	332	860	1192	12,0	14,4	13,7	13,7	13,9	13,8
Total	2255	5797	8052	2416	6199	8615	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGES; ANE+EF

No período em análise, os estudantes na modalidade SMT (estágio) provenientes de IES públicas sobem ligeiramente para 90,6% tal como na modalidade SMS (85,9% face aos 84,1% do ano anterior). Esta diferença é ainda explicada pelo facto de se verificar que, do total de estudantes em mobilidade (SMT e SMS), 56% eram provenientes de Universidades e apenas 30% eram provenientes dos Politécnicos. Os estudantes de IES com ensino universitário e politécnico representam 14% do total da mobilidade Erasmus para estudos e estágio. Em resumo, as Universidades públicas e privadas são mais relevantes na mobilidade de estudos (SMS); nos Politécnicos, os números evidenciam uma preferência pela realização de estágio (SMT), o que confirma uma valorização da formação mais articulada com o mercado de trabalho nestas instituições.

O pessoal em regime de ensino (STA) e em regime de formação (STT), para os anos de 2014 e 2015, evidencia uma distribuição diferenciada por Universidades públicas e privadas e Politécnicos públicos e privados (Quadro 15). Precisamente, se no caso das Universidades a balança pende maioritariamente para os docentes que optam pela mobilidade em regime STA (ensino), nos Politécnicos a maioria dos docentes opta pelo regime STT (formação).

Das 81 IES nacionais que enviaram estudantes em mobilidade em 2014 e 2015, cerca de 20% (16 IES) são responsáveis por aproximadamente 80% dos estudantes em mobilidade *outgoing* (12.939 estudantes de um total de 16.677).

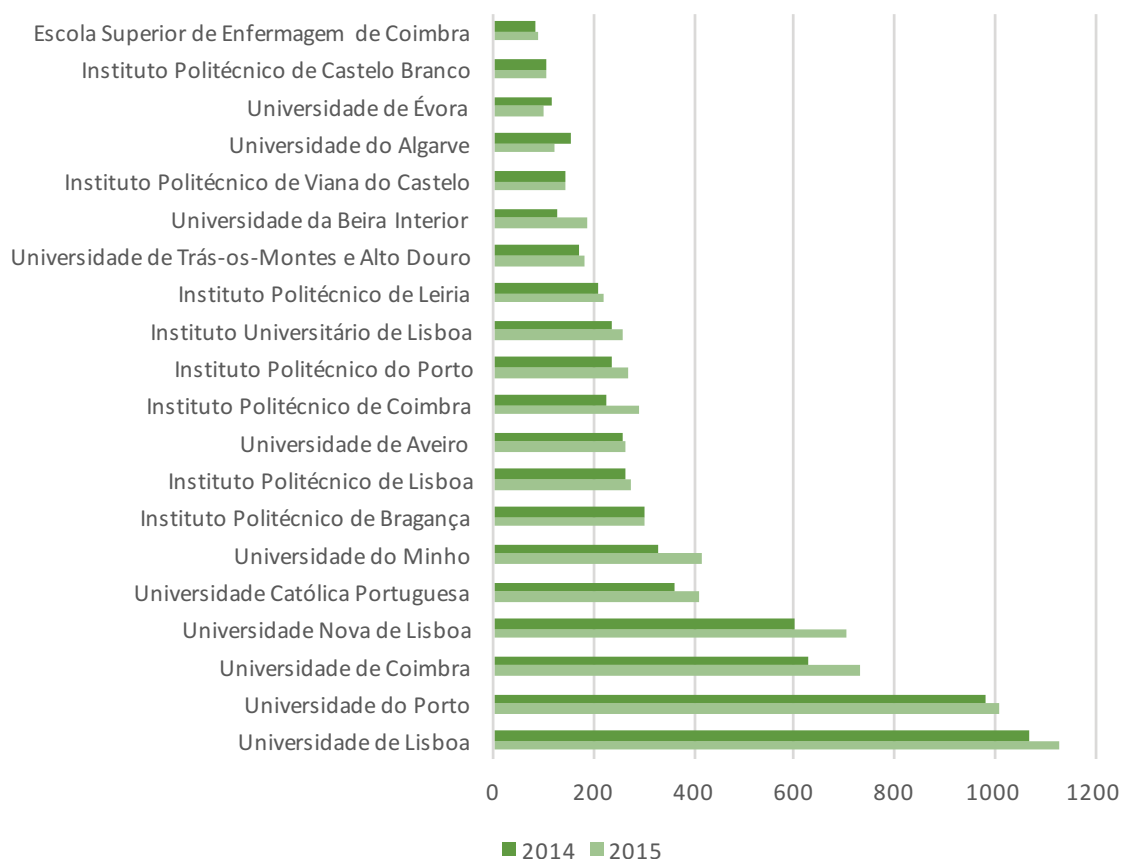
Quanto à distribuição por IES, verifica-se uma desigual repartição (Figura 34), com as Universidades de Lisboa, do Porto, de Coimbra e a Nova de Lisboa a afirmarem-se como responsáveis por 50% dos estudantes em mobilidade. Todavia, se tivermos em consideração o peso relativo de cada tipo de mobilidade (SMT e SMS), no total de estudantes Erasmus em cada IES, os resultados apurados mostram que o número de estudantes SMS (estudos) é sempre superior em todas as IES (Figuras 35 e 36), exceção feita à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, cujos estudantes em regime de mobilidade foram exclusivamente em SMT (estágios), para ambos os anos em análise. Todas as IES, com exceção da Universidade do Algarve e do Instituto Politécnico de Castelo Branco, evidenciaram um aumento de estudantes a usufruírem do Erasmus.

Quadro 15 - Mobilidade de pessoal docente e não docente por tipo de IES, 2014-2015

Instituições de Ensino Superior	Nº de Estudantes						% de Estudantes					
	2014			2015			2014			2015		
	Ensino (STA)	Formação (STT)	Total	Ensino (STA)	Formação (STT)	Total	Ensino (STA)	Formação (STT)	Total	Ensino (STA)	Formação (STT)	Total
Públicas	118	86	204	84	56	140	11,0	19,2	13,5	7,9	11,8	9,1
Privadas	950	361	1311	975	418	1393	89,0	80,8	86,5	92,1	88,2	90,9
<b>Total</b>	<b>1068</b>	<b>447</b>	<b>1515</b>	<b>1059</b>	<b>474</b>	<b>1533</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Politécnicos	511	265	776	493	292	785	47,8	59,3	51,2	46,6	61,6	51,2
Universidades	390	137	527	351	137	488	36,5	30,6	34,8	33,1	28,9	31,8
IES com Ensino Politécnico e Universitário	167	45	212	215	45	260	15,6	10,1	14,0	20,3	9,5	17,0
<b>Total</b>	<b>1068</b>	<b>447</b>	<b>1515</b>	<b>1059</b>	<b>474</b>	<b>1533</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: DGES; ANE+EF

Figura 34 - Estudantes Erasmus das 20 principais IES, 2014 e 2015



Fonte: ANE+EF

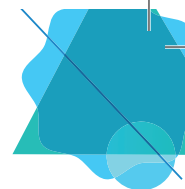
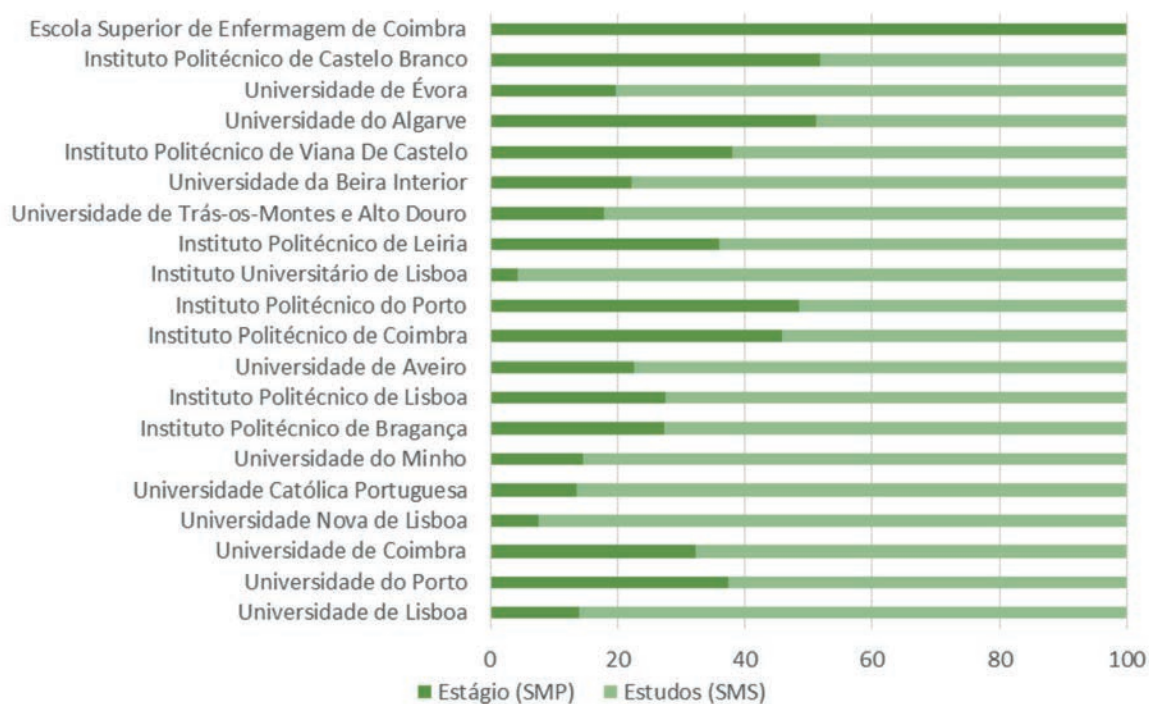
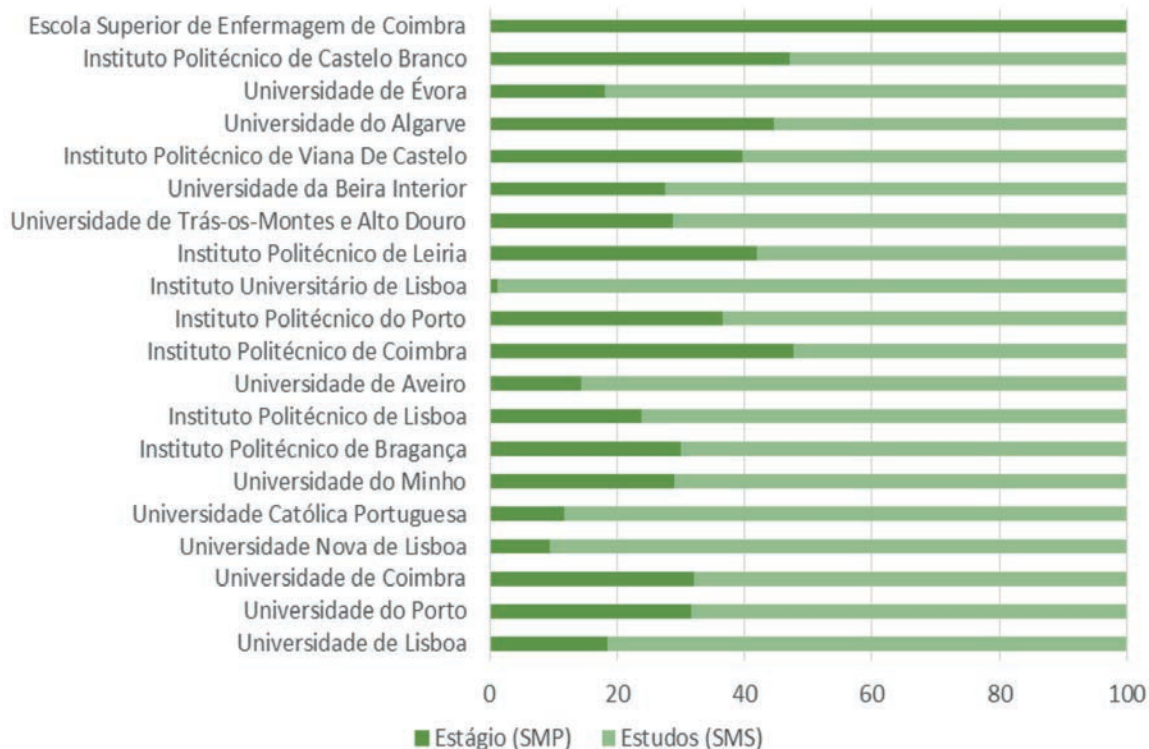


Figura 35 - Peso relativo de estudantes Erasmus por IES, 2014



Fonte: ANE+EF

Figura 36 - Peso relativo de estudantes Erasmus por IES, 2015



Fonte: ANE+EF



Quando se compara o número de estudantes em mobilidade com o número total de estudantes inscritos em cada IES, o panorama altera-se, destacando-se, entre as maiores IES, a Universidade Nova de Lisboa, que apresenta um ratio mais elevado (cerca de 3%) (Figura 37). Destaque, igualmente positivo, para a Universidade Católica Portuguesa e para o Instituto Politécnico de Bragança, cuja percentagem de es-

tudantes em mobilidade SMS (estudos) ronda os 3,5%. Por outro lado, de entre as principais IES que apresentam resultados que revelam uma fraca adesão ao Erasmus, em regime de mobilidade SMS (estudos), sobressai a Universidade do Algarve e o Instituto Politécnico do Porto, com valores inferiores a 1% dos estudantes em mobilidade em cada ano.

Figura 37 - Percentagem de estudantes Erasmus (SMS) face ao total de estudantes por IES, 2014 e 2015

Fonte: ANE+EF

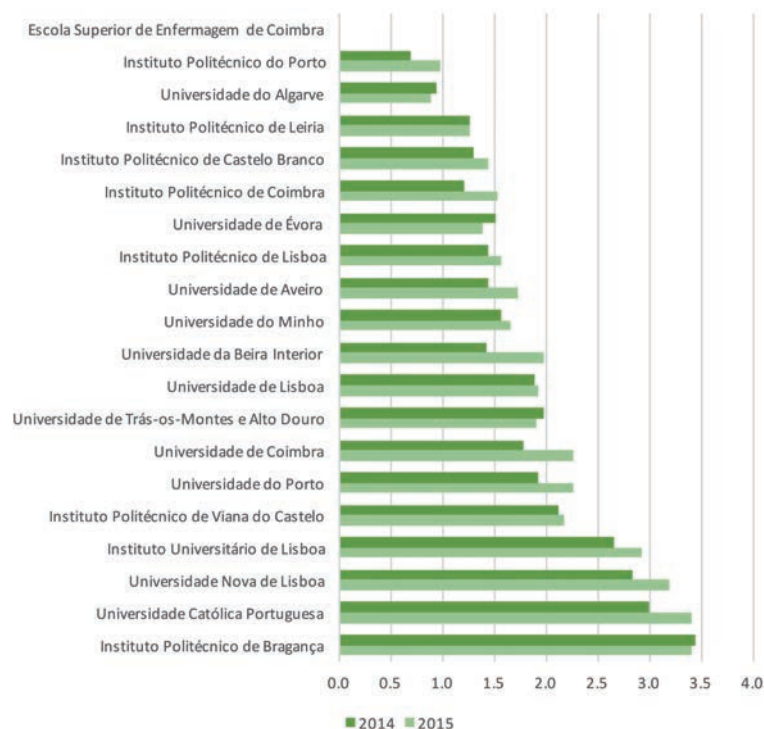
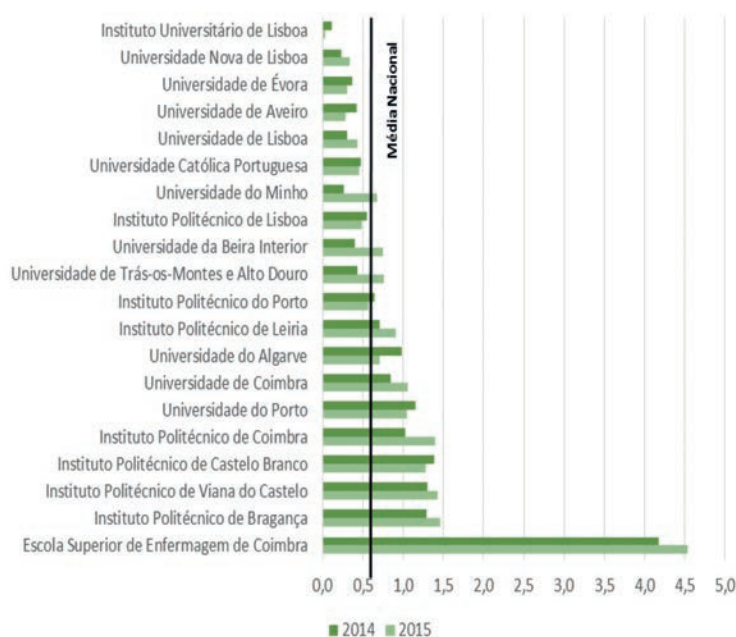


Figura 38 - Percentagem de estudantes Erasmus (SMT) face ao total de estudantes por IES, 2014

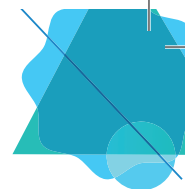
Fonte: ANE+EF



Observando o gráfico da mobilidade de estudantes em regime SMT (estágios), por IES e para os anos de 2014 e 2015 (Figura 38), o retrato de internacionalização das IES não é tão positivo quanto o da modalidade SMS (estudos). Com a notável exceção da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, as outras IES<sup>21</sup> não conseguem mobilizar mais do que 2% do total dos seus

estudantes para participar no Erasmus na modalidade SMT (estágio). A Universidade de Lisboa não chega mesmo a 0,5% do total dos seus alunos. Aliás, são várias as IES que não chegam a atingir 1% do total dos seus estudantes no que diz respeito à internacionalização por via da mobilidade SMT do Erasmus.

21. Estas IES são responsáveis por mais de 80% do total de estudantes portugueses em mobilidade Erasmus.

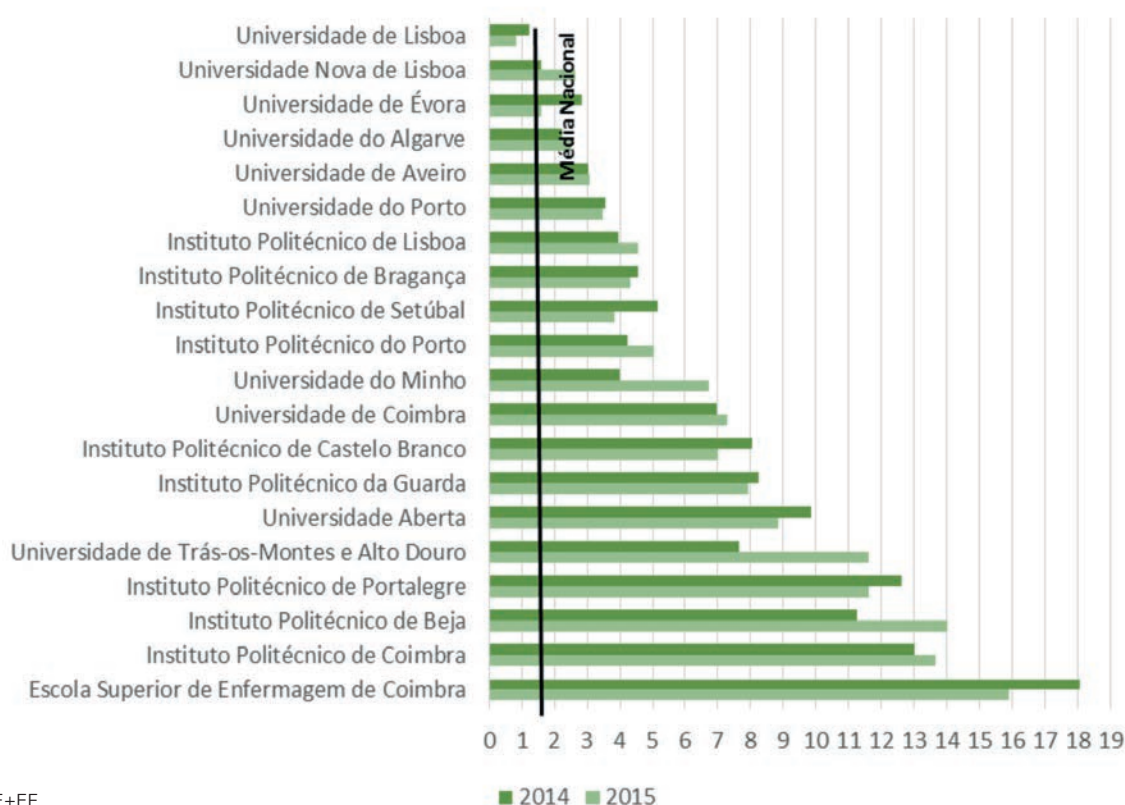


Na análise da mobilidade do pessoal docente por IES nacional, comparando com a mobilidade de estudantes, a média de participação em Erasmus permanece baixa e a repartição pelas IES revela também um desequilíbrio evidente entre as principais universidades e as restantes IES. A Universidade de Lisboa e a Universidade Nova de Lisboa apresentam um registo inferior ao das suas congéneres na mobilidade dos docentes (Figura 39). Ao contrário, os Politécnicos são, em geral, mais ativos neste tipo de mobilidade, sugerindo que o menor grau de utilização do Erasmus para a internacionalização nas maiores IES é compensado pela maior utilização de financiamentos associados à inves-

tigação, mormente projetos internacionais e nacionais e outras fontes de financiamento competitivas dos centros de investigação das maiores universidades nacionais.

Todavia, alguns números revelam o sucesso das medidas que têm vindo a ser desenvolvidas pelas entidades competentes. É possível verificar que quase metade destas IES têm mais de 5-6% de staff em Erasmus, e 5 delas superaram os 10% em 2015.

Figura 39 - Percentagem de pessoal docente em mobilidade (STA) nas top 20 IES, 2014 e 2015



Para uma melhor compreensão das estratégias de internacionalização de cada uma das IES nacionais, por via do Erasmus, é preciso cruzar a análise das IES com a análise das áreas de estudo. Desta forma procura-se identificar quais as áreas de estudo privilegiadas por determinadas IES. De referir ainda que para esta análise teve-se em consideração duas métricas: uma que remete para o número de estudantes Erasmus por área de estudo de cada IES; e outra que relativiza esses alunos pelo total de alunos inscritos na IES.

Numa primeira análise, verifica-se que as áreas de estudo privilegiadas pelas principais IES na mobilidade SMS (estudos) e SMT (estágios) são Ciências Empresariais, Administração e Direito, Saúde e Proteção Social e Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção (Quadro 16), indicadas

cada uma por 12 das 20 IES nacionais mais ativas no Erasmus em 2014 e 2015.

Todavia, observa-se que a área da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção surge como principal área de estudo apenas em Universidades (Beira Interior, Lisboa, Minho e Porto) e tem pouco peso nos Politécnicos. A área de estudo com maior relevo nos Politécnicos é Saúde e Proteção Social, predominante nos Institutos Politécnicos de Bragança, Coimbra, Porto, Leiria e Lisboa. Apenas na Universidade de Coimbra se destaca esta área de estudo como a que envia mais estudantes Erasmus para o estrangeiro. A área de estudo de Ciências Empresariais, Administração e Direito reparte-se em proporções idênticas como a principal área de estudo entre Universidades e Politécnicos (IP de Bragança, de Leiria e do Porto) e três Universidades (Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora).

Quadro 16 - Principais áreas de estudo no Erasmus por IES nacional, 2014-15

	Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias	Artes e humanidades	Ciências naturais, matemática e estatística	Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	Educação	Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	Ciências Empresariais, Administração e Direito	Saúde e Proteção Social	Serviços	Tecnologias de informação e comunicação (TICs)
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra										
Instituto Politécnico de Bragança										
Instituto Politécnico de Coimbra										
Instituto Politécnico de Leiria										
Instituto Politécnico de Lisboa										
Instituto Politécnico de Viana do Castelo										
Instituto Politécnico do Porto										
Instituto Universitário de Lisboa										
Instituto Politécnico de Castelo Branco										
Universidade Católica Portuguesa										
Universidade da Beira Interior										
Universidade de Aveiro										
Universidade de Coimbra										
Universidade de Évora										
Universidade de Lisboa										
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro										
Universidade do Algarve										
Universidade do Minho										
Universidade do Porto										
Universidade Nova de Lisboa										

Primeiro
 Segundo
 Terceiro

Fonte: ANE+, EF

As Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação são reiteradamente as áreas de estudo que menos contribuem para o envio de estudantes em mobilidade Erasmus, mas o facto de surgirem neste quadro revela que ainda assim constituem uma aposta de algumas IES. Nomeadamente, os Institutos Universitário de Lisboa e Politécnico de Lisboa colocam as Tecnologias da Informação e Comunicação como a terceira área de estudo que mais estudantes Erasmus consegue mobilizar. A área de estudo da Educação surge uma única vez neste quadro e também como uma aposta por parte do Instituto Universitário de Lisboa. Estes resultados sugerem uma dinâmica diferenciada por áreas de estudo, por parte de algumas IES, no que respeita à internacionalização via Erasmus. O caso do Instituto Universitário de Lisboa é, neste aspeto, paradigmático.

De salientar ainda o facto de haver áreas de estudo que surgem em primeiro lugar apenas em alguma IES, o que pode revelar uma aposta estratégica fruto de parcerias institucionais entre a academia e indústria/empresas. A área de estudo Serviços surge em primeiro lugar apenas no Instituto Politécnico de Viana do Castelo e a área de estudo Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias aparece a liderar a mobilidade dos estudantes apenas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, um resultado da especialização da oferta de cursos nesta área. A área de estudo Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, sem qualquer relevância entre os Institutos Politécnicos, surge em primeiro lugar na Universidade Nova de Lisboa. Todavia, este quadro altera-se se tivermos em consideração o peso dos estudantes em mobilidade Erasmus face ao número total de estudantes inscritos em cada IES (Quadro 17).



Quadro 17 - Principais áreas de estudo de estudantes Erasmus em percentagem dos estudantes inscritos por IES, 2014-15

	Educação	Artes e Humanidades	Ciências sociais e jornalismo	Gestão, administração e direito	Ciências naturais, matemática e estatística	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	Engenharias, Produção e Construção	Agricultura, floresta, pesca e veterinária	Medicina, Saúde e Bem-estar	Serviços
Universidade de Lisboa	1,5	2,3	2,3	1,5	1,3	2,0	2,8	3,8	2,6	1,5
Universidade do Porto	1,1	2,5	3,6	1,7	3,0	7,1	3,7	6,0	3,5	1,9
Universidade de Coimbra	1,1	1,3	3,3	2,0	1,7	6,4	2,3		5,2	7,7
Universidade Nova de Lisboa		1,3	6,2	5,0	3,2	17,3	1,5		4,2	
Universidade Católica Portuguesa		0,9	4,6	5,1	8,4	1,2	2,5		1,1	0,8
Universidade do Minho	0,1	1,7	2,4	1,9	1,6	2,4	3,3		0,9	
Instituto Politécnico de Bragança	0,9	6,1		4,9	18,9	13,5	4,3	3,3	3,1	6,8
Instituto Politécnico de Lisboa	1,7	4,0	7,4	0,9			0,5		5,2	
Universidade de Aveiro	0,1	2,9	2,4	1,9	2,8	0,4	1,5		1,2	4,1
Instituto Politécnico de Coimbra	3,2	2,5	2,6	0,9	5,2	0,3	1,1	12,2	4,4	6,2
Instituto Politécnico do Porto	0,6	2,8	1,1	1,1	5,1	1,5	0,7		2,8	5,3
Instituto Universitário de Lisboa		4,6	1,9	4,2		3,5	0,9		0,8	
Instituto Politécnico de Leiria	0,5	2,0	3,0	2,6	1,7	1,4	0,4		1,9	7,1
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	0,1	1,7	2,0	2,1	2,1	10,7	2,0	5,8	1,9	2,9
Universidade da Beira Interior		2,8	1,4	1,5	1,4	11,8	3,6		1,0	3,2
Instituto Politécnico de Viana do Castelo	1,3	2,5		2,6	86,7	4,8	0,9	2,0	2,0	13,3
Universidade do Algarve	0,2	0,9	1,1	1,5	4,7	5,4	0,2	1,9	2,2	2,7
Universidade de Évora	0,1	1,2	1,6	4,7	2,5	5,1	1,6	1,7	1,7	1,4
Instituto Politécnico de Castelo Branco	0,7	4,9		2,0	1,5	3,5	1,5	2,9	3,3	1,2
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra									4,4	

	Primeiro
	Segundo
	Terceiro

Fonte: ANE+, EF

As Tecnologias da Informação e Comunicação, uma das áreas de estudo em que as IES menos apostavam em termos absolutos, surge com um peso relativo alto e em destaque em várias IES: Universidades Nova de Lisboa (17,3%) e de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Beira Interior, ambas com mais de 10% dos seus estudantes em mobilidade Erasmus, via SMS (estudos) ou SMT (estágios), nesta área de estudo.

Também a área da Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias, que anteriormente se destacava apenas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, afirma-se como principal área de estudo da Universidade de Lisboa, ainda que com um peso relativo baixo (3,8%). De resto, a Universidade de Lisboa evidencia uma política de internacionalização por via do Erasmus mais homogénea entre as diversas áreas de estudo, fruto do maior número de alunos inscritos pelos vários domínios científicos.

As Universidades do Porto, de Coimbra e a Nova de Lisboa, que no conjunto com a Universidade de Lisboa representavam mais de 50% dos alunos em mobilidade Erasmus, expressam comportamentos algo diferenciados entre si. Enquanto a Universidade de Lisboa denota um padrão difuso por áreas de estudo, a Universidade do Porto já evidencia algum pendor de especificação, nomeadamente nas Tecnologias da Informação e Comunicação (7,1%) e também na Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias (6%). O mesmo se verifica, para a Universidade de Coimbra, onde se destaca a área dos Serviços (7,7%), das

TIC (6,4%) e da Saúde e Proteção Social (5,7%). Esta última já era anteriormente uma área de estudo em destaque, pelo que se pode concluir que se trata claramente de uma área de estudo de grande aposta da Universidade de Coimbra. Também para a Universidade Nova de Lisboa se observa a aposta nas áreas de estudo de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação (6,2%), e de Ciências Empresariais, Administração e Direito (5,0%), embora a área de TIC surja em termos relativos como a primeira área de estudo no âmbito do Erasmus (17,3%).

A área de estudo da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, que tinha um papel de destaque na análise anterior referente ao número de alunos Erasmus participantes das Universidades de Lisboa, Porto, Minho e Beira Interior, surge agora com pesos relativos baixos, mas ainda assim a permanecer como uma das três principais opções de internacionalização dos seus estudantes. A área de estudo de Ciências Naturais, Matemática e Estatística no Instituto Politécnico de Viana do Castelo surge como um outlier, com um valor extremo de 86,7% dos alunos com participação no Erasmus.

Algumas das razões que estão na base das apostas destas IES, por algumas das áreas de estudo identificadas, refletem-se também na geografia e redes de proximidade entre IES nacionais e estrangeiras. O ponto seguinte aborda este assunto.

### Relações entre as IES nacionais e europeias

Das 500 melhores IES a nível mundial, 191 são europeias, constando nesta lista 5 IES nacionais (Universidades de Lisboa, Porto, Aveiro, Coimbra e Minho). As IES nacionais realizam mobilidades *outgoing* para estudos (SMS) com 150 destas IES europeias, representando 18% do total das IES europeias que acolhem estudantes de congéneres nacionais (Quadro 18). O número de estudantes que realiza mobilidade para as IES europeias classificadas

neste ranking representa quase um terço dos estudantes Erasmus de Portugal, o que revela a qualidade e capacidade das IES nacionais no estabelecimento de contratos de mobilidade com as melhores IES europeias e o elevado interesse dos estudantes na realização de mobilidade em IES de renome internacional.

Quadro 18 - Estudantes Erasmus (SMS) por posição nas IES Europeias do *Academic Ranking of World Universities - Shanghai Ranking Consultancy*, 2014 e 2015

Posição no ranking	Nº de IES na posição		Nº de estudantes (SMS)			% estudantes relativo ao total de estudantes em mobilidade		
	2014	2015	2014	2015	Total	2014	2015	Total
1-50	11	10	78	88	166	1,3	1,4	1,4
51-100	12	12	135	178	313	2,3	2,9	2,6
101-150	21	21	142	161	303	2,4	2,6	2,5
151-200	23	23	326	321	647	5,6	5,2	5,4
201-300	30	30	592	604	1196	10,2	9,7	10,0
301-400	23	23	339	372	711	5,8	6,0	5,9
401-500	30	30	274	275	549	4,7	4,4	4,6
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>149</b>	<b>1886</b>	<b>1999</b>	<b>3885</b>	<b>32,5</b>	<b>32,2</b>	<b>32,4</b>

Fonte: Academic Ranking of World Universities 2016; ANE+EF

Quadro 19 - Estudantes Erasmus (SMS) para IES Europeias do *Academic Ranking of World Universities - Shanghai Ranking Consultancy* por áreas de estudo, 2014 e 2015

Áreas de estudo	Nº de estudantes SMS			% de estudantes SMS		
	2014	2015	2014+2015	2014	2015	2014+2015
Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias	23	24	47	1,2	1,2	1,2
Artes e Humanidades	172	180	352	9,1	9,0	9,1
Ciências naturais, matemática e estatística	161	151	312	8,6	7,6	8,0
Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	382	378	760	20,2	18,9	19,6
Educação	28	9	37	1,5	0,5	1,0
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	480	530	1010	25,5	26,5	26,0
Ciências Empresariais, Administração e Direito	265	319	584	14,1	15,9	15,0
Saúde e Proteção Social	274	309	583	14,6	15,5	15,0
Serviços	39	45	84	2,1	2,3	2,2
Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	59	54	113	3,1	2,7	2,9
<b>Total</b>	<b>1883</b>	<b>1999</b>	<b>3882</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Classificação das áreas de estudo que mais alunos acolheram	Primeiro	
	Segundo	
	Terceiro	

Fonte: Academic Ranking of World Universities 2016; ANE+EF



Deve referir-se, todavia, que o número de estudantes diminui para cerca de 12% do total se considerarmos as IES classificadas até à posição 200 e para apenas 4% até à posição 100 do ranking. Verifica-se, como tal, que a mobilidade para algumas das melhores IES é ainda limitada, coincidindo com o facto de algumas destas não serem europeias (não envolvidas no Erasmus) e outras estarem sedeadas no Reino Unido, que por razões já conhecidas não são tão dinâmicas no Erasmus como se poderia antever em função da sua dimensão, qualidade e prestígio internacional.

A mobilidade por área de estudo nas IES que constam neste ranking apresenta uma estrutura semelhante à mobilidade de estudos (SMS) do Erasmus, embora se descortinem pequenas diferenças. No Quadro 19 pode observar-se que a Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção é a principal área de estudo na mobilidade SMS para as melhores IES europeias, seguindo-se as Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, a Saúde e Proteção Social e a Ciências Empresariais, Administração e Direito.

Elaborou-se um índice de internacionalização TOP 500 das áreas de estudo, comparando a mobilidade total (SMS) com a mobilidade para as 500 melhores IES em cada área de estudo (Quadro 20). Este indicador ilustra diferenças relevantes na mobilidade em cada área de estudo, destacando-se as Ciências Naturais, Matemática e Estatística, cuja mobilidade para as IES do top 500 é proporcionalmente 1,7 vezes superior do total da mobilidade para estudos (SMS). Também a Saúde e Proteção Social registam um valor elevado neste índice (1,5). Só em seguida surgem as áreas de estudo de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação (1,3) e a Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, produção e construção (1,2). Ao invés, a área de estudo de Ciências Empresariais, Administração e Direito, a principal área de estudo da mobilidade dos estudantes (SMS), apresenta um resultado modesto na mobilidade para IES europeias de renome internacional (0,6).

Quadro 20 - Estudantes Erasmus (SMS) *outgoing* em IES europeias do *Academic Ranking of World Universities - Shanghai Ranking Consultancy* por áreas de estudo, 2014 e 2015

Áreas de estudo	Estudantes em mobilidade estudo (SMS)	Estudantes em mobilidade estudo (SMS) acolhidos em IES do Academic Ranking of World Universities	Estudantes em mobilidade estudo (SMS)	Estudantes em mobilidade estudo (SMS) acolhidos em IES do Academic Ranking of World Universities	Estudantes em mobilidade estudo (SMS)	Estudantes em mobilidade estudo (SMS) acolhidos em IES do Academic Ranking of World Universities	Percentagem de estudantes acolhidos na IES classificadas no Academic Ranking of World Universities relativamente ao total de estudantes em mobilidade SMS		
							2014	2015	2014+2015
Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências	119	23	132	24	251	47	0.6	0.6	0.6
Artes e Humanidades	633	172	637	180	1270	352	0.8	0.9	0.9
Ciências Naturais, Matemática e Estatística	279	161	279	151	558	312	1.8	1.7	1.7
Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	880	382	913	378	1793	760	1.3	1.3	1.3
Educação	71	28	49	9	120	37	1.2	0.6	1.0
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	1278	480	1351	530	2629	1010	1.2	1.2	1.2
Ciências Empresariais, Administração e Direito	1353	265	1489	319	2842	584	0.6	0.7	0.6
Saúde e Proteção Social	576	274	636	309	1212	583	1.5	1.5	1.5
Serviços	442	39	512	45	954	84	0.3	0.3	0.3
Tecnologias de Informação (TIC)	166	59	201	54	367	113	1.1	0.8	1.0
<b>Total Geral</b>	<b>5797</b>	<b>1883</b>	<b>6199</b>	<b>1999</b>	<b>11996</b>	<b>3882</b>	<b>1.0</b>	<b>1.0</b>	<b>1.0</b>

Fonte: Academic Ranking of World Universities 2016; ANE+EF

O Quadro 21 deixa transparecer algum condicionalismo da geografia nas escolhas das IES, demonstrando que a proximidade geográfica é igualmente um critério de peso, para algumas IES, no estabelecimento de redes no Erasmus. O caso da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra é paradigmático, com 36% dos estudantes Erasmus a realizarem mobilidade para IES estrangeiras que distam menos de 1000 km; ou os dos Institutos Politécnico de Viana do Castelo e de Leiria e da Universidade da Beira Interior, todos com percentagens próximas dos 30% para a mesma classe de distância dos fluxos de mobilidade *outgoing* dos seus estudantes.

O caso da Universidade da Beira Interior é interessante, na medida em que revela uma estratégia dicotómica, no que ao condicionalismo geográfico diz respeito, uma vez que

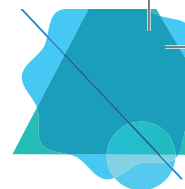
tanto aposta nas IES de proximidade, como nas IES mais afastadas geograficamente. A Figura 40 ilustra bem a extensão espacial desta estratégia de escolha de IES pela Universidade da Beira Interior, para criação de redes de mobilidade SMS (estudos) e SMT (estágios), com o predomínio de IES de proximidade, sobretudo localizadas em Espanha, e de IES mais distantes, sobretudo polacas. Para além da geografia ser um critério visivelmente importante, também o prestígio académico e científico das IES de destino o é, uma vez que algumas IES espanholas integram o *Academic Ranking of World Universities*.

Quadro 21 - Percentagem de estudantes Erasmus por distâncias às Top 20 IES, 2014 e 2015

Percentagem de estudantes que realizaram mobilidade SMS e SMP, por distância às IES do TOP 20 em 2014 e 2015							
Instituições de Ensino Superior (IES) TOP 20+2	2014+2015						Total IES
	< 1000 km	1001 - 1500 km	1501 - 2000 km	2001 - 2500 km	2501 - 3000 km	> 3000 km	
Universidade de Lisboa	7,9	11,9	44,9	19,8	9,9	5,6	100
Universidade do Porto	20,8	16,3	28,0	22,7	8,3	3,9	100
Universidade de Coimbra	20,5	9,6	32,5	23,9	11,1	2,4	100
Universidade Nova de Lisboa	10,6	11,4	37,5	23,0	11,9	5,7	100
Universidade Católica Portuguesa	10,6	12,2	42,3	20,6	11,5	2,7	100
Universidade do Minho	16,8	20,1	27,4	20,3	8,3	7,1	100
Instituto Politécnico de Bragança	20,7	4,8	8,8	44,4	19,4	2,0	100
Instituto Politécnico de Lisboa	23,0	8,6	21,6	28,1	9,7	9,1	100
Universidade de Aveiro	15,0	7,4	29,3	31,6	10,5	6,3	100
Instituto Politécnico de Coimbra	20,0	10,3	21,3	28,5	15,5	4,5	100
Instituto Politécnico do Porto	25,1	13,8	22,2	27,7	8,6	2,6	100
Instituto Universitário de Lisboa	10,5	7,7	29,2	29,8	16,9	5,8	100
Instituto Politécnico de Leiria	29,3	8,4	8,1	24,4	24,2	5,6	100
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	20,9	7,3	18,9	37,6	11,0	4,2	100
Universidade da Beira Interior	27,3	10,6	10,6	21,2	25,4	4,8	100
Instituto Politécnico de Viana do Castelo	34,3	6,3	12,2	25,2	19,2	2,8	100
Universidade do Algarve	34,7	4,3	35,7	9,0	11,2	5,1	100
Universidade de Évora	20,4	11,6	26,4	24,1	14,8	2,8	100
Instituto Politécnico de Castelo Branco	20,5	16,2	22,9	23,8	11,0	5,7	100
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	36,6	9,9	9,3	5,8	25,0	13,4	100
<b>Total IES top 20</b>	<b>17,8</b>	<b>11,5</b>	<b>29,6</b>	<b>24,3</b>	<b>12,1</b>	<b>4,7</b>	<b>100</b>

	Primeiro
	Segundo
	Terceiro

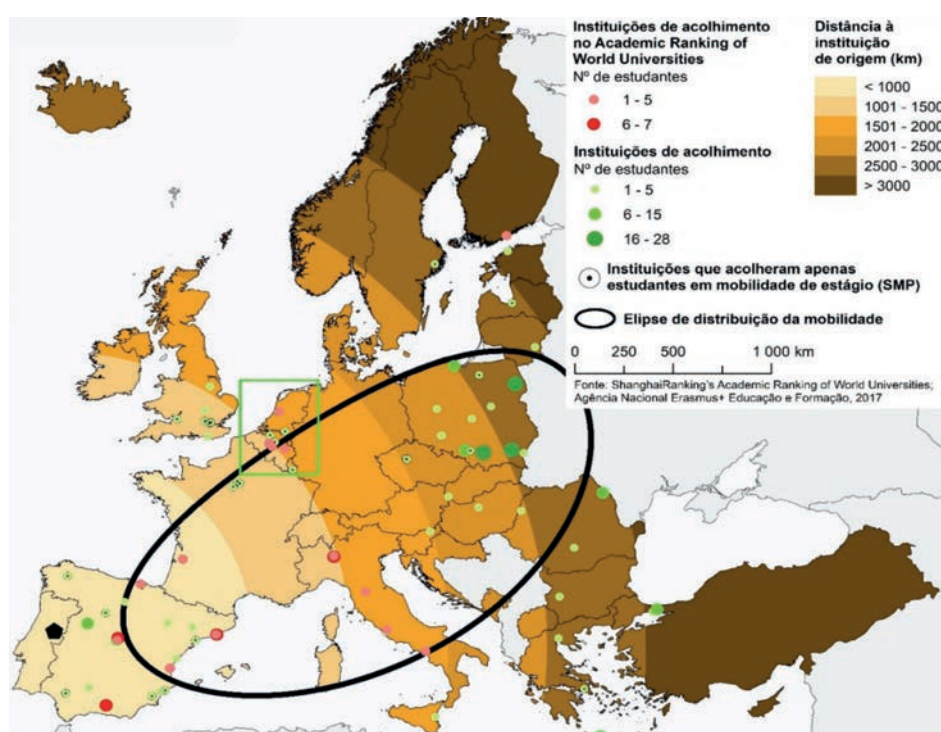
Fonte: ANE+, EF



Com um comportamento similar, ou seja, IES nacionais cujas principais opções combinam redes de proximidade com grande distância, encontra-se o Instituto Politécnico de Bragança, porém com a particularidade de se destacar dos demais em virtude do elevado peso da mobilidade de estudantes para IES localizadas a uma distância entre 2001 e 2500 km (44% do total) (Polónia, sobretudo, mas também

República Checa, Roménia, Eslovénia e Hungria (Figura 41). Também é clara a aposta na proximidade geográfica, destacando-se a importância de diversas IES espanholas na região transfronteiriça. Esta estratégia deixa antever uma conjugação dos critérios académicos com o custo de vida no estabelecimento de redes de mobilidade.

Figura 40 - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus da Universidade da Beira Interior, 2014 e 2015

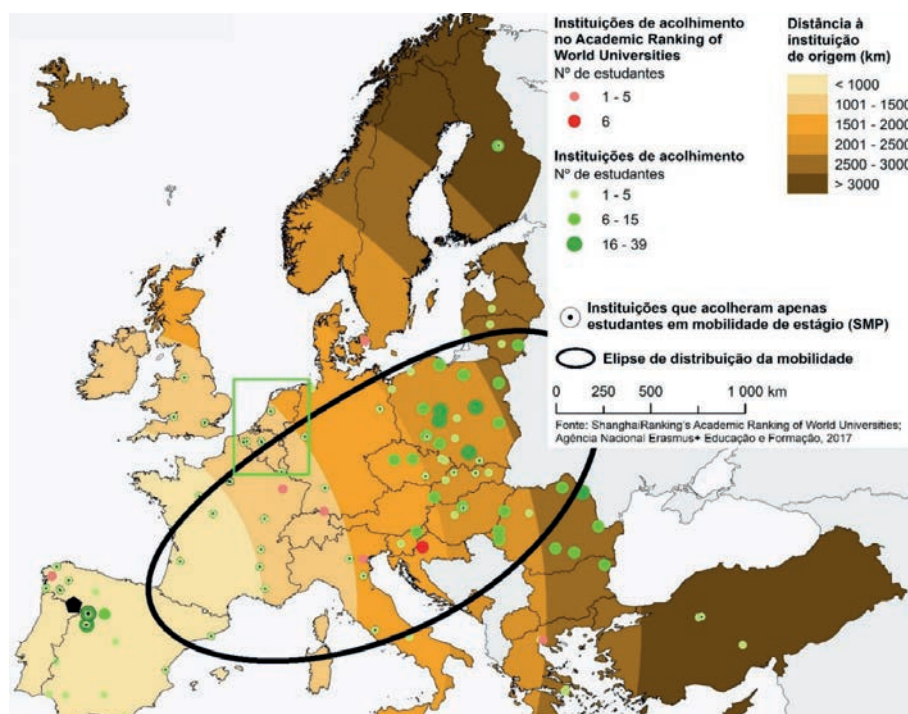


Fonte: ANE+, EF

Outras IES nacionais, cuja aposta se concentra em IES localizadas a distâncias entre 2001 e 2500 km são as Universidades de Trás-os-Montes (37,6%) e de Aveiro (31,6%) e o Instituto Universitário de Lisboa (29,8%). A Universidade de Lisboa apresenta quase 45% das redes de mobilidade dos seus estudantes para IES do Sul e Centro Europeu (1501 a 2000 km), conforme mostra a Figura 42. Este padrão denota uma elevada qualificação da mobilidade, com o predomínio de IES do Norte de Itália e de países da Benelux, com um elevado número destas a integrem o *Academic Ranking of World Universities*.

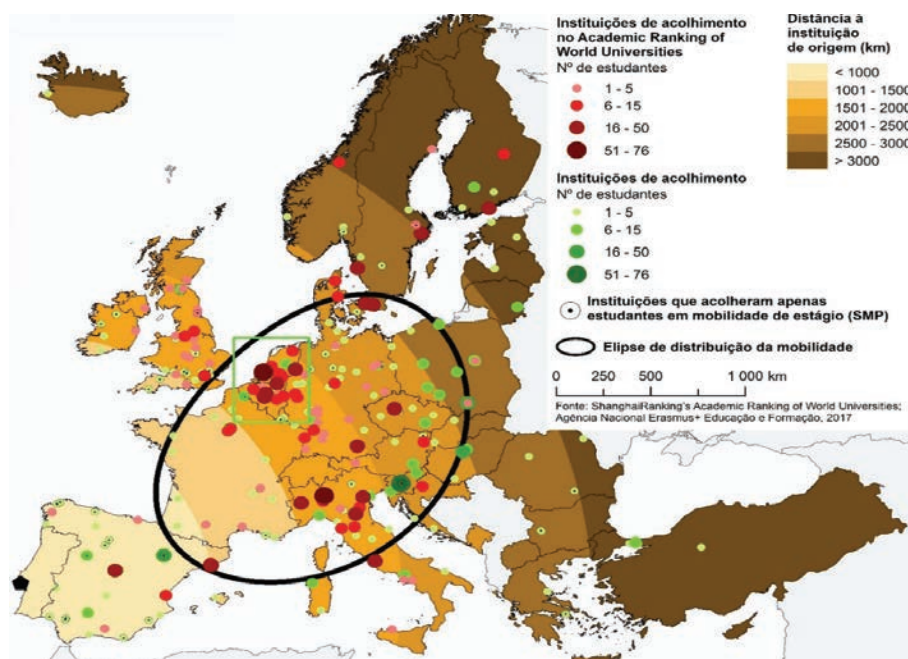
Ainda nesta categoria de distâncias, é possível identificar as Universidades Católica Portuguesa (42,3%), Nova de Lisboa (37,5%), Algarve (35,7%), Coimbra (32,5%), Porto e Minho (com sensivelmente 28%). Esta é a distância em que as IES nacionais mais apostam, com um total de 29,6% dos estudantes, e que também representa a porção de território europeu com mais IES no *Academic Ranking of World Universities*, o que traduz uma estratégia de base científica por parte das IES portuguesas quando se trata de criar redes de mobilidade para os estudantes em estudos ou estágios.

Figura 41 - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus do Instituto Politécnico de Bragança, 2014 e 2015

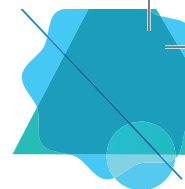


Fonte: ANE+, EF

Figura 42 - Distribuição da mobilidade dos estudantes Erasmus da Universidade de Lisboa, 2014 e 2015



Fonte: ANE+, EF



## Análise de redes Erasmus

A análise de redes sociais com recurso ao UCINET (Borgatti et al., 2002) permite visualizar a densidade da rede e a proximidade relacional entre as IES envolvidas na mobilidade de estudantes para estudo e estágio. A rede ilustra a partilha de IES entre as instituições envolvidas na mobilidade em cada área de estudo, em que cada IES é representada por um nó e os estudantes em mobilidade entre as IES por uma ligação (quanto mais espessa a linha, maior o número de estudantes).

Analisa-se as redes de mobilidade por área de estudo para os anos 2014 e 2015, considerando os fluxos de mobilidade entre pares de IES com pelo menos 4 estudantes em mobilidade *outgoing*. Este método permite ilustrar de forma expedita as principais relações entre as IES portuguesas e europeias na mobilidade Erasmus e detetar o efeito de rede e as principais diferenças nos tipos de mobilidade. Estes critérios têm por objetivo identificar as principais IES que mantêm relações de mobilidade mais intensas, utilizando informação consolidada e validada de 2014 e 2015.

A rede da área de Ciências Empresariais, Administração e Direito é muito densa e relativamente bem interconectada. A formação de rede na mobilidade *outgoing* deve-se principalmente às Universidades Nova, Católica e IUL-ISCTE (Figura 43). Num segundo nível, identificam-se as Universidades de Lisboa, Coimbra, Porto, Minho, Aveiro e Évora e os Politécnicos de Bragança, Porto e Lisboa.

As restantes instituições representadas apresentam redes menos desenvolvidas. As Universidades Nova, Católica e IUL-ISCTE destacam-se pela maior coincidência entre as IES europeias na mobilidade *outcoming* e *incoming*, potenciando assim o efeito de rede.

A área de estudo de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção configura uma rede densa e diversa, onde as principais instituições são as Universidades de Lisboa e do Porto, cujas relações com outras IES europeias são mais abrangentes e mais densas, incluindo algumas IES de referência no plano europeu (Figura 44). Destacam-se ainda as Universidades de Coimbra, Minho, Nova, Aveiro, Beira Interior e IUL-ISCTE e os Institutos Politécnicos de Bragança e Coimbra. As restantes instituições representadas apresentam redes menos desenvolvidas. A comunidade entre IES na mobilidade *outgoing* e *incoming* é mais significativa nas Universidades de Lisboa e do Porto, podendo concluir-se que estas IES estão a consolidar redes com IES europeias, envolvendo algumas de grande prestígio.

Atendendo ao menor fluxo de mobilidade na área da Saúde e Proteção Social, pode considerar-se que a rede

*outgoing* apresenta uma boa densidade e conectividade, envolvendo as principais IES portuguesas com oferta de cursos nesta área de estudos (Figura 45). Identifica-se um cluster central formado pelas Universidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Nova. Sobressaem ainda as redes dos Institutos Politécnicos de Lisboa, Porto, Castelo Branco e Coimbra e a Escola de Enfermagem de Coimbra. Algumas IES europeias desta rede são referência no ensino e investigação na Europa, embora se verifique um desalinhamento entre as IES que enviam e acolhem estudantes com origem e destino nas Universidades nacionais.

Nas Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, evidenciam-se as Universidades Nova, Coimbra, Porto, Lisboa e Católica (Figura 46). A área das Artes e Humanidades caracteriza-se por uma rede pouco desenvolvida e integrada em ambos os tipos de mobilidade (Figura 47). As redes nas restantes áreas são pouco desenvolvidas e frequentemente não se verifica uma correspondência entre as IES europeias que enviam e recebem estudantes de IES nacionais, o que limita a consolidação das próprias redes.

Figura 43 - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Ciências Empresariais, Administração e Direito, 2014 e 2015

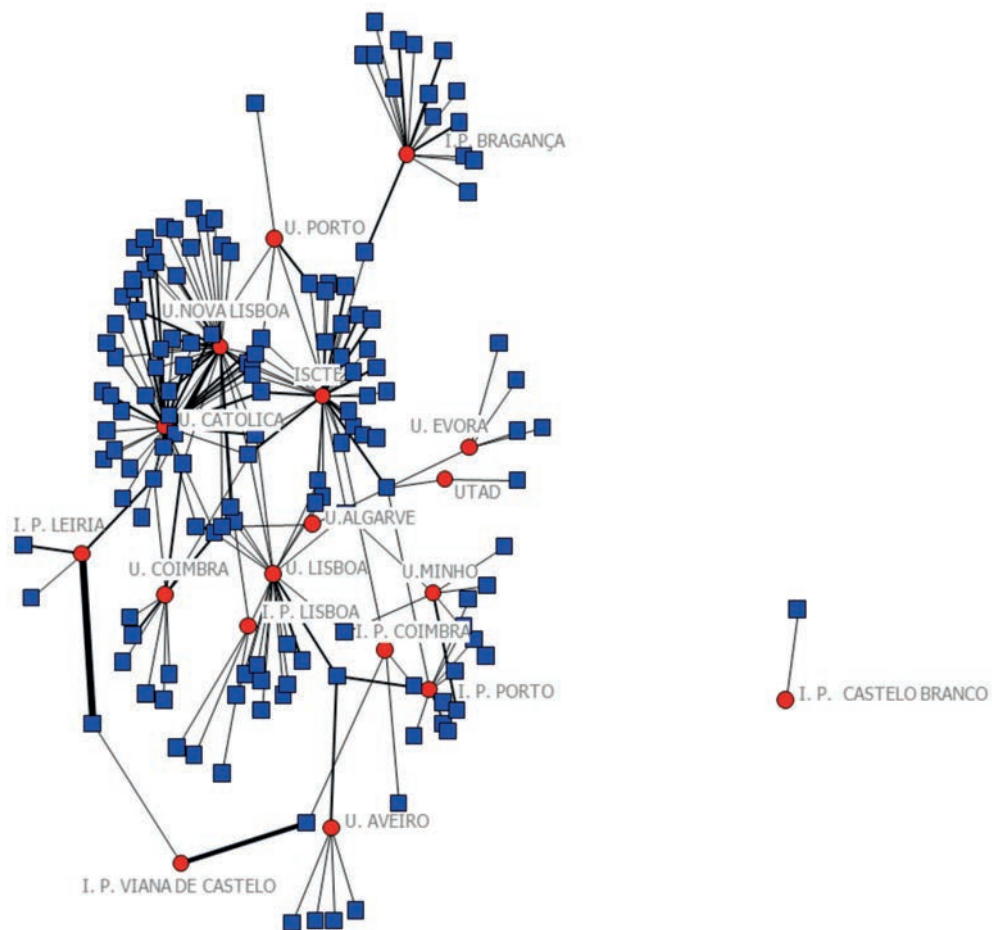
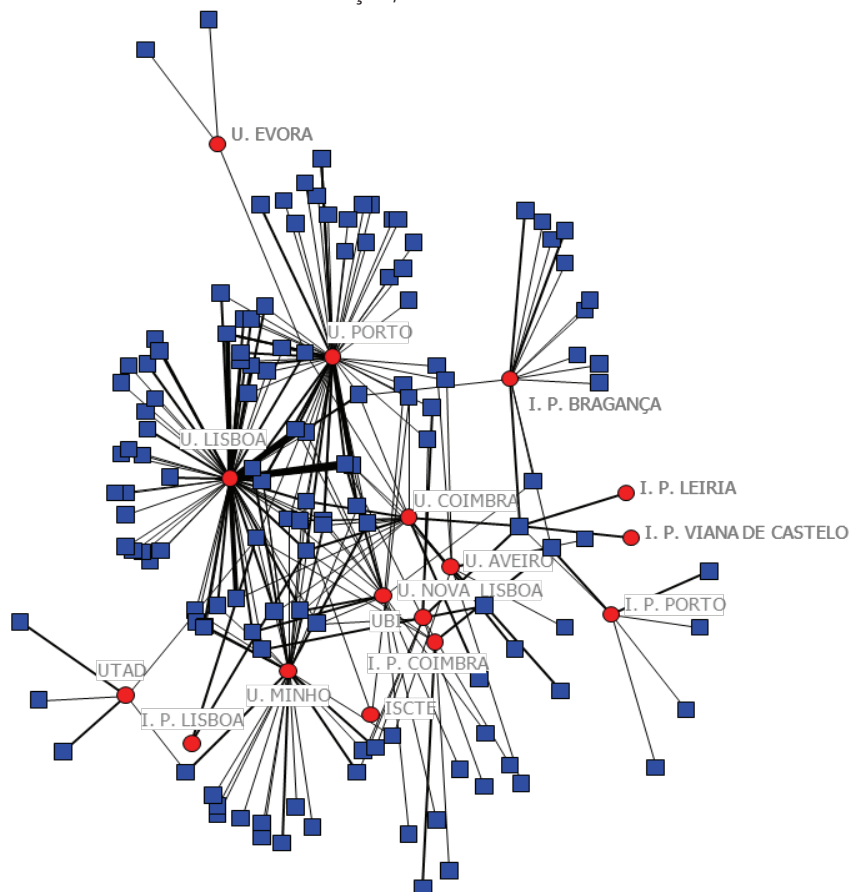


Figura 44 - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, 2014 e 2015



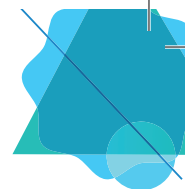


Figura 45 - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Saúde e Proteção Social, 2014 e 2015

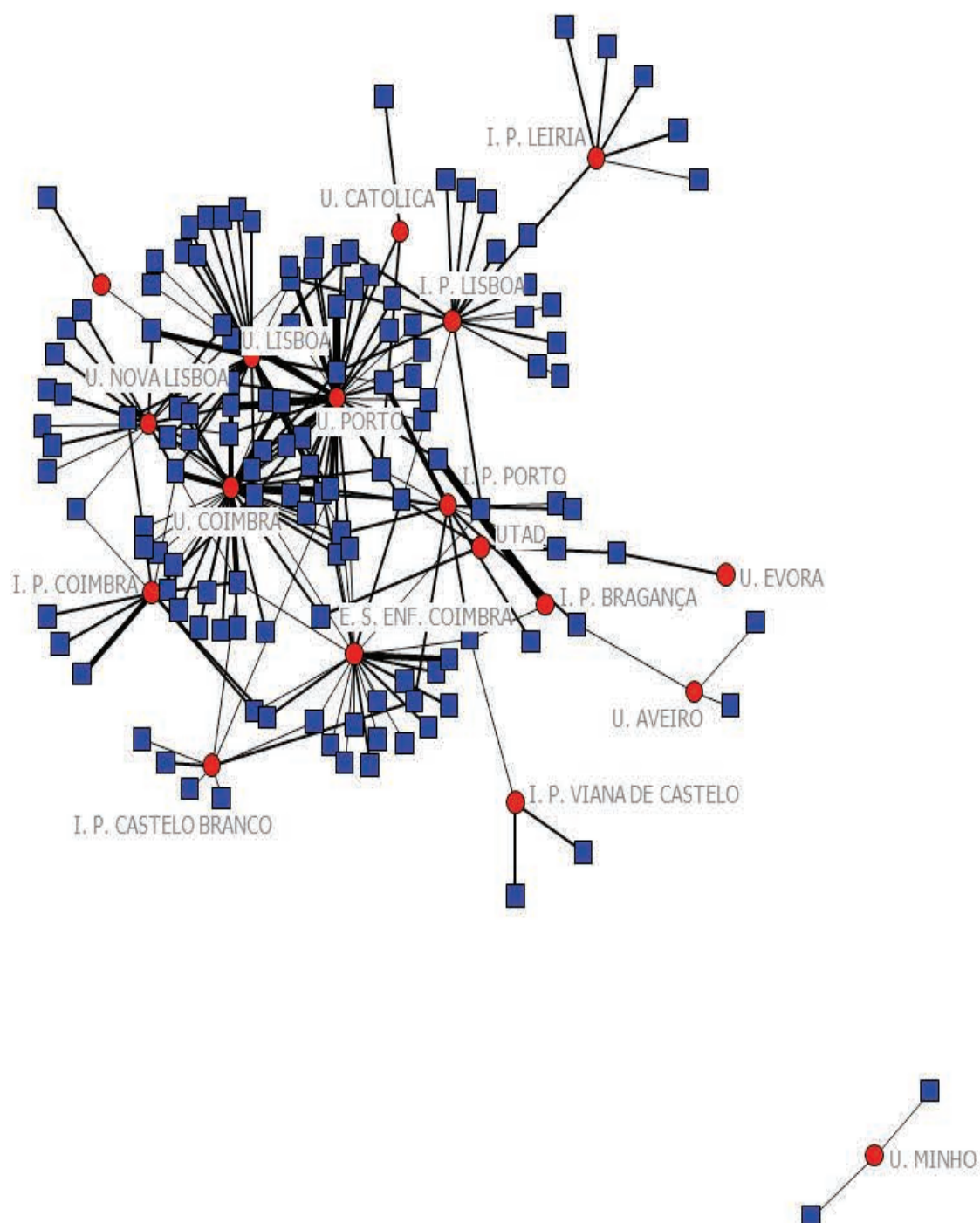
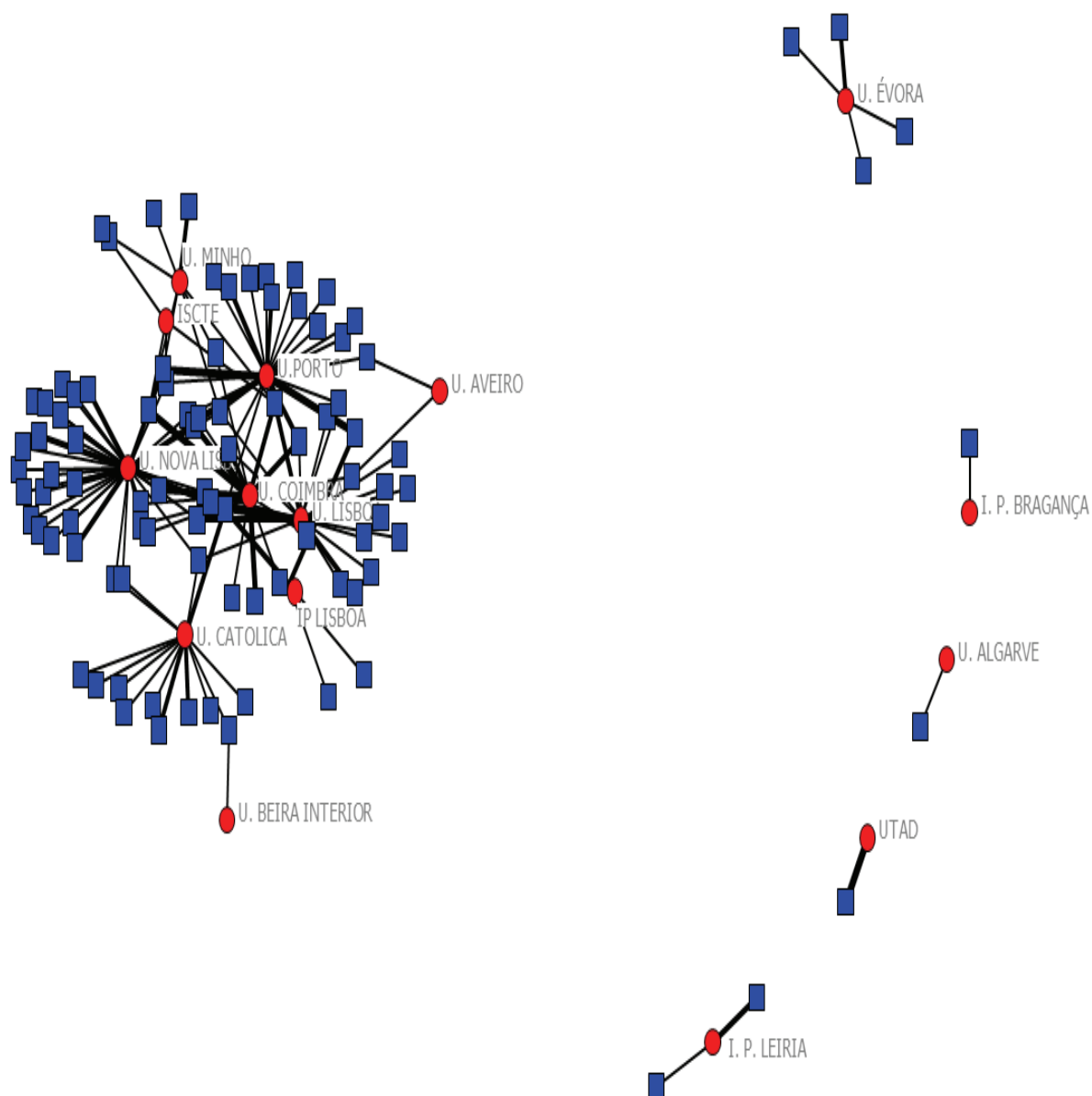


Figura 46 - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação, 2014 e 2015



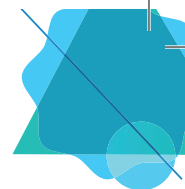
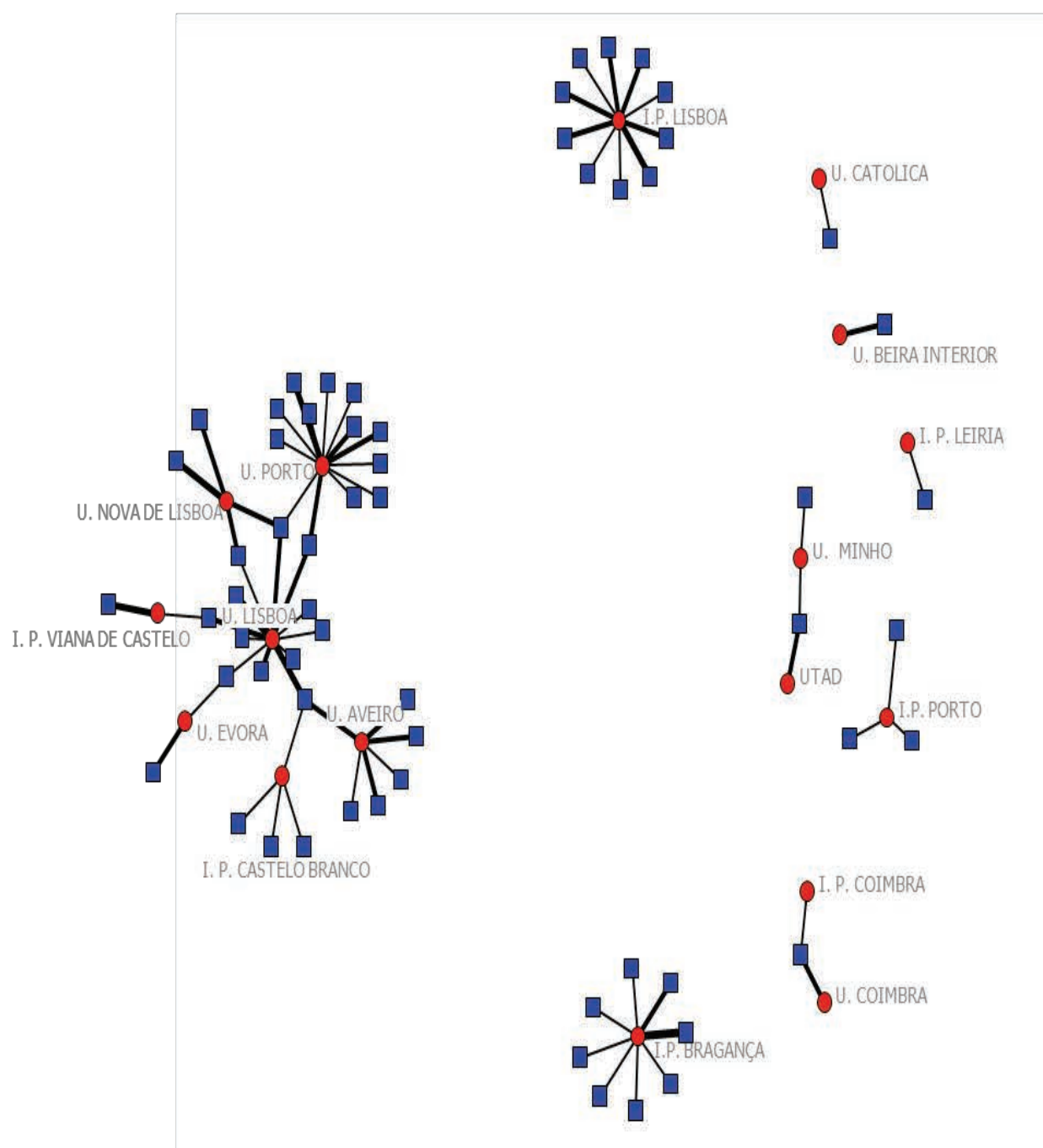


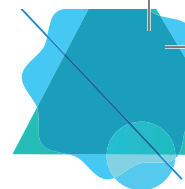
Figura 47 - Rede de mobilidade dos estudantes Erasmus *outgoing* de Artes e Humanidades, 2014 e 2015



# Importância da Mobilidade Erasmus no Desenvolvimento de Redes

A análise conjunta das representações que os estudantes, os docentes, o pessoal técnico e administrativo e os dirigentes das Instituições de Ensino Superior (IES) têm sobre a importância da mobilidade erasmus permite, de forma inequívoca, retirar as seguintes conclusões:

- Às IES, o programa confere visibilidade e oportunidades de integração em redes de ensino e formação de âmbito internacional.
- Para os participantes, as experiências de mobilidade proporcionam a aquisição de conhecimentos e competências que elevam, significativamente, a sua empregabilidade no quadro internacional.
- O Erasmus representa um ativo fundamental na estratégia de internacionalização das IES e na mobilidade dos estudantes, recém-graduados, docentes e pessoal técnico e administrativo.
- Para 65% das IES, o Erasmus constitui a principal fonte de financiamento das atividades de internacionalização, com destaque particular para as relacionadas com a mobilidade dos estudantes e o estabelecimento de redes de ensino e formação.
- A mobilidade constitui uma alavanca no desenvolvimento de redes institucionais, académicas, profissionais e pessoais.
- Para as IES, a mobilidade fomenta a cooperação estratégica, a participação em consórcios e projetos de investigação internacionais e a criação de programas de formação avançada interinstitucionais e multilaterais.
- Para os estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo, a mobilidade permite desenvolver redes de contactos pessoais e profissionais, consideradas duradouras, com efeitos positivos na entrada no mercado de trabalho e/ou progressão da carreira profissional.
- Para três quartos dos inquiridos, a mobilidade desempenha um papel de suma importância no fortalecimento da identidade com o espaço europeu, no desenvolvimento pessoal e na motivação para residir e trabalhar além-fronteiras, e o interesse em seguir uma carreira com uma componente internacional.
- Αποβλδαδα manifesta-se de forma efetiva na formação oferecida pelas IES, nomeadamente ao nível da inovação curricular, dos programas de estudos, dos métodos de ensino praticados, na difusão de boas práticas e na aprendizagem por benchmarking.
- Apesar da imagem de sucesso de que goza junto da comunidade educativa e dos dirigentes das IES, o Erasmus padece de algumas fragilidades, destacando-se o baixo valor das bolsas e a elevada procura em algumas áreas de estudo, que constituem os principais fatores inibidores da participação na mobilidade dos estudantes com menores recursos económicos.



Nesta secção do estudo procede-se a uma avaliação da importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento de redes e parcerias ao nível do ensino, formação e investigação no espaço europeu e na internacionalização das IES. Além da problemática das redes e das parcerias, que constitui o foco central do estudo, avalia-se também, ainda que de forma mais superficial, os efeitos do programa de mobilidade nas mudanças da oferta formativa das IES, no desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes (estudantes, recém graduados, docentes e pessoal técnico e administrativo), incluindo a aquisição de competências transversais e interculturais, fomentadoras da empregabilidade, bem como os contributos do programa para a construção da identidade europeia e a harmonização do espaço europeu da educação de nível superior.

A avaliação da importância da mobilidade Erasmus apoia-se nos resultados dos inquéritos lançados a uma amostra representativa da população envolvida na mobilidade entre 2014 e 2016, constituída por 1.747 indivíduos (1.311 estudantes, 65 recém-graduados, 243 docentes e 128 técnicos e pessoal administrativo), bem como 51 dirigentes das IES ou afetos aos Gabinetes de Relações Internacionais e/ou Erasmus.

Embora as opiniões dos três grupos de indivíduos em análise tenham muitos pontos em comum em relação ao Erasmus e fosse possível fazer uma avaliação integrada da importância da mobilidade nas matérias em questão, existem alguns aspetos em que as opiniões são fortemente influenciadas pelo papel que os inquiridos desempenham nas IES e a condição em que se relacionam com o Erasmus. Neste sentido, procedeu-se primeiro à análise das opiniões expressas por cada grupo; depois, analisaram-se os pontos comuns e as idiossincrasias dos três grupos em relação às questões-chave do estudo, bem como à busca das variáveis explicativas.

## As representações dos estudantes e recém-graduados

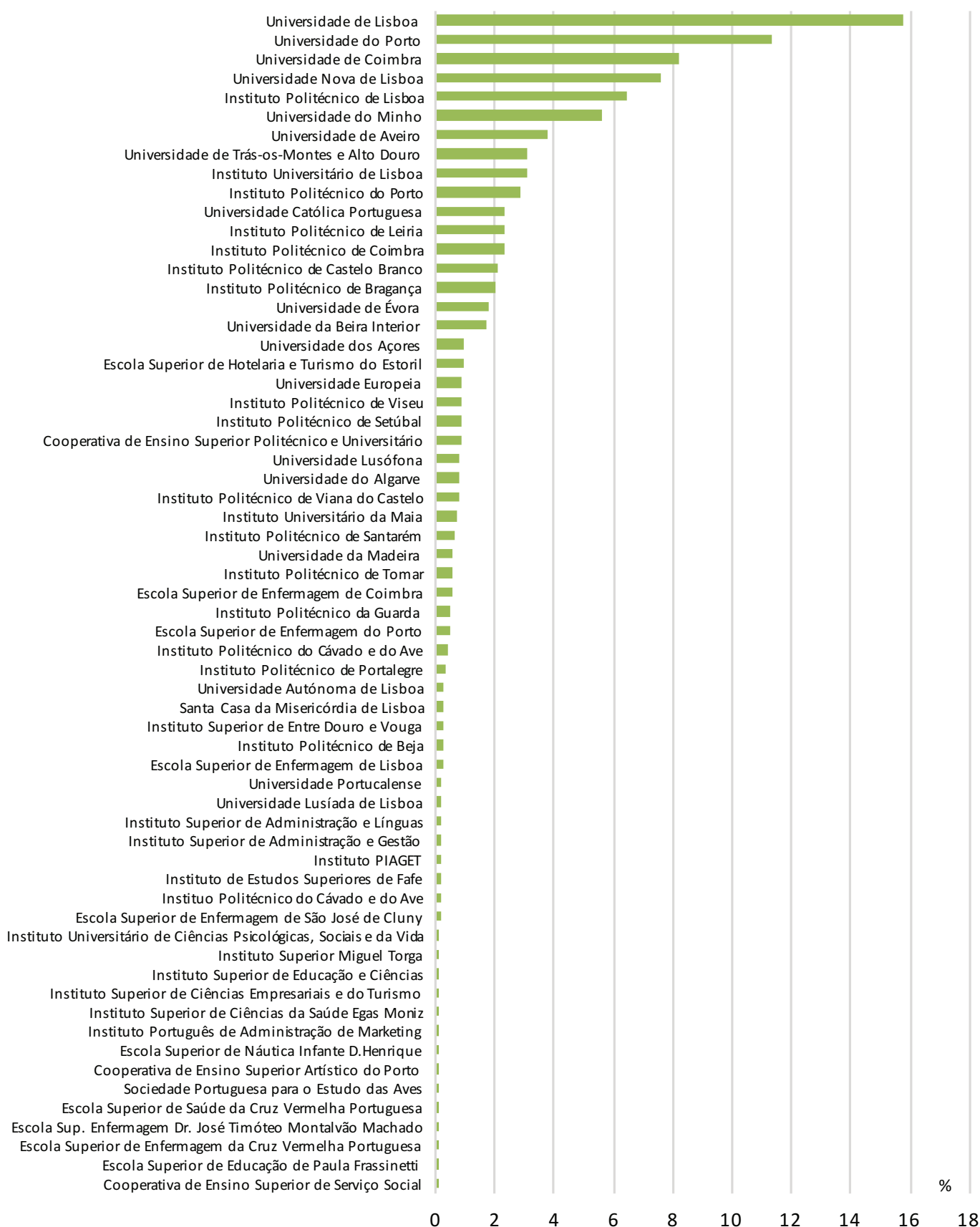
A amostra do estudo é constituída por 1.376 indivíduos (1.111 estudantes e 65 recém-graduados), que correspondem a 12,6% da população desta categoria envolvida na mobilidade Erasmus entre 2014 e 2016. Estes indivíduos são provenientes de 62 instituições representativas do universo das IES portuguesas, relativamente à dimensão, às áreas científicas de formação, à natureza jurídica (sector público e privado) e distribuição geográfica no território nacional (Figura 48). A representatividade da amostra regista-se também ao nível dos países das instituições de acolhimento dos estudantes, reproduzindo de perto, em termos relativos, a distribuição geográfica da mobilidade da população em estudo (Figura 49).

No Quadro 22 apresentam-se as principais variáveis caracterizadoras do perfil dos estudantes e recém-graduados que participaram em mobilidade Erasmus no período 2014-2016. Em grandes linhas, à data da última mobilidade, integravam o escalão etário dos 20 aos 30 anos (93.3%) e eram maioritariamente do sexo feminino (67%). Em termos de áreas disciplinares, embora a Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção (25%), Ciências Empresariais, Administração e Direito (21%) e a Saúde e Proteção Social (17%) sejam responsáveis pela maioria da mobilidade, existem outras áreas que registam um número significativo de participantes, destacando-se neste grupo as Artes e Humanidades (12%), as Ciências Sociais, Jornalismo e Informação (8%) e as Ciências Naturais, Matemática e Estatística (8%). Por último, embora 82% dos inquiridos apenas tenham efetuado uma mobilidade, 16% realizaram duas mobilidades e 2% participaram em três ou mais mobilidades.

A participação no Erasmus constitui para a grande maioria dos estudantes e recém-graduados uma experiência marcante além-fronteiras. Esta representou para 78% dos inquiridos a sua primeira estadia no estrangeiro com uma duração superior a um mês. No entanto, 22% de inquiridos tinham já experiência no estrangeiro, por razões muito diversificadas, incluindo o lazer, os estudos ou o trabalho (Figura 50). A diversidade de motivos salientados para a mobilidade justifica, em grande parte, a distribuição geográfica das experiências. Embora maioritariamente realizadas na Europa (74%), estas não deixam de ocorrer noutras grandes regiões do mundo (Figura 51).



Figura 48 - Estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos por IES de origem



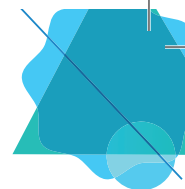
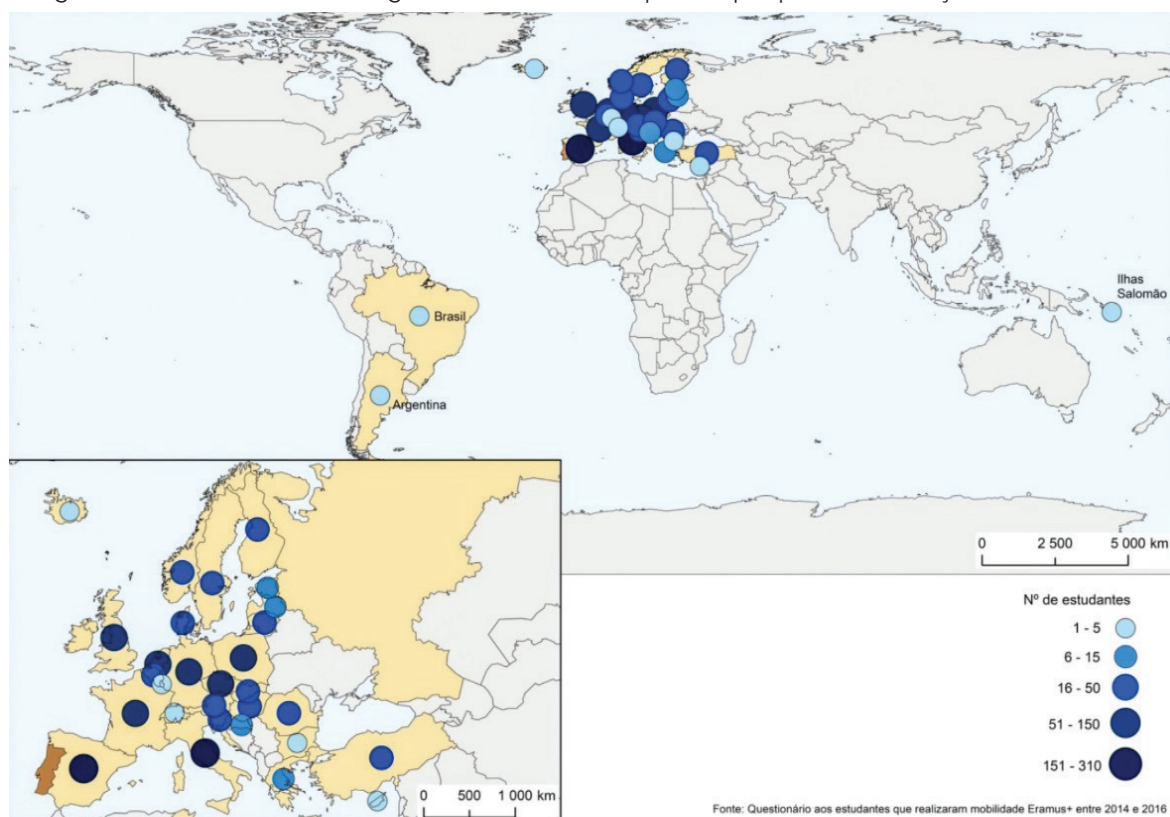


Figura 49 - Estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos por país da instituição de acolhimento



Quadro 22 - Perfil dos estudantes e recém-graduados Erasmus inquiridos

Idade à data da última mobilidade	nº	%
<20	65	5,0
20 - 30	1219	93,3
30 - 40	19	1,5
> 40	3	0,2
Total	1306	100
Sexo	nº	%
Feminino	917	67
Masculino	459	33
Total	1376	100
Área Disciplinar	nº	%
Engenharias, Produção e Construção	348	25
Gestão, Administração e Direito	285	21
Medicina , Saúde e Bem-estar	228	17
Artes e Humanidades	165	12
Ciências Sociais e Jornalismo	109	8
Ciências Naturais, Matemáticas e Estatística	106	8
Serviços	68	5
Agricultura, Floresta, Pesca e Veterinária	47	3
Educação	11	1
Tecnologias de Informação e Comunicação	9	1
Total	1376	100
Ciclos de Estudo	Nº	%
1º Ciclo/ Licenciatura ou nível equivalente (EQF-6)	813	59
2º Ciclo/ Mestrado ou nível equivalente (EQF-7)	545	40
Técnico Superior Profissional - TeSP (EQF-5)	7	1
3º Ciclo/ Doutoramento ou nível equivalente (EQF-8)	11	1
Total	1376	100
Tipo de Mobilidade	Nº	%
SMS – mobilidade para estudos	966	71
SMP – mobilidade para estágios	321	23
SMP – mobilidade para estágios de recém-graduados	65	5
Outra mobilidade	17	1
Total	1369	100

Figura 50 - Motivos da experiência no estrangeiro anterior à mobilidade Erasmus

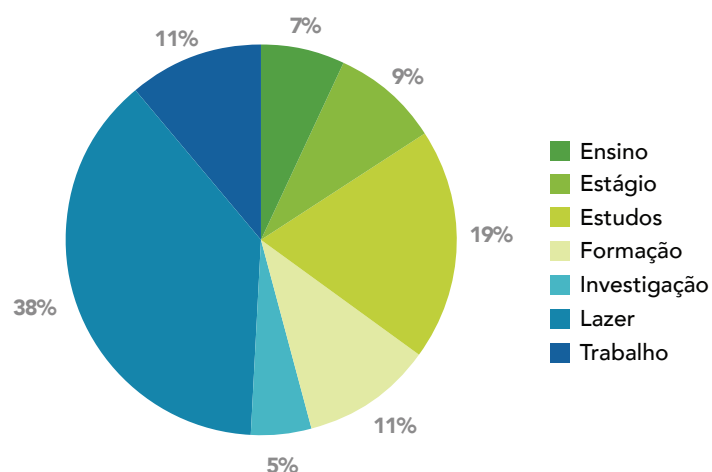
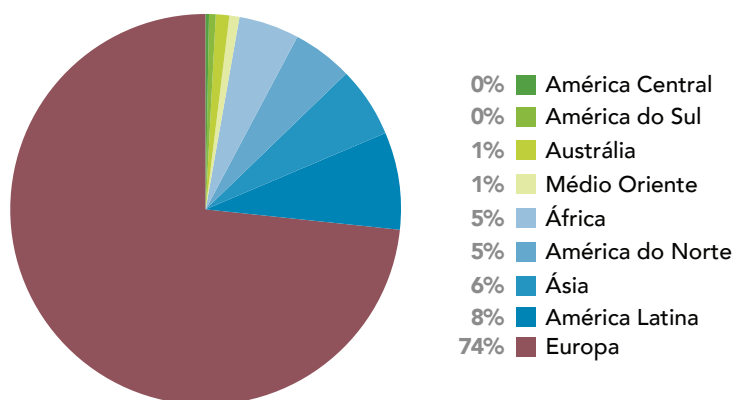


Figura 51 - Áreas geográficas da experiência no estrangeiro anterior à mobilidade Erasmus



### Motivações para a mobilidade Erasmus

Os resultados dos inquéritos mostram, de forma clara, que os estudantes e recém-graduados realizaram a sua mobilidade no quadro do Erasmus nas instituições/países da sua preferência (93%) (Quadro 23). Na base da escolha das instituições/países da mobilidade estava um vasto leque de fatores, assumindo particular destaque a vontade de conhecer um país que não lhes era familiar

(15%), a qualidade da instituição de acolhimento (14%), a opinião favorável da instituição transmitida por colegas e amigos (11%) e a ausência de problemas com as equivalências da formação realizada (10%) (Figura 52).

Quadro 23 - Preferência dos estudantes e recém-graduados pela instituição e país de mobilidade

A instituição / país onde realizou a mobilidade foi a da sua preferência?	Nº	%
Sim	1.275	93
Não	101	7
Total	1.376	100

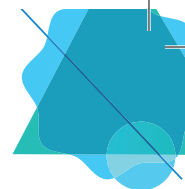


Figura 52 - Fatores que influenciaram a escolha da instituição e país para a mobilidade Erasmus

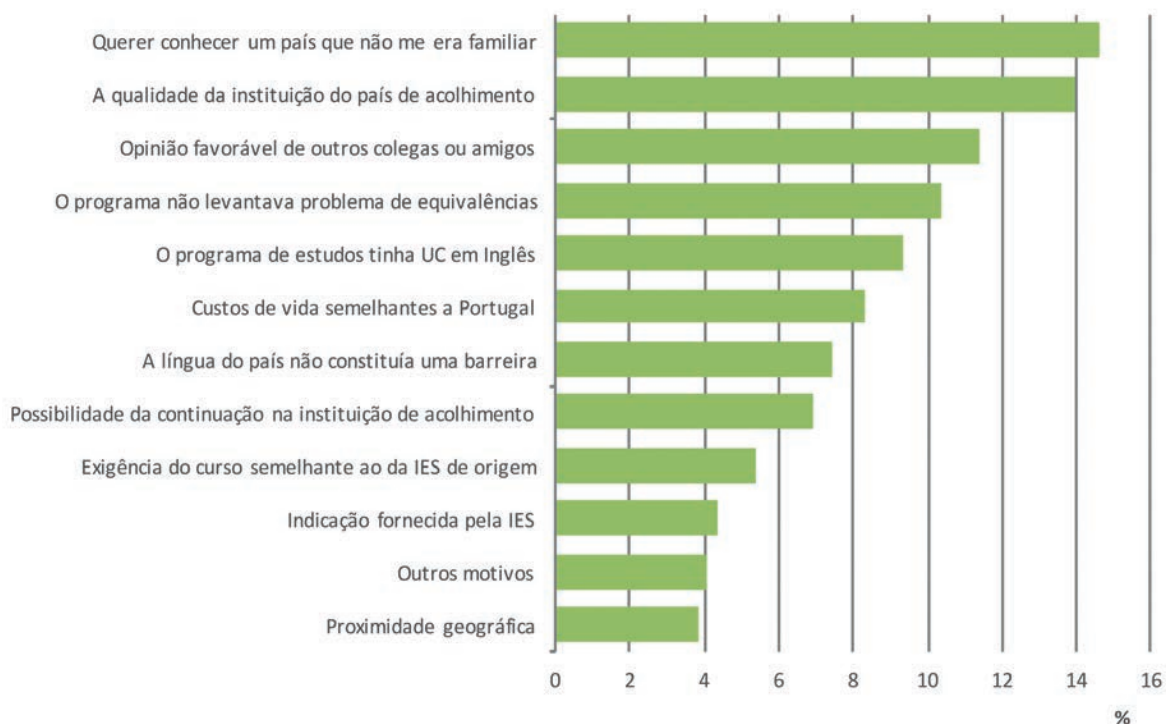
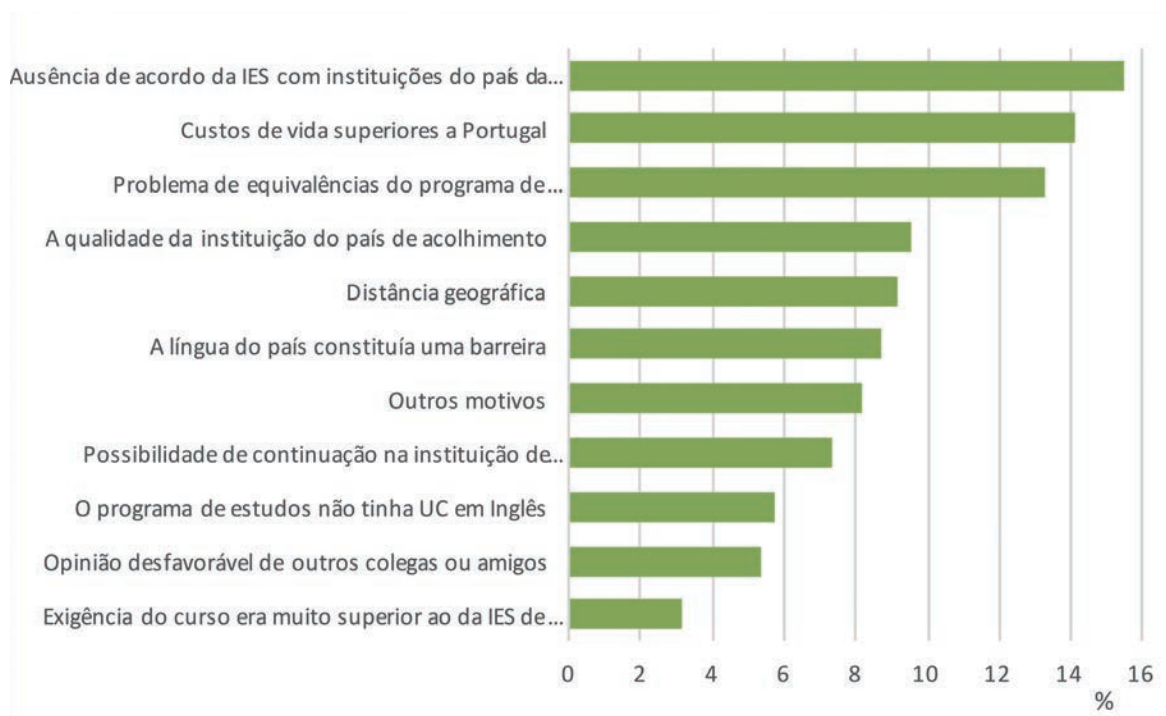


Figura 53 - Fatores que influenciaram a escolha da instituição para a mobilidade Erasmus dos estudantes e recém-graduados que não efetuaram a mobilidade na instituição da sua preferência



Dos 1.376 estudantes e recém-graduados inquiridos, apenas 101 (7%) afirmam ter efetuado a mobilidade em instituições de segunda escolha, mencionando para o efeito vários fatores, entre os quais se destacam a ausência de acordos das IES de origem com instituições e países da sua preferência (15%), os custos de vida do país de acolhimento serem superiores aos de Portugal (14%), os problemas de equivalências da formação (13%) e a qualidade da investigação, do ensino e das práticas profissionais da instituição do país de acolhimento (10%) (Figura 53).

### A mobilidade Erasmus e o desenvolvimento de redes pessoais, académicas e profissionais

A mobilidade Erasmus desempenha um papel fundamental na criação e desenvolvimento de redes, sejam estas de índole pessoal, profissional ou académica. Neste domínio, os resultados do inquérito mostram, de forma clara, que a mobilidade Erasmus permitiu a 94% dos participantes estabelecer redes pessoais, a 69% desenvolver redes académicas e a 49% integrar redes profissionais. Atendendo ao número de respostas mais do que duplicar o número de inquiridos, pode ainda concluir-se que, para um número significativo de participantes, a mobilidade lhes permitiu desenvolver redes de diferente natureza (Quadro 24).

Quadro 24 - Relações regulares estabelecidas pelos participantes durante a mobilidade

Que tipo de relações estabeleceu regularmente durante a sua mobilidade Erasmus?	Nº	%
Outras	17	1.2
Profissionais	545	39.6
Académicas	946	68.8
Pessoais	1293	94.0
Total de Estudantes	1375	

Os resultados do questionário mostram também que as redes de contactos estabelecidas durante a mobilidade estão longe de serem efémeras ou circunscreverem-se ao período da mobilidade. Na realidade 44% dos estudantes e recém-graduados mantêm a sua rede de contactos regulares

na atualidade com três ou mais indivíduos de nacionalidade do país de acolhimento. Por sua vez, apenas 18% dos indivíduos deixaram de estabelecer contactos com as pessoas de nacionalidade do país de acolhimento que conheceram durante a sua mobilidade (Figura 54).

Figura 54 - Contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados inquiridos com pessoas de nacionalidade do país de acolhimento

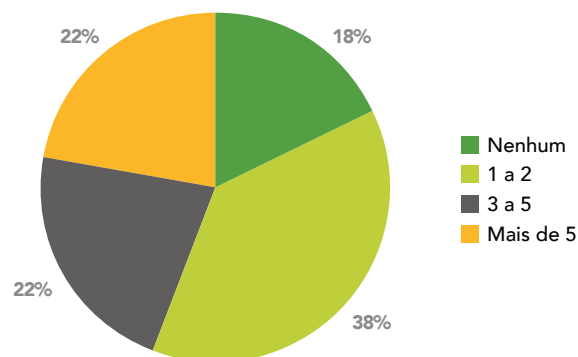
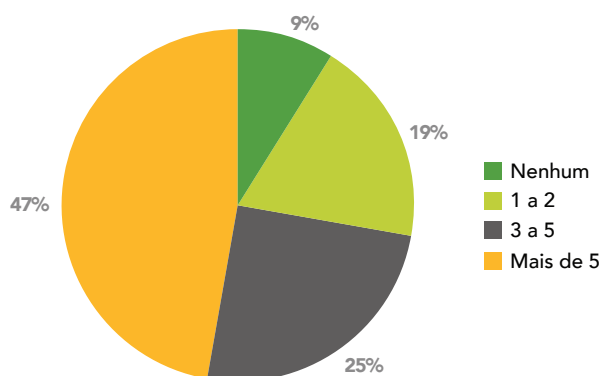


Figura 55 - Contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados inquiridos com pessoas de nacionalidade do país de acolhimento

No estabelecimento de contactos regulares com as pessoas conhecidas durante a mobilidade, os estudantes e recém-graduados combinam a via virtual, através das redes sociais, com as visitas presenciais dos seus amigos a Portugal e suas aos países de acolhimento. Embora as redes sociais facilitem a elevada frequência com que 56% dos

inquiridos comunica entre si, não deixa de ser significativo que 29% dos estudantes e recém-graduados estabeleçam entre si visitas regulares. Por último, cerca de 10% das visitas regulares são motivadas pela realização de estudos, investigação e o desenvolvimento de outro tipo de trabalho colaborativo (Figura 56).

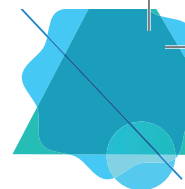
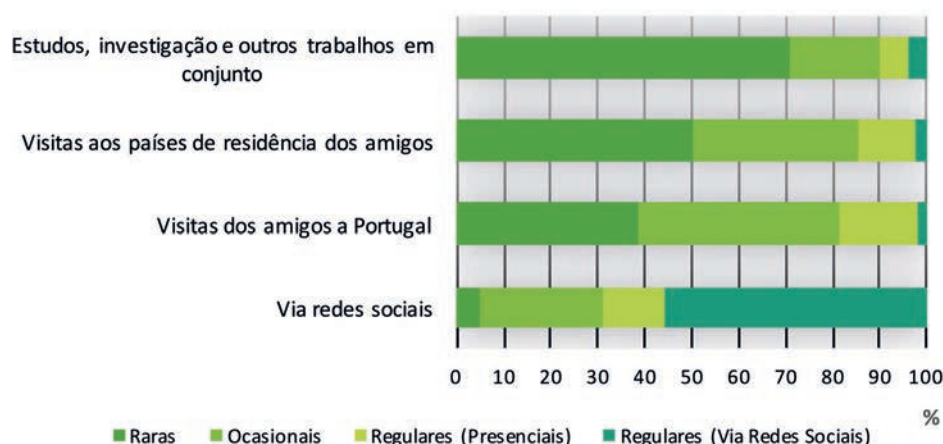


Figura 56 - Tipo de contactos regulares, na atualidade, dos estudantes e recém-graduados com pessoas de nacionalidades diferentes da do país de acolhimento

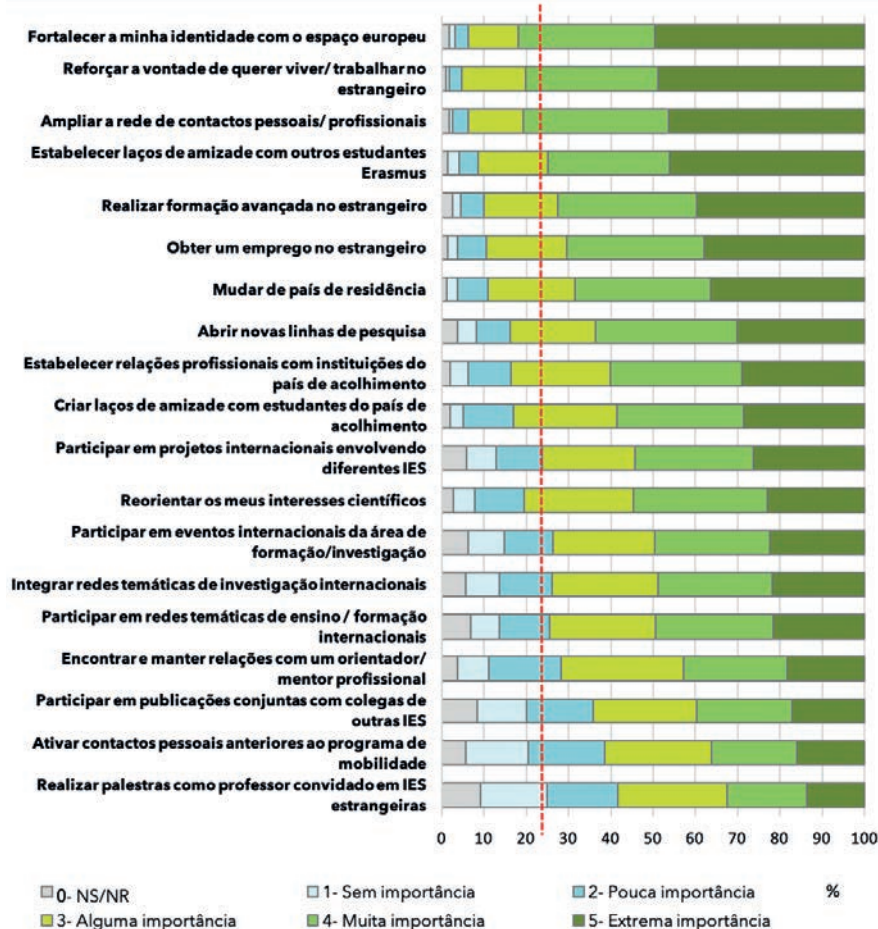


Embora a escala temporal de avaliação (2014 - 2016) seja demasiado curta para se tecerem considerações sobre a sustentabilidade das redes de contactos no longo prazo, os dados sobre a frequência e a natureza dos contactos pós-mobilidade não deixam de constituir um excelente indicador sobre o potencial da sua resiliência.

A importância da mobilidade no desenvolvimento de redes de contactos, tendo em vista o desenvolvimento pessoal e profissional, a formação académica e a participação em projetos de investigação num contexto internacional, é sobejamente reconhecida pelos estudantes dos diferentes ciclos de estudo e os recém-graduados. Na Figura 57

encontram-se representados os níveis de importância da mobilidade em 19 domínios. Mais de 50% dos inquiridos considera a mobilidade muito importante em 15 domínios. Circunscrevendo-nos apenas às representações comuns a pelo menos três quartos dos inquiridos, a mobilidade faz-se sentir com maior intensidade no fortalecimento da identidade com o espaço europeu (82%); na ampliação das redes de contactos pessoais e profissionais (81%); na motivação para a residência e o trabalho além-fronteiras (80%); na criação de laços de amizade com estudantes de outras nacionalidades (75%); e na realização de formação avançada no estrangeiro (73%).

Figura 57 - Importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento pessoal e profissional e no estabelecimento de redes



Os itens aos quais apenas uma percentagem relativamente reduzida de estudantes e recém-graduados atribui muita importância são: (i) a realização de palestras como professor ou investigador convidado em IES no estrangeiro (33%); (ii) a ativação de contactos pessoais anteriores ao programa de mobilidade (36%); (iii) a participação em publicações conjuntas com colegas de outras instituições (40%); e (iv) encontrar e manter relações com um orientador ou mentor profissional (42%). O fraco peso da mobilidade para a maioria dos estudantes nestes itens justifica-se, em grande medida, pelo facto de a maior fatia dos estudantes inquiridos realizar a sua mobilidade no 1º ciclo de estudos e alguns destes itens apenas fazem sentido ou assumem relevância ao nível da formação pós-graduada.

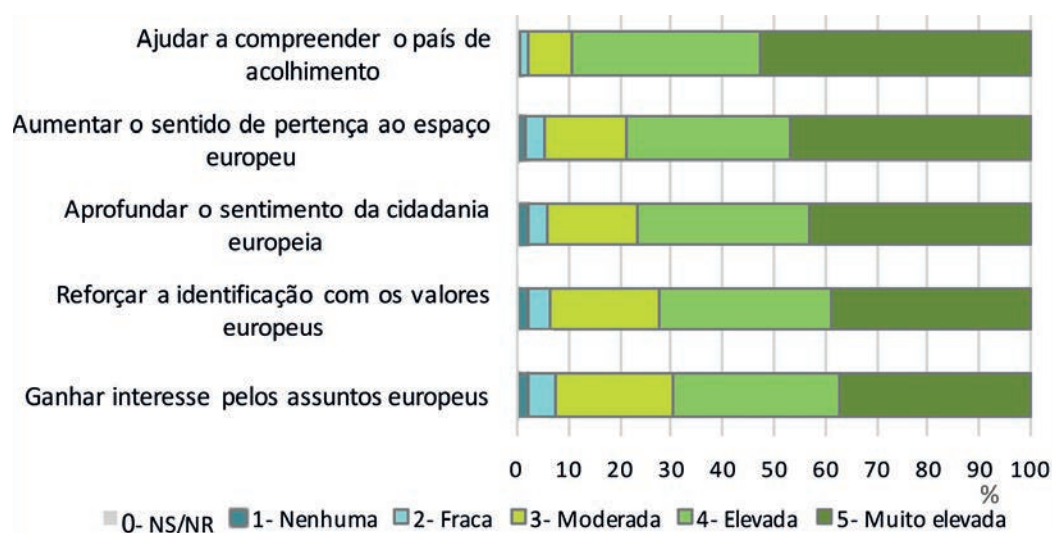
### O papel da mobilidade Erasmus na formação e no desenvolvimento pessoal

Além dos contributos para o desenvolvimento de redes pessoais, académicas e profissionais, a internacionalização das IES e do seu pessoal académico, a mobilidade Erasmus faz-se sentir fortemente também noutros domínios, já sobejamente avaliados, como a construção da identidade europeia, o desenvolvimento pessoal e a aquisição de competências com valor acrescentado para a empregabilidade dos indivíduos no contexto internacional

e, em particular, no mercado de trabalho do espaço europeu. Os estudos coordenados por Mike Byram & Fred Dervin (2008), Benjamin Feyen & Ewa Krzaklewska (eds.) (2012), Uwe Brandenburg (2014), Vittoria Jacobone & Giuseppe Moro (2014) e os inquéritos conduzidos pela IESN - International Exchange Erasmus Student Network (2011; 2015 e 2016), aqui referidos apenas a título ilustrativo, constituem excelentes testemunhos da relevância da mobilidade dos estudantes nestes domínios.

Ao realizar um estudo em profundidade sobre a mobilidade Erasmus em Portugal, considerou-se pertinente recolher as representações dos estudantes e recém-graduados portugueses nestes campos de análise. Os resultados do inquérito vêm, em grandes linhas, corroborar as principais ideias avançadas nestes estudos. Em relação à identidade europeia e a identificação com o espaço europeu, a Figura 58 sugere que apenas um grupo restrito de indivíduos (5.8%) não considera a mobilidade como uma mais-valia no reforço do sentido de pertença ao espaço europeu, no aprofundamento da cidadania europeia e na identificação com os valores europeus.

Figura 58 - Importância da mobilidade Erasmus no desenvolvimento da identidade europeia

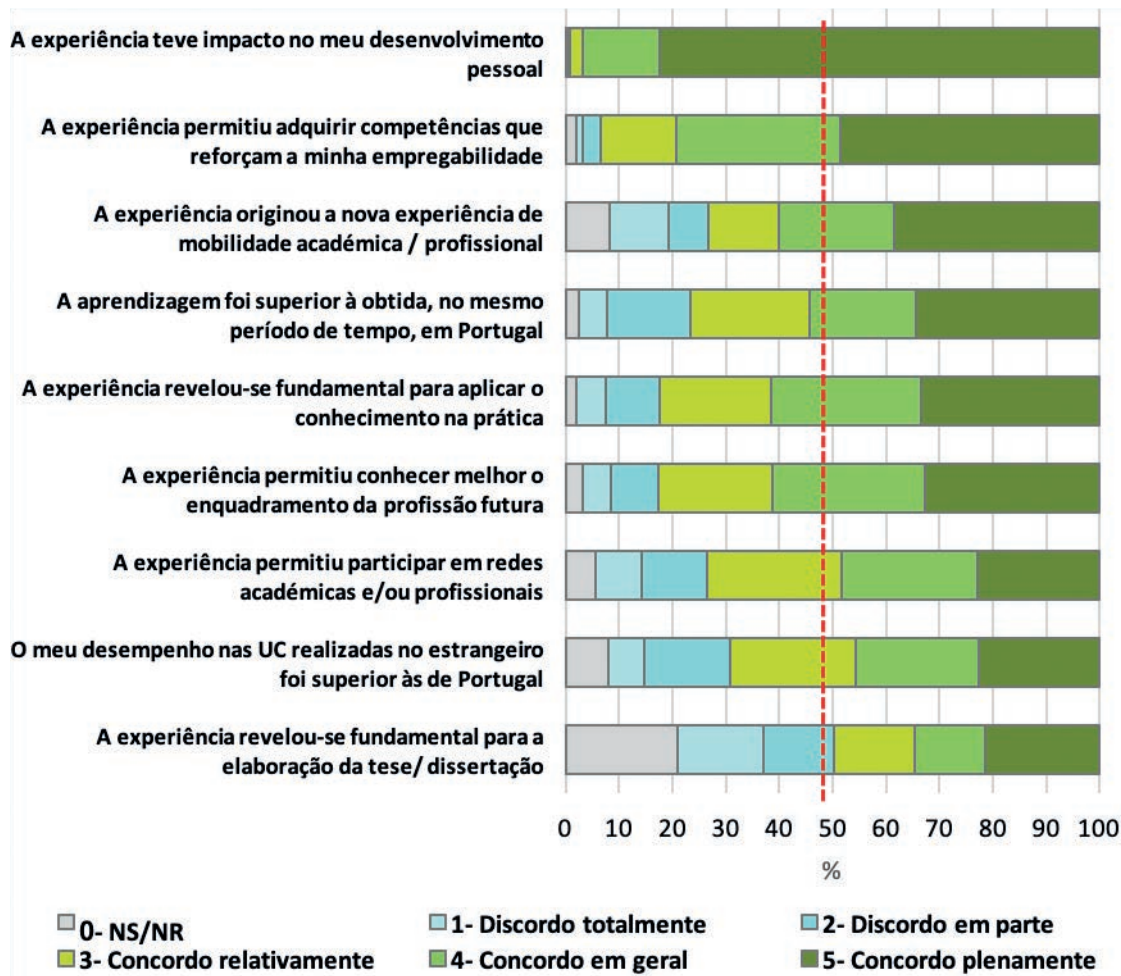




Situação semelhante ocorre em relação aos efeitos da mobilidade na formação e desenvolvimento pessoal e profissional (Figura 59). Embora sem o protagonismo que evidencia na identidade europeia, a esmagadora maioria dos estudantes e recém-graduados portugueses não tem dúvidas em reconhecer que a experiência de mobilidade teve impacto ao nível do desenvolvimento pessoal (96%); facultou a aquisição de competências que reforçam a empregabilidade (79%); permitiu ficar a conhecer melhor o enquadramento da sua profissão futura (62%); revelou-se fundamental para aplicar o conhecimento na prática (61%); e desencadeou novas experiências de mobilidade académicas e/ou profissionais (60%).

Mais uma vez, os valores relativamente modestos que alguns itens apresentam neste campo estão estreitamente ligados ao peso dos estudantes do 1.º ciclo de estudos. Disso constitui exemplo o item sobre a experiência de mobilidade se ter revelado fundamental para a elaboração de teses/dissertações. Nesta, 20% dos inquiridos não têm opinião formada e 50% têm dúvidas se isso aconteceu, simplesmente por esta componente não fazer parte do programa de estudos. No entanto, a relevância da mobilidade neste domínio é clara para a maioria dos estudantes do 3.º ciclo (64%) que consideram que a experiência foi fundamental para o desenvolvimento dos seus projetos de investigação.

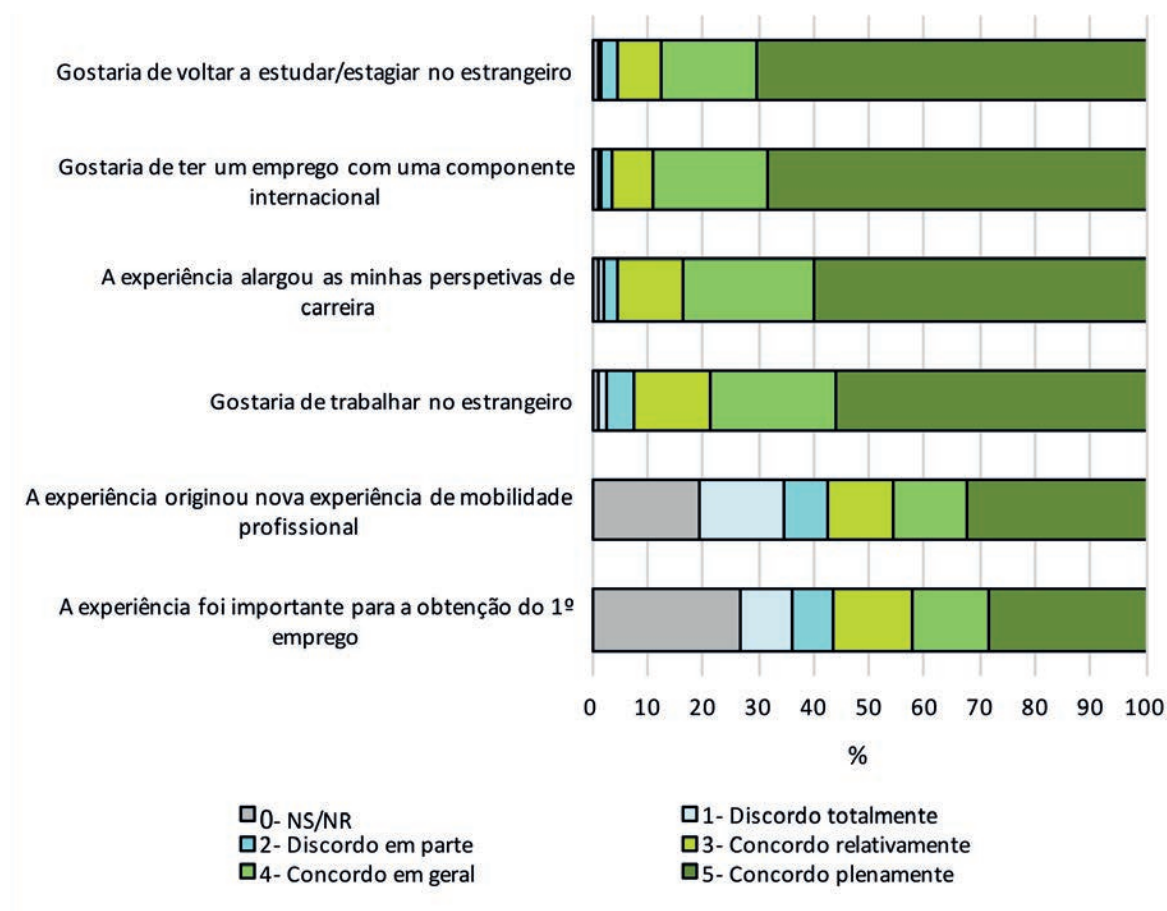
Figura 59 - Importância da mobilidade Erasmus ao nível da formação e desenvolvimento pessoal

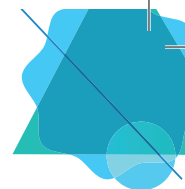


Quanto à relação entre a experiência de mobilidade e a empregabilidade, as representações dos inquiridos são também extremamente positivas. A experiência não só alimentou a vontade de querer voltar a estudar ou a realizar estágio no estrangeiro (70%), como reforçou o interesse em querer trabalhar além-fronteiras (56%) e vir a ter um emprego com uma componente internacional (68%).

Paralelamente, uma maioria considerável reconhece ainda que a experiência alargou as suas perspetivas de carreira (60%) e, para cerca de um terço (32%) dos indivíduos, originou novas experiências de mobilidade de cariz profissional e terá sido decisiva na obtenção do primeiro emprego (60%).

Figura 60 - Importância da mobilidade Erasmus ao nível da empregabilidade





## Experiência além-fronteiras posterior à mobilidade Erasmus

Uma forma de avaliar os reais efeitos da mobilidade Erasmus, ao nível do emprego e do prosseguimento de estudos, consiste em conhecer as experiências de vida dos participantes nestes domínios, em período posterior à mobilidade. Apesar de o período de avaliação (2014-2016) ser relativamente curto para que se possa avaliar com segurança tais efeitos, 28% dos estudantes e recém-graduados inquiridos declararam ter vivido uma experiência no estrangeiro superior a um mês após a mobilidade Erasmus.

Os motivos para as experiências vividas além-fronteiras, após a mobilidade Erasmus, são diversificados (Figura 61), destacando-se, para o efeito, o trabalho (35%), o lazer (19%), a realização de estágios (16%) e o prosseguimento de estudos (12%). Quanto à geografia das experiências da mobilidade, a Europa, com 75%, alberga a esmagadora maioria das mesmas. No entanto, estas não deixam de se repartir pelas grandes regiões do globo (Figura 62). Estes resultados vão ao encontro da importância que a mobilidade no quadro do Erasmus tem no desenvolvimento de competências interculturais, facilitadoras da integração dos jovens no mercado de trabalho internacional, e da Europa em particular, bem como no despertar do interesse dos jovens pelo estrangeiro ao nível da formação.

Figura 61 - Motivos das experiências no estrangeiro superiores a um mês, pós-mobilidade Erasmus

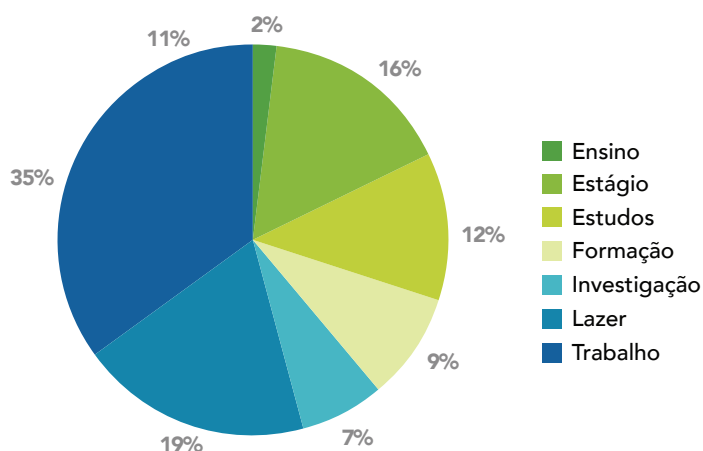
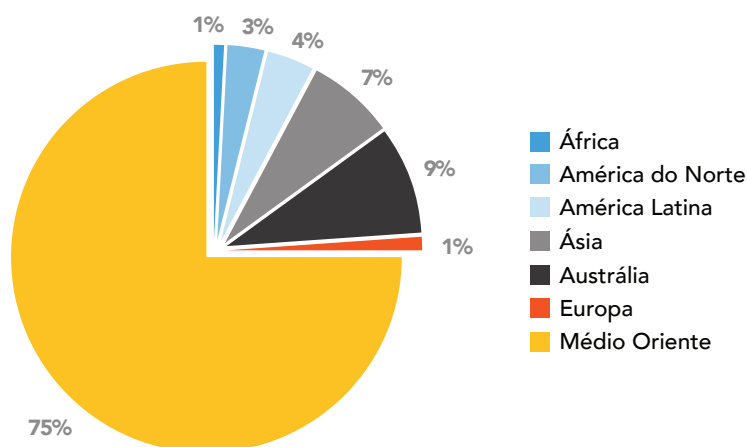


Figura 62 - Áreas geográficas das experiências no estrangeiro superiores a um mês, pós-mobilidade Erasmus



## As representações dos docentes e do pessoal técnico e administrativo das IES

Em grandes linhas, o perfil médio do participante na mobilidade é do sexo feminino (68%), com idade compreendida entre 30 e 49 anos (69%), 11 ou mais anos de experiência profissional (80%) e a trabalhar na instituição também há 11 ou mais anos (75%) (Quadro 25).

Quadro 25 - Perfil dos docentes e outro pessoal das IES inquiridos

Docentes e outro pessoal das IES		
Tipo de Participante	nº	%
Pessoal administrativo	128	35
Pessoal docente	243	65
Total	371	100
Tipo de Mobilidade	nº	%
STA - missões de ensino	167	45
STT - missões para formação	201	55
Total	371	100
Idade à data que efetuou a mobilidade	nº	%
< 30	6	3
30 - 39	54	26
40 - 49	90	43
50 - 59	54	26
> 60	7	3
Total	211	100
Sexo	nº	%
Feminino	252	68
Masculino	119	32
Total	371	100
Nº de anos de experiência na carreira	nº	%
Menos de 5 anos	23	6
6 a 10 anos	50	14
11 a 20 anos	133	36
Mais de 20 anos	164	44
Total	370	100
Nº de anos de experiência na instituição	nº	%
menos de 5 anos	27	7
6 a 10 anos	64	17
11 a 20 anos	175	47
Mais de 20 anos	105	28
Total	371	100

Considerando as duas subcategorias que se reúnem neste grupo, os docentes que participam na mobilidade para missões de ensino (STA) são na esmagadora maioria professores adjuntos (44%) e professores auxiliares (31%), representando em conjunto 75% dos participantes (Figura 63). As missões de ensino são sobretudo efetuadas ao nível dos cursos de licenciatura e de

mestrado (61%), embora os cursos de doutoramento e de curta duração tenham também alguma relevância (Figura 64). Por sua vez, no que diz respeito às áreas disciplinares, ao contrário do observado nos estudantes e recém-graduados, nenhuma área disciplinar assume clara primazia sobre as restantes (Figura 65).

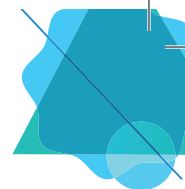


Figura 63 - Categorias profissionais dos docentes em mobilidade, 2014-2016

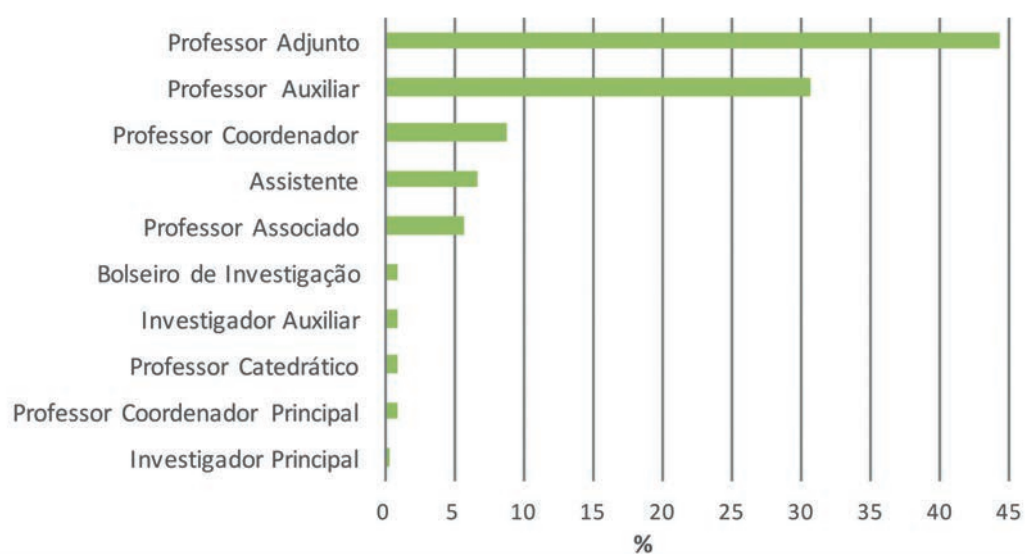


Figura 64 - Ciclo de estudos onde os docentes ministraram aulas na IES de acolhimento

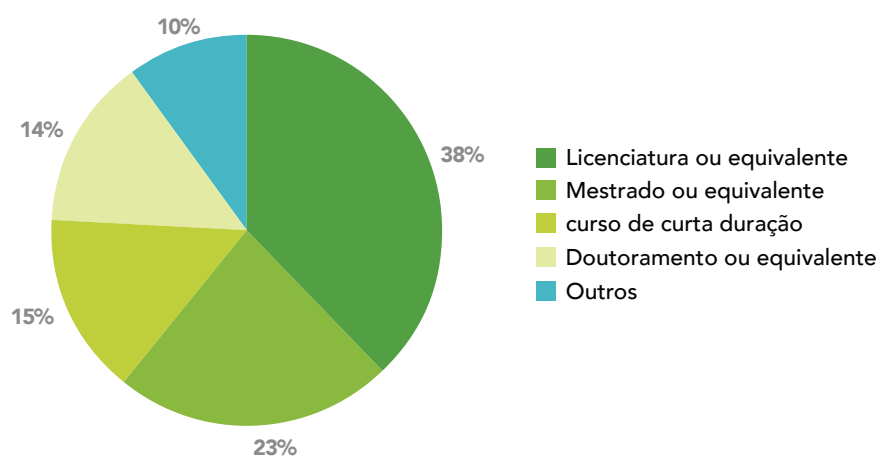


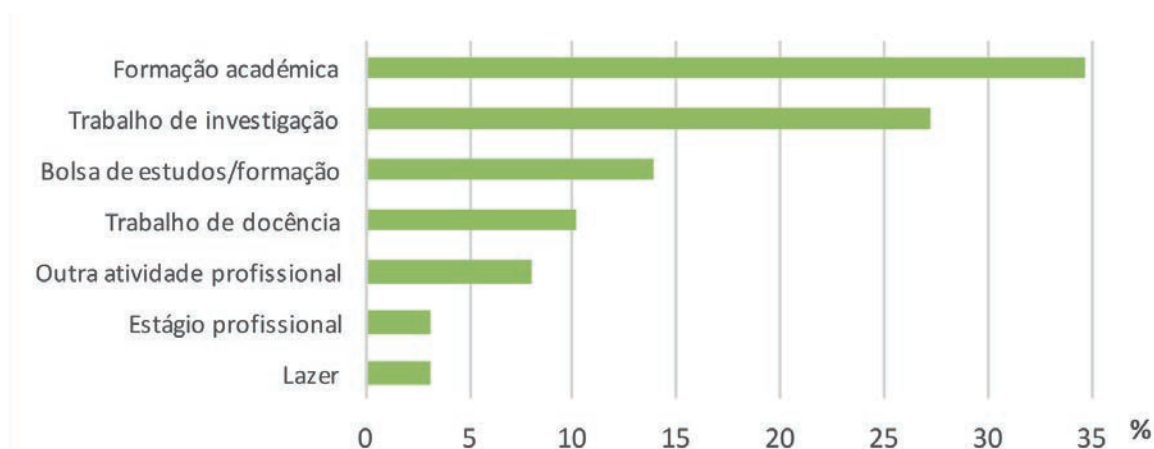
Figura 65 - Áreas disciplinares de pertença dos docentes em mobilidade, 2014-2016



O pessoal docente, técnico e administrativo das IES, participante na mobilidade para formação (STT) é constituído sobretudo por indivíduos que na instituição trabalham nos Departamentos de Relações Externas e Internacionais (26%) ou nos Serviços Académicos (14%). No entanto, um número significativo de inquiridos (34%) identificou pertencer a áreas de trabalho distintas das indicadas no

questionário, o que é um indicador da diversidade de participantes neste aspeto (Figura 66). Quanto à formação recebida, os participantes dividem-se, no essencial, pela observação e acompanhamento das atividades no posto de trabalho (57%) e a participação em eventos de formação (31%).

Figura 66 - Áreas de trabalho do pessoal não docente das IES em mobilidade, 2014-2016

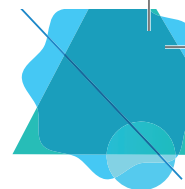


Quanto ao perfil dos participantes em missões de ensino (STA) e missões para formação (STT), 45% dos indivíduos participaram em três ou mais programas e 23% em dois programas. A decisão de realizar a mobilidade parte dos indivíduos (46%) ou destes em conjugação com a IES (49%). Por último, pelo menos 64% dos participantes realizam a mobilidade no âmbito de um consórcio nacional Erasmus.

### Experiência além-fronteiras dos docentes e outro pessoal das IES anterior à mobilidade Erasmus

A participação na mobilidade Erasmus é reconhecida pela maioria dos docentes e do pessoal técnico e administrativo das IES como uma experiência marcante no estrangeiro, justificando que 68% dos inquiridos tenha participado

em mais do que uma mobilidade. O valor atribuído a esta experiência decorre, em parte, de 69% dos inquiridos nunca ter efetuado nenhuma estadia no estrangeiro anterior com uma duração superior a um mês e o tempo de vida despendido além-fronteiras pelos inquiridos ser, para 71%, inferior a um ano (Quadro 26). No entanto, 31% de inquiridos já tinham experiência no estrangeiro, motivada essencialmente pela participação em programas de formação académica ou em trabalhos de investigação (Figura 67). Para a identificação destes motivos, e de outros como o trabalho de docência, concorre o facto da experiência no estrangeiro anterior à mobilidade Erasmus ser maior nos docentes: 40% contra 16% para o pessoal técnico e administrativo.



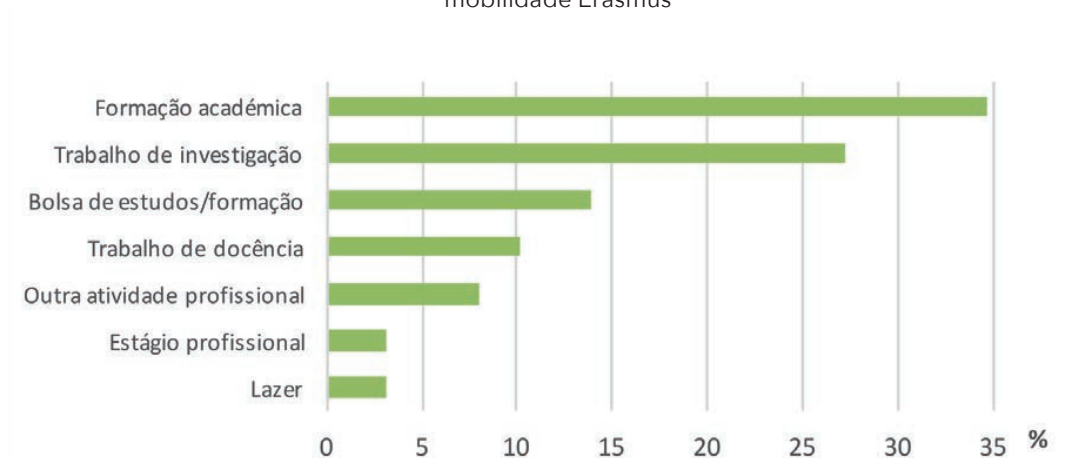
Quadro 26 - Experiência no estrangeiro superior a um mês, antes da mobilidade Erasmus

Experiência no estrangeiro, com duração superior a um mês, antes da mobilidade Erasmus?	Docentes e outro pessoal das IES	
	Nº	%
Sim	116	31
Não	255	69
Total	371	100

Tempo de vivência no estrangeiro, antes da mobilidade Erasmus	Docentes e outro pessoal das IES	
	Nº	%
1 a 3 meses	45	39
4 a 12 meses	37	32
Mais de 12 meses	34	29
Total	116	100

Figura 67 - Motivos da experiência no estrangeiro superior a um mês dos docentes e outro pessoal das IES, antes da mobilidade Erasmus

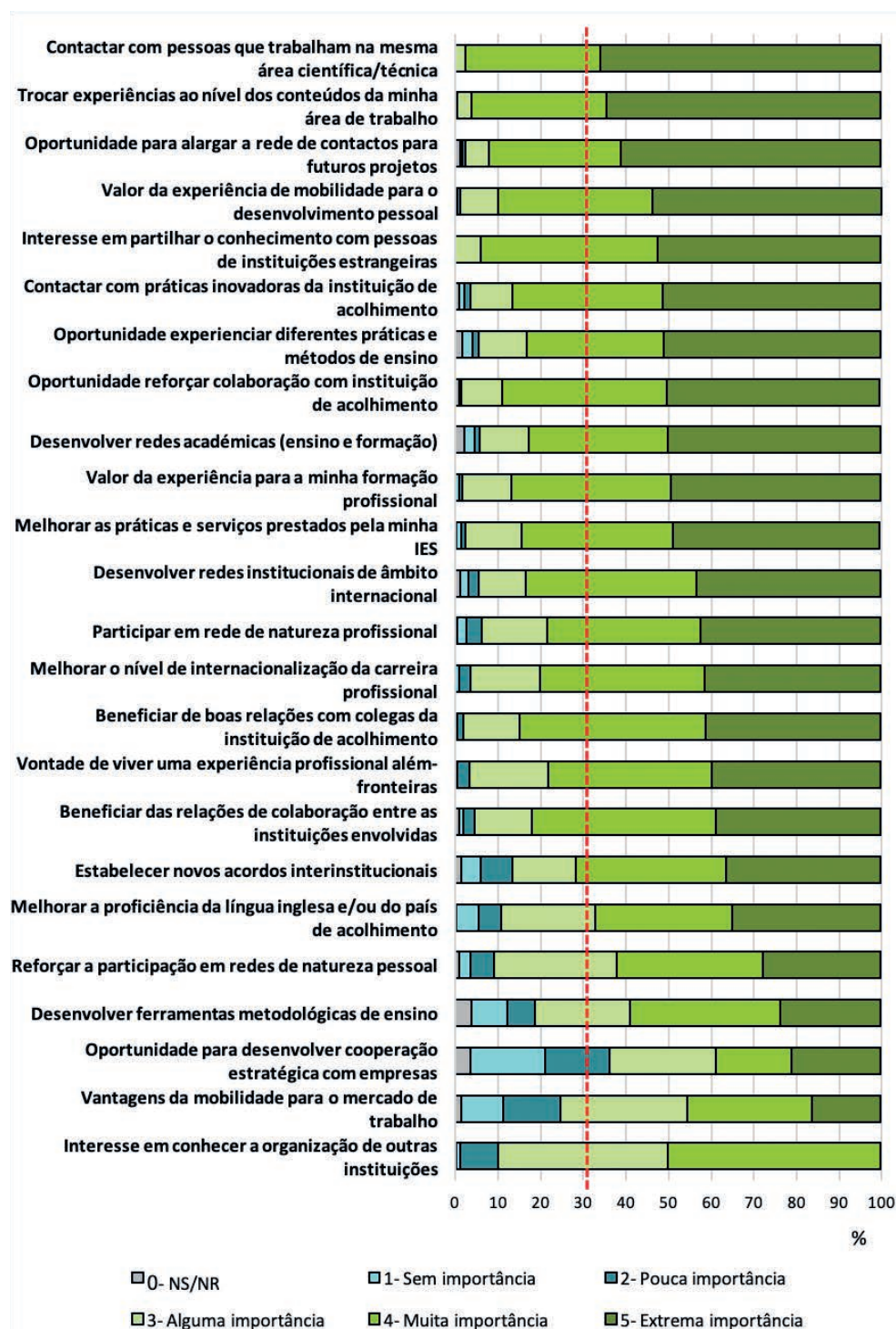


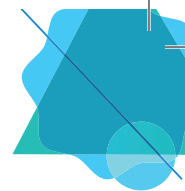
## Motivações dos docentes e do pessoal técnico e administrativo para a mobilidade Erasmus

As motivações para a participação na mobilidade Erasmus pelos docentes e o pessoal técnico e administrativo são muito diversificadas e o questionário aplicado a este grupo de indivíduos não poderia ser mais esclarecedor neste domínio. Como se observa na Figura 68, das 24 razões sobre as quais os inquiridos foram chamados a pronunciar-se em relação à sua importância nas tomadas de decisão, apenas seis não são consideradas por 70% dos inquiridos

como relevantes. Por outro lado, apenas os itens ligados à “oportunidade para desenvolver cooperação estratégica com as empresas” e às “vantagens da mobilidade para o mercado de trabalho” são mencionados por mais de 20% dos inquiridos como tendo pouca relevância nas decisões. A elevada importância que os diferentes itens têm para as tomadas de decisão da participação na mobilidade constituem, antes de mais, um testemunho da multiplicidade de valências e do potencial que encerra o programa.

Figura 68 - Motivações dos docentes e outro pessoal das IES para a mobilidade Erasmus





Os motivos suscetíveis de influenciar a decisão na participação da mobilidade, sobre os quais foram questionados os participantes, podem reunir-se em quatro grandes grupos:

O primeiro engloba razões de natureza pessoal, nas quais se inscrevem as oportunidades de desenvolvimento pessoal, a melhoria da proficiência em língua inglesa e/ou do país de acolhimento, a criação e ampliação de redes de contactos pessoais ou ainda as vantagens da mobilidade para o mercado de trabalho;

O segundo incorpora razões de cariz profissional, como a troca de experiências ao nível dos conteúdos da área de trabalho, o valor da experiência de mobilidade para a formação profissional, o interesse em partilhar o conhecimento com estudantes, docentes e técnicos de instituições estrangeiras, a vontade de viver uma experiência profissional além-fronteiras, e o interesse em melhorar o nível de internacionalização da carreira profissional;

O terceiro reúne razões de cariz institucional, como a oportunidade de estabelecer novos acordos interinstitucionais, a melhoria das práticas e dos Serviços prestados pela instituição de origem, a oportunidade de desenvolver cooperação estratégica entre as IES e as empresas ou, ainda, o estreitamento das relações e da colaboração entre instituições com vista ao desenvolvimento de novos projetos;

Por último, o quarto grupo reúne oportunidades da mobilidade para a criação, desenvolvimento e participação dos indivíduos e das instituições em diferentes tipos de redes, sejam estas de cariz mais académico, associadas ao ensino, à formação e à investigação, sejam de cariz mais profissional ou do foro institucional, tendo em vista o reforço da internacionalização.

Detendo-nos apenas nos objetivos motivacionais classificados pela maioria dos inquiridos como de extrema importância para a decisão da mobilidade, a título ilustrativo, o programa parece demonstrar todo o seu potencial para quem espera das experiências de mobilidade (i) contactar com pessoas que trabalham na mesma área científica ou técnica (66%); (ii) trocar experiências ao nível dos conteúdos da sua área de trabalho (64%); (iii) uma oportunidade para alargar a rede de contactos para futuros projetos (61%); (iv) tirar partido da mobilidade para enriquecimento e valorização pessoal (54%); (v) partilhar o conhecimento com pessoas de instituições estrangeiras (52%); e (vi) contactar com práticas inovadoras desenvolvidas pelas instituições (51%).

## **Avaliação da importância da mobilidade Erasmus para os docentes e outro pessoal das IES**

Nesta secção do estudo avalia-se a importância da mobilidade num conjunto de domínios considerados estratégicos face ao papel que se espera que o Erasmus desempenhe na formação no espaço europeu, assim como no desenvolvimento sustentável das IES e sua internacionalização. Para levar a bom porto este exercício, são consideradas três questões chave na avaliação:

(i) Qual a importância da mobilidade Erasmus na formação oferecida pelas IES?

(ii) Que papel desempenha a mobilidade Erasmus na internacionalização das IES?

(iii) Qual a relevância da mobilidade Erasmus na criação e desenvolvimento de redes pessoais, académicas e profissionais?

Em linhas gerais, os resultados da consulta aos docentes e ao pessoal técnico e administrativo das IES mostram, de forma clara, que para a esmagadora maioria dos inquiridos a mobilidade Erasmus tem um papel determinante na internacionalização tanto das IES (91%), como da carreira dos docentes e outro pessoal das instituições (82%) (Figura 69). Embora de forma menos expressiva, 55% dos inquiridos considera também que a mobilidade desempenha um papel de grande relevância na progressão das suas carreiras profissionais.

Figura 69 - Importância da mobilidade Erasmus para a internacionalização das IES e para a carreira dos docentes e outro pessoal das instituições

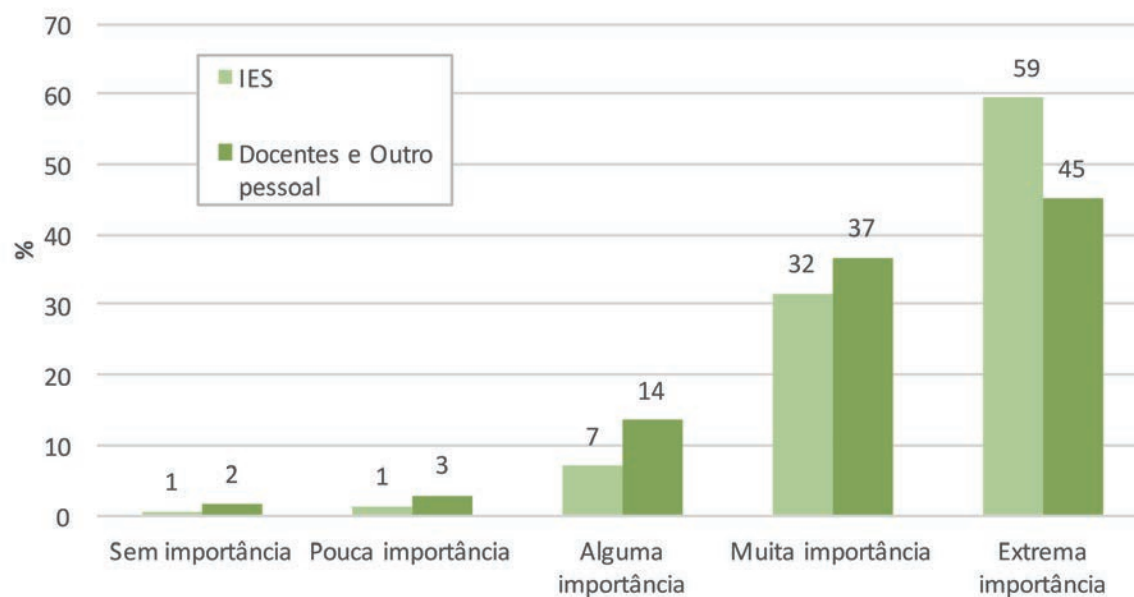
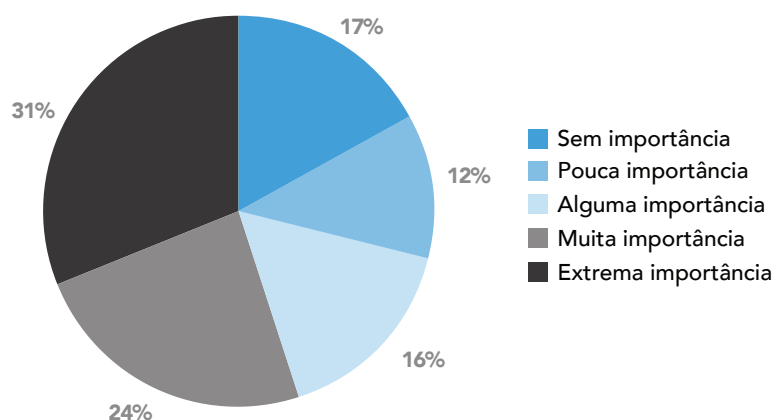


Figura 70 - Importância da mobilidade Erasmus na progressão da carreira dos docentes e outro pessoal das IES



A centralidade da mobilidade Erasmus na estratégia de internacionalização das IES portuguesas adquire particular relevância se tivermos em consideração que, de acordo com a opinião dos inquiridos, a esmagadora maioria das instituições a que pertencem possui uma clara estratégia de internacionalização (86%); e o Erasmus e seus

antecessores constituem para 65% das IES, se não a única, pelo menos a principal fonte de financiamento utilizada no desenvolvimento das suas atividades associadas à internacionalização (Figura 71).

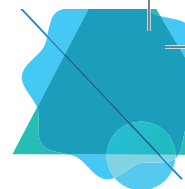
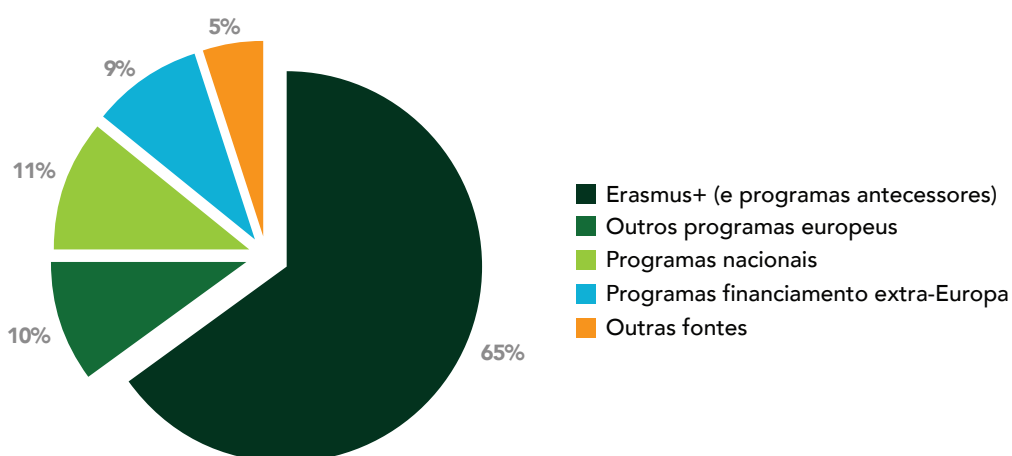


Figura 71 - Fontes de financiamento utilizadas pelas IES nas atividades de internacionalização, segundo a opinião dos inquiridos



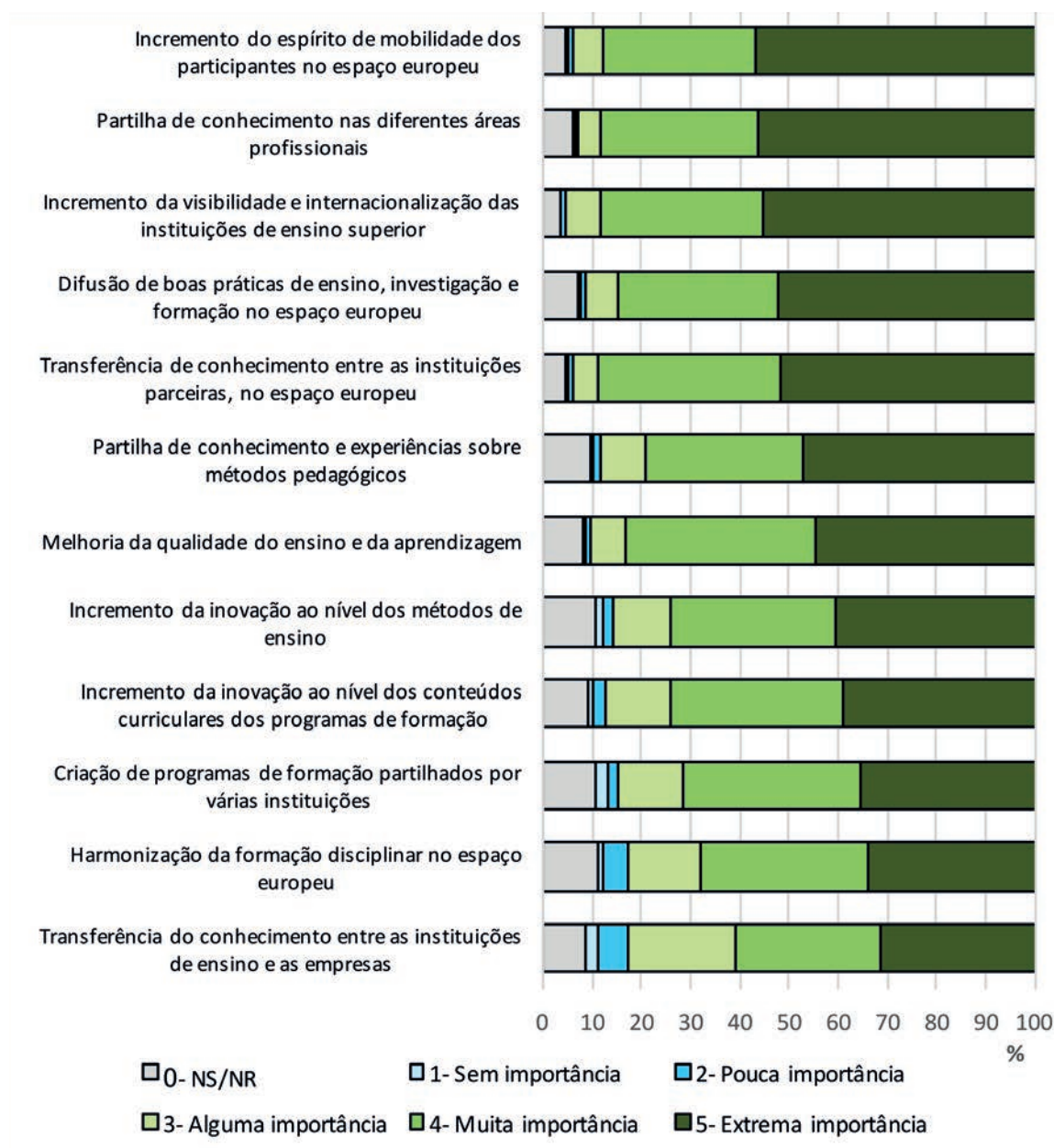
Para desenvolver atividades de ensino e investigação, incluindo as associadas à internacionalização, as IES integram um número diversificado de redes, adequadas aos objetivos que perseguem. Nestas assumem particular relevância as redes europeias, que correspondem a 45% do total. Em segundo plano, mas com importância digna de registo, aparecem as redes no espaço extraeuropeu (28.5%) e as redes nacionais (25.8%). Estes dados, em conjunto com os indicadores já mencionados, permitem concluir sobre a crescente europeização das IES portuguesas e o papel fundamental que o Erasmus tem desempenhado neste processo.

Descrita em linhas gerais a importância da mobilidade Erasmus para as instituições, importa agora analisar com mais detalhe os efeitos do programa nos três campos identificados anteriormente, mobilizando para o efeito as opiniões dos docentes e de outro pessoal das IES.

### **Papel da mobilidade Erasmus na formação oferecida pelas IES portuguesas**

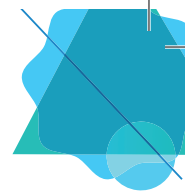
A avaliar pela opinião de pelo menos 75% dos inquiridos, a mobilidade Erasmus manifesta-se de forma significativa na formação oferecida pelas IES. Esta influência faz-se sentir em vários campos e escalas de intervenção (Figura 72). Em primeiro lugar, a mobilidade parece facilitar a inovação ao nível dos conteúdos curriculares dos programas de estudos e dos métodos de ensino praticados nas instituições. Em segundo lugar, a mobilidade constitui uma alavanca na difusão de boas práticas de ensino e formação e, através destas, de transferência de conhecimento entre as instituições parceiras no espaço europeu.

Figura 72 - Importância da mobilidade Erasmus na formação oferecida pelas IES



Esta transferência de conhecimento e competências facilita, por sua vez, a criação de programas de formação partilhados por várias instituições, com benefícios claros na qualidade da formação. Por último, a mobilidade associada ao trabalho em rede das instituições tem também, na opinião daqueles que nela participam, um papel importante no incremento da visibilidade e internacionalização das IES, assim como na harmonização da formação disciplinar no espaço europeu - um objetivo maior do Processo de Bolonha. Na realidade, ao incrementar o espírito da mobilidade dos participantes no espaço europeu e incentivar as IES e as empresas a trabalhar em rede, o Erasmus não podia servir melhor o desígnio de transformar a Europa numa grande área de educação terciária, competitiva a nível mundial.

Ao nível da formação, muito poucos domínios sobre os quais os inquiridos foram chamados a pronunciar-se parecem não retirar reais benefícios da mobilidade Erasmus. De facto, apenas a transferência do conhecimento entre as instituições de ensino e as empresas, para 40% dos inquiridos, não beneficia de forma significativa da mobilidade. Todavia, como se pode observar na Figura 72, neste item como em muitos outros, o reconhecimento do valor da mobilidade não depende tanto da opinião daqueles que lhe atribuem uma fraca importância, mas sim dos que não têm opinião formada sobre o assunto, que reúne em média no conjunto dos itens 10% da população inquirida.



Em síntese, dadas as potencialidades de que a mobilidade se reveste no campo da formação, se alguma conclusão se pode retirar da análise, esta não pode deixar de realçar a forma estratégica como as IES devem olhar para a mobilidade, seja no plano do desenvolvimento curricular e dos programas de estudos, seja na renovação das práticas pedagógicas.

### **Papel da mobilidade Erasmus na internacionalização e desenvolvimento das IES**

Tomando como referência a opinião expressa por 75% dos docentes e do pessoal técnico e administrativo, a mobilidade Erasmus desempenha um papel de grande relevância no desenvolvimento das IES, nomeadamente nas atividades ligadas à internacionalização das instituições e do corpo docente, nos programas de estudos e da investigação, no estabelecimento de parcerias e da cooperação interinstitucional e, num plano mais amplo, no enquadramento das instituições, dos docentes e dos estudantes no espaço europeu da educação terciária (Figura 73). Pelo menos 70% dos inquiridos não põem em causa a relevância da mobilidade, nos 19 itens que foram objeto de avaliação. O único item onde a mobilidade supostamente tem efeitos menos marcantes consiste na coorientação de projetos de investigação internacionais conducentes à elaboração de teses e dissertações, valor que em parte se explica pelo facto de 12% dos inquiridos não ter opinião formada sobre esta matéria e a amostra incluir pessoal das instituições que não se encontra ligado à docência e/ou à investigação.

Podemos dividir a influência da mobilidade Erasmus ao nível da cooperação institucional e da internacionalização das IES em três grandes grupos de itens, de acordo com o grau de importância atribuído pela população inquirida aos mesmos:

(i) O primeiro grupo reúne os itens em que os efeitos da mobilidade se fazem sentir de forma profunda, de acordo com 90% da população inquirida. Incluem-se aqui itens ligados, por um lado, à internacionalização das IES e do corpo docente, e por outro lado, ao desenvolvimento pessoal dos estudantes, dos docentes e do pessoal técnico e administrativo, incluindo a sua preparação para a mobilidade no espaço europeu, seja no quadro da realização de estudos e estágios, seja no mercado de trabalho.

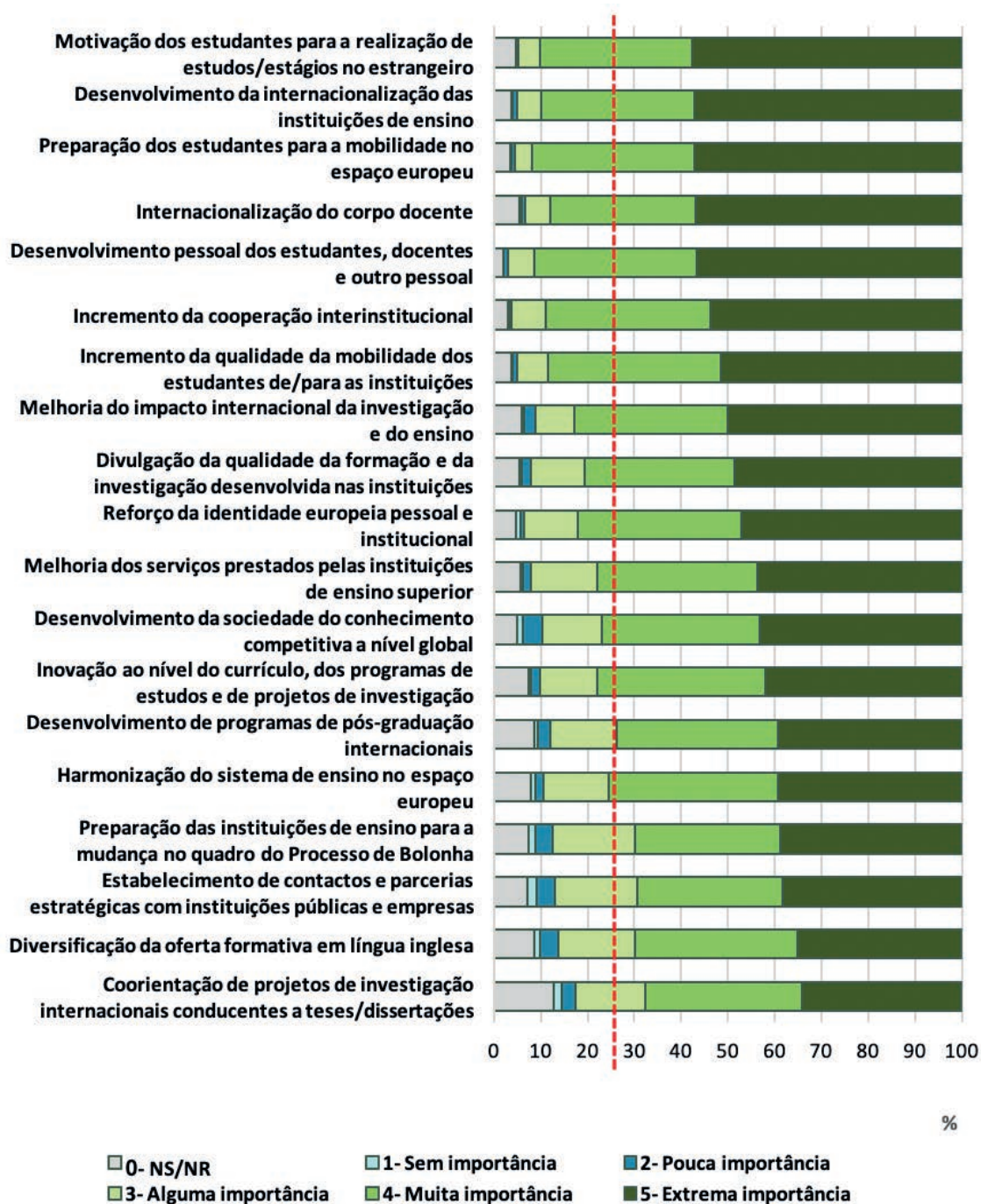
(ii) O segundo grupo é constituído por itens onde os benefícios da mobilidade se fazem sentir com grande relevância na opinião de 80% dos inquiridos. Deste fazem parte itens associados à melhoria dos serviços prestados pelas IES, incluindo ao nível da qualidade da mobilidade, bem como sobre a inovação curricular, dos programas de estudo e da investigação, e ainda

a divulgação desta a nível internacional. Incorporam-se também neste grupo os contributos da mobilidade para o reforço da identidade europeia, em termos pessoais e institucionais, assim como para o desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento competitiva a nível global.

(iii) Por último, o terceiro grupo incorpora o conjunto de itens sobre os quais a relevância do papel da mobilidade é reconhecida por 70% da população inquirida. Este grupo configura-se em torno de questões associadas aos benefícios da mobilidade sobre os desafios da harmonização dos sistemas de ensino no espaço europeu e a preparação das IES para a mudança no quadro do Processo de Bolonha, o desenvolvimento de programas de formação pós-graduada de âmbito internacional e o estabelecimento de parcerias estratégicas entre as instituições públicas e as empresas.



Figura 73 - Importância da mobilidade Erasmus na internacionalização e desenvolvimento das IES



### Papel da mobilidade Erasmus na criação de redes institucionais, académicas e profissionais

Em síntese, a relevância da mobilidade nos campos do desenvolvimento, da cooperação e da internacionalização, reconhecida pela esmagadora maioria da população inquirida, vem reforçar os múltiplos benefícios que as instituições podem retirar da mobilidade, sobretudo se esta for vista como um ativo e mobilizada de forma estratégica pelas IES.

A mobilidade de estudantes, docentes e outro pessoal das IES, efetuada no quadro do Erasmus, possui uma importância estratégica no desenvolvimento de redes de natureza institucional, académica, de investigação ou profissional. Os fortes impactos da mobilidade neste domínio são reconhecidos pelo menos por 75% da população inquirida na maioria dos itens considerados para o efeito (Figura 74).

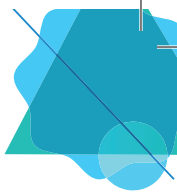
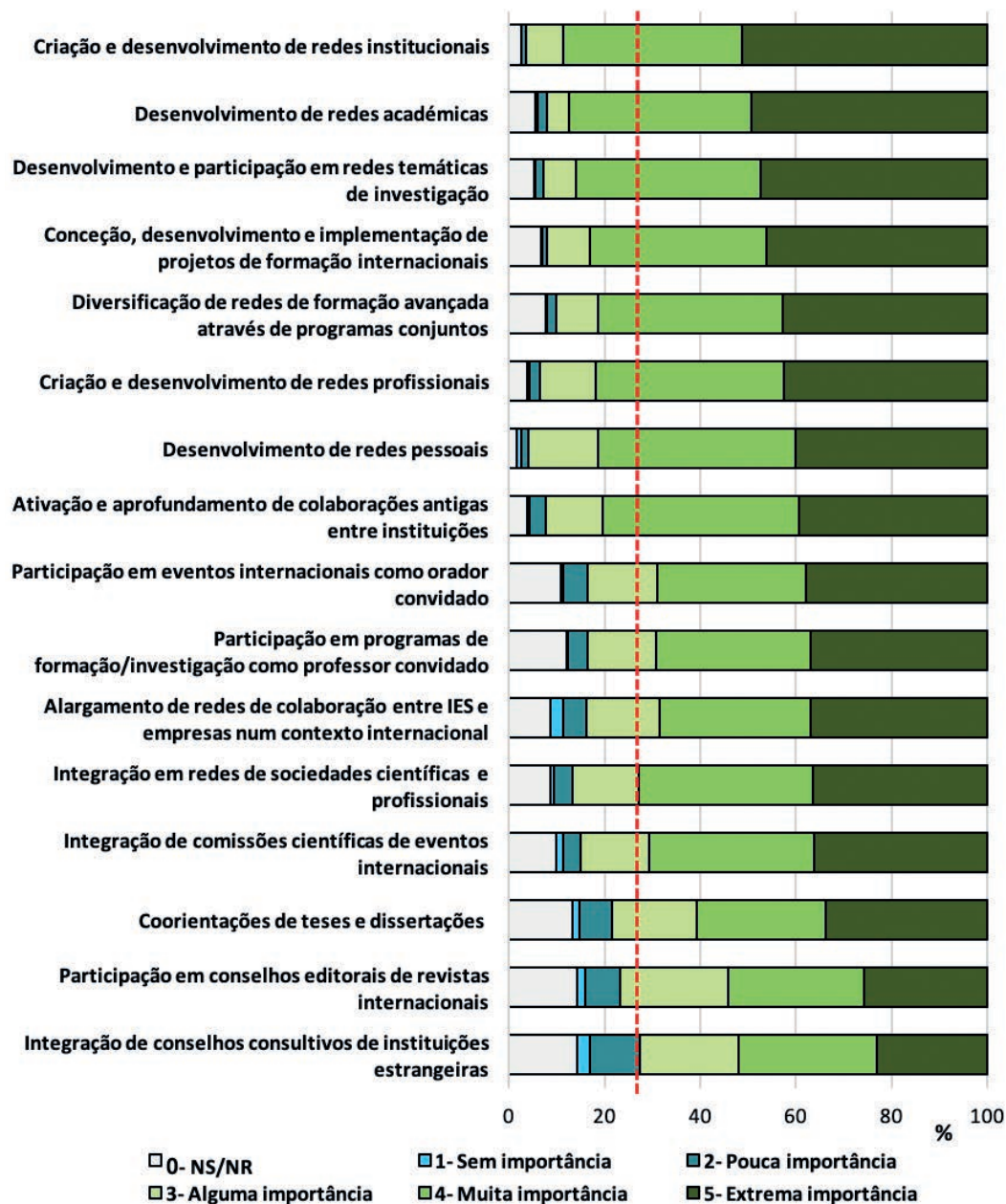


Figura 74 - Importância da mobilidade Erasmus na formação de redes institucionais, académicas e profissionais



De acordo com os resultados alcançados, é possível distinguir dois grupos de itens no que diz respeito aos efeitos da mobilidade no estabelecimento e participação em redes. O primeiro grupo reúne os itens para cujo desenvolvimento a mobilidade é considerada muito importante, pelo menos por 80% da população inquirida. Deste fazem parte, em primeiro lugar, a criação, desenvolvimento e participação em redes institucionais, académicas, pessoais e de investigação e, em segundo lugar, a conceção e implementação de projetos de formação internacionais e a diversificação de redes de formação avançada através de programas envolvendo várias instituições. Paralelamente, a mobilidade é também vista como uma oportunidade para a ativação e aprofundamento de colaborações antigas entre instituições.

O segundo grupo é formado pelos itens para os quais, em média, 70% dos inquiridos consideram que a mobilidade tem um efeito muito importante. Incorporam-se aqui itens como a participação de docentes e investigadores em eventos ou programas internacionais na categoria de convidado, a integração em redes de sociedades científicas e profissionais, ou a participação em conselhos editoriais de revistas e a coorientação de trabalhos científicos de formação pós-graduada, também num contexto internacional.

O reconhecimento do papel da mobilidade nos itens inseridos no segundo grupo, por um número menos elevado de inquiridos, nada tem de estranho, e dois fatores principais concorrem para o sucedido. Em primeiro lugar, estes itens estão sobretudo associados às carreiras da docência e da investigação, pelo que a importância da mobilidade tenderá a ser subavaliada pelos inquiridos pertencentes ao pessoal técnico e administrativo. Em segundo lugar, como se pode observar pela Figura 74, não se pode desvalorizar também o facto de uma maior percentagem de indivíduos não ter sobre estes itens uma opinião formada. Estes fatores ajudam a explicar, por exemplo, o porquê das coorientações de teses e dissertações, da participação em conselhos editoriais de revistas científicas e da integração de conselhos consultivos de instituições de ensino e investigação estrangeiras serem, na opinião dos inquiridos, menos influenciadas pela mobilidade Erasmus.

Em suma, constituindo hoje as redes um fator estratégico para competitividade das IES no espaço europeu e mundial, os resultados dos inquéritos demonstram, de forma cabal, o elevado potencial que a mobilidade encerra, tanto na promoção do desenvolvimento sustentável das instituições, como para a melhoria da qualidade do ensino e da investigação nelas desenvolvida e a sua afirmação no quadro internacional.

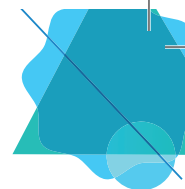
### Sustentabilidade das redes de contactos estabelecidas pelos docentes e outro pessoal das IES

Nesta secção faz-se uma abordagem muito breve sobre a sustentabilidade das redes tendo por base a perenidade dos contactos pós-mobilidade desenvolvidos pelos docentes e o pessoal técnico e administrativo das IES. Todavia, esta avaliação deve ser vista com alguma precaução, pois o período que decorreu entre a mobilidade e o momento em que os participantes responderam ao inquérito é demasiado curto para que se possa estimar com segurança a resiliência dos contactos estabelecidos e, por conseguinte, a sustentabilidade das redes.

Apesar das limitações da análise, importa dizer que dos 371 indivíduos inquiridos, 86% afirma manter contactos com a rede de pessoas que estabeleceu durante a mobilidade (Quadro 27). Este valor muito abona a favor da sustentabilidade das redes, sobretudo se tivermos em consideração a natureza dos contactos e a frequência com que os mesmos ocorrem. De facto, como a maioria da população inquirida conjuga os contactos profissionais com os contactos sociais e pessoais, a probabilidade da sua manutenção a longo prazo eleva-se de forma considerável. Do mesmo modo, quando se analisa a frequência com que os contactos ocorrem, se, por um lado, a maioria, devido ao seu carácter esporádico, é muito provável que terminem, por outro lado, 41% dos inquiridos estabelecem os seus contactos de forma frequente ou muito frequente, pelo que a probabilidade de estes serem descontinuados é fraca.

Quadro 27 - Contactos pós-mobilidade dos docentes e outro pessoal das IES: número, natureza e frequência com que ocorrem

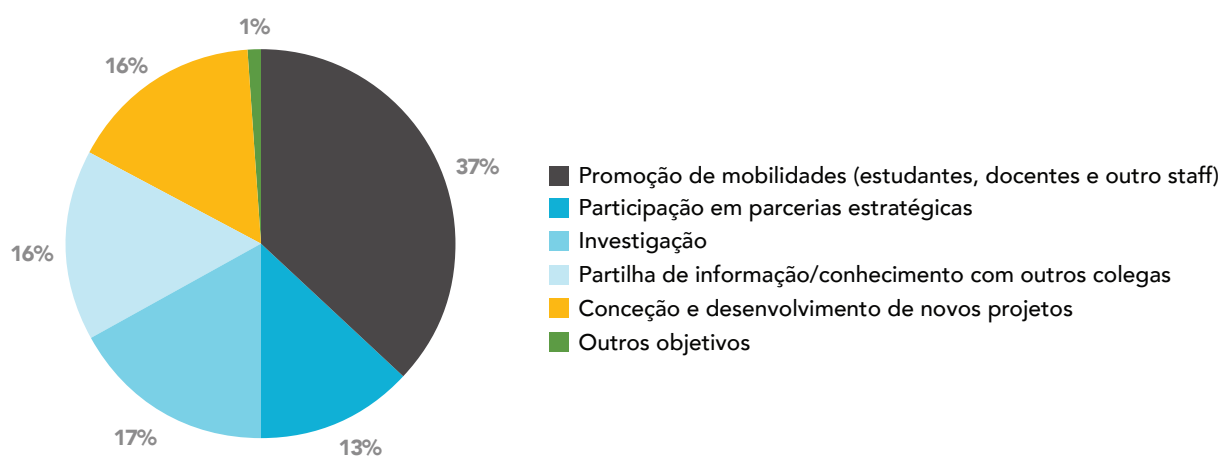
Na atualidade, mantém contactos com a rede que estabeleceu durante a mobilidade?	Docentes e outro pessoal das IES	
	Nº	%
Sim	318	86
Não	53	14
Total	371	100
Natureza dos contactos	nº	%
Contactos profissionais, sociais e pessoais	177	56
Contactos profissionais	106	33
Contactos sociais e pessoais	34	11
Total	317	100
Frequência dos contactos	nº	%
Rara	8	3
Pouco Frequente	37	12
Ocasional	144	45
Frequente	94	30
Muito Frequente	34	11
Total	317	100



A análise dos objetivos subjacentes à manutenção ativa dos contactos estabelecidos durante a mobilidade constitui, de alguma forma, outro indicador da sustentabilidade das redes. Como se pode observar na Figura 75, embora uma fatia importante se destine a promover a própria mobilidade de estudantes, docentes e outro pessoal das instituições (37%), um número interessante de contactos tem um valor verdadeiramente estratégico, na medida que visam a criação e participação em parcerias interinstitucionais para o desenvolvimento de produtos e a partilha de experiências e boas práticas (13%), a investigação (17%), a conceção de novos projetos (16%) ou a partilha de informação e conhecimento entre colegas (16%). Pela natureza dos objetivos que explicam os contactos, nada justifica que, com o tempo, estes venham a perder vigor, mas pode-se esperar pelo contrário que se reforcem à medida que as redes ganhem maturidade.

Dada a relevância que a mobilidade Erasmus tem ao nível da internacionalização das IES, do estabelecimento de redes de contactos e do desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos que participam na mobilidade, é fundamental que as instituições façam esforços no sentido de melhorarem os seus níveis de resiliência e assegurem a sua sustentabilidade a médio e longo prazo. Para enfrentar este desafio torna-se imprescindível que as IES usem o programa de mobilidade Erasmus de forma estratégica, seja ao nível da rede de instituições parceiras, com as quais se celebram protocolos de colaboração, seja da natureza e objetivos dos projetos de formação e investigação tendo em vista o aprofundamento das relações entre as instituições.

Figura 75 - Objetivos da manutenção dos contactos estabelecidos durante a mobilidade pelos docentes e outro pessoal das IES

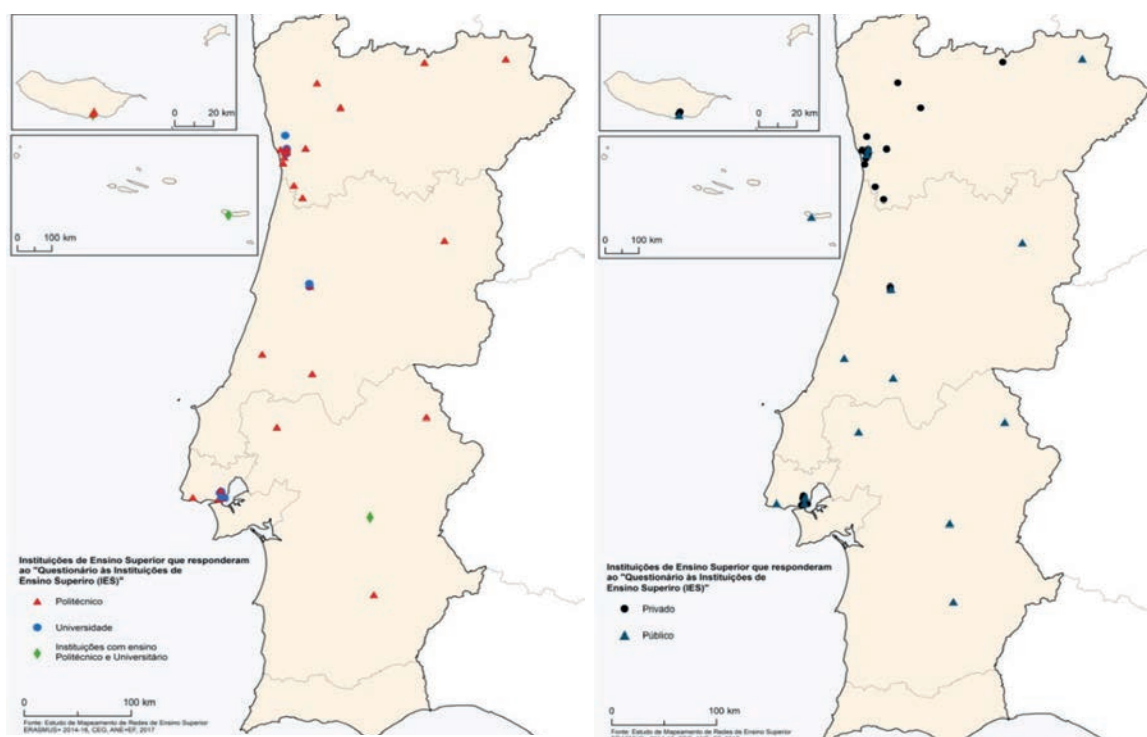


## As representações dos dirigentes das IES

A avaliação da mobilidade Erasmus, na perspetiva das IES, apoia-se nas representações fornecidas pelos seus dirigentes e coordenadores. Apesar do inquérito ter sido dirigido às 86 IES que entre 2014 e 2016 participaram no programa de mobilidade, apenas 45 responderam à solicitação. A amostra obtida, embora represente 52,3% das IES portuguesas, caracteriza-se por uma sub-representação das instituições de maior dimensão, que mais efetivos receberam e enviaram em mobilidade no período em análise. Neste sentido, pela posição que estas instituições têm no sistema educativo e a importância que assumem na mobilidade, de forma a colmatar o enviesamento da amostra, foram realizadas entrevistas presenciais com alguns dirigentes destas instituições.

Na Figura 76 e no Quadro 28 apresenta-se o perfil geral das IES inquiridas. Em grandes linhas, este caracteriza-se pela diversidade, seja ao nível dos ciclos de estudos ministrados, seja das áreas científicas dos respetivos ciclos de estudos, seja ainda do ponto de vista da natureza jurídica das instituições (sector público ou privado) e da distribuição geográfica no território nacional. O predomínio na amostra dos dois primeiros ciclos de estudos reproduz de perto os grandes fluxos da mobilidade Erasmus. O mesmo acontece com o peso de algumas áreas científicas, nomeadamente da Ciências Empresariais, Administração e Direito, da Saúde e Proteção Social e das Ciências Sociais, Jornalismo e Informação.

Figura 76 - Distribuição espacial das IES inquiridas por categoria e natureza jurídica



Quadro 28 - Perfil das IES Inquiridas

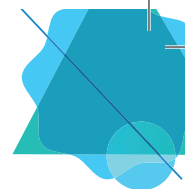
Perfil do respondente do questionário	Nº	%
Dirigente da IES	7	16
Gabinete de Relações Internacionais e/ou Erasmus	37	82
Outros (Técnica Superior no GMCI)	1	2
Total IES	45	100

Ciclos de Estudos ministrados pela IES	Nº	%
Outros	6	13
Não classificado (EQF-9)	2	4
3.º Ciclo / Doutoramento ou nível equivalente (EQF-8)	13	29
2.º Ciclo / Mestrado ou nível equivalente (EQF-7)	40	89
1.º Ciclo / Licenciatura ou nível equivalente (EQF-6)	45	100
Técnico Superior Profissional - TeSP (EQF-5)	24	53
Total de IES	45	100

Áreas Científicas dos Ciclos de Estudos Ministrados	Nº	%
Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências. Veterinárias	9	20
Ciências Naturais, Matemática e Estatística	10	22
Serviços	18	40
Educação	19	42
Ciências Sociais, Jornalismo e Informação	21	47
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, Produção e	21	47
Construção	23	51
Artes e Humanidades	23	51
Tecnologias da Informação e Comunicação	23	51
Saúde e Proteção Social	26	58
Ciências Empresariais, Administração e Direito	28	62
Total IES	45	100



## Internacionalização das IES inquiridas

Em relação ao perfil das IES, importa também saber se as instituições têm uma clara estratégia de internacionalização e que programas e fontes de financiamento mobilizam na sua concretização, estejam estas ligadas a atividades de ensino, investigação ou formação de pessoal técnico e administrativo. O Quadro 29 e as Figuras 77 e 78 resumem a informação mais significativa neste domínio fornecida pelas instituições inquiridas. Da sua análise torna-se possível destacar quatro grandes ideias:

(i) o Erasmus (e seus antecessores) constitui, para a esmagadora maioria das IES inquiridas, a fonte de financiamento de eleição das atividades de internacionalização e, em particular, para a mobilidade no ensino, o desenvolvimento das redes de investigação, e a formação de técnicos;

(ii) do ponto de vista da investigação, embora diversos programas sejam mencionados, apenas um número muito limitado de IES recorre a dois ou mais programas. Quando isso acontece, a mobilidade ao abrigo de projetos de investigação em curso ou de protocolos de colaboração constitui, quase sempre, a fonte de financiamento privilegiada;

(iii) para cerca de um terço das IES (33%), os programas nacionais são também uma fonte importante de financiamento das atividades ligadas à internacionalização. Este programa adquire particular importância nas instituições de mais pequena dimensão;

(iv) o desconhecimento pela maioria dos dirigentes das IES inquiridas da importância de uma parte muito significativa dos programas, ao nível do desenvolvimento das redes em que participam (Figura 78), é bem revelador da dependência extrema de um elevado número de IES do Erasmus, em relação às atividades de internacionalização. Como seria de esperar, esta dependência alcança valores substancialmente mais significativos nas instituições de menor dimensão (neste estudo, a dependência das IES em relação ao Erasmus+ no desenvolvimento das atividades de internacionalização torna-se mais evidente devido à sobre representação das pequenas instituições na amostra).

Quadro 29 - Programas utilizados pelas IES inquiridas na internacionalização

Principais programas de internacionalização mencionados pelas IES, ligados à investigação	Nº de IES
Horizonte 2020	3
Interreg	2
Compete 2020	1
Creative Europe	1
EEA Grants	1
Era-net	1
FP7	1
Fulbright	1
ICM - International Credit Mobility (Erasmus+)	1
Marie Curie	1
Programa Grundtvig	1
Programas do Fundo Europeu para o Desenvolvimento	1



Figura 77 - Importância das fontes de financiamento na internacionalização das IES inquiridas

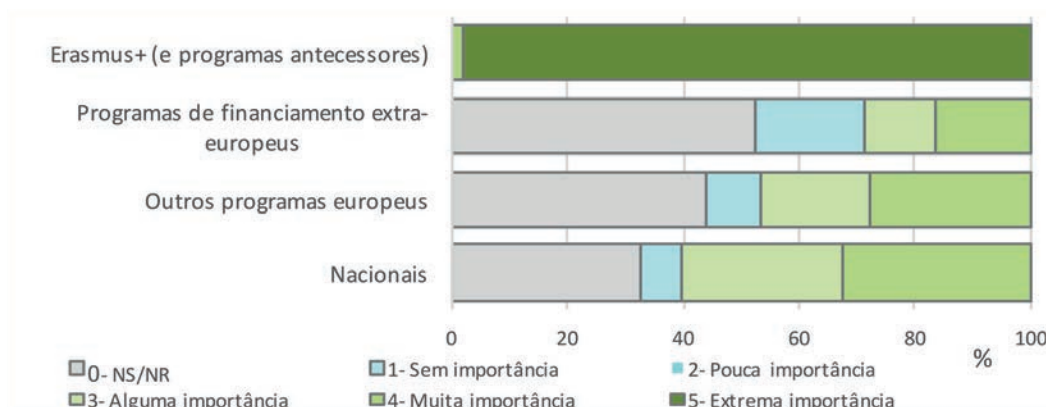
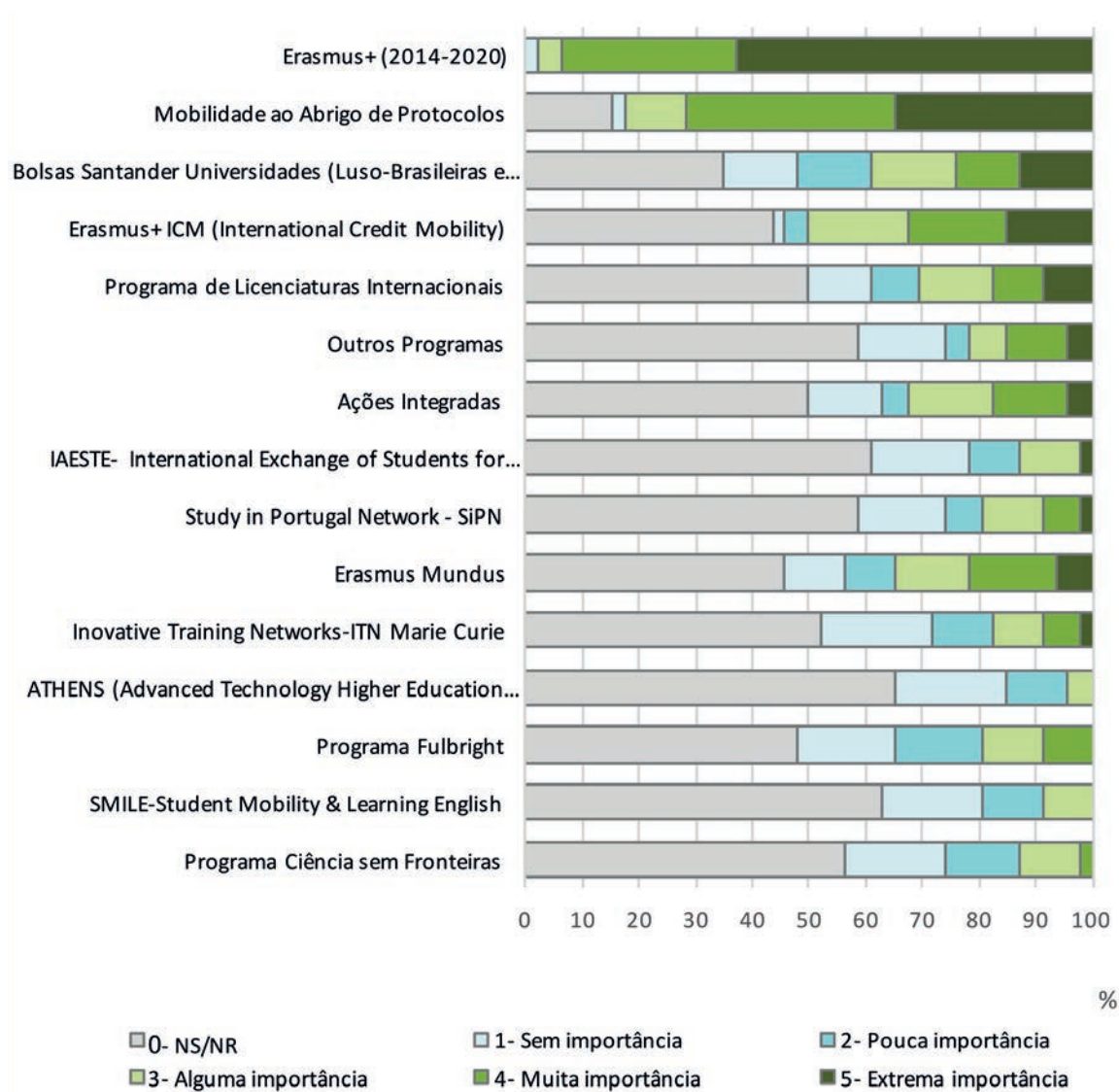
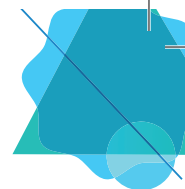


Figura 78 - Importância dos programas de mobilidade no desenvolvimento de redes em que participam as IES inquiridas





### Participação das IES inquiridas em programas de mobilidade

As IES inquiridas são dotadas de uma grande heterogeneidade em termos do número de acordos de mobilidade, digam estes respeito ao Erasmus ou a outros programas de mobilidade. Devido ao peso na amostra das instituições de pequena dimensão, as instituições com menos de 50 acordos são claramente dominantes, representando, na melhor das situações, mais de 50% das IES (Quadro 30). No polo oposto, as instituições com

mais de 200 acordos assinados e/ou ativos no quadro do Erasmus ou de outros programas de mobilidade assume um carácter residual, não indo além de 11% das IES. A pequena dimensão das instituições da amostra torna-se ainda mais evidente se tivermos em consideração o número de estudantes que entre 1987 e 2013 participaram na mobilidade Erasmus.

Quadro 30 - IES inquiridas por escalões do número de acordos de mobilidade

Número de acordos das IES, assinados com outras instituições, no âmbito do Erasmus	IES	
	Nº	%
< 50	25	57
50 A 100	7	16
100 A 150	5	11
150 A 200	2	5
> 200	5	11
Total de IES	44	100

Número de acordos ativos das IES inquiridas com outras instituições no âmbito do Erasmus	IES	
	Nº IES	%
< 50	27	63
50 A 100	6	14
100 A 150	5	12
150 A 200	2	5
> 200	3	7
Total de IES	43	100

Número de acordos das IES inquiridas, na atualidade, com outras instituições no âmbito de outros programas de mobilidade	IES	
	Nº IES	%
< 50	33	79
50 a 100	3	7
100 a 150	2	5
150 a 200	1	2
> 200	3	7
Total de IES	42	100

As 45 IES que responderam ao questionário, assim como as 6 IES entrevistadas, participam nos diferentes tipos de mobilidade exploradas pelo Erasmus. A amostra reproduz em grandes linhas o comportamento do universo das IES, assumindo lugar de destaque as mobilidades clássi-

cas STA - de docentes para missões de ensino, SMS - de estudantes para estudos (com maior peso no conjunto de mobilidades), SMP - de estudantes para estágios, STT - de pessoal para formação e SMP - de recém-graduados para estágios (Figura 79).

Figura 79 - Tipos de ações Erasmus em que as IES inquiridas participam



Sendo as 45 instituições inquiridas representativas das áreas científicas e dos ciclos de estudos ministrados pelas IES e estas reproduzirem, em termos relativos, os grandes fluxos da mobilidade Erasmus, a análise da informação recolhida a este respeito, sistematizada na Figura 81, e complementada com as entrevistas, permite constatar o seguinte:

- os diferentes tipos de mobilidade: de estudantes para estudos (SMS); de estudantes e recém-graduados para estágios (SMP); e de docentes para missões de ensino (STA) registam padrões distintos nas áreas científicas e nas diferentes IES;
- as áreas das Ciências Empresariais, Administração e Direito e da Saúde e Proteção Social são aquelas em que, globalmente, os três tipos de mobilidade adquirem maior expressão e registam comportamentos mais similares. Embora se observem diferenças significativas entre algumas IES; por exemplo, determinadas instituições destacam-se na internacionalização das áreas de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, ou de áreas mais específicas com o Cinema ou as Línguas e Literatura;

- a mobilidade SMP - de estudantes e recém-graduados para estágios é a menos explorada pelas instituições da generalidade das áreas de estudo, com exceção da Saúde e Proteção Social;
- qualquer tipo de mobilidade nas áreas das Ciências Naturais, Matemática e Estatística e da Agricultura, Silvicultura, Pescas e Ciências Veterinárias tem ainda um peso residual no conjunto da mobilidade. No entanto, face aos efetivos inscritos nestas áreas de estudo, o rácio dos estudantes que realizam mobilidade encontra-se entre os mais elevados (Figura 81);
- a área da Educação é onde a mobilidade de docentes para missões de ensino suplanta de forma clara as modalidades efetuadas pelos estudantes e recém-graduados. Esta é também a área de estudo, independentemente do número de efetivos inscritos, em que a mobilidade de estudantes (SMS e SMP) regista rácios mais baixos (Figura 80).

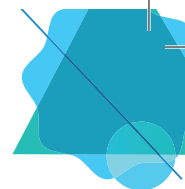


Figura 80 - Tipos de mobilidade por áreas científicas nas IES inquiridas

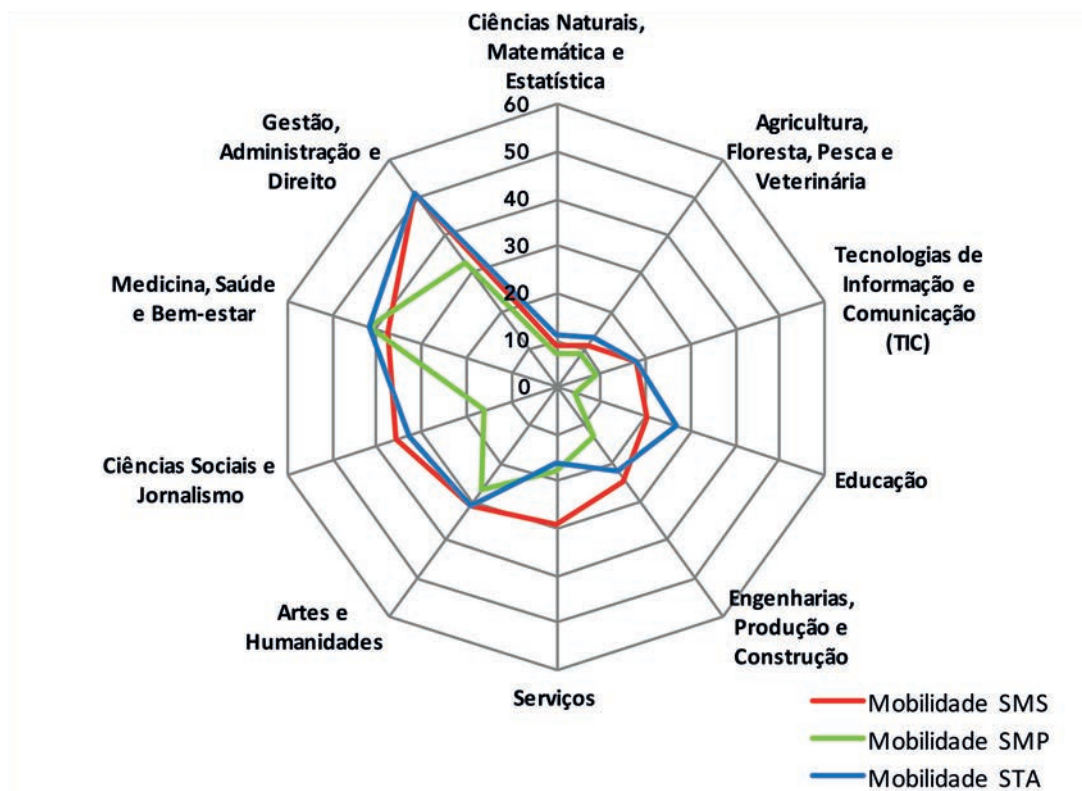
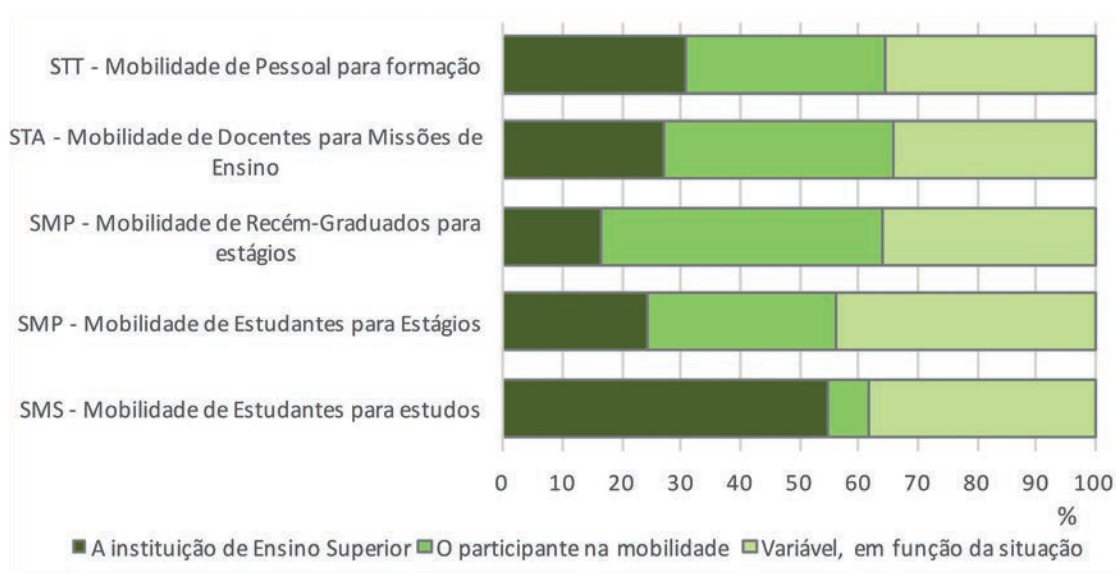


Figura 81 - Responsáveis pela pesquisa dos locais e das instituições da rede de mobilidade



Na avaliação do desenvolvimento das redes no quadro do Erasmus, as IES foram também questionadas sobre os obstáculos com que se confrontam na celebração dos acordos de mobilidade. A este nível, as instituições estão claramente divididas. Enquanto 48% afirmam não terem sentido qualquer dificuldade, 52% referem que tiveram dificuldades independentemente dos tipos de mobilidade. Em termos de países, referem-se maiores dificuldades com o Reino Unido (75%), devido a falta de interesse das instituições (31,6%), a dificuldades linguísticas (26,3%), à estrutura curricular dos cursos/reconhecimento de graus e ECTS (10,5%) e ao rácio desequilibrado de alunos *outgoing/incoming* (10,5%). Estes obstáculos na formalização de acordos/parcerias parecem não registar diferenças significativas nos diferentes tipos de mobilidade, incluindo a orientada para a realização de estágios, modalidade na qual apenas 20% das IES afirmam representar uma dificuldade acrescida.

### A importância da mobilidade Erasmus ao nível da sociedade europeia e das IES

A última secção deste estudo avalia as representações que os dirigentes e/ou coordenadores das IES têm acerca da importância da mobilidade Erasmus em diferentes campos, considerados estratégicos para o fomento de redes no espaço europeu da educação e a internacionalização das IES. Quatro grandes temas servem de âncora à análise:

- O desenvolvimento da identidade europeia e do espaço europeu da educação;
- A internacionalização das IES;
- A qualidade da formação oferecida pelas IES;
- A criação e desenvolvimento de redes académicas ligadas ao ensino e à investigação.

#### Relevância global da mobilidade Erasmus

Em primeiro lugar, importa salientar que as opiniões expressas pelos dirigentes das IES sobre os efeitos da mobilidade se encontram em linha com as manifestadas pelos estudantes, os recém-graduados, os docentes e o pessoal técnico e administrativo para a esmagadora maioria dos indicadores. Utilizando como referência as opiniões expressas pelo menos por 75% dos dirigentes das IES inquiridas e reforçada pelos dirigentes entrevistados, o Erasmus tem um papel de grande relevância ao nível (Figura 82):

- Das IES, nomeadamente, no desenvolvimento da sua internacionalização e da transferência do conhecimento das universidades para as empresas;

- Da formação dos estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo que participam na mobilidade, através do desenvolvimento de competências interculturais e da aquisição de conhecimentos que incrementam a sua empregabilidade. No caso dos estudantes, alguns dirigentes entrevistados referem ainda que mesmo aqueles que não saem em mobilidade beneficiam do contacto com os alunos estrangeiros que vêm e que enriquecem os ambientes universitários de receção;

- Da sociedade europeia, particularmente, pelos contributos que fornece para a afirmação do espaço europeu da educação, o fortalecimento da identidade europeia, o incremento do mercado único de trabalho e o desenvolvimento da sociedade do conhecimento.

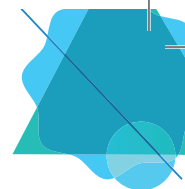
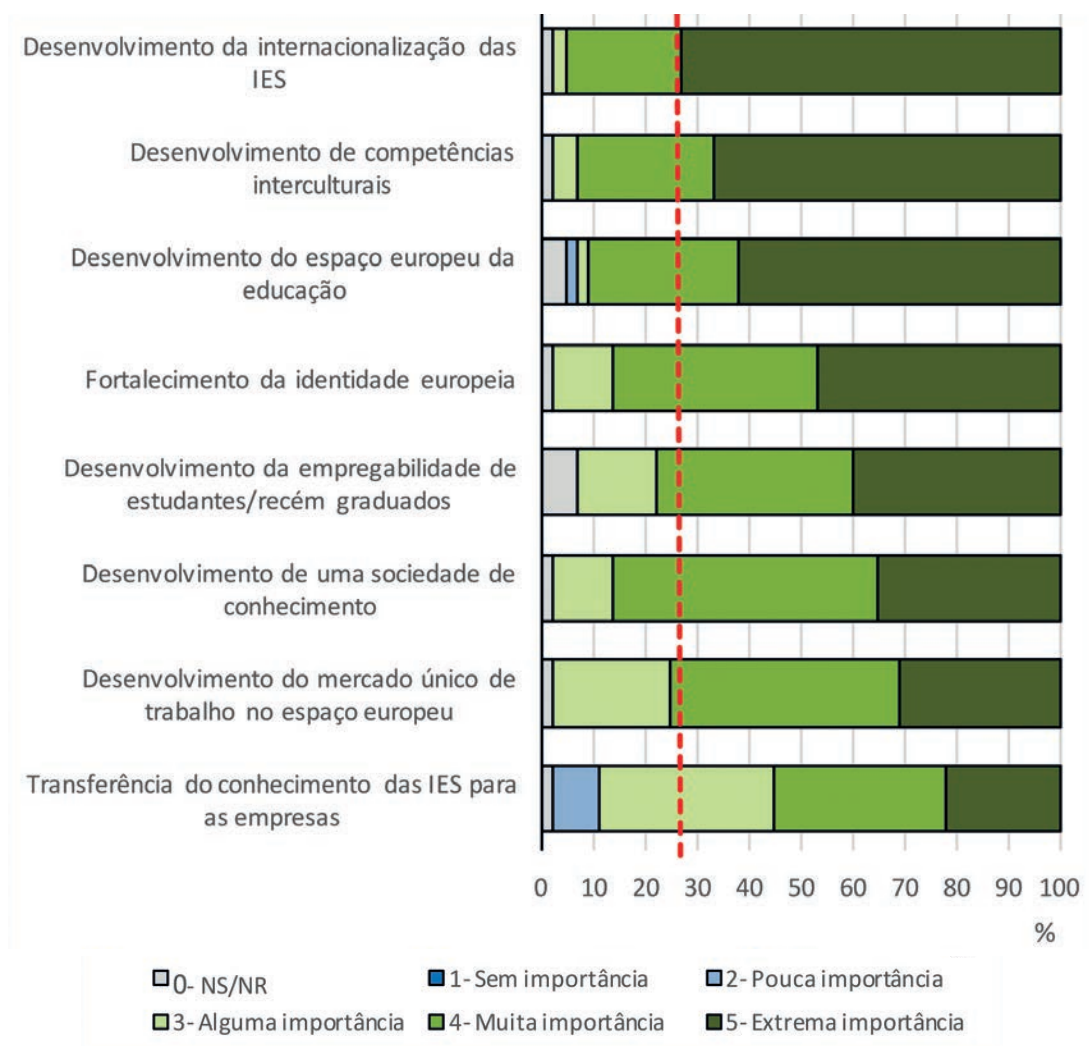


Figura 82 - Importância da mobilidade Erasmus para os coordenadores das IES



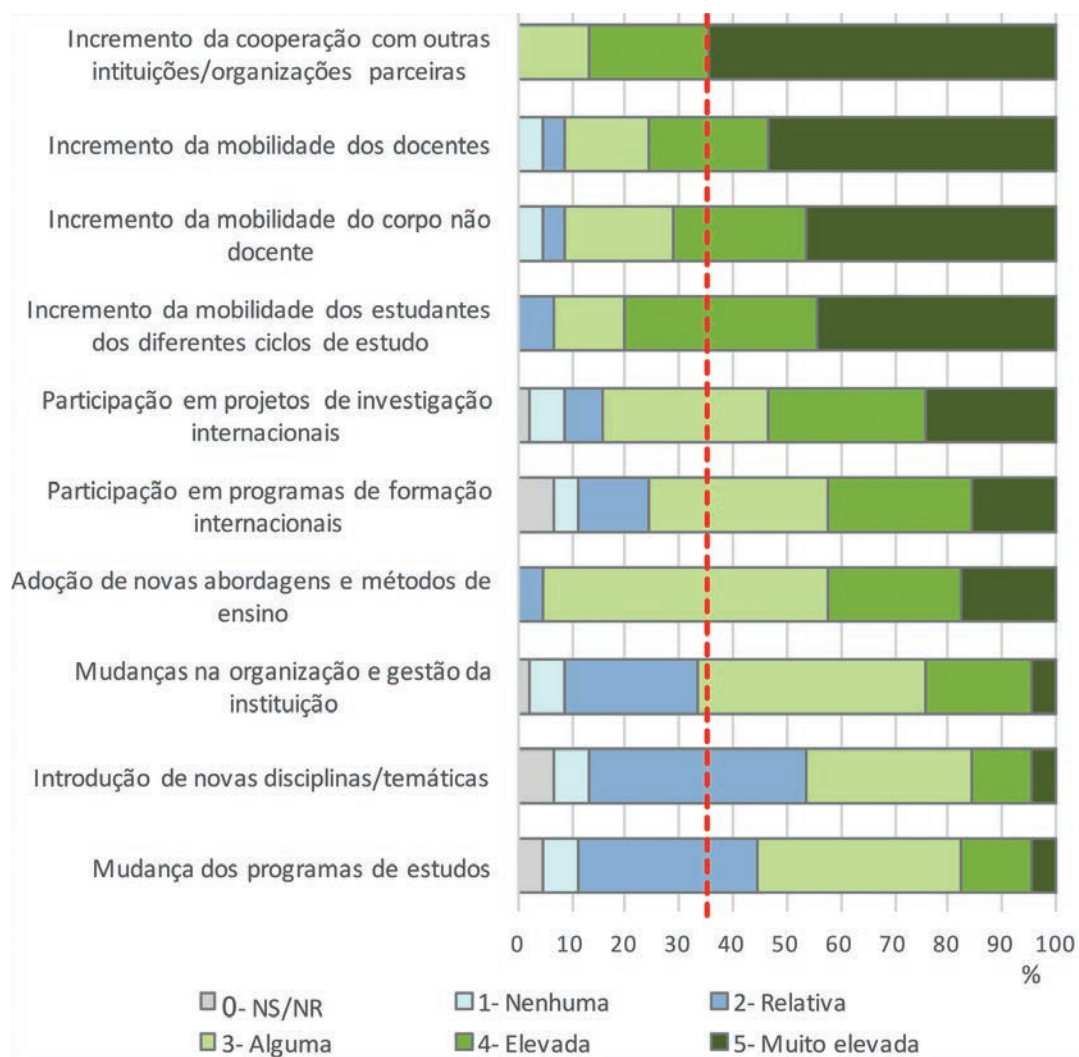
As diferenças mais significativas das representações dos dirigentes das IES, em relação aos estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo, prendem-se, essencialmente, com o menor peso daqueles que não se pronunciam sobre o grau de importância atribuído à mobilidade na generalidade dos itens em análise. Vários fatores justificam tal ocorrência, incluindo, naturalmente, a posição privilegiada dos dirigentes no sistema, que lhes possibilita ter uma visão mais integrada do programa de mobilidade.

### Os efeitos da mobilidade Erasmus ao nível das IES

A avaliar pelas opiniões expressas pelos dirigentes, a mobilidade Erasmus manifesta-se diretamente em vários domínios do funcionamento das IES (Figura 83). Para 70% dos dirigentes das instituições inquiridas, esta influência faz-se sentir de forma elevada ao nível da cooperação das instituições com outras organizações e no incremento da

mobilidade dos estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo. Para cerca de 45% dos dirigentes, esta influência é ainda muito relevante na participação das instituições em projetos de investigação e programas de formação internacionais, bem como na adoção de novas abordagens e métodos de ensino. Numa das entrevistas com uma IES do sector privado de âmbito nacional foi mencionado que “o facto dos primeiros contactos, quer com instituições quer com colegas, serem realizados através do Erasmus dá-lhe um papel predominante e determinante na estratégia de internacionalização...”.

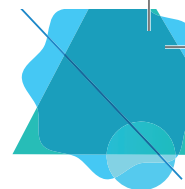
Figura 83 - Influência da mobilidade Erasmus ao nível das IES



No entanto, no que diz respeito à mobilidade de docentes nos domínios do ensino e investigação há um importante recurso às oportunidades disponíveis no âmbito de projetos de investigação europeus. Nestes domínios, os impactos da mobilidade são maiores nas instituições de menor dimensão, nas quais os docentes não se encontram filiados em centros de investigação, no âmbito dos quais podem desenvolver as suas pesquisas e mais facilmente participar em redes internacionais.

Existem, no entanto, campos relacionados com o funcionamento e as atividades desenvolvidas pelas instituições nas quais a influência da mobilidade é, de um modo geral, muito pouco relevante. Para 80% dos dirigentes inquiridos isso acontece ao nível da organização

e gestão das instituições, dos programas de estudos e da oferta formativa em termos de disciplinas e conteúdos programáticos. Face aos desafios da internacionalização e da harmonização do Ensino Superior no espaço europeu, no quadro do Processo de Bolonha, bem como alguns problemas do Erasmus identificados pelos inquiridos, como a escassez de oferta formativa em inglês, a burocracia e os problemas organizacionais das instituições, a fraca influência da mobilidade nestes domínios deveria carecer de alguma reflexão por parte das IES, no sentido de mitigar os problemas e as instituições poderem explorar melhor o potencial sobejamente reconhecido da mobilidade Erasmus.

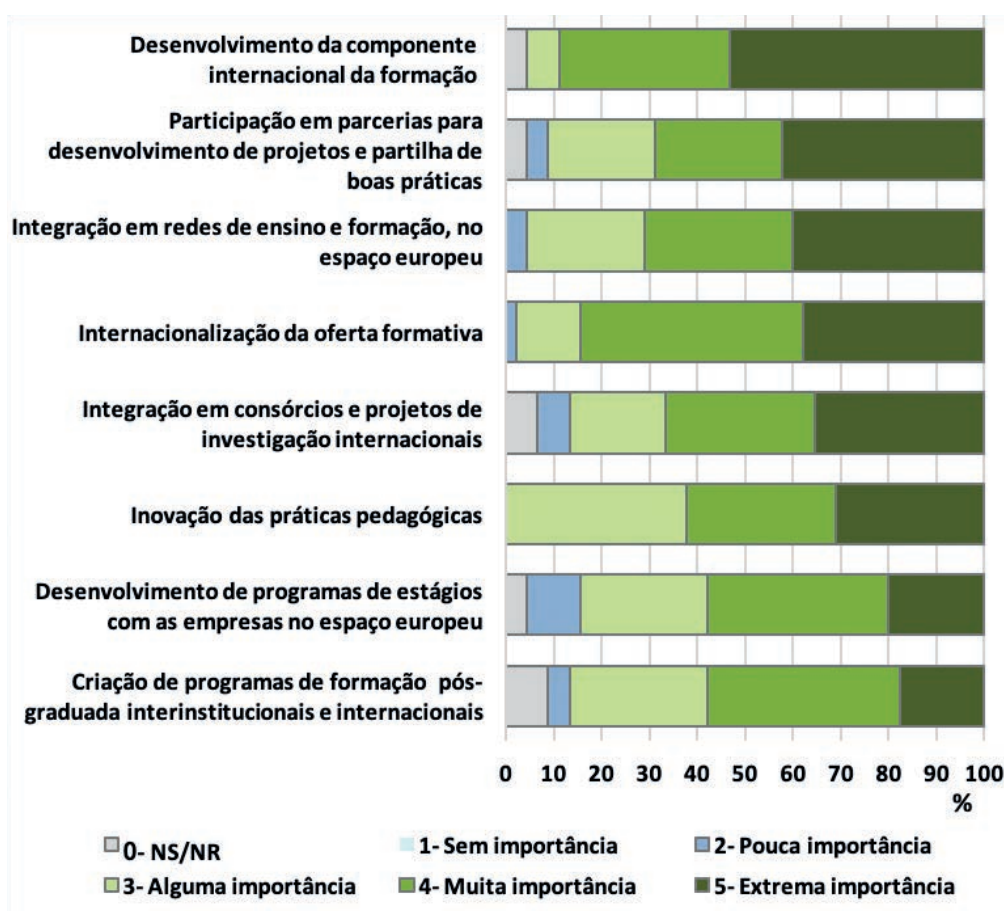


## Importância da mobilidade Erasmus para as IES ao nível da internacionalização da formação e da participação em redes

De acordo com as opiniões dos dirigentes das IES, a mobilidade no quadro do Erasmus desempenha um papel fundamental na internacionalização da oferta formativa e

na criação e desenvolvimento de redes institucionais associadas ao ensino e à investigação.

Figura 84 - Importância da mobilidade Erasmus para as IES ao nível da internacionalização da formação e da participação



A Figura 84 permite constatar, de forma clara, que:

(i) 85% dos dirigentes atribuem à mobilidade um papel crucial no desenvolvimento da componente internacional da formação dos estudantes, dos docentes e do pessoal técnico e administrativo;

(ii) 70% dos dirigentes alargam este papel da mobilidade à integração das IES em redes de ensino e formação no espaço europeu, à participação em parcerias estratégicas para o desenvolvimento de projetos e à partilha de boas práticas e ainda à integração das instituições em consórcios e projetos de investigação internacionais;

(iii) Por último, cerca de 50% dos dirigentes consideram a mobilidade um fator importante na inovação das práticas pedagógicas, no desenvolvimento de programas de estágios com empresas no espaço europeu e na criação de programas de formação pós-graduada envolvendo a participação de diferentes instituições no quadro internacional.

### Satisfação dos dirigentes das IES com o Programa de Mobilidade Erasmus

A avaliação extremamente positiva que os dirigentes das IES fazem da mobilidade Erasmus na generalidade dos itens, encontra-se em sintonia com os elevados níveis de satisfação que os mesmos expressam sobre o Erasmus (Figura 85). Neste campo, importa destacar os níveis de satisfação que cerca de 90% dos dirigentes manifestam em relação:

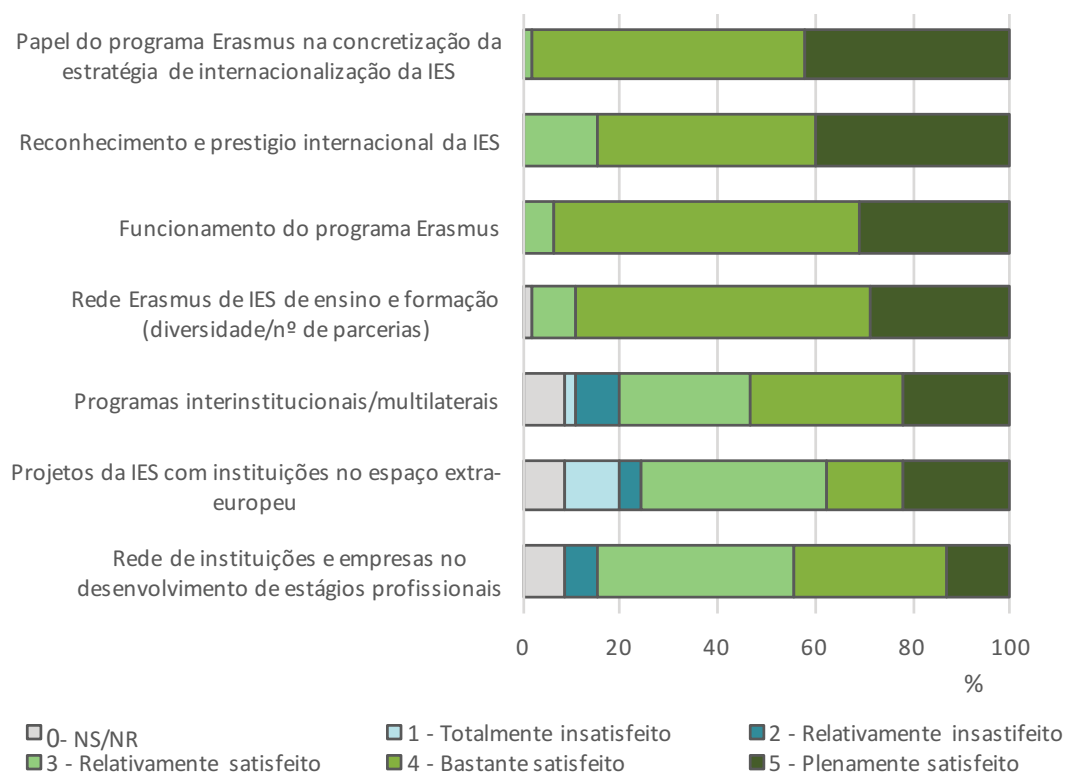
(i) à relevância do programa na concretização das estratégias de internacionalização da IES;

(ii) à rede de instituições de ensino e formação, em termos de diversidade e número de parcerias;

(iii) ao reconhecimento e prestígio internacional das IES proporcionadas pela mobilidade;

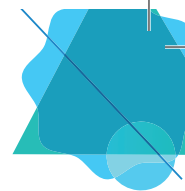
(iv) e ao funcionamento do próprio Erasmus.

Figura 85 - Grau de satisfação da IES com o Erasmus



Apesar dos elevados níveis de satisfação dos dirigentes em relação ao programa, existem aspetos que necessitam claramente de ser melhorados. Neste domínio, pelo menos para 50% dos dirigentes, muito há a fazer ao nível dos projetos das IES portuguesas com as instituições do espaço

extraeuropeu, no plano das redes de IES e das empresas no desenvolvimento de estágios profissionais e ainda ao nível dos programas interinstitucionais e multilaterais.



## Benefícios e problemas do Erasmus

Os questionários aos estudantes e recém-graduados, aos docentes e pessoal técnico e administrativo e aos dirigentes das IES incluíam duas questões nas quais os inquiridos eram convidados a descrever, de forma sumária, os principais benefícios e problemas do Programa de Mobilidade Erasmus. Nas Figuras 86 e 87 apresentam-se as nuvens de palavras construídas de acordo com a frequência com que estas foram referidas, após a análise de conteúdo das descrições realizadas pelos três grupos de inquiridos. A leitura ativa e crítica das nuvens de palavras, conjugada com as análises das opiniões dos três grupos de inquiridos anteriormente expostas possibilitam-nos retirar um conjunto de conclusões, que passamos a apresentar de forma sucinta.

### Mobilidade Erasmus e Internacionalização

A avaliar pelas opiniões expressas pelo conjunto dos inquiridos, a mobilidade Erasmus revela-se um instrumento fundamental ao nível da internacionalização das IES e dos indivíduos que participam na mobilidade, sejam estudantes, professores ou pessoal técnico e administrativo. Às IES, a mobilidade oferece, antes de mais, visibilidade e projeção internacional e uma excelente oportunidade para a participação em projetos e redes institucionais, de âmbito internacional, ligadas ao ensino e à investigação, que favorecem o incremento da sua competitividade no espaço europeu. Aos participantes, as experiências da mobilidade oferecem a oportunidade de adquirirem conhecimentos e competências, incluindo de natureza intercultural, que elevam a sua empregabilidade, bem como o desenvolvimento da componente internacional da sua formação, preparando-os para o mercado único de trabalho do espaço europeu e alimentando a vontade de querer viver e trabalhar além-fronteiras.

### Mobilidade Erasmus e estabelecimento de redes

De acordo com a maioria dos inquiridos, a mobilidade Erasmus tem constituído uma alavanca importante no estabelecimento de redes institucionais, académicas e profissionais. Mesmo que estas redes estejam longe de estarem equilibradas em termos da mobilidade *outgoing* e *incoming* de estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo, ou padecerem de algumas fragilidades na maioria das áreas científicas, é importante realçar que, para as IES portuguesas, estas têm contribuído fortemente para o estreitamento das relações entre IES no espaço europeu e com o exterior (por exemplo através dos programas Erasmus Mundus), a participação em consórcios e projetos de investigação internacionais, bem como a conceção, desenvolvimento e implementação de programas de formação avançada interinstitucionais e multilaterais. Para os estudantes e recém-graduados, os docentes e o pessoal técnico e administrativo, a mobilidade permitiu a

um número significativo desenvolver redes de contactos pessoais e profissionais, com reconhecidos reflexos na entrada no mercado de trabalho ou no desenvolvimento da sua carreira profissional. A este nível destacam-se os efeitos ao nível dos docentes, pelas oportunidades que as redes lhes proporcionaram na integração de equipas de projetos de investigação internacionais, a participação em programas de formação enquanto professor convidado, a coorientação de teses e dissertações ou a integração de conselhos de revistas científicas.

### Mobilidade Erasmus e oferta formativa das IES

A mobilidade Erasmus, atendendo às representações manifestadas pelos docentes e estudantes, tem uma importância fundamental na formação oferecida pelas IES. Esta influência manifesta-se, segundo os inquiridos, sobretudo ao nível da inovação curricular e dos programas de estudos, dos métodos de ensino praticados, na difusão de boas práticas de ensino e investigação e na aprendizagem por benchmarking. No entanto, os efeitos da mobilidade ao nível da oferta formativa e das práticas de ensino das IES deve ser vista com alguma relatividade. Na realidade, 80% dos dirigentes das instituições inquiridas não estabelece uma relação significativa entre a mobilidade e as mudanças ao nível dos programas de estudos, da oferta formativa, em termos de disciplinas e conteúdos programáticos. Por outro lado, há um interesse maior dos estudantes pela oferta formativa em inglês, pelo que estes identificam como um dos problemas do Erasmus a carência de unidades curriculares nesta língua, dificultando, na sua opinião, o seu desempenho e integração nas instituições de acolhimento.

Figura 86 - Principais benefícios do Erasmus



Figura 87 - Principais problemas do Erasmus

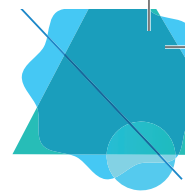


## Erasmus e fontes de financiamento da mobilidade nas IES

O Erasmus (e seus antecessores) constitui um ativo fundamental na estratégia de internacionalização das IES e da mobilidade de estudantes, recém-graduados, docentes e pessoal técnico e administrativo na esmagadora maioria das instituições. Os resultados dos inquéritos permitem concluir que para 65% das IES, este programa constitui, quando não a única, pelo menos a principal fonte de financiamento no desenvolvimento das atividades associadas à internacionalização e, em particular, para o desenvolvimento das redes de ensino e formação e de investigação em que participam. O recurso a vários programas como fonte de financiamento destas atividades está circunscrito a um número muito limitado de IES, quase sempre as de maior dimensão. Nestes casos, a mobilidade ao abrigo de projetos de investigação ou protocolos constitui a principal fonte alternativa ao Erasmus.

## As bolsas Erasmus

Apesar dos elevados níveis de satisfação manifestados pela esmagadora maioria dos inquiridos, o programa não deixa de revelar algumas fragilidades. A principal corresponde ao baixo valor das bolsas, que impossibilita ou dificulta muito a participação dos estudantes com menos recursos económicos, e a sua escassez face ao número de estudantes interessados no programa (conduzindo a que alguns realizem a mobilidade sem bolsa do Programa, por exemplo). Este problema é identificado tanto pelos estudantes, como pelos docentes e os dirigentes das instituições, que apresentam estes problemas como o principal fator inibidor da mobilidade, sobretudo por parte dos estudantes na modalidade SMS. Na realidade, o baixo valor das bolsas e a escassez das mesmas justificam que, para um número considerável de estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo, o Erasmus seja pouco atrativo.



# Conclusões e Recomendações

O estudo “Erasmus: A Internacionalização do Ensino Superior Português 2014-16” analisa a inserção das Instituições de Ensino Superior (IES) portuguesas nas redes europeias de Ensino Superior, procurando avaliar em que medida o país beneficiou dos recursos do Erasmus para participar de forma sustentada em redes europeias de ensino e formação.

A análise do mapeamento dos fluxos da mobilidade *outgoing* e *incoming* de estudantes, recém-graduados, docentes e pessoal técnico administrativo, nos anos de 2014 e 2015; dos inquiridos à população envolvida na mobilidade *outgoing*, entre 2014 e 2016, e aos dirigentes das IES permitiu chegar a um conjunto de conclusões e fazer algumas recomendações, no sentido de fortalecer as potencialidades da mobilidade Erasmus, na perspetiva dos participantes na mobilidade e das IES portuguesas.

## **Mobilidade Erasmus e internacionalização das IES nacionais**

O estudo revela, de forma inequívoca, que a mobilidade Erasmus constitui uma ferramenta crucial na estratégia de internacionalização das IES, na carreira dos docentes e do pessoal técnico e administrativo, bem como na formação

dos estudantes. A centralidade da mobilidade ao nível da internacionalização adquire a máxima relevância na mobilidade dos estudantes das Universidades de menor dimensão e dos Institutos Politécnicos; instituições em que a mobilidade constitui, quando não a única, pelo menos a principal fonte de financiamento das atividades associadas à internacionalização. De acordo com os inquiridos, a mobilidade proporciona visibilidade e projeção no espaço europeu às IES e a oportunidade de estabelecer redes de contactos com outras instituições, de importância capital no desenvolvimento de projetos de investigação e programas de ensino e formação. Por sua vez, para os indivíduos, as experiências de mobilidade representam uma mais-valia ao nível dos conhecimentos e das competências, incluindo as de natureza intercultural, com efeitos diretos na sua empregabilidade e competitividade no mercado de trabalho internacional, bem como na sua abertura e interesse em querer viver e trabalhar além-fronteiras.

## **Internacionalização das IES nacionais**

Pela centralidade que o Erasmus+ tem na mobilidade dos estudantes e dos docentes, as IES deveriam refletir profundamente sobre a forma como o Programa melhor pode servir as suas estratégias de internacionalização. Tendo em consideração a afirmação da sua competitividade no espaço europeu da educação e da formação, esta reflexão estratégica afigura-se fundamental ao nível da qualidade das parcerias e das redes de instituições com as quais se devem, de forma desejável, celebrar os protocolos de colaboração, fortalecendo as relações com as IES europeias mais prestigiadas nas áreas de estudo pertinentes (por exemplo, IES que integram o *Academic Ranking of World Universities*).

## **Mobilidade Erasmus e criação de redes institucionais, académicas e profissionais**

A mobilidade Erasmus tem um papel determinante na integração das IES e dos participantes em redes. A análise da geografia da mobilidade de estudantes para estudos (SMS) e estágios (SMT), de docentes e pessoal técnico e administrativo, ao nível dos países e das IES, permitiu observar que as redes padecem de algumas fragilidades, seja ao nível das assimetrias dos fluxos *outgoing* e *incoming*, seja da participação na mobilidade das diferentes áreas de estudo/científicas. No entanto, através destas redes, um número muito significativo de IES portuguesas têm estreitado relações com as suas congéneres europeias (e mesmo fora do espaço europeu), ampliado a sua participação em consórcios e projetos internacionais, bem como no desenvolvimento

de programas de formação avançada interinstitucionais e multilaterais. Por sua vez, as experiências de mobilidade permitiram a uma parte muito significativa dos estudantes e do pessoal docente e não docente estabelecer redes de contactos pessoais e profissionais, que se vieram a revelar importantes na integração no mercado de trabalho ou na evolução da carreira profissional. As redes de contactos assumem particular significado ao nível dos docentes, pelas oportunidades que estas oferecem de participação em programas de ensino e formação na qualidade de professor convidado, integração em equipas de projetos de investigação internacionais, publicação conjunta de trabalhos científicos, coorientação de teses e integração de conselhos de revistas científicas.

## Redes institucionais, académicas e profissionais

Tendo em consideração a melhoria da competitividade das IES portuguesas e o papel estratégico do benchmarking na inovação e adaptação aos desafios no quadro do espaço europeu, é importante que as redes institucionais, académicas e profissionais envolvam mais IES europeias do Academic Ranking of World Universities ou outras prestigiadas e reconhecidas em rankings internacionais. Deve-se promover e facilitar a participação de mais estudantes incoming e outgoing para as IES de alguns países tidos como estratégicos, como a França e a Alemanha (devido ao interesse que muitas empresas destes países manifestam em se instalar em Portugal) e o Reino Unido, este último pelos benefícios decorrentes do contacto com as instituições que ocupam uma posição cimeira ao nível da inovação científica e tecnológica. A promoção e facilitação da participação de pelo menos dois terços dos estudantes em mobilidade Erasmus nas melhores IES europeias deveria constituir uma meta a alcançar a médio prazo. Face aos desequilíbrios patenteados pelas redes ao nível dos estudantes (SMS e SMT) incoming e outgoing, sem razão aparente, uma vez que a mobilidade Erasmus implica existência de acordos bilaterais entre as IES e, como tal, a existência de redes bi-direcionadas, dever-se-ia analisar em profundidade os acordos celebrados entre as IES portuguesas e de outros países, de forma a corrigir as assimetrias e fortalecer a sua sustentabilidade.

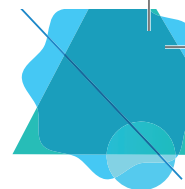
As fragilidades das redes são claras ao nível da geografia da mobilidade *outgoing* e *incoming*. Portugal envia e recebe mais estudantes e pessoal para e de IES de Espanha, Itália e Polónia (quase 50% dos estudantes Erasmus); a Alemanha e a França seguem-se na emissão e receção de estudantes (6-8%); a República Checa (5,9%) e o Reino Unido (4,7%) atraem mais estudantes, em termos relativos, que os que enviam para Portugal; a Turquia é um país emissor de estudantes para Portugal (cerca de 5%); por último, as IES portuguesas enviam fluxos relativamente reduzidos de estudantes para as suas congéneres do Reino Unido. As fragilidades das redes acentuam-se ao nível do prestígio internacional das IES que integram as redes. A mobilidade dos estudantes, dos docentes e do pessoal técnico e administrativo para as melhores IES é ainda limitada, embora cerca de um terço dos estudantes Erasmus realizem mobilidade em IES europeias que se encontram entre as 500 do *Academic Ranking of World Universities*.

### Mobilidade Erasmus para estudos versus estágios

A análise dos fluxos da mobilidade dos estudantes permite constatar a existência de diferenças significativas entre mobilidade para estudos e a mobilidade para a realização de estágios em empresas ou IES. O número de estudantes para estudos é sempre superior em todas as IES, com exceção da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, cujos

estudantes em regime de mobilidade foram exclusivamente para estágios. Com a notável exceção desta Escola, todas as outras IES não mobilizaram mais do que 2% do total dos seus estudantes para participar em estágios. Este valor desce abaixo de 1% em várias IES.

O desequilíbrio entre a mobilidade para estudos e a mobilidade para estágios decorre, em grande parte, da dificuldade que as IES têm em celebrar protocolos e obter vagas em empresas ser muito superior à da colaboração com IES congéneres. Para esta situação concorre também a reserva que muitas IES têm quanto à promoção de estágios para recém-graduados devido ao seu vínculo com a IES ter cessado com o fim da graduação. Por sua vez, a Comissão Europeia considera que a promoção de emprego está a cargo dos diferentes países com os fundos do Fundo Social Europeu (FSE). Os valores relativamente baixos da mobilidade para estágios, em comparação com a mobilidade para estudos reflete-se diretamente nas representações que os coordenadores das IES e os participantes na mobilidade têm sobre o papel que o Erasmus desempenha na transferência do conhecimento entre as instituições de ensino e as empresas. Este é o único item avaliado em que pelo menos 40% dos inquiridos considera que a mobilidade não tem um impacto significativo.



## Mobilidade para estudos versus estágios

O crescimento da mobilidade para estágios favorece a transferência de conhecimento das universidades para as empresas. Face ao subaproveitamento que caracteriza a mobilidade para estágios em IES e empresas; e à importância que a ligação dos estudos ao mercado de trabalho pode assumir na formação profissional dos estudantes, é fundamental que se identifiquem os fatores inibidores do desenvolvimento deste tipo de mobilidade no quadro do Erasmus e se desenvolvam estratégias e ações que fomentem a participação de mais estudantes *incoming* e *outgoing* em estágios em empresas. A promoção da mobilidade para estágios em empresas beneficiaria, em primeiro lugar, da realização de um estudo sobre os obstáculos a este tipo de mobilidade (p.e. legislação nacional que crie obrigações específicas para estagiários, a obrigação da contratação subsequente, incompatíveis com a natureza do Erasmus+). Em segundo lugar, é crucial que se defina uma estratégia de comunicação orientada para as empresas, envolvendo as IES e a gestão do Programa, que explique a lógica de funcionamento do Erasmus, bem como as vantagens que as empresas podem retirar do acolhimento de estagiários qualificados, nomeadamente ao nível da internacionalização e da inovação, a custo zero para as empresas durante e após a realização dos estágios.

### Erasmus e a mobilidade de docentes e pessoal técnico e administrativo das IES

A análise da mobilidade do pessoal docente revela um forte desequilíbrio entre as IES portuguesas. De um modo geral, os Institutos Politécnicos utilizam de forma mais expressiva o Erasmus para financiar a mobilidade do corpo docente envolvida em redes de ensino e formação de âmbito internacional. A menor utilização do Erasmus nas atividades de internacionalização nas maiores IES, incluindo a mobilidade dos docentes, é compensada pela diversificação das fontes de financiamento associadas à investigação. As duas universidades públicas de Lisboa apresentam um registo muito inferior ao das suas congéneres na mobilidade de docentes, uma diferença que se explica, em grande medida, pela integração do seu corpo docente em centros de investigação através dos quais, na

qualidade de investigadores, realizam a mobilidade no quadro internacional.

Algumas IES não privilegiam a mobilidade de docentes e do pessoal técnico e administrativo através do Erasmus como forma de internacionalização, como parece ser o caso da Universidade de Lisboa, enquanto outras o fazem, de forma efetiva, destacando-se neste contexto a Universidade de Coimbra e os Institutos Politécnicos do Porto, Coimbra e Lisboa. A Universidade do Porto mantém, em termos relativos, um nível de apoio à mobilidade dos docentes e outro pessoal das IES equivalente à dos estudantes. Os fluxos da mobilidade Erasmus de pessoal docente e não docente apresenta ainda maior desequilíbrio, ligeiramente superior a 50% no ratio *incoming/outgoing*, em grande medida devido a uma aposta mais conservadora das IES portuguesas no apoio à mobilidade do pessoal na Europa.

## Mobilidade de docentes e outro pessoal

Face aos benefícios que as IES podem recolher da mobilidade do pessoal docente e não docente, ao nível da qualificação dos recursos humanos, da inovação das práticas pedagógicas e da melhoria da competitividade e internacionalização das instituições, é de primordial importância que as IES e a gestão do Erasmus promovam e facilitem a mobilidade dos estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo nas IES europeias. As diferenças significativas que se observam na mobilidade efetuada no quadro do Erasmus, entre o pessoal docente e não docente das Universidades e dos Institutos Politécnicos, deveriam ser objeto de análise. De forma a incentivar a mobilidade do pessoal não docente, igual atenção deveria ser prestada ao valor que a participação na mobilidade tem na avaliação e progressão na carreira do pessoal das IES.



### **Financiamento da mobilidade desenvolvida pelas IES**

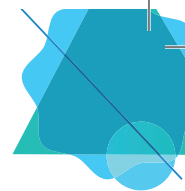
O Erasmus constitui um ativo fundamental para as IES na promoção da mobilidade de estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo. Para 65% das IES, este programa constitui, senão a única, pelo menos a principal fonte de financiamento da mobilidade ligada à participação em redes internacionais de ensino e formação e de investigação. O recurso a vários programas como fonte de financiamento destas atividades está circunscrito a um número limitado de instituições, quase sempre às Universidades de maior dimensão.

No entanto, reúne consenso das IES inquiridas que o financiamento para a mobilidade proporcionado pelo Erasmus é escasso face às necessidades. Representando o programa a principal fonte de financiamento, isto explica que apenas cerca de 2% dos estudantes beneficiem da

mobilidade Erasmus. A escassez do financiamento adquire particular relevância quando cerca de 91% do orçamento do Erasmus se destina a subsidiar a mobilidade dos estudantes. O financiamento constitui, na perspetiva da esmagadora maioria dos inquiridos, a única fragilidade relevante do Erasmus e o principal fator inibidor da mobilidade, em particular dos estudantes para estudos. Neste campo, importa destacar o baixo valor das bolsas, que impossibilita ou dificulta muito a participação dos estudantes com menos recursos económicos, e a sua escassez face ao número de estudantes interessados no programa, conduzindo a que alguns realizem a mobilidade sem bolsa Erasmus, por exemplo. Ainda assim, é muito relevante o apoio público aos estudantes beneficiários de apoio social para a realização de mobilidade (Soeiro 2016).

## **Financiamento da mobilidade**

Tendo em consideração a importância que o Erasmus representa no financiamento das atividades de internacionalização da esmagadora maioria das IES e, em particular, na promoção da mobilidade dos estudantes, é fundamental que o programa tenha mais recursos financeiros. O reforço do financiamento deveria permitir alargar o número e o valor das bolsas, de forma a incrementar os fluxos da mobilidade *outgoing* e *incoming*, bem como, através de uma discriminação positiva, subsidiar os estudantes com menos recursos económicos e as instituições integradas em regiões desfavorecidas do ponto de vista socioeconómico. Face ao desequilíbrio que se observa ao nível das modalidades de mobilidade, o reforço do financiamento deveria privilegiar a mobilidade de estudantes e recém-graduados para a realização de estágios e a mobilidade de pessoal docente e não docente. No caso de Portugal, o reforço do financiamento justifica-se também pelo esforço significativo que as IES portuguesas fazem em relação ao Erasmus, recebendo mais de 40% de estudantes e 50% de pessoal docente e não docente do que enviam para as suas congéneres europeias. Poder-se-ia justificar a alteração do modelo de financiamento europeu do programa, aproximando-o dos critérios utilizados pela política de coesão europeia, em que os países com menor nível socioeconómico beneficiam de uma maior dotação relativa de Fundos Europeus Estruturais e de Investimento.



# Referências Bibliográficas

- Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação (2017). Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida - A implementação do PALV em Portugal 2007-2013. Lisboa: ANEF+.
- Altbach, P. G., Reisberg, L., & Rumbley, L. E. (2009). Trends in global higher education: Tracking an academic revolution. UNESCO Pub.; Sense.
- Bauder, H. (2015). The International Mobility of Academics: A Labour Market Perspective. *International Migration*, 53(1), 83-96.
- Beerens, E. (2008). The emergence and institutionalization of the European higher education and research area. *European Journal of Education*, 43(4), 407-425.
- Beerens, M., & Vossensteyn, H. (2011). The Effect of the Erasmus Programme on European Higher Education. In J. Enders et al. (eds.). *Reform of higher education in Europe*, 45-62.
- Bell, D. (1973). *The coming of post-industrial society: a venture in social forecasting*. New York: Basic Books.
- Benjamin Feyen & Ewa Krzaklewska (eds.) (2012) *The Erasmus Phenomenon - Symbol of a New European Generation?* Peter Lang Ed., Frankfurt
- Borgatti, S. P., Everett, M. G., & Freeman, L. C. (2002). *Ucinet for Windows: Software for social network analysis*. Harvard, MA: Analytic Technologies.
- Bourdieu, P. (1979). Les trois états du capital culturel. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 30(1), 3-6.
- Bracht, O., Engel, C., Janson, K., Over, A., Schomburg, H., & Teichler, U. (2006). *Valera Study. The professional value of ERASMUS mobility*. Kassel: International Centre for Higher Education Research.
- Brandenburg, U., Berghoff, S., & Álvarez, O. T. (2014). *The Erasmus Impact Study: Effects of mobility on the skills and employability of students and the internationalisation of higher education institutions*. Luxembourg: European Commission. Publications Office.
- Brooks, R., & Waters, J. (2011). *Student mobilities, migration and the internationalization of higher education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Byram, M. & Dervin, F. (2008) *Students, Staff and Academic Mobility in Higher Education*. New Castle. Cambridge Scholars Publishing
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2004). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2013). *Research methods in education*. Abingdon: Routledge.
- Commission of the European Communities (CEC). (2009). *Promoting the learning mobility of young People COM (2009) 329 Final*. Brussels.
- Creswell, J. W. (2012). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Thousand Oaks: Sage publications.
- De Wit, H. (2010). *Higher Education in Europe and its assessment, trends and issues*. NVAO.
- DGEEC (2017), *Produção Científica Portuguesa: Séries Estatísticas 2005-2015*. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (polic.).
- Directorate-General for Education (2017). *Erasmus+ Programme - Annual Report 2016*. Brussels: European Commission.
- Emanuel Alfranseder (ed.), Jesús Escrivá, Julia Fellingner, Aimee Haley, Asror Nigmonov & Marge Taivere (2012), *Exchange, Employment and Added Value - Research Report of the ESN Survey 2011*, Brussels, Erasmus Student Network AISBL, Brussels.
- Enders, J., & Teichler, U. (2005). Academics' View of Teaching Staff Mobility. In *The Professoriate* (pp. 97-112). Springer Netherlands.
- Engel, C. (2010). The impact of Erasmus mobility on the professional career: Empirical results of international studies on temporary student and teaching staff mobility. *Belgeo. Revue Belge de Géographie*, (4), 351-363.
- European Commission (2010). *Lisbon Strategy evaluation document (SEC 2010) 114 final*. Brussels: European Commission.

- Fonseca, M. L., Pereira, S., & Iorio, J. (2016). International Mobility of Brazilian Students to Portugal: The Role of the Brazilian Government and University Strategies in Portugal. In J. Domínguez-Mujica (Ed.), *Global Change and Human Mobility*. (Pp. 265-284). Singapore: Springer.
- Foray, D. (2000). *L'économie de la connaissance*. Paris: Editions La DECOUVERTE.
- Gaspar, J. A. (2005). *Cartas e projecções cartográficas* (3a Ed.). Lisboa: Lidel.
- Guerreiro, C. (2015). *A internacionalização do Ensino Superior português: as razões, as estratégias e os desafios*. Instituto Politécnico do Porto (tese de mestrado), polic.
- Hermann, M., Pentek, T., & Otto, B. (2016). Design principles for industry 4.0 scenarios. In *System Sciences (HICSS), 2016 49th Hawaii International Conference on* (pp. 3928-3937). IEEE.
- Jesús Escrivá Muñoz (ed.), Benjamin Helm, Adriana Pérez Encinas, Jurgita Stasiukaitytė, Bojana Zimonjić (2015) *Local Integration, Economic Impact and Accompanying Measures in International Mobility - Research Report of the ESN Survey 2015*, Brussels, Erasmus Student Network AISBL
- Keeling, R. (2006). The Bologna Process and the Lisbon Research Agenda: The European Commission's Expanding Role in Higher Education Discourse. *European Journal of Education*, 41(2), 203-223.
- King, R., & Ruiz-Gelices, E. (2003). International student migration and the European "Year Abroad": Effects on European identity and subsequent migration behaviour. *International Journal of Population Geography*, 9(3), 229-252.
- Mitchell, K. (2003). Educating the national citizen in neoliberal times: from the multicultural self to the strategic cosmopolitan. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 28(4), 387-403.
- Mikuláš Josek, Jaime Alonso i Fernández, Adriana Perez-Encinas, Bojana Zimonjić, Laura De Vocht and Marie-Céline Falisse (2016), *The International Friendliness of Universities - Research Report of the ESN Survey 2016*, Brussels, Erasmus Student Network AISBL, Brussels.
- Mulder, C.H., & Van Ham, M. (2005). Migration histories and occupational achievement. *Population, Space and Place*, 11 (3), 173-86.
- Musselin, C. (2004). Towards a European academic labour market? Some lessons drawn from empirical studies on academic mobility. *Higher Education*, 48(1), 55-78.
- OECD (2007). *Reviews of National Policies for Education: Tertiary Education in Portugal*. OECD.
- Parey, M., & Waldinger, F. (2011). Studying Abroad and the Effect on International Labor Market Mobility: Evidence from the Introduction of ERASMUS. *The Economic Journal*, 121(551), 194-222.
- Rigaux, P., Scholl, M., & Voisard, A. (2002). *Spatial databases: with application to GIS*. San Francisco: Morgan Kaufmann.
- Rizvi, F. (2009). Global mobility and the challenges of educational research and policy. *Yearbook of the National Society for the Study of Education*, 108(2), 268-289.
- Rizvi, F., & Lingard, B. (2010). *Globalizing education policy*. Abingdon: Routledge.
- Sassen, S. (2001). *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.
- Scott, A. J. (2001) (ed.). *Global City-regions: trends, theory, policy*. Oxford: Oxford University Press.
- Soeiro, S. (2016), *O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas*. Lisboa, Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação.
- Souto-Otero, M., Huisman, J., Beerkens, M., De Wit, H., & Vujić, S. (2013). Barriers to international student mobility: Evidence from the Erasmus program. *Educational Researcher*, 42(2), 70-77.
- Taylor, P. (2007). Problematizing city/state relations: towards a geohistorical understanding of contemporary globalization. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 32(2), 133-150.
- Vale, M. (2009). Conhecimento, inovação e território. *Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia*, XLIV(88), 9-22.
- Vale, M., & Carvalho, L. (2013). Knowledge networks and processes of anchoring in Portuguese biotechnology. *Regional Studies*, 47(7), 1018-1033.
- Van Mol, C. (2017). Do employers value international study and internships? A comparative analysis of 31 countries. *Geoforum*, 78, 52-60.
- Vittoria Jacobone & Giuseppe Moro (2015). Evaluating the impact of the Erasmus programme: skills and European identity, *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 40:2, 309-328.
- Waters, J. L. (2007). Roundabout routes and sanctuary schools: The role of situated educational practices and habitus in the creation of transnational professionals. *Global Networks*, 7(4), 477-497.
- Yin, R. K. (2013). *Case study research: Design and methods*. Thousand Oaks: Sage publications.







